

ERICH VON
DANIKEN

O DIA EM QUE OS DEUSES CHEGARAM

11 DE AGOSTO DE 3114 a. C.

Tradução: Eduardo Santaliestra

Título do original em língua alemã:
DER TAG, AN DEM DIE GÖTTER KAMEN

1984, C. Bertelsmann Verlag GmbH e Erich von Daniken



MELHORAMENTOS - 1985



O DIA EM QUE OS DEUSES CHEGARAM

Todos nós, inclusive a ciência, necessitamos dos deuses para a busca do elo que falta na evolução da humanidade. Para escrever *O Dia em que os Deuses Chegaram*, Daniken teve de vencer toda uma montanha de papéis representada por trabalhos científicos.

Segundo Daniken, pensar de um modo novo não implica em negar as informações e os dados colhidos por especialistas, nem em diminuir os grandes feitos da pesquisa arqueológica ou até desprezar os esforços dos grandes homens dedicados à decifração de escritas maias, nem mesmo em dar nova redação à história dos povos da América Central. Cumpre questionar colocando sinais de interrogação, depois das conclusões tiradas desses milhares de dados.

De algum tempo para cá as pesquisas da pré-astronáutica e a busca de provas para a outrora estada de "deuses" em nosso planeta, a exemplo de como estão sendo realizadas por Daniken e muitos outros, influíram em nossa maneira de pensar muito mais do que a suposição científica, postulando que fosse possível comprovar a existência de "vida" em qualquer ponto do universo. Estamos praticando uma comprovação recíproca, pois, tão logo provarmos a hipótese "Eles estiveram aqui", sua existência ficará fora de cogitação.

SUMARIO

I Viagem de Sonhos à idade da Pedra.....	4
II O Começo era o Fim	72
III Selvagens — Brancos — Livros de Milagres	93
IV O que Teria Acontecido em 11 de Agosto de 3114 a. C?	110
V Quando o Fogo Caiu do Céu.....	139
VI Teotihuacán — MetrÓpole Projetada pelos Deuses	187
VII Palenque — Descoberta, mas não Decifrada.....	222
Apêndice	262
Bibliografia	264

I

VIAGEM DE SONHOS À IDADE DA PEDRA

HÁ DUAS COISAS QUE SÃO INFINITAS: o UNIVERSO E A TOLICE DOS HOMENS.

Albert Einstein (1879-1955)

Logo na primeira noite que passei na Cidade da Guatemala aconteceu o que eu detesto, quando não quero ser molestado num país estrangeiro. No saguão do Hotel *El Dorado* chamaram o meu nome para uma entrevista com o Canal 3 da TV local.

Faz cinco anos que estive pela última vez na Guatemala. Desde então, sua capital progrediu enormemente. Embora fossem poucas as mudanças essenciais no centro, com seus luminosos cintilantes, seu soberbo horizonte, a cidade — num planalto a 1.493 m acima do nível do mar, com aproximadamente 600.000 habitantes, situada entre os vulcões *Água e Fuego* — novamente irradia uma vida mais realizada, mais autoconsciente. A República da Guatemala não quer mais ser considerada como país em desenvolvimento, quer sair do rol das nações de segunda categoria. A cada passo, a gente sente essas novas ambições da população composta de 60% de descendentes de indígenas, 25% de mestiços e o restante representado por imigrantes brancos que em sua grande maioria residem no país há muitas gerações.

Nos próximos dias a Cidade da Guatemala iria servir de ponto de partida para minhas excursões às antigas cidades maias, a começar de Tikal. No dia seguinte, ao meio-dia, tomamos um avião da AVIATECA com destino a Flores, às margens do lago Petén-Itzá. No edifício recém-construído do aeroporto, lembrando um hangar, debaixo do teto de eternite o calor estava sufocante. Como não encontramos carro apropriado para viagens por estradas vicinais, acabei alugando uma camionete Datsun. Na agência fui informado do excelente estado da estrada para Tikal.

Já estava acostumado a receber esse tipo de informações e, a cada quilômetro, esperava que o asfalto terminasse. Mas a estrada estava boa de fato, passando pela densa e luxuriante vegetação tropical e por fazendas com extensas plantações de milho e café. Nos 60 km até Tikal o asfalto continuou impecável e, não fossem os aguaceiros que prejudicavam a visão, teríamos vencido essa distância em uma hora, mais ou menos. Todavia, ao cair da

tarde, chegamos à barreira que fazia parte das cercas que circundavam e demarcavam o Parque Arqueológico de Tikal.

Meu companheiro Ralph, estudante de química, e eu procuramos pelo *Jungle Lodge*, a "Cabana na Selva", um hotel no qual passei alguns dias, 17 anos atrás. Lembrei-me bem de que, àquela época, havia algumas placas assinalando o caminho, mas, agora, não vi placa alguma. Assim sendo, dirigi-me aos três índios acorados por ali:

— *Señores!* — chamei-os. — Onde fica a "Cabana na Selva"?

Eles me olharam sem entender. Será que meu espanhol não dava para ser entendido, ou eles falavam apenas um dos 16 idiomas até hoje falados na Guatemala? Em todo caso, pisei de leve no acelerador e deixei a Datsun rodar devagarinho.

Nuvens negras de chuva chamaram a escuridão da noite antes da hora. Ali e acolá a luz avermelhada de lâmpadas elétricas brilhou através dos vãos de janelas estreitas, e tochas estavam acesas diante de míseros barracos. Sentimos o cheiro aconchegante de lenha queimando. De repente a Datsun entrou num atalho e, desviando-me do tronco de uma paineira caída no meio do caminho, tomei a direção de uma luz. Ali, um homem velho estava sentado debaixo do alpendre do seu barraco de madeira, fumando seu cachimbo e pouco se importando com a chuva que caía a cântaros e transformou a estrada num lamaçal.

— Por favor, onde posso encontrar a "Cabana na Selva"? — perguntei a ele em espanhol e inglês. O velho abanou a cabeça, coisa que talvez fizesse sempre, mas ficou devendo a resposta. Aí, então, do fundo da minha mente, surgiu a imagem de uma pequena colina, em cujo topo ficava a "Cabana na Selva".

Com incrível rapidez, o caminho sob as rodas da nossa Datsun virou riacho, e Ralph, bem-humorado, comentou:

— A água vem de cima!

E eu entrando, de cheio, no meio do riacho. Passando sobre pedras e raízes aos trancos e barrancos, a Datsun foi subindo, quando a luz dos faróis atingiu uma placa de madeira apodrecida, cujas letras vermelhas, desbotadas, assinalavam "Cabana na Selva". O carro avançou entre árvores e arbustos à procura da casa-sede e dos chalés escondidos por ali.

Estacionei a Datsun e desliguei os faróis. Depois de nossos olhos terem-se acostumado à escuridão, conseguimos distinguir a casa comprida, totalmente no escuro, com telhado de fibras de palmeiras, de cujo interior veio uma voz masculina. A situação era nada confortável, mas, já que estávamos ali, chamei: "Alô" e "*Buenas tardes*".

Ouvimos o ruído de passos se aproximando. Debaixo da porta vimos o

lampejo de um isqueiro acendendo uma vela; ambas as chamas, a do isqueiro e a da vela, dirigiam-se a nós, iluminando nossos rostos e ofuscando nossa vista. Os olhos grandes de um brutamontes perscrutaram-me da cabeça aos pés.



Na manhã seguinte ficou patente que a "Cabana na Selva", outrora convidativa, perdera até seu atraente aspecto exterior.

— *Bienvenidos, señor von Däniken!* — falou o gigante e, após nova perscrutação, sua voz grave com um timbre de melancolia repetiu: — *Bienvenidos, Don Eric!*

À luz de uma lanterna de bolso vi seu rosto bom, honesto, com o nariz fino, delgado. Era um homem aparentando uns 50 anos, de camisa de algodão xadrez, nas cores marrom, vermelho e amarelo, calça verde, apertadíssima, de veludo cotelê, que havia muito tempo deixara de ser lavada.

— De onde o senhor me conhece? — perguntei. Enquanto ainda estávamos debaixo do teto de folhas de palmeiras, o homem-gigante se apresentou:

— Sou o Júlio Chaves. Por favor, me trate de Júlio. — E, articulando o "J" com o som duro, gutural da pronúncia castelhana, continuou: — Posso

chamá-lo de *Don Eric*?

— Trate-me de Erich! — retruquei. Mas, por todo o tempo de nossa convivência, ele insistiu no "*Don Eric*". Em poucas palavras, Júlio explicou que era guatemalteco de descendência européia, engenheiro de obras e, como arqueologia fosse sua grande paixão, passara anos fazendo pesquisas em Tikal e outros centros maias. Ele conhecia as edições espanholas de todos os meus livros e, na véspera, vira-me no Canal 3 da TV local.

— Por que não há iluminação alguma por aqui?

— Por causa dos mosquitos — respondeu Júlio, deixando cair os ombros num gesto de resignação e, com um rápido golpe da mão, pegou o inseto marrom que estava nos meus cabelos, atingindo a minha cabeça com os dedos. — Desculpe! — falou. Jogou fora o mosquito e convidou-nos a entrar na casa. Com Júlio estavam três homens e um deles acendeu uma lanterna antiquada.

— Onde estão seus hóspedes? — indaguei. Com um rápido olhar em volta registrei o estado de total abandono do local.

— Não há ninguém, a não ser nós. Por aqui aparece para passar a noite somente quem, de fato, não tem outro lugar para pernoitar — respondeu Júlio, explicando a situação.

Lembrei-me da "Cabana na Selva" daquela minha última estada, quando estava nova em folha e era freqüentada por arqueólogos, estudantes e turistas. Desde que o asfalto passou a ligar Tikal a Flores, os turistas preferem pousar nos hotéis da cidade e os arqueólogos têm pouco o que ver em Tikal, onde as escavações estão em regime de falta de verba. Em toda a parte, ao redor do globo, os hotéis não freqüentados decaem em muito menos tempo do que levaram para ser construídos. Mormente nas matas tropicais, não há como resistir à ação do tempo. Naquela altura a "Cabana na Selva" estava com suas telas contra mosquitos furadas, os colchões e a roupa de cama úmidos, mofados, o chuveiro apenas gotejando.

Em companhia de Júlio e seus homens, sentamos na "sala de jantar", ao redor da luz de vela. De repente, ouviram-se vibrações em ritmo de toque, toque, toque; em alguma parte um gerador começou a trabalhar e acenderam-se os bulbos nus das lâmpadas elétricas.

O cenário era de inspirar a Alfred Híthcock um homicídio dramático: meia-luz; à mesa, sentados, seis homens exaustos, três dos quais com barba por fazer; uma garrafa de cachaça dando a volta, de boca em boca. Na parede, estavam penduradas chaves enferrujadas, ao lado de uma folhinha de uma companhia de seguros, velha de três anos. Um lençol grande, amarelo, no qual ainda se discernia a impressão de uma esteia maia, dividia em dois recintos a sala comprida. Havia muitas mesas vazias, pintadas de marrom.

Entre as paredes e o teto abria-se um buraco para a passagem do ar, o que dava livre acesso aos mais variados insetos. Ao nosso redor, inúmeros mosquitos estavam zumbindo, Tateando com seus sensores as paredes, o chão, as mesas, para pousarem na carne humana.

Uma moça indígena — onde ela teria estado até então? — serviu bife com arroz. Famintos, aceitamos a comida. Comemos. (Quando, no dia seguinte, fui até a cozinha, meu estômago virou. Debaixo de nuvens de mosquitos e colônias de formigas, havia pedaços de carne, frutas, verduras espalhados na mesa, enquanto as panelas e frigideiras estavam com várias crostas de sujeira antiga. Durante os quatro dias da nossa estada em Tikal, alimentamo-nos de nozes de lata e de Coca-Cola).

Júlio e os barbudos levaram a nossa bagagem para o chalé n.º 3. Combinamos encontrar-nos às 9 h da manhã seguinte; aliás, era muito tarde, pois não conseguimos pregar os olhos durante a noite toda. Embora, cansados como estávamos, ainda fosse possível acostumar-nos à cama estreita, mofada, não havia jeito de agüentar os mosquitos. Tapei as frestas debaixo da porta e os buracos nas telas das janelas com tiras gomadas que sempre costumo levar comigo para tais ocasiões, mas não havia meio de defesa contra os percevejos e demais parasitas que abundavam no quarto e nos picaram a valer. Até parecia que, para eles, carne suíça era um prato todo especial. Vestimos nossos *jeans*, que amarramos nos tornozelos com cordões de sapatos, porém de nada adiantou. Lá fora a floresta emitia seus ruídos noturnos, enervantes; seus sons bombardeavam nossos tímpanos, enquanto besouros, feito projéteis, batiam contra as telas das janelas. Será que chegamos a dormir? Se o fizemos, foi por uns poucos instantes, sob o narcótico de nosso cansaço extremo. Logo ao raiar do dia, levantamo-nos, comemos algumas nozes da lata, entramos na Datsun, de corpo doído, cansado e, engatando a primeira marcha, fomos para Tikal, tomando o caminho do riacho que, entrementes, voltara a ser estrada.

Tikal, a cidade mais antiga dos maias da baixada

Nessas horas finais da madrugada, Tikal impressionou-nos como uma cidade fantasma. Véus cinzentos envolviam as pontas das pirâmides na acrópole central. Lagartos fugiam à aproximação dos nossos passos. Na selva ouvimos o ruído de uma cascavel, que afugentamos com algumas pedradas.

Tikal é a cidade maia mais antiga; alguns achados ali recuam ao século VIII a. C. A História ensina que Roma foi fundada em 753 a. C. Todavia, além desses dados escassos, nada há que sirva de termo de comparação entre Tikal e outra metrópole pré-cristã.



Nas altas horas da madrugada, Tikal parecia uma cidade-fantasma.

O governo guatemalteco demarcou como Parque Nacional Arqueológico de Tikal uma área de 576 km². Nessa área vastíssima existe todo um amontoado de ruínas cobertas de vegetação, algumas recuperadas, testemunhas em pedra de obras, outrora, "modernas". No centro urbano de um sítio de ruínas, cobrindo 16 km², foram localizadas umas 3.000 construções, algumas das quais chegaram a ser escavadas. Eram casas residenciais e palácios, prédios administrativos, terraços, plataformas, pirâmides e altares, ligados entre si por ruas calçadas em cujas margens havia campos reservados ao jogo da bola. Imagens de radar, tomadas de avião, revelaram os veios de um sistema de canalização, um sistema de irrigação, estendendo-se por toda a península de Iucatã. Tornara-se indispensável a infra-estrutura de um sistema de suprimento de água, pois Tikal não se situa às margens de um lago ou rio. Igualmente indispensáveis eram os enormes reservatórios de água instalados segundo um plano preestabelecido; até agora, sete desses reservatórios foram localizados na zona interna e três na externa. Os peritos calculam que, à época do nascimento de Cristo, a população da cidade era de 50.000 a 90.000 habitantes; considerando a extensão da metrópole, esses números deverão ser arredondados para cima.



Fotografia da reconstituição de Tikal antiga, no Museu Nacional de Antropologia, Cidade da Guatemala.

— Por que Tikal foi construída aqui, na selva inóspita, em vez de às margens do lago Petén-Itzá, *Don Eric*? — indagou Júlio. — O senhor sabe

explicar-me por que foi construída aqui, neste lugar?

Don Eric não sabia explicar isso, mas, para não ficar devendo a resposta, especulei: — Quiçá fosse por acaso. . .

Júlio passou a mão na testa suada, e num gesto zangado retrucou:

— Bobagem! Aqui não existe acaso! Tikal é um monstro matemático-astronômico. . . — Profundamente engajado no assunto, ele falou e falou, enfatizando suas palavras com veementes gestos de mãos e de braços. Então apontou para uma pirâmide à nossa direita, de mais de 70 m de altura. — Veja! — exclamou. — Este aqui é o Templo n.º IV. — Em seguida, apontou para a esquerda. — Este é o Templo n.º I. Quando o senhor traça uma linha, partindo do centro do Templo n.º IV para o centro do Templo n.º I, ela indica o azimute* do pôr-do-sol no dia 13 de agosto. Aqui, bem à nossa frente, temos o Templo n.º III. Uma linha reta entre os Templos n.ºs I e III indica o equinócio e outra linha entre os Templos n.ºs III e IV, o nascer do Sol, no primeiro dia do inverno, no hemisfério Norte. O que o senhor acha disto, *Don Eric*?

* Azimute — Plano que passa por uma estrela e a vertical do observador; ângulo desse plano com o meridiano.



Templo n.º IV - uma pirâmide íngreme de 70 m de altura.

Don Eric ficou calado; no entanto, Júlio percebeu o ceticismo no meu olhar e continuou: — O Templo n.º V, ali atrás, está posicionado num perfeito ângulo reto com os de números I e IV — concluiu, lançando-me um olhar fulminante.

— E daí? Decerto há várias construções posicionadas em ângulo reto. O que há de incomum nesse posicionamento?

Com um gesto quase ameaçador, Júlio aproximou-se de mim e perguntou: — O senhor tem uma bússola?

Tirei a bússola da sacola da minha câmara fotográfica. Júlio equilibrou-se numa posição nada cômoda, segurando a bússola com suas mãos enormes e, com um aceno, convidou-me para olhar a agulha vermelha, firmemente apontando para o norte. Em seguida, perguntou:

— Será que o senhor já descobriu uma pirâmide orientada para o norte, sul, leste ou oeste?

Olhando por cima da agulha magnética da bússola, para os cantos das pirâmides, respondi: — Não.

Satisfeito, Júlio deu um sorriso um tanto altivo e falou:

— Muito bem. Então vamos escalar o Templo n.º I. Obedientes, colocamos as câmaras nos ombros e seguimos o homem-gigante que, a passos largos, se dirigiu aos degraus inferiores do templo. Como no decorrer dos anos Júlio já escalara esses degraus inúmeras vezes, carregando a bússola e os instrumentos de medição, a subida não lhe oferecia problemas, mas, para nós, era penosa. Os degraus eram altos, chegando aos nossos joelhos, e colocados em posição tão íngreme que me lembraram a escalada de uma parede rochosa nos Alpes suíços. Embaixo estava a praça, coberta de vegetação, com as pirâmides e os templos à sua volta. Além do nosso grupo, havia ainda cinco turistas que, previdentes, levaram suas capas de chuva; pareciam-se com formigas diligentes, encarregadas por sua rainha preguiçosa de fotografar todas as esteias, todos os monólitos, incluindo os de importância bastante discutível. Quando, enfim, alcançamos a plataforma mais elevada da pirâmide, que os arqueólogos chamam de templo, estávamos ofegantes, com falta de ar. Também ali em cima o ambiente era de estufa e os mosquitos nos rodeavam emitindo o som mágico do seu zumbido. Os cinco turistas levantaram a cabeça, nos olharam atônitos, e um deles perguntou: — *How is it up there?* (Como é que está aí em cima?)

— Pergunta idiota! — sussurrou Ralph e gritou para baixo: — Quase como no pico do Matterhorn! — enquanto se segurava na grossa corrente de ferro, cimentada no chão de pedra.

— Quem cair lá embaixo provavelmente não se levanta mais, *Don* Júlio? — indaguei.



Os Templos n.ºs I, III e IV perfazem um ângulo reto.



O sol matutino despede-se da cúpula do I em pio n.º 1.

— Osso fraturado costuma consolidar — respondeu Júlio com ar de pouco caso e continuou: — Pior seria cair do topo do Templo n.º IV, de 70 m de altura. No ano passado, dois turistas e um guia local caíram de lá para a morte.

— O Matterhorn costuma fazer quatro vítimas por ano — comentou Ralph, preferindo os dados da sua terra.

— Quando usam tênis! — intercalei, pois acabara de especular sobre como seria bem mais fácil andar por aí de tênis, em vez de botas pesadas.

Com ares de chefe, Júlio retomou a palavra.

— *Don Eric*, olhe para o Templo n.º V! Não perfaz um ângulo reto com os de n.ºs I ou IV?

Estávamos no topo do Templo n.º I. Olhei seus degraus, suas paredes laterais, dirigi o olhar à frente, para o de n.º V e, depois, para o de n.º IV, situado a pouca distância. A bússola confirmou aquilo que eu vi; os Templos n.ºs IV, I e V perfaziam um triângulo perfeito. E daí? Por que não deveriam ter sido erguidos para formar um triângulo? Foi o que disse a Júlio.

— Não se trata disso — ensinou-me ele. — O senhor verificou que nenhum dos templos está orientado na direção dos quatro pontos cardeais. Outrossim, o senhor acaba de admitir que os Templos n.ºs IV, I e V formam um triângulo-retângulo. Em que direção os lados do V e do I se desviam do eixo norte-sul? — E, bem-humorado, Júlio entregou-me a bússola, que dirigi ao Templo n.º V.

— O desvio é de 15 a 17º, nordeste — registrei com voz meio tímida e acrescentei: — Quem sabe a bússola não funciona direito? Já é velha. . .

— Funciona sim! — afirmou Júlio, triunfante. — São exatamente 17º. Sim, senhor! — enfatizou Júlio Chaves, engenheiro de obras por profissão, arqueólogo por vocação e, portanto, autoridade no assunto. Por fim, ainda arrematou: — Já lhe falei que, aqui, nada foi feito por acaso.

Simplesmente não entendi coisa alguma. O que significaria aquela bobagem do desvio de 17º em direção nordeste?

— *Don Eric*! — falou Júlio, em tom grave, significativo, e eu o olhei, atento. — *Don Eric*, lembre-se de Tula, Chichén-Itzá, Mayapán, Teotihuacán, para mencionar somente algumas das célebres cidades maias relacionadas em todo e qualquer guia turístico. Em todas essas cidades os eixos das construções mostram um desvio de 17º, em direção nordeste. Isso seria por acaso?

Após esse pronunciamento surpreendente, Júlio fez uma pausa, cujo impacto calculado não poderia ter sido melhor imaginado por nenhum diretor de cena; então, aos poucos, comecei a perceber seu enorme alcance.

Júlio queria provar que todos os locais de culto mesoamericanos foram instalados segundo um plano-mestre, predeterminando a orientação uniforme de suas construções. As cidades citadas por Júlio foram construídas em épocas diferentes, mas seus construtores e mestres-de-obras obedeceram a tradições rígidas e misteriosas. Esquisito.

Relíquias monumentais

O único fato que pode ser considerado como líquido e certo é o de que os templos e as pirâmides não foram projetados por seus construtores, de larga visão, para se constituírem em objetos a serem fotografados pelos turistas do século XX. Fora disto, tudo o mais é mera especulação.

Desde o início os templos e as pirâmides estiveram nos locais onde, hoje em dia, se encontram as suas ruínas. Sem dúvida, os planejadores de Tikal tinham um certo propósito quando, não por acaso, resolveram desbravar a mata virgem exatamente nesse local. A primeira decisão a tomar foi a de escolher a localização do terreno; em seguida, pelos investimentos a serem feitos, tinham de servir a um fim determinado.

O solo de Tikal deve ter sido de qualidade toda especial, pois as escavações trouxeram à luz do dia construções "novas", erguidas sobre alicerces de outras mais antigas. Através dos séculos, essas terras, muito valorizadas, serviram de lotes de construção, a exemplo do que acontece em Manhattan, Nova York, onde arranha-céus são edificadas e derrubadas em seqüência contínua. Por quê? O centro de Manhattan está dividido em áreas de dimensões fixas.

Por razões até agora desconhecidas, o centro urbano de Tikal até parece ter sido lançado em registros de imóveis, excetuando-se as pirâmides. Suas obras foram erguidas em solo virgem, logo, ali estiveram desde sempre e sobreviveram à decadência da florescente capital maia.

As pirâmides tinham um significado singular. Qual? Até agora não se chegou a um consenso convincente quanto à finalidade prática desses monstruosos amontoados de pedras.

Teriam servido de observatórios? Neste caso, por que foram erguidas em número tão grande dentro de uma área relativamente restrita?

Teriam servido de túmulos? Algumas vezes foram encontradas sepulturas dentro das pirâmides; no entanto, mesmo para reis e sacerdotes, tumbas condignas, pomposas poderiam ter sido construídas a custos bem menores. E, sobretudo, se de fato a sua finalidade fosse a de abrigar sepulturas, então câmaras mortuárias deveriam ter sido encontradas em *todas* as pirâmides.

Teriam abrigado escolas de filosofias diversas? Pouco provável, ou, melhor, fora de cogitação. Onde os professores teriam ensinado e onde os estudantes teriam estudado? Para tal fim, parece muito restrita a área no topo da pirâmide.

Será que essas torres de pedras, maciças até o seu centro, teriam sido locais de culto onde os sacerdotes ofereceram aos deuses do Sol corações dos escravos, retirados do corpo vivo, em ritual horrendo? Na época em que foram construídas as pirâmides de Tikal ainda não eram celebrados sacrifícios humanos, documentados apenas por volta do nascimento de Cristo. E, mesmo se fossem, para tais sacrifícios não teriam sido necessários tantos locais de culto quantas pirâmides estão amontoadas em Tikal. Arqueólogos da Universidade da Pensilvânia, E. U. A., aos quais se devem as escavações feitas em Tikal, registraram mais de 60 bases de pirâmides e pirâmides de todas as dimensões, até 70 m de altura, somente na zona central da antiga cidade.



O solo de Tikal deve ter possuído qualidades muito especiais.



Túmulos? Observatórios? Residências de soberanos? Locais de sacrifícios?

Teriam as pirâmides sido monumentos erigidos pelas famílias reinantes? Será que suas dimensões variadas exprimiriam a importância e o poder dessas famílias? Esta suposição poderia ser cogitada. Caso esses reis-sacerdotes tivessem se dado ao luxo de erguer pirâmides, deveriam possuir amplas noções de matemática, astronomia e arquitetura orientadas por ensinamentos tradicionais — ou ministrados por outrem? —, considerando que já nem se discute mais a orientação astronômica dessas "residências feudais".

Chegamos assim à pergunta das perguntas: será que *debaixo* das pirâmides foram sepultados os antigos, os verdadeiros deuses, ao lado dos seus apetrechos, seus misteriosos instrumentos técnicos tão admirados e venerados pelos indígenas primitivos? Será que nas chamadas tumbas de sacerdotes foram enterrados tão-somente os guardas e protetores dos deuses, aqueles sábios que para lá conduziram e depois ensinaram o povo? Será que os deuses exigiram a construção daqueles "burgos" de pedras maciças, para que perdurassem através dos tempos, a título de aviso às gerações futuras? Essas especulações ainda estão para ser desmentidas, pois, até agora,

debaixo de nenhuma pirâmide as galerias avançaram até o centro! A fim de esclarecer este ponto, as galerias subterrâneas deveriam chegar a uma profundidade igual à altura da pirâmide.

No Museu de Leyden, na Holanda, está guardada uma plaquinha de jade que a literatura especializada chama de "Plaquinha de Leyden" e que figura entre os achados mais antigos de Tikal. Nessa plaquinha estão gravados 15 glifos maias; após um nome indecifrável, dizem: ". . .desceu e pousou esse soberano da família celeste de Tikal.

Família celeste? Qual o soberano que desceu e pousou? São perguntas ainda sem respostas, mas que permitem certas conclusões.

Os construtores de Tikal já possuíam uma escrita completa, um calendário perfeito. Todos os povos conhecidos evoluíram em progressão lenta; aos poucos, adquiriram seus conhecimentos, progressivamente aumentados e aperfeiçoados. Jamais algo caiu do céu como uma dádiva ao homem. Ou será que caiu?

Tikal era um lugar sagrado, com as construções em pontos determinados previamente. Aquilo que chegou a ser construído continuou no seu local, foi eventualmente expandido, mas jamais esquecido. Tikal deve ter sido um ponto de atração magnética, aquilo que, hoje em dia, chamaríamos de centro de peregrinação. E o lugar se expandiu; recebeu sempre mais praças, mais templos, enquanto seus santuários ficavam sempre mais suntuosos. Tudo quanto ali foi construído, erguido, não importa em que época, teve seu posicionamento orientado por uma lei astronômica, ficou sujeito a normas derivadas dos astros. É o que sabemos. E é só.

Compartilho, sem nenhuma reserva, a veneração dos especialistas pelas obras-primas de planejamento e execução. Sem dúvida, os maias tinham grandes arquitetos e exímios artesãos. Sem dúvida, tinham condições de erguer suas monumentais obras de construção sem a ajuda de terceiros. Considerando e aceitando todos esses pontos, ainda resta a pergunta: *COMO, DE ONDE* receberam essas suas noções, seus conhecimentos? Meio sem jeito, esta pergunta está sendo engavetada.

"Aquilo que não se sabe é justamente o que se precisa, enquanto aquilo que se sabe não se precisa. . ." escreveu Goethe em "Fausto". Essas palavras poderiam ter sido escritas a respeito de Tikal.

Até os deuses soltam uma gargalhada!

As medidas internacionais dos campos de futebol são de 105 x 70 m; a grande praça entre os Templos n.^{os} I e II mede 120 x 75 m. Em área que tem o dobro desse tamanho (!), a acrópole principal margeia a praça ao sul. O

conglomerado de 42 edifícios é distribuído ao redor de 6 pátios, cada qual situado num patamar de altura diferente. Centenas de recintos e abóbadas estão interligados por escadas e portas laterais, constituindo um labirinto no qual a gente se perde com facilidade.

Ninguém sabe explicar, com precisão, o que se passou no interior desses complexos arquitetônicos verdadeiramente monstruosos. Dizem que teriam servido de moradia aos sacerdotes, de armazéns para guardar "estoques sagrados"; parece que a ordem colossal da acrópole, com seus incontáveis encaixes e subdivisões, fez os intérpretes de Tikal perderem a fala. Se o complexo se localizasse num só plano, muitos dos seus aspectos intrigantes tornar-se-iam aceitáveis; nesse caso, as colméias de quartos, salas, corredores teriam passado por várias fases

de expansão, conforme as necessidades dos seus moradores. No entanto, esse complexo arquitetônico se estende sobre seis planos, em níveis diferentes, ocupando patamares aterrados pela mão do homem. Isto requereu planejamento, organização, ferramentas, com base num projeto muito bem elaborado, detalhado, para servir a uma finalidade determinada. E tudo isto foi realizado por um povo da idade da pedra.

Mergulhado nos meus pensamentos, pronunciei as palavras "povo da idade da pedra" em alto e bom som que chegou aos ouvidos de Júlio; por um instante, ele me fixou o olhar e, em seguida, soltou uma gargalhada estrondosa. Gostou tanto do termo que não parou mais de rir e, levando as mãos à boca, a fim de usá-las como amplificador de som, gritou para a acrópole: "Povo da idade da pedra! Povo da idade da pedra!" Essas palavras e o estrondo da sua gargalhada de gigante ressoaram e trouxeram o eco das pirâmides, dos recintos ocultos da acrópole, que Júlio achou engraçado e que voltou a nós como se fossem salvas de vozes de sons primitivos.

— *Don Eric!* — falou Júlio, ao ouvir esses sons com um sorriso de satisfação. — Até os deuses soltam uma gargalhada!

A ciência atribuiu ao homem da idade da pedra uma característica toda especial: ele desconheceu os metais. Tudo quanto criou — suas construções, as esteiras cinzeladas, os relevos plásticos — foi feito sem ferramentas metálicas. Diz-se que teria trabalhado com ossos afiados, com machados de basalto, diorito ou obsidiana — o vidro dos vulcões — que era o mais duro entre os minerais.

— Será que o senhor aceitaria tamanha bobagem, *Don Eric*? — indagou Júlio, com um sorriso irônico.

— Por que não? Até agora em Tikal não foi encontrado metal algum, tampouco foram achados locais que teriam servido à sua produção.

— E isto prova o quê? Quando as escavações foram iniciadas os restos

de Tikal já se encontravam debaixo da terra havia mais de um milênio, recobertos de vegetação e lavados pelas chuvas tropicais. Por aqui, em menos de uma geração, facas de aço inoxidável ou dito inoxidável ficam totalmente enferrujadas. Que tipo de metal, a não ser um metal nobre, que teria sido muito mole para trabalhar a pedra, poderia ter resistido à ação do tempo ao longo de milênios?

— Não pense somente em Tikal. Até agora nenhuma escavação de ruínas maias revelou a existência de metal. . .

Júlio sentou num dos degraus e eu lhe ofereci cigarros. Ele pegou um e o colocou entre os lábios sem reparar no isqueiro que lhe estendi para acendê-lo.



42 edifícios de alturas várias, agrupados em torno de 6 pátios.



Uma obra de arte perfeita criada por "homens da idade da pedra".

— Pensei no assunto anos a fio e sempre retornei à mesma especulação. Para os maias o metal deve ter sido um elemento sagrado! Talvez o venerassem como uma dádiva dos deuses a seus sacerdotes e sábios e, como tal, o guardaram e esconderam. Os sacerdotes conheciam — através dos deuses — os objetos a serem feitos de metal, tais como punhais, espadas, escudos e outros instrumentos de matança. Também sabiam que o povo era oprimido, obrigado a trabalhar nas construções. Essas condições de vida, com o povo sob constante pressão, poderiam levar a uma revolta e por isso os sacerdotes evitavam, por todos os meios, que o metal chegasse às mãos dos oprimidos. Mas, apesar disso, continuo afirmando que muitos maias possuíam o metal! *Don Eric*, olhe ao seu redor e veja se tudo aquilo poderia ter sido feito só com a ajuda de ossos afiados. Foram encontradas cabeças esculpidas em cristal de rocha, verdadeiras obras de arte! Devem ter sido trabalhadas com metal, como também devem tê-lo sido as minúsculas rodinhas.

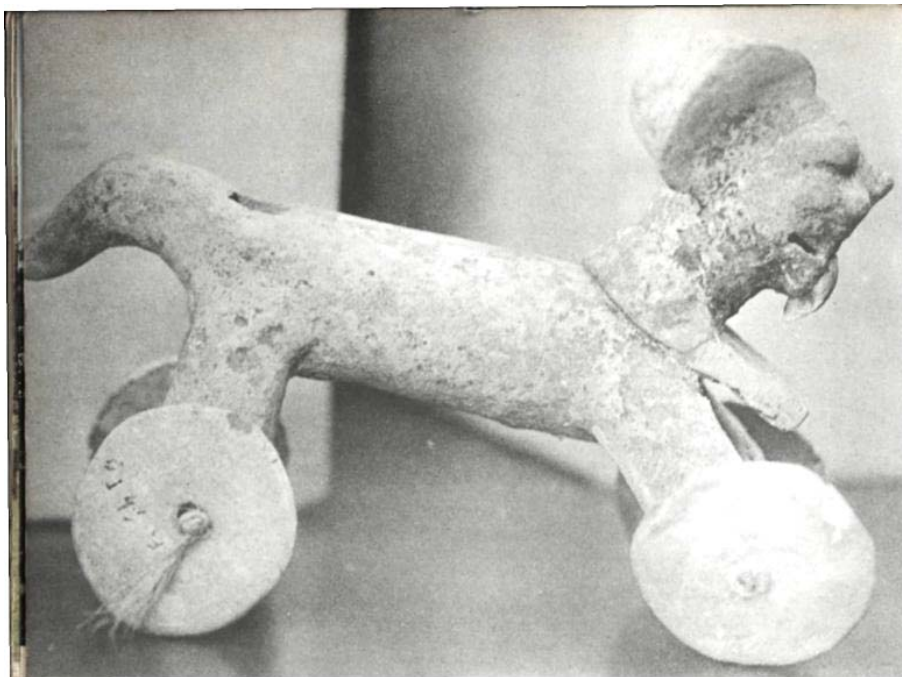
— Rodinhas! — repeti e usei a pausa para acender o cigarro de *Júlio*. — Sempre li que os maias não conheciam a roda.

Júlio inalou a fumaça do cigarro e continuou:

— Então, recomendo-lhe fazer uma visita ao *Museo de Arte Prehispânico* em Oaxaca! Ali poderá ver rodinhas em cristal de rocha. E nos museus de antropologia na Cidade do México e em Jalapa está exposto um brinquedo de criança com rodas! Uma espécie de cachorro puxando uma pequena carroça ou coisa parecida. . .



Esmerado trabalho de cinzel — sem ferramentas de metal?



Brinquedo infanta mata, achado em jalapa — ali as rodas não eram apenas conhecidas, mas estavam sendo usadas.

Júlio confirmou e ampliou meus conhecimentos do assunto. Na cidade maia de Copán, em Honduras, fotografei rodas dentadas, a título de prova da tecnologia da época. Lamentavelmente as rodas dentadas de Copán estão sendo jogadas e depredadas num canto de uma grande praça pública. Outrora li que, embora os maias conhecessem a roda, não a usavam. Esta tese poderia vingar se não existissem estradas. . .

Estradas que não receberam tráfego?

A partir de Tikal cinco estradas com sólida subestrutura seguem através da selva. A literatura especializada classifica-as de vias de procissão, ou vias cerimoniais; seu capeamento é claro. É realmente surpreendente como a arqueologia consegue sustentar doutrinas obsoletas e moribundas!



Rodas dentadas dos maias — fotografadas em Copán!

Entrementes, levantamentos aéreos comprovaram a existência de uma rede viária ligando as cidades maias. Dezesseis (!) estradas começavam ou terminavam em Cobá, na região norte do atual Estado de Quintana Roo. Evoluindo num arco alongado, uma estrada passava por Cobá e atingia Yaxuna, um lugarejo nas imediações de Chichén-Itzá, perto do sítio de ruínas mais importante. As fotos aéreas mostram faixas claras que passam pela selva escura e sugerem que a estrada de 100 km, Cobá-Yaxuna, continuava além de Chichén-Itzá, até Mayapán e Uxmal. Nesse caso, tratar-se-ia de uma rodovia de uns 300 km de extensão! De acordo com as fotos aéreas, essa estrada ainda era superada por outra que ligava Dzibilchaltún, antes de Mérida, a capital da península de Iucatã, à costa oriental do mar do Caribe, diante da ilha de Cozumel.

Parece que os engenheiros rodoviários trabalharam segundo um planejamento global determinado, pois todas as estradas têm calçamento de pedras cortadas da rocha e capeamento claro, resistente às intempéries. O trecho entre Cobá e Yaxuna tem 10 m de largura, o que é muita coisa para uma simples via de procissão, considerando-se que permitiria a 15 pessoas avançarem, lado a lado, cantando e marchando.

Os 100 km de estrada estão subdivididos em 7 trechos retilíneos, o mais comprido dos quais mede 36 km. Ao fim de cada trecho a estrada muda ligeiramente de direção.

A pesquisa científica não admite o uso da bússola pelos maias. Então, de que maneira eles teriam determinado o traçado da estrada a ser construída? Quais eram os elementos geodésicos de que dispunham?

Será que teriam usado um farol, uma fumaça como pontos de referência? Toda a região é totalmente plana e coberta por densas matas. Não existe nenhuma elevação do solo de cujo topo pudessem enviar quaisquer sinais, mesmo que uma fogueira acesa nas matas verdes, escuras, pudesse ser vista a quilômetros de distância. Assisti a uma mesa-redonda sobre o assunto em que um dos participantes achou que o problema era de fácil solução, pois os maias teriam estendido cordas em linha reta marcando a distância com postes fincados no chão.

Todas essas sugestões para a solução do problema pressupõem a existência de picadas abertas na mata. Pois somente depois de abrir as picadas foi possível acender fogueiras ou estender cordas. Antes, porém, tinham de ser estabelecidos determinados pontos fixos e a direção a tomar para atingi-los.





Rodas! Rodas! Fotos tiradas no Museu Nacional de Antropologia, Cidade do México,

A fim de completar o rol de tentativas inúteis de explicar o problema, cumpre mencionar ainda a tese segundo a qual os maias teriam orientado suas estradas seguindo as estrelas. Convém lembrar: estrelas surgem tão-somente à noite, costumam mudar freqüentemente de posição e nessa região tropical, com elevada taxa de umidade do ar, não aparecem por dois terços do ano. Tampouco é possível contá-las e, muito menos, fazer levantamentos topográficos seguindo as estrelas.

Para os mais exigentes dos meus prezados críticos, peço licença para fazer uma pequena correção: aqui e ali, o terreno totalmente plano apresenta ligeiras depressões, pois nos cursos d'água ou brejos o solo apresenta um leve declive. Todavia, os maias nivelaram o solo e, onde foi preciso, abriram passagens inferiores abobadadas, e aterraram alguns trechos até a altura de 5 m. Sem dúvida, vias cerimoniais de procissão dispensariam tais requintes, pois, de bom grado, os peregrinos teriam passado pelo terreno acidentado. Mas acontece que as estradas foram niveladas e construídas com superfície plana!

Hoje em dia quando o nosso carro é parado em canteiros de obras, temos o ensejo de observar máquinas enormes de terraplenagem.



Rodas! Rodas! Rodas! Foto tirada no "cemitério dos veículos" em Copán. Rodas com cubo!

Em Ekal, no trecho Cobá-Yaxuna, foi encontrado um rolo compressor de 5 toneladas partido em dois! O rolo compressor, de 4 m, não apresenta cubo de roda no centro; mais exatamente, compara-se a um enorme cilindro. Pura bobagem! Um povo da idade da pedra cortou da rocha enormes seções de pedras, que transformou num cilindro de 4 m de comprimento, mas não usou a roda, que também conheceu.

Para que então os maias nivelaram suas estradas, supondo-se que não deveriam receber o tráfego de carros sobre rodas? Para que, nos trechos dos pântanos, reforçaram sua infra-estrutura a ponto de ter resistido todo esse tempo até os dias de hoje? No caso de essas estradas de tão alto nível técnico não terem servido ao tráfego de veículos sobre rodas, então quais os veículos que por elas trafegaram? Teriam sido trenós com patins de madeira? Teriam deixado suas marcas no capeamento. Deslizaram como uma espécie de veleiros do deserto? Dificilmente, pois, também assim não dispensariam patins ou rodas. Será que por aquelas estradas passaram bestas de carga com pessoas em seu lombo? Segundo os ensinamentos acadêmicos, os maias desconheciam bestas de carga. Será que se deslocavam por via aérea? Neste caso, não precisariam de estradas. Não considere qualquer ponto importante nesta questão do aproveitamento da rede viária? Será que, a exemplo de todos os arqueólogos, deixei de reparar em algum detalhe significativo?

Conversas sobre os tetos de Tikal

Estávamos sentados bem no topo de uma pirâmide. O sol brilhou forte a ponto de queimar a pele exposta do corpo, apesar do óleo bronzeador que me protegera dos raios solares da minha terra suíça. Na Praça Grande juntaram-se grupos de turistas; reflexos do sol em objetivas fotográficas chegaram até nós; dificilmente as fotos saíam bem.

— O que acha, Júlio? Por que os maias construíram suas estradas?

Indignadíssimo, como se essa simples pergunta ferisse um tabu, o guatemalteco Júlio Chaves respondeu:

— Para os deuses!

— Em homenagem a um culto religioso. . .

— Para os deuses! — insistiu Júlio. — Eles tinham veículos. Logo, ensinaram os soberanos maias a construir estradas e aqueles soberanos, onipotentes, chamaram exércitos de escravos para executarem os planos divinos.

— Em parte alguma foram encontrados vestígios de veículos dos deuses. Tampouco existem imagens de tais engenhos!

— Frequentemente nem se sabe o que representam os relevos. A lápide

de Palenque bem poderia mostrar um veículo dos deuses. O senhor conhece os glifos do deus fumante; ele está sentado num veículo que não é do nosso tempo. Para mim, o fato de a tradicional arte maia não mostrar nenhuma roda significa que, para eles, a roda era um objeto sagrado.

— As estradas foram construídas em épocas diversas e, certamente, os deuses aqui estiveram só no início da época maia, quem sabe, nos tempos dos antepassados do povo maia.

Alguns turistas ofegantes escalaram a pirâmide usando a corrente de ferro para alçar-se, facilitando assim a subida, enquanto Júlio continuou com o assunto da nossa conversa.

— Está bem, *Don Eric*. Admitamos que os deuses aqui estiveram nos tempos do começo mais primitivo, que desapareceram ou foram sepultados debaixo das pirâmides. Bastaria terem eles orientado a construção de uma só estrada. Os maias das gerações posteriores imitaram seu exemplo, construíram estrada após estrada em memória dos deuses de cuja volta tinham certeza absoluta. Prepararam-se para esse longínquo dia "D", construindo estradas, pirâmides e templos.

Júlio falou com o zelo missionário e a força retórica do monge Abraham a Sancta Clara, o grande orador sacro do barroco alemão, no século XVII. Lembrei as linhas no solo do planalto peruano de Nazca, as quais, a meu ver, foram traçadas pelos índios à guisa de sinalização, sendo visíveis de grandes altitudes, para o dia do retorno dos deuses.

Aos poucos o espaço no topo da pirâmide ficou pequeno com vozes pronunciando todos os idiomas do mundo ao nosso redor. Havia norteamericanos, muitos japoneses, bem como europeus. Desde alguns anos as excursões para as Américas Central e do Sul têm estado bastante concorridas e as agências que as oferecem logo conseguem completar suas respectivas lotações vendendo todas as vagas. Tratamos de afastar-nos da multidão e pegamos a Datsun, prosseguindo viagem por estradas vicinais com nomes de pesquisadores famosos que visitaram Tikal e ali trabalharam. Há a via Maudsley perpetuando o nome de Alfred Percival Maudsley, que visitou Tikal em 1895; as vias Maler e Tozzer, lembrando a passagem de, respectivamente, Teobert Maler e Alfred Marston Tozzer no início do nosso século; a via Mendez, em homenagem a Modesto Mendez, que em 1848 trabalhou nas ruínas de Tikal.



Com as levas de turistas, Tikal despertou para nova vida.

As impressões visuais eram fortes a ponto de eu pouco sentir o calor de 70 °C na cabina do motorista, conquanto Júlio e Ralph, sentados na

carroçaria, recebessem o vento diretamente. O filme de grandiosas paisagens, desenrolando-se a nossa frente, não tinha solução de continuidade. Passamos por pirâmides gêmeas, sem templo no seu topo, colocando-se diante de bases de pirâmides cujas partes escavadas despontavam da vegetação verde. Em Tikal há 151 esteias em sua maioria na praça diante da acrópole. Entre complexos arquitetônicos encaixados um no outro, árvores gigantescas ergueram suas copas verdes e espalharam a beleza mirabolante de suas flores multicoloridas. De esteias da cor da areia olhavam-nos os rostos de soberanos e deuses. Paramos freqüentemente, subimos em amontoados de pedras, restos de edifícios vítimas da ação do tempo. Para nós Tikal parecia sem limites, confundindo-nos com essa sua grandeza, impondo respeito e veneração. Era um pedaço da história da humanidade ao alcance das nossas mãos.



Edifícios soberbos destacam-se da selva verde.



Cabeças de deuses olham de esteias marrom-cinzentas.

Viagem intrigante ao passado

Três dias depois, Júlio partiu da "Cabana na Selva". Antes de partir recomendou-me insistentemente que procurasse as fazendas *Las Illusiones*, *Los Tarros* e *Bilbao*, onde, segundo ele, havia pedras de procedência divina, até hoje veneradas pelos índios como pedras dos deuses, mas cujas dimensões proibiam o seu transporte para um museu, ficando, portanto, espalhadas por ali. Ele ainda me instruiu para não perguntar por achados arqueológicos, mas, sim, pelas *piedras antiguas*. Além disso, indicou-me a direção a tomar e, no mapa, ainda marcou com uma cruz os lugares onde deveríamos informar-nos para obter a indicação exata da localização daquelas preciosidades.

Todos os guatemaltecos com os quais encontramos no caminho eram amáveis e solícitos, sempre prontos a ajudar, embora pouquíssimas vezes suas informações estivessem corretas.

Para aquela viagem aluguei um Fusca, com o qual passamos pela província de Esquintla, ao longo das fraldas sulinas do planalto guatemalteco, até o oceano Pacífico. A uns 50 km do litoral deveríamos começar a perguntar pelas *piedras antiguas*, conforme a recomendação de Júlio.

Em Santa Lúcia paramos diante da lavanderia pública. Moças e mulheres lavavam a roupa de suas famílias sob o teto comum, em tanques que recebiam água de um poço. Ao estacionarmos o Fusca, dirigimos o nosso olhar para o poço, e, lamentavelmente, as moças cobriram seus seios e as mulheres mais velhas deram uma risadinha sem jeito.

— Por favor, onde podemos encontrar as *piedras antiguas*? As fazendas *Las Illusiones*, *Los Tarros* e *Bilbao*?

À guisa de resposta veio uma gargalhada gostosa; depois, houve debates acalorados e, enfim, cada uma das beldades deu-nos uma direção diferente.

— Minhas senhoras — falei, procurando fazer valer todo o meu charme suíço —, não seria possível chegarmos a um consenso quanto à direção a tomar?

Nessa altura, uma morena de ar resoluto, a pele queimada de sol, vestindo *jeans* colantes, provocantes, dirigiu-se a nós e, apoiando as mãos nos quadris, perguntou de onde vínhamos. Parece que, aqui, as pessoas não estão dispostas a dar informações a qualquer um, pensei e falei:

— Viemos da Suíça, de um pequeno país pacato, com muitas montanhas bonitas e prados floridos.



Vistas da viagem para as "piedras antiguas".

Ah!, sim. Aparentemente a morena já ouvira falar naquele país, pois lembrou como, pouco tempo atrás, submarinos russos foram avistados na sua costa. Não fosse por minha formação européia, teria dado uma risada, mas, para não perder as boas graças da moça bonita, expliquei que aquele submarino fora avistado na costa da Suécia. A morena parecia um tanto decepcionada com essa minha explicação, mas, visivelmente interessada nas coisas da Europa, ela arriscou outra pergunta, querendo saber se a Suíça era da Alemanha Ocidental ou Oriental. E, novamente, tive de decepcioná-la, explicando que a Suíça é um país autônomo, a democracia mais antiga do mundo. Todavia, para voltar ao assunto, tornei a indagar pelo caminho das fazendas.

A lavanderia pública em Santa Lúcia.



A morena apontou em três direções. — Aqui, acolá e ali — disse ela.

— O que se encontra aqui?

— *Bilbao*. Siga até a praça da aldeia. No cruzamento, suba à direita e, em cima, vire para a esquerda. Ali, torne a perguntar. . .

— E as fazendas *Las Ilusiones* e *Los Tarros*?

— Ficam na direção de Mazatenángo, na próxima aldeia. Essas informações já nos serviam para alguma coisa. Na despedida, o meu olhar passou sobre as curvas generosas dos *jeans* e os seios pequenos e firmes, da mocinha, nessa altura expostos ao sol. Em tal companhia as noites na

"Cabana na Selva" teriam sido suportáveis, malgrado os mosquitos. Até poderia ter dado para a gente aprender a com eles conviver.

Fazendas que, além de milho e café, possuem riquezas de valor incalculável

Em *Bilbao*, sonolenta e deserta debaixo do sol tropical, encontramos com um trator pesado. Dirigimo-nos ao tratorista, um *senor* barbudo, com dois garotos índios ao seu lado, que, ao avistarem os forasteiros, seguraram os seus grandes machetes com força redobrada.

— Por favor, estamos à procura das *piedras antiguas*. Onde podemos encontrá-las?

Após uma pausa contemplativa, quando seus olhos negros perscrutaram o Fusca e os dois gringos, ele quis saber:

— São arqueólogos? — O tom da sua voz indicou que eram nada boas as suas experiências com arqueólogos.

Expliquei que não éramos arqueólogos; que viemos da Suíça e somente queríamos fotografar aquelas *piedras antiguas*. Ao ouvir a palavra "Suíça", seu rosto se abriu.



Numa clareira, deparamos com as "piedras antiguas" da fazenda Bilbao.

— São suíços! Conheço dois engenheiros mecânicos suíços. Gente boa.

Mentalmente agradei aos meus dois conterrâneos desconhecidos e procurei entender as ordens que deu aos dois garotos, num dialeto ininteligível. Um dos rapazes pulou do trator e subiu no nosso Fusca sem largar seu machete. Em espanhol impecável, dirigiu-nos por caminhos estreitos, entre as plantações de milho e café, até exclamar em tom de comando: "Aqui!" Com rapidez incrível desceu do carro e, usando seu machete, começou a abrir uma picada no milharal, cujas plantas eram de uns 2,50 m de altura e batiam no nosso rosto enquanto tentávamos acompanhar os passos de nosso guia. De repente, ele parou e deixou-nos ir em frente, apontando em determinada direção: "Ali". Demos alguns passos e pisamos numa pequena clareira, que serviu de moldura verde à *piedra antigua* de 3,5 x 4 m de diâmetro, cujo brilho azulado, de basalto, sobressaiu do pano de fundo verde, formando um contraste maravilhoso.

Gostaria de fazer uns comentários explicativos a respeito da foto do relevo, na pág. 46. No centro da cena mitológica, há um homem alto, de braços e mãos estendidos para cima; uma das mãos segura algo parecido com uma arma pontiaguda; a outra segura um objeto redondo, que tanto poderia ser uma bola como um crânio, um fruto de cacau ou uma casa de vespas. (Efetivamente os maias costumavam lançar casas de vespas contra seus inimigos. Resta saber como os próprios lançadores se protegiam contra as mordidas perigosas das vespas). O homem usa uma camiseta colante, presa na cintura por um cinto largo do qual pende, entre suas pernas compridas, uma corda amarrada num grande nó. Bem dentro da moda atual, como a camiseta, apresenta-se, igualmente, o adorno masculino da larga faixa de pano na qual está bordado um rosto e que termina em franjas. As calças são colantes, como *jeans*; ele usa sapatos que vão até o tornozelo, ostentando fivelas um tanto extravagantes. À esquerda desse homem está postado outro, descalço, vestindo tão-somente uma tanga larga; parece oferecer algo ao homem do centro, ou, no mínimo, chamar a sua atenção para alguma coisa que aponta com o dedo. Ademais, ao lado direito do relato figurativo, em pedra, um índio descalço, usando capacete, está sentado num banquinho, jogando bolas ou outros objetos redondos; em todo caso, está ocupado com algo parecido com o objeto que o homem no centro, vestido à moda atual, tem nas mãos. Pássaros, figurinhas, rostos e símbolos formam a moldura dessa cena movimentada. E, mais: olhando bem, percebe-se um objeto oval preso no pulso do homem no centro. Este detalhe é importante, visto que no outro lado do nosso globo terrestre, no país de Akkad, na Babilônia, no rio Eufrates, todos os deuses costumam ostentar também este

intrigante objeto. Qual a profundidade atingida pela pedra solo adentro? Será que no lado oposto também haverá um relevo? Ao que parece, a curiosidade pesquisadora dos arqueólogos ainda não alcançou esta *piedra antigua*.

Na praça da aldeia de Santa Lúcia Cotzumalguapa há uma pedra análoga, com cenas idênticas, montada como um monumento. A arqueologia opina que se trataria da reprodução da cena da investidura ritual, antes do jogo da bola, o esporte popular dos maias. O meu senso comum põe em dúvida tal interpretação, considerando que o ornamento da cabeça do homem central é pomposo a ponto de atrapalhar o jogador em campo; a corda pendurada da cintura incomodá-lo-ia ao correr; o cinto largo, apertado, prenderia muito o corpo e os sapatos esquisitos impediriam seus movimentos rápidos. Além disso, é difícil imaginar um jogo de bola em que se use uma arma pontiaguda. Essa arma lembra exatamente aqueles objetos observados nas estátuas dos deuses, em Tula, a capital dos deuses do reino tolteca.

Em 1860, por ocasião de trabalhos de desmatamento do terreno sobre o qual nos encontrávamos, foram trazidas à luz do dia esteias maravilhosas. O pesquisador austríaco Dr. Habel, que em 1862 visitou o México, soube desses achados e foi lá para vê-los; foi ele que fez os primeiros desenhos dessas esteias que, durante uma estada em Berlim, mostrou ao diretor do Museu Real de Etnologia, Dr. Adolf Bastian (1826-1905). Bastian visitou Santa Lúcia Cotzumalguapa em 1876, comprou do fazendeiro as pedras achadas até então e fez um contrato de opção de compra para todos os achados futuros em nome do museu berlinense. Graças a essas providências, hoje em dia o Museu de Etnologia de Berlim Ocidental exibe oito esteias. Segundo o contrato de opção de compra, esse museu teria direito ao relevo em pedra na clareira no milharal; no entanto, nesse intervalo de tempo, surgiu uma lei guatemalteca proibindo a exportação de antiguidades. Os países da América Central se tornaram orgulhosos da sua história; se, além disso, protegessem das intempéries essas suas riquezas incalculáveis, o orgulho dessa sua identidade da história com seu povo tornar-se-ia completo.

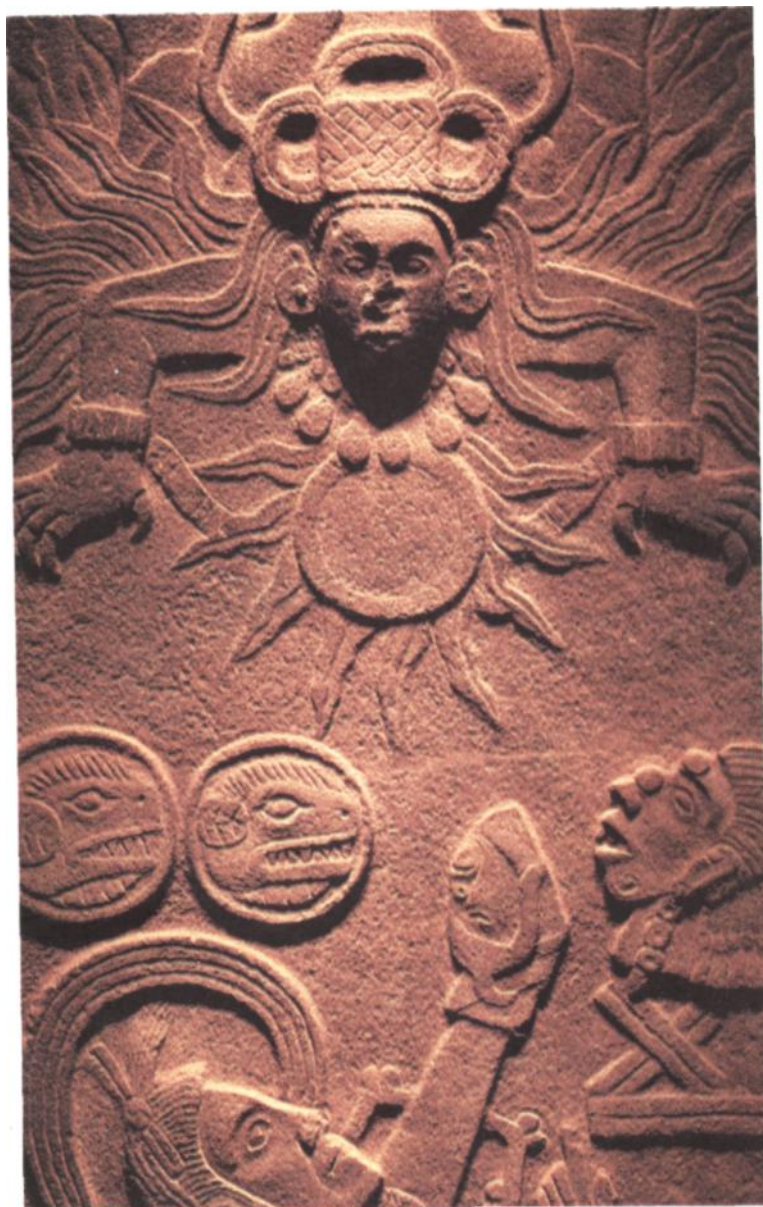
Diz-se que as esteias no Museu de Etnologia de Berlim Ocidental também mostram cenas de culto ligadas ao jogo da bola. O vencedor oferece um coração ao deus do Sol. Qual o deus do Sol a receber tal oferenda? Ele é representado como um ser de capacete, envolto em feixes de raios, descendo do céu. Não basta o termo lapidar, deus do Sol. Cumpre perguntar quem deve ser imaginado como "um deus do Sol", qual a sua ordem hierárquica na tradição daqueles que esculpiram o relevo e por que o "deus do Sol" podia exigir um coração humano, o sacrifício supremo.

— Querem comprar pedras? — perguntou o motorista do trator, quando a ele devolvemos o garoto índio.



O relevo que descrevi.





Esta página e as duas anteriores: *Três exemplos de esteias, mostrando como os deuses desceram do céu, no Museu de Etnologia, em Berlim.*

— Não, obrigado! — respondi. Quem no posto alfandegário na fronteira for descoberto com antigüidades na sua bagagem torna-se culpado, consciente ou inconscientemente, de uma contravenção da lei. Logo, eu não teria nenhuma chance de transferir o homem do relevo no milharal, de Santa Lúcia Cotzumalguapa para o jardim da minha casa, em Feldbrunnen, perto de Solothurn, na Suíça. Aliás, em 1876, o Dr. Bastian deparou com problemas quase insolúveis para o transporte das esteias, que pesavam várias toneladas, embora devidamente sancionado pelas autoridades governamentais. Somente com a ajuda de dois engenheiros foi possível transportar os monstros de pedra por vias intransitáveis e levá-los pelos 80 km até o porto de San José. A solução do problema foi serrar em duas peças longitudinais as esteias, cujos relevos estivessem de um lado só e retirar a sua parte traseira, a fim de diminuir o seu peso; as placas planas, ainda muito pesadas, foram colocadas em carros de bois que, então, as levaram até o porto; aí uma esteia caiu no mar e até hoje continua submersa. Diante disso, recusei terminantemente todas as ofertas de compra de *piedras antiguas* recebidas nesse e nos dias seguintes.

A moça morena deu uma informação errada. Segundo ela, a Fazenda *Las Illusiones* ficaria na próxima aldeia. O tratorista sabia que a fazenda se encontrava logo à saída dessa aldeia e recomendou que pedíssemos informações na praça principal.

À sombra, sentados nas escadas da igreja dos tempos da colonização espanhola, três índios jogavam cartas. Quando a eles me dirigi perguntando qual direção tomar, um de cara meio safada levantou-se, chegou perto de nós e nos ofereceu *piedras antiguas* à venda. Nada poderia convencer-me a adquirir pedras de qualquer tamanho, pois, sem um exame microscópico e noções adequadas, é impossível determinar se são realmente "*antiguas*" ou apenas parecem sê-lo, já que acabam de sair de uma oficina especializada em "peças legítimas". Os indígenas sabem muito bem transformar qualquer pedra em "*antigua*"; com suas mãos hábeis gravam na pedra cenas mitológicas; em seguida, colocam-na na brasa de carvão de lenha; depois, untam-na com graxa de sapato e deixam-na exposta às chuvas por alguns dias. Assim, além de milho e café, a região produz também as "*piedras antiguas*" tão apreciadas pelos turistas que as adquirem para sua coleção de troféus de viagem.

Do outro lado da praça um policial estava de cócoras debaixo de uma jaqueira de folhagem multicolor, cujas frutas lá costumam ser usadas como ração de animais. Quando me aproximei do policial para, enfim, obter uma informação oficial, o jovem uniformizado retirou um apito do bolso da sua camisa talvez para mostrar-nos que estava chamando reforço. Sua cara

amarrada não nos deixou perceber se ele entendeu ou não a nossa pergunta; em todo caso, encaminhou-nos a um colega que, por sua vez, ouviu nossa pergunta sem comentário e nos mandou para o comandante, na chefatura da polícia. De maneira solícita, mas decidida, ele pediu meu passaporte, que examinou com olho crítico, verificando cada um dos muitos carimbos ali impressos marcando minhas passagens de um país para outro. O que ele pensaria que eu era? Um caçador de antigüidades? Em todo caso, seu rosto iluminou-se ao virar as páginas do meu passaporte até deparar com a cruz suíça. Então, num dialeto ininteligível, mandou um recruta, rapazola franzino e tímido, levar-nos até a Fazenda *Las Illusiones*. O Fusca andou em marcha acelerada quando, de repente, o recruta estendeu a mão; paramos diante de um portão de ferro batido. — *Las Illusiones* — anunciou o jovem.

Insubstituível patrimônio cultural deteriorando-se num estacionamento.



Logo ao descer do carro, surpreendi-me com a réplica de uma escultura em pedra que, cinco anos atrás, fotografara em El Baul, uma pequena aldeia a poucos quilômetros de Santa Lúcia Cotzumalguapa. Ali, em El Baul, como aqui, em *Las Illusiones*, a escultura representava um brutamontes usando algo como uma touca marcial colada na cabeça como um capacete de

mergulhador; o rosto aparece detrás de uma "janela"; uma "mangueira" liga o "capacete de mergulhador" ao "tanque" que leva nas costas. Logicamente dizem que se trata de um jogador de bola. Conquanto, em El Baul, o "jogador de bola" estivesse nos fundos do quintal de um engenho de açúcar, debaixo de um teto de madeira, a sua réplica se encontrava em lugar igualmente indigno: entre o ferro velho de um estacionamento de automóveis. Todavia, a peça em El Baul consta do catálogo arqueológico como "Monumento n.º 27", mas em nenhuma parte encontrei indício algum da sua réplica na Fazenda *Las Illusiones*. (Ainda no mesmo dia procurei saber se a obra continuava em El Baul. Continuava, sim, e estava no mesmo lugar, só que, entrementes, ruína o teto de madeira que lhe oferecia um pouco de proteção).

Abrimos o portão pesado. Porcos soltaram grunhidos, dois cachorros magros correram em nossa direção, de cauda abanando, e pararam à nossa frente; dei a eles nozes do nosso suprimento de viagem. Na porta da cerca de ripas, um homem idoso, de rosto enrugado e mastigando folhas de coca, estava montando guarda. Sem nenhum cuidado, expostos às intempéries, estavam se deteriorando por ali antigüidades ímpares; havia cabeças enormes, magistralmente esculpidas, de olhos grandes, arregalados; esteias que, de imediato, me fizeram lembrar San Agustin, na América do Sul, mencionado no meu livro *Strategie der Götter* — "Estratégia dos Deuses", 1982; no mínimo, quatro relevos ostentando uma mesma escrita artística. Aí me passou pela cabeça a especulação intuitiva de que, nesse caso, numa época qualquer, deveria ter acontecido uma migração de índios do Sul para o Norte, da América do Sul para a América Central. É difícil entender os arqueólogos guatemaltecos e essa sua atitude de permitir a deterioração de tesouros de tempos remotíssimos.

No dia seguinte, o recruta da polícia recebeu ordens de levar-nos para a Fazenda *Los Tarros*, mas ele parecia desconhecer o caminho. Quando perguntou a índios, nas plantações, pela direção a tomar, esses demonstraram pouca vontade de prestar informações, ou, propositadamente, deram informações erradas. Após um aguaceiro, lembrando uma enorme banheira despejada sobre o sertão, o sol limpou o céu. O ar estava úmido a ponto de a gente ficar com a impressão de nem mais conseguir aspirá-lo pelas narinas; ademais, estava pegajoso e com cheiro de mofo. Os mosquitos eram nossos companheiros; tão logo se conseguia afugentar um deles, dois ou três tomavam seu lugar, abatendo-se sobre as vítimas desprotegidas.



Preciosidades arqueológicas expostas às intempéries.

Na hora do almoço descansamos à sombra de um grupo de árvores. De algum lugar veio o zunido de vozes. Pegamos nossas câmaras e fomos à procura desses ruídos, subindo um morro e abrindo caminho através da vegetação espessa. Numa clareira avistamos quatro índios, três mulheres e dois garotos; ao que parecia, era uma família de nove pessoas postadas em semicírculo ao redor de um rosto de pedra sobressaindo do solo por um metro; colocadas sobre pequenas placas de pedra — lembrando altares cristãos — estavam velas acesas, e da testa, bem como das sobrancelhas da escultura impressionante, pingavam gotas de cera. O pequeno grupo reunido em meditação ao redor do seu deus impunha respeito. Mesmo o pouco barulho que fizemos ao aproximar-nos das pessoas foi o bastante para interromper sua meditação; ao mesmo tempo, seus olhares assustados traíram um certo sentimento de culpa, como se tivessem sido surpreendidas na prática de um ato ilícito. Sem pronunciar palavra entramos na clareira como se para lá tivéssemos ido a fim de venerar seu deus.

O rosto em pedra tinha expressão amável, até alegre, coisa rara em tais esculturas. Sobre o nariz de águia, fortemente perfilado, havia um par de olhos risonhos e até a boca parecia sorrir; bem no meio da faixa na testa estava cinzelado um pequeno rosto. Enfim um deus sorridente, pensei. Os índios nos observaram calados; recolheram os amuletos que haviam colocado diante da escultura e guardaram-nos num saco de juta.

— Será que essa pedra representa um deus? — perguntei ao índio mais velho, indiscutivelmente o chefe do clã e, portanto, o único em condições de responder.

— Sim, *senor* — respondeu ele, quase sem voz.

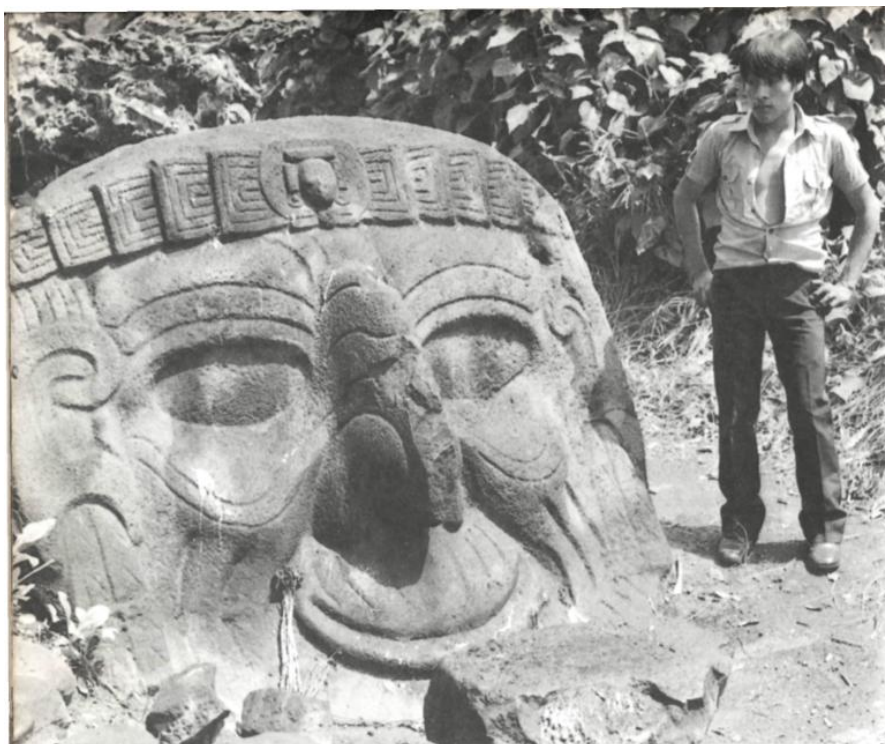
— Qual é esse deus?

Não entendi a resposta; era um nome comprido num idioma indígena. Tornei a perguntar e, em espanhol inteligível, fui informado de que era "o deus da felicidade".

— Faz tempo que a sua efígie se encontra aqui?

— Desde a eternidade — retrucou o índio. — O deus já ajudou nossos antepassados e continua nos ajudando até hoje!

A família tratou de retirar-se do local o quanto antes; eles receavam que eu os denunciasse ao pároco da aldeia por causa das suas "práticas pagas". Ficaram mais sossegados quando souberam que eu vinha de um país distante e que era minha intenção continuar viagem naquele mesmo dia. Despreocupados, tornaram a tirar da sacola os amuletos e acenderam velas novas; sobre uma pedra colocaram incenso de cheiro adocicado, resinoso. Enquanto o grupo tornou a mergulhar em suas meditações, tratamos de abandonar o local em silêncio.



Enfim, alguém do além de rosto sorridente. É o deus da boa sorte.

Nosso recruta ficou bastante impressionado e um tanto perturbado com a cena que acabara de presenciar, pois, embora criado em Santa Lúcia Cotzumalguapa, jamais soubera que seus conterrâneos ainda imploravam a bênção de seus antigos deuses. Enfim, quando recebeu nossa gorjeta pelos serviços prestados, perdeu seu acanhamento e não escondeu sua alegria com esse nosso gesto por ele inesperado. Tarde da noite, chegamos à Cidade da Guatemala, cansados com as fortes impressões e emoções daquele dia.

Noturno

Na portaria do Hotel El Dorado havia um recado para mim, pedindo para telefonar à universidade e falar com o professor Diego Molina. O recepcionista acrescentou ainda a seguinte explicação: trata-se do melhor fotógrafo da Guatemala, e ensina a sua arte a estudantes universitários.

Uma hora mais tarde o professor, aparentando uns 30 anos, alto e magro, chegou ao hotel para buscar-nos. No canto de sua boca estava um *hav-a-*

tampa, pequeno charuto que, na maioria das vezes apagado, ficava permanentemente entre seus lábios. No caminho para o seu estúdio, Molina contou como passara um ano e meio em Tikal a fim de fotografar a antiga metrópole maia em todas as estações do ano e a todas as horas do dia e da noite, sob os ângulos mais interessantes. Molina é colaborador da revista alemã *Geo*, bem como da *National Geographic Magazine* norte-americana. Não há imagens de Tikal mais deslumbrantes que aquelas que ele nos mostrou.

Molina perguntou se eu lhe permitiria fazer uma foto minha "dramática". Por que não? Mandou-me sentar numa cadeira giratória com baterias de *spots* concentrando sua luz no meu rosto. Obediente às ordens do mestre acabei por assumir determinada pose, em posição bastante incômoda, quando um dos costumeiros *black-outs* da rede de energia elétrica da Cidade da Guatemala mergulhou tudo na mais negra escuridão. Após a claridade excessiva, apenas consegui orientar-me pelo ponto vermelho do *hav-a-tampa* entre os lábios de nosso anfitrião. Logo mais os *spots* voltaram a brilhar.

Diego ia sentar-se num banquinho atrás de uma câmara grande, quando seu assento quebrou. A risada foi geral. Sentado noutro banquinho, Molina, imperturbável, ajustou a câmara, que deu um clique, enquanto um *spot* explodiu no teto do estúdio, deixando cair seus cacos na minha cabeça. Um tanto perturbado, olhei para as demais lâmpadas na sala, enquanto Molina informava que coisas assim costumam acontecer, vez por outra, mas nada havia para recear, por enquanto.

Suas palavras reconfortantes acabaram por me acalmar, quando vi sair fumaça de um transformador no qual estavam enrolados cabos parecidos com espaguete. O transformador emitiu sons sibilantes e, quando se tornaram mais graves, ele pifou de vez. Novamente estávamos no escuro. Diego Molina, mestre na improvisação, arrumou caixas com baterias, trocou fusíveis, contatos, enquanto o charuto continuava colado no canto esquerdo de sua boca e ele nos explicava o que estava fazendo. Após uns olhares perscrutadores, Molina ofereceu-me uma figurinha antiga para que a segurasse entre os dedos. Ao fim da sessão a estatueta escapou da minha mão, caiu no chão e quebrou.

Após essa experiência concluí que a profissão de modelo fotográfico é: a) muito cansativa, b) perigosa, c) não serve para mim. Na ocasião não sabia se a série fotográfica "Tikal" estaria disponível para ilustrar a edição deste livro. Diego Molina prometeu-me para *mahana* e cumpriu a sua promessa; as fotos chegaram a tempo.



Noturno — Evidentemente com essa minha cara de suíço não sirvo de modelo para uma "foto dramática".

Dando voltas para chegar a Copán

Na verdade nem queríamos ir a Tegucigalpa, capital de Honduras, pois o nosso destino era Copán, que fica bem mais perto da Cidade da Guatemala do que Tegucigalpa fica de Copán. Recomendaram que fizéssemos esse trajeto por avião, pois o trecho Cidade da Guatemala-Copán, através da selva, seria demais, mesmo para um jipe. Assim voamos para Tegucigalpa pela SAHSA, a companhia aérea hondurenha.

Vez por outra um pequeno episódio divertido recompensa o tempo perdido com uma volta absurda. Foi o que aconteceu no Hotel Honduras Maia, em cujo andar térreo funcionava um cassino de jogos de azar. Ralph e eu fomos vê-lo.

Por causa de dois jogadores uma mesa de roleta chamou a nossa atenção. À direita do crupiê estava um negro gordo, todo absorto no jogo; suava a ponto de o suor cair em gotas direto da cabeça para a jaqueta, visto que, de tanta gordura, nem tinha pescoço. Irradiava a alegria do eterno ganhador, pois, após cada jogada, via como aumentavam as fichas à sua frente, sempre com novas remessas enviadas pelo crupiê. Do outro lado da mesa, defronte ao negro gordo, estava um branco magro, com a barba por fazer, e que, após cada jogada, mostrava seus dois caninos amarelados, os únicos dentes em sua boca. Os dois, formando um par bem desigual, jogavam juntos.

Mal o disco havia parado, ocuparam os dois, com a rapidez de batedores de carteira, *todos* os campos de 1 a 36, e também o zero e o duplo zero, usuais na roleta americana; ao todo, pois, 38 números. É lógico que a dupla de mestres ganhava cada rodada, contudo perdia. O 36.º lance, o vencedor, ficou sobre a mesa, e o zero e o duplo zero pararam vazios. Foram pagas somente 35 rodadas, mas isso escapou ao negro gordo e ao branco magro. Quando a bola parou de girar, eles abriram os dedos num V da vitória, gesto que Winston Churchill inventou durante a última — esperemos que assim seja — guerra mundial. *Vitória!*

Os crupiês — cavalheiros distintos, conforme manda a sua profissão, em todas as mesas de jogo, ao redor do globo — fizeram o possível para dissimular sua gozação, mas trocaram olhares significativos. Para eles, jogadores que não sabem fazer as contas representam, literalmente, dinheiro vivo e, com um gesto de pouco caso, cobraram o que era devido à banca.



Aterrissagem em Copán.

Em Copán, a cidade mais sulina dos grandes centros maias

Em vez de viajar dois dias de jipe, atravessando a mata, tomamos um pequeno avião com um piloto indígena que, dentro de uma hora, nos deixou no campo de pouso cheio de desníveis e coberto de capim, em Copán, cidade de clima tropical como o de Tikal, e distando desta 270 km em linha reta.

Em 1576 o cronista espanhol Diego Garcia de Palácio (1)* escreveu a respeito de Copán:

** Este número refere-se à bibliografia no final do livro.*

"...Ali se encontram ruínas de templos maravilhosos, atestando a existência de uma grande cidade naquele local, que dificilmente se pode supor tenha sido construída por gente tão primitiva como a que habita a região. . . Entre essas ruínas. . . há coisas altamente notáveis. Antes de chegar lá, depara-se com muros muito espessos e uma enorme águia em pedra com um quadrado no peito, cujo comprimento lateral perfaz mais de

1/4 de côvado espanhol; nesse quadrado há símbolos de uma escrita desconhecida. Olhando mais de perto, distingue-se o vulto de um gigante em pedra do qual os índios dizem que teria sido o guardião do santuário. . . "

Hoje em dia, nada, absolutamente nada restou da "enorme águia em pedra". Os peritos chamam Copán de a maior atração de Honduras, de a "Alexandria do Novo Mundo". O norte-americano Silvanus Griswold Morley (1883-1948), renomado pesquisador maia (2), opina que Copán teria sido a cidade na qual a astronomia atingiu o seu mais alto grau de progresso e a considera como um centro da ciência maia.

Suas ruínas totalmente fechadas pela mata foram descobertas em 1839. Cem anos mais tarde foram iniciadas as escavações e, desde então, surgiram à luz do dia 38 esteias de uns 4 m de altura, em média, e de 1,50 m de largura; todas ostentam ricos relevos em estuque.

A literatura sobre esses achados é tão ampla quanto controversa. Conquanto uma opinião veja na "Esteia B" a tromba de um elefante, outra vê nela araras estilizadas. Numa região habitada outrora por pessoas comprovadamente imberbes, surpreendem rostos barbudos, conforme representados na "Esteia B", em número de dois.

O centro de Copán, com seus palácios e pirâmides, templos e terraços, fica na cidade alta bastante extensa e, portanto, chamada de acrópole. Quase exatamente no centro da cidade alta há o campo de jogo da bola, medindo 26 m de comprimento por 7 m de largura.

Por um golpe de sorte a Administração deu-nos Tony como cicerone. Esse rapaz alto, um tanto desajeitado, guia de turistas, revelou-se membro da *Ancient Astronaut Society*, sociedade fundada em Chicago em 1973, cujos membros estão espalhados em mais de 50 países pelo mundo afora. A AAS é uma organização de utilidade pública, cuja meta é, mediante a coleta de dados e troca de informações, comprovar a tese da visita de extraterrestres ao planeta Terra em tempos pré-históricos.

Tony chamou nossa atenção para detalhes que geralmente costumam passar despercebidos. Assim, paramos diante de uma esteia cujos ornamentos em estuque tinham grande semelhança com os existentes em Angkor Wat, o santuário Khmer no Camboja. Nessas ocasiões os arqueólogos costumam baixar os olhos, pois, não deve existir ligação, seja qual for, entre Copán e Camboja. Onde a gente iria parar se os mundos tão ordeiramente separados viessem a confundir-se?!

Tony mostrou-nos rodas dentadas, trabalhadas em pedra, assim como objetos parecidos com rodas, com cubos de roda no centro, altares decorados com glifos de datas e um objeto curioso lembrando e bastante uma moto.



Tony chamou nossa atenção para esteias ricamente ornamentadas, pelas quais os turistas costumam passar sem percebê-las.

No entanto a sensação maior foi e continua sendo a escada coberta de hieróglifos, com 63 degraus, levando a um templo hoje em ruínas. Os degraus da escada, de 10 m de largura, ostentam relevos; ali, grupos de pessoas sentadas se revezam com glifos indicando datas e uns 2.500 hieróglifos, constituindo a mais extensa das inscrições maias, na sua maior parte ainda não decifrada. Ao pé de uma pirâmide de degraus, Tony chamou nossa atenção para uma pedra de altar mostrando 16 sacerdotes-astrônomos tendo na cabeça um turbante oriental, agachados à moda oriental e tratando de um calendário ritual de 260 dias.

Ao contrário do que aconteceu com Tikal, Copán, situada no vale de Motágua, de 13 km, foi construída à beira do rio Copán. Mesmo assim os maias instalaram canais e reservatórios de água! A descoberta do sistema de canalização, estendendo-se por alguns milhares de quilômetros, foi possível graças ao moderno levantamento topográfico feito por radar.

Desde sempre se sabia que os maias instalaram canais, mas nunca ninguém se deu ao trabalho de passar por um desses canais. Somente em 1975 três exploradores norte-americanos (3) tiveram a idéia de trabalhar com radar na América Central; eles queriam saber se, debaixo da camada impenetrável da mata tropical, existiriam outras cidades maias. Patrick Culbert e Richard E. W. Adams, arqueólogos da Universidade do Arizona, apelaram à NASA solicitando sua ajuda e esta, em 1977, colocou à sua disposição o radar especial *Galilaeo II*, construído para o levantamento da superfície do planeta Vênus.

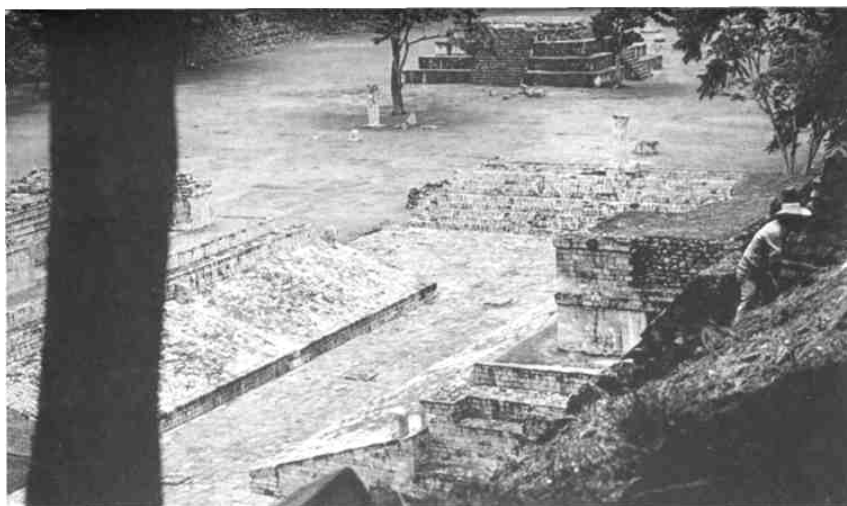
Além de emitir suas ondas de radar para baixo, o *Galilaeo II* ainda transmitia sinais e captava seu eco até 75° de distância, à direita do avião. Durante o vôo de duas horas, realizado pelos pesquisadores em outubro de 1977, uma região de mais de 20.000 km² foi cartografada pelo radar; em 1979 e 1980, outros vôos repetiram a missão com técnica aperfeiçoada.

Os exploradores acharam o que estavam procurando: maciços de pedras e sítios de ruínas encobertos pela vegetação. Esses pontos eram interligados por linhas "delicadas", ricas em curvas. Como resultado secundário, essa missão ainda revelou toda uma rede de canais planejada com perfeição.

Peço licença para apenas esboçar as perguntas que tornam a surgir e fazer referência a dados, tais como: quem deu as ordens para realizar as construções? Quem elaborou os projetos? De onde vieram as massas humanas empenhadas na execução simultânea de palácios, templos, pirâmides, estradas e canais? De onde vieram os agricultores encarregados de produzir os alimentos para o abastecimento daqueles exércitos de operários e suas famílias? Quem achar que tudo isto não tem nada demais, deveria antes refletir sobre as realizações de um povo da idade da pedra.



A escada dos hieróglifos.



O campo do jogo da bola, em Copán.

À luz do amarelo-ouro ofuscante do cair da tarde, fizemos o vôo de volta. As construções e as árvores projetavam sombras compridas, monstruosas. Tampouco as pessoas conseguiam fugir do onipotente projetor do pôr-do-sol, deslocando-se sempre mais para o horizonte.

Singular Xochicalco

O México, com seus 2.000.000 km² de superfície, nele Xochicalco não passa de um pontinho no mapa, embora esse lugar na América Central seja o abrigo de coisas maravilhosas e singulares. Ele faltava na minha coleção de preciosidades.

A viagem à Cidade do México em direção ao sul, através de florestas de pinheiros, cerrados ricos em cactos, passando por hibiscos e buganvílias, com a sua sinfonia de cores vibrantes, por orquídeas de todos os matizes, formas e preços de mercado, ao longo da rodovia, subindo para 2.800 km, parece um sonho das belezas mais sublimes deste nosso mundo maravilhoso. Passamos pelo estreito vale de Cuernavaca, subtropical, do qual os indígenas dizem que, outrora, teria sido o céu na terra. O clima é ameno, o campo é fértil e as pessoas são, portanto, amáveis e cordiais. A sinalização nas estradas é correta, confiável, com os pictogramas das placas convidando para as atrações que se oferecem ao longo da estrada, tais como: a gruta de Cacahuamilpa, os sete lagos nas fraldas cobertas de florestas de Zempoala e as muitas pirâmides de degraus.

Um monumento maia até agora indefinido no seu sentido.



À altitude de 1.500 m, uma placa com o pictograma de uma pirâmide indica a direção de Xochicalco, situada no topo de uma montanha, nos contrafortes do vulcão Ajusco. Os construtores da pirâmide nivelaram o pico da montanha, para os seus fins. Não se sabe quando isto aconteceu; consta dos autos que, no século IX d. C, esse era o local da mais notável fortaleza da América Central. Isto quer dizer alguma coisa, mas não o bastante, pois séculos antes daquela data ali se encontrava um centro astronômico com um observatório fora de série. Qual teria sido o nome primitivo de Xochicalco? Quem o saberia? Traduzido do idioma *nahua*, Xochicalco quer dizer "lugar da casa de flores". Este nome tem a vantagem de corresponder aos fatos, ao contrário de outros nomes, dados arbitrariamente. Para tanto, basta dar uma olhada em volta.

Atualmente, apenas uma parte ínfima do complexo de ruínas chegou a ser escavada. Hoje em dia predominam a pirâmide principal, *La Malinche*, e

o palácio, bem como, situado a nível inferior, o campo do jogo da bola (69 x 9 m), exemplarmente nivelado pelos seus construtores. Na área com uma superfície de 1.300 x 700 m, todas as construções escavadas estão orientadas em direção norte-sul. Duas pirâmides idênticas e localizadas uma em frente à outra revelam a orientação de astrônomos dada às suas construções, pois, no equinócio, o sol brilha exatamente sobre os centros dessas duas pirâmides.

La Malinche situa-se em terreno quase quadrado (18,60 x 21 m); a pirâmide principal é orientada pelas quatro direções do céu; no seu lado oeste, uma escada de 9,60 m de largura e 14 degraus conduz ao alto do monumento (16,60 m). As paredes externas ostentam relevos que, supostamente, representariam oito serpentes emplumadas. Olhando bem antes parecem representar dragões alados com os corpos agarrados à pirâmide. (As cabeças desses monstros caberiam, perfeitamente, nos adornos do templo do soberano celeste em Pequim!) Observando à devida distância, ao lado das serpentes ou dos dragões, há vultos humanos de pernas cruzadas e turbante na cabeça; são bem vestidos e usam muitas jóias. Ademais, há, como não poderia deixar de ser, toda uma série de glifos ainda a serem decifrados. Os relevos foram cortados em placas de andesito e encaixados um no outro sem deixar frestas, quase sem argamassa. Outrora a pirâmide deve ter brilhado com todas as cores do arco-íris, pois foram encontrados restos de tintas de todas as tonalidades.

A atração singular de Xochicalco encontra-se no seu subsolo. Ali galerias foram cortadas na rocha e o seu teto tem aberturas que permitem ver as estrelas. Essas galerias subterrâneas constituem o observatório a 10 m abaixo do solo que possui um só mirante. Observatório esquisito.

Uma das galerias foi aberta na rocha a 8,50 m de profundidade. Ali, debaixo da galeria, foi construída uma câmara com saída lateral; depois, torna a ficar fechada deixando livre um pequeno poço no centro. Esse poço, com paredes heptagonais, dá saída para cima, em direção quase reta, com apenas uma leve inclinação. Em 21 de junho, ao meio-dia, com o sol em posição vertical, começa um espetáculo grandioso. Como ainda não pude presenciar um solstício de verão em Xochicalco, pedi ao engenheiro mexicano, Gerardo Levet, o favor de descrevê-lo:

"Na câmara de rocha subterrânea a escuridão é total, salvo um difuso brilho de luz no chão. Pouco antes do meio-dia, índios, levando velas acesas nas mãos, entram no recinto. Mies também levam amuletos e recipientes com água, que colocam no centro e ficam esperando pela chegada da luz celeste para banhar os amuletos e refletir-se nos espelhos d'água. Aos poucos o sol sobe no firmamento e sua luz cai, através do poço, na câmara de rocha. As 12,30 h, precisamente, chega o grande momento. Descendo pelas paredes

os raios da luz atingem o recinto, e sua faixa alarga-se até encher o poço e iluminar a câmara de rocha. De repente, partindo do chão, cascatas de luz projetam-se em todas as direções, ampliando-se e propagando-se com os dedos cintilantes de um raio laser. Não sei, e ninguém é capaz de explicar, como se produz tal efeito. Por uns 20 min o espetáculo esplendoroso continua, tornando o recinto cintilante como um cristal, refletindo os raios de luz. Calados, os índios olham para o poço de luz; quando a luminosidade se esvai, recolhem os amuletos e os recipientes com água e os levam para fora. Tão logo voltam a superfície terrestre, irrompem em risadas, dançam, cantam e agradecem a seu deus a graça recebida."

O que significaria todo esse espetáculo? Quem teria inventado esse excêntrico jogo de luz? Quem teria calculado a inclinação do poço para receber o sol, em 21 de junho, às 12,30 h? Quem exigiu toda aquela obra de construção para proporcionar um espetáculo já conhecido dos maias em forma modificada? Pois convém lembrar que o povo maia vivia em recintos escuros, com pequenas aberturas de janelas e, assim, tinha ocasião de sobra para observar o jogo de luz promovido pelo sol. Mm vez de responder, a gente apenas pode tecer especulações. Será que, outrora, uma estátua divina, munida de um espelho mágico, foi guardada na câmara debaixo da galeria mais profunda?



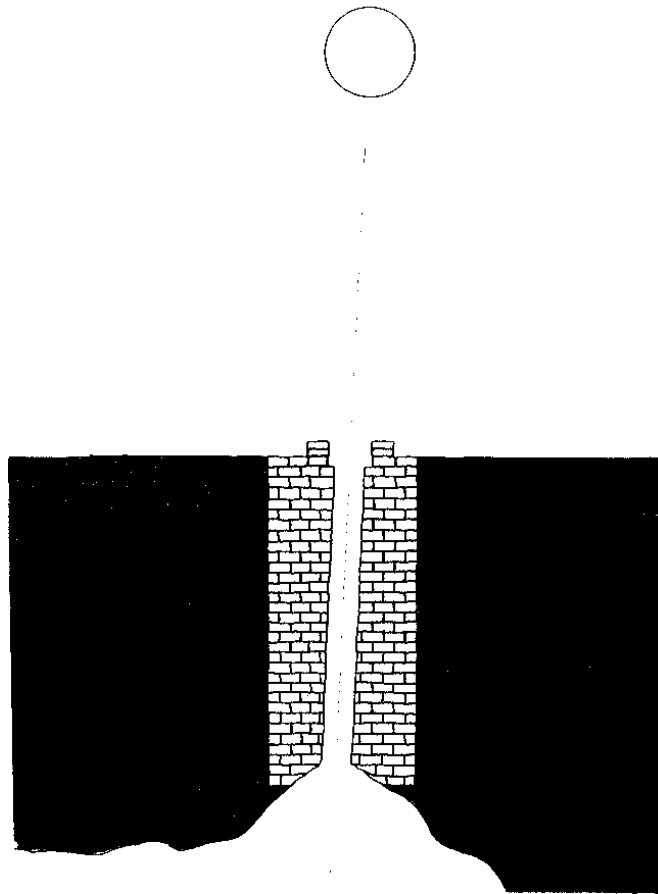
La Malinche, a pirâmide principal.



Serpente emplumada? Dragão voador?



As paredes do poço formam um heptágono.



Será que os astrônomos mandaram construir o poço heptagonal como símbolo das sete cores espectrais do arco-íris? Teria sido esse o local onde foi trabalhado um material visível apenas à luz polarizada? Ou, por ocasião das escavações, teria sido removida uma pedra fluorescente à qual os indígenas antigos atribuíam poderes mágicos?

John Stephens e Frederick Catherwood relatam um episódio singular no segundo volume da sua renomada obra (4), referindo-se a uma crônica do espanhol Francisco Antônio de Fuentes, datada de 1700, ou seja, 140 anos antes da época desses dois autores. Fuentes descreveu uma visita à antiga cidade maia de Patinamit, centro dos índios kachiquel, conforme segue:

"A oeste da cidade há uma colina sobressaindo do horizonte, e nessa colina há uma pequena casa redonda de uns 1,80 m de altura. No centro

dessa casa há um pedestal de matéria cintilante parecida com vidro, porém a qualidade efetiva desse material é ignorada. Ao redor daquela casa, os juizes tomavam assento para pronunciar suas sentenças, que eram prontamente executadas. Todavia, antes de sua execução, a sentença tinha de ser confirmada pelo oráculo. Para tanto, três juizes levantavam-se de seus lugares e dirigiam-se à entrada de um vale, o local da invocação, com uma pedra preta, transparente, em cuja superfície aparecia a divindade e confirmava a sentença. Na ausência da aparição sobre a pedra preta, o condenado era imediatamente solto. Essa mesma pedra foi consultada para decidir a respeito de guerra e paz. Posteriormente o bispo Francisco Marroquin soube daquela pedra e mandou despedaçá-la; o pedaço maior serve de tampa de altar na igreja de Tepcan Guatemala. A pedra é de uma beleza ímpar medindo 1,35 m de comprimento lateral."

Quando, em suas viagens de pesquisas através das regiões maias, Stephens e Catherwood visitaram a igreja de Tepcan Guatemala e pediram para ver a pedra do oráculo, ela já não dava mais para cobrir todo o altar; o padre alegou que possuía tão-somente um pequeno pedaço da pedra sagrada venerada pelos índios, e acabou por tirar da sacola um caco de lousa comum!

Será que o cronista Fuentes se perdeu em imagens fantasiosas ao descrever a pedra do oráculo, ou será que o padre mostrou "uma pedra qualquer" porque estava com medo da pedra verdadeira. . . ou nem a possuía mais?

Considerando os grandes talentos dos sacerdotes indígenas para encenações imponentes, seria bem plausível que tivessem incluído nos seus rituais o show da luz, em 21 de junho. Isto seria uma explicação parcial, porém em nada esclareceria o significado das peculiaridades do observatório subterrâneo. Em todo caso, está fora de dúvida o fato de aquele recinto representar uma obra-prima da astronomia.

Os quatro índios voadores de El Tajín

Sempre estive interessado nos *voladores*, os índios voadores, mas nunca passava por El Tajín. Em Acapulco eu poderia ter apreciado esse espetáculo que, por seu caráter folclórico, se tornou uma das principais atrações turísticas daquela cidade. Dessa vez, não deixei de visitar El Tajín.

Às 16 h Ralph, Helmut, um jornalista alemão, e eu, a bordo de um avião da MEXICANA, pousamos em Veracruz, a primeira e hoje mais importante cidade portuária do México, fundada em 1519 pelos espanhóis. Após três horas de viagem de automóvel por plantações de frutas cítricas e bananas, no litoral do mar do Caribe, achamos que era tempo de procurar um lugar para

pernoitar.

Fomos parar na cidadezinha de Tecolutla. Lá estava sendo celebrada uma *Fiesta Mexicana*. Bandas de música enchiam as ruas com os seus sons ruidosos. Em todas as praças o povo dançava com ritmo e obsessão, como só se dança naquelas plagas. As pessoas formavam muros vivos, inexpugnáveis. Todos os bons hotéis estavam lotados; conseguimos lugar num hotel de segunda categoria, o MAR Y SOL, que já tivera sua época de glória. Os quartos eram grandes e, além disso, limpos, mas era só. Nada funcionava. O calor sufocante era insuportável e, assim, procuramos refúgio no jardim do restaurante.

Um senhor de idade, simpático, pediu licença para sentar-se à nossa mesa. Eu lhe perguntei como agüentava o calor, de paletó e gravata, que, de fato, usava. Um verdadeiro *gentleman*. Entabulamos conversa; perguntamos-lhe por que o hotel estava em tal estado de abandono, uma vez que, em outras épocas, já conhecera dias melhores. O cavalheiro deu um pequeno sorriso e falou:

— Tenho 64 anos e sou mexicano legítimo. Posso assegurar-lhes: neste país nada muda, pouco importa quem estiver no governo. Isto é devido aos nossos conceitos sobre a vida e ao clima. O México é um país maravilhoso; temos petróleo, ouro, prata, pedras preciosas e ainda urânio em grande quantidade. Somos ricos. Temos regiões desérticas, matas virgens e montanhas altas. Aqui se encontra de tudo, desde o calor abrasador até o gelo eterno. É um país incomparável. A única desvantagem está no fato de aqui morarem mexicanos demais!

O cavalheiro sorriu-nos enquanto preparava seu copo com tequila, uma pinga de agave, à qual adicionou uma pitada de sal e pedacinhos de limão. Por nossa vez, tomamos um vinho nacional, seco, muito gostoso.

— Por que nada funciona? — falei. — A geladeira do nosso quarto não está quebrada a partir de ontem, pois nela já existem teias de aranha. A lâmpada do banheiro está quebrada, e não fomos nós que a quebramos. Numa meia dúzia de drogarias procuramos pasta dentifrícia e não encontramos. . .

O cavalheiro ajeitou a gravata e, piscando um olho, disse:

— Vou contar-lhes uma história verdadeira, um caso verdade. Talvez vocês compreendam melhor nossa mentalidade. O trem que faz o trecho Villahermosa—Campeche quase sempre chega atrasado, mas ninguém se importa com isso. O povo mexicano, brancos, índios esperam pacientemente na estação, conversando, tomando tequila e despedindo-se da família inúmeras vezes. Certo dia um milagre aconteceu: o trem chegou duas horas adiantado. Os passageiros ficaram em alvoroço; corriam para lá e para cá,

em busca da mulher, dos filhos, das bagagens. Enfim, o caso ficou esclarecido: soube-se que era o trem da véspera!

Nosso companheiro Helmut, jornalista e fotógrafo, insistia em fotografar El Tajín à luz do sol nascente; por conseguinte, pusemo-nos a caminho às 5 h da madrugada, hora de a gente ainda estar dormindo. Os primeiros reflexos de luz espalhavam-se timidamente no horizonte escuro quando chegamos à Reserva Arqueológica de El Tajín. Orgulhosos de madrugar, dirigimo-nos ao portão de ferro onde fomos barrados por um guarda, que insistiu no regulamento, que só permitia a entrada a partir das 9 h. De nada adiantaram as nossas tentativas de "conversar" o homem; nem a oferta de uma gorjeta, em geral infalível, surtiu o efeito desejado. Por trás das costas do zeloso guarda, cuja atenção prendemos entabulando conversa com ele, Helmut entrou na Reserva e conseguiu fazer as fotos de El Tajín à luz do sol nascente. Às 9 h em ponto entramos na área.

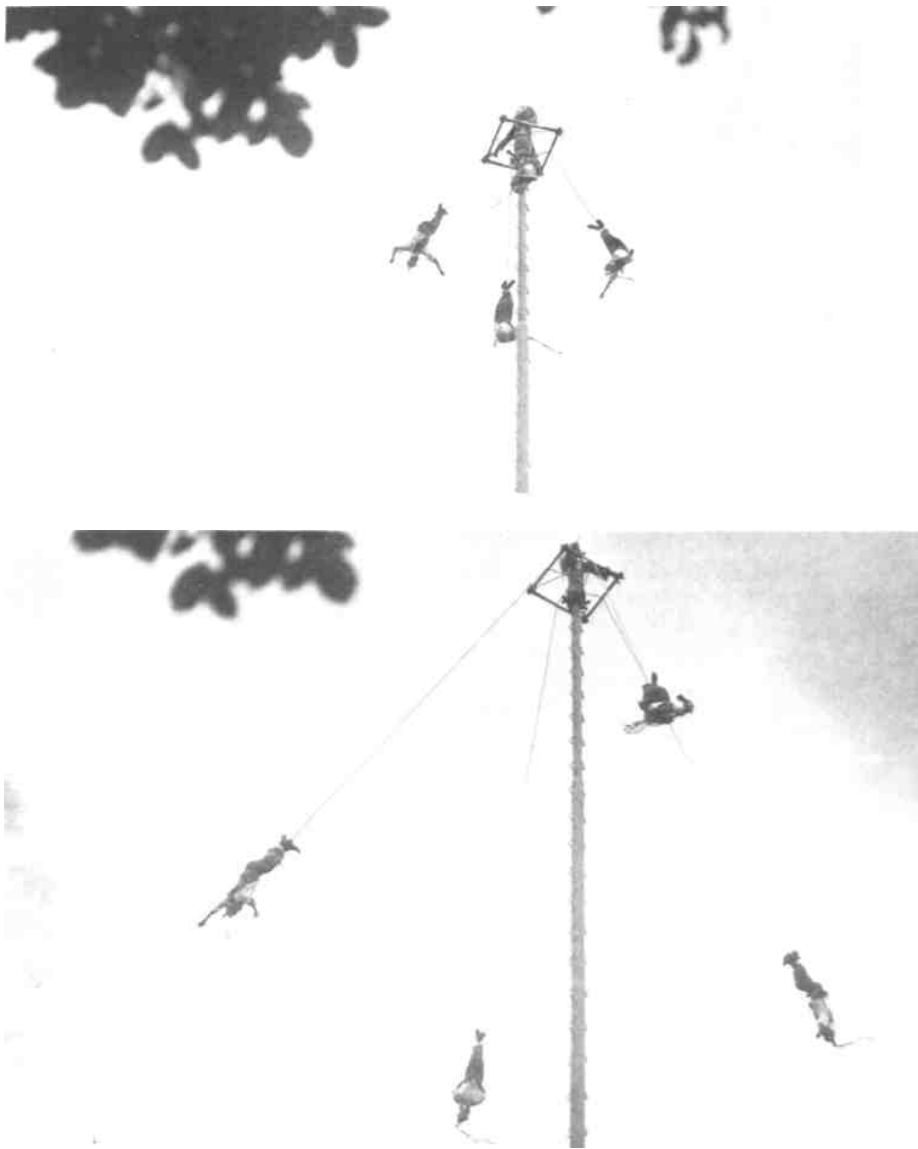
Desculpem, já estou ficando sem jeito por causa desse estereótipo que sempre volta a correr, porém a culpa não é minha. Também aqui os construtores são ignorados. Há especulações de sobra a respeito; no entanto, é líquido e certo o fato de o povo de El Tajín ter tido ligação com a civilização maia e a de Teotihuacán. O lugar leva o nome da grande pirâmide de nichos chamada *Tajín*, nome a ela atribuído pelos totonacos, uma tribo indígena que habitava a costa do golfo e tinha seu próprio idioma. Algumas vezes *tajín*, que significa "raio", foi interpretado como significando "trovão" e "fumaça".

Em El Tajín havia dois campos de jogo da bola, um dos quais apresenta maravilhosos relevos nas paredes laterais que o cercam. A maior atração do lugar é a pirâmide de sete degraus (35 x 35 m de base x 25 m de altura), com 365 nichos e escadaria íngreme, única no seu gênero. Diz-se que cada nicho seria para um dia do ano e cada dia do ano era dedicado a determinada divindade. Essa pirâmide foi erguida sobre outra, mais antiga, desconhecida, de pedras vulcânicas. O templo, no topo da pirâmide, ostenta representações da serpente emplumada. De acordo com a posição do sol, os nichos projetam sombras curtas ou compridas; ao meio-dia, brilham em tons de amarelo-mostarda; ao pôr-do-sol, refletem o seu arrebol.



Esta pirâmide tem 365 nichos, um para cada dia do ano.





Os voladores.



O Palácio das Belas-Artes na Cidade do México.

Embora até agora se conheça apenas uma décima parte de El Tajín, já se sabe que mais de uma centena de construções continua debaixo da densa vegetação esperando o dia de ser trazida à luz do sol. Os totonacos, cujos descendentes continuam habitando a região, afirmam que El Tajín foi construída por seus antepassados. Isto não corresponde aos fatos, pois El Tajín já existia muito antes de existirem os totonacos.

Ao subirmos os degraus da pirâmide fomos chamados pelo guarda da Reserva a quem havíamos comunicado a finalidade da nossa visita e que não nos deixara entrar antes da hora marcada.

— *Los voladores, Señores!* — chamou e levou-nos para ver os índios voadores.

No centro de um círculo havia um mastro de ferro de uns 50 m de altura do qual se aproximaram, correndo, cinco índios usando calças vermelhas com listras multicores, camisa branca e capuz de cor viva. Quatro deles tinham pequenas flautas e começaram a tocar uma melodia monótona, levemente ritmada com os toques de um pequeno tambor. Executaram uma

dança, ora de cabeça abaixada, ora erguida, até entrarem em êxtase, quando seus movimentos ficaram mais bruscos, seus pés se contraíram no ritmo da melodia. . . Finalmente os instrumentos silenciaram no momento em que os quatro dançarinos estavam no centro do círculo, de corpo inclinado quase até o chão.

Perfeitamente descontraídos, um índio após o outro dirigiu-se ao mastro para galgá-lo. Ao chegar ao topo, pisou num pequeno disco ao qual amarrou o tornozelo direito com cordas. Em seguida, o quinto índio apareceu no topo do mastro; ele continuou a tocar a mesma melodia na flauta e, na minúscula plataforma sobre a qual se encontrava, moveu-se cm dança rítmica, andou ao seu redor, marcou com os pés o mesmo ritmo que com seus companheiros haviam dançado no solo antes de subirem no mastro. De repente a flauta reteve determinado som, aparentemente o sinal para os quatro índios se precipitarem para baixo. Era como uma queda suspensa, pois a corda estava presa no mastro, desenrolando-se com o giro dos *voladores*. De braços estendidos eles voaram ao redor do mastro dando 13 voltas. Isto tem um significado. Quatro índios dão 13 voltas, perfazendo assim 52 giros, com o número 52 correspondendo a um ciclo do calendário maia! De 52 em 52 anos, os maias receavam pela volta dos deuses; de 52 em 52 anos, perscrutavam as quatro direções do Universo. Aqueles quatro índios intrépidos encarnavam e simbolizavam o acontecimento mítico.

Povo esquisito os maias. Quem eram eles? Quem eram os seus antepassados? Fossem o que fossem e com tudo quanto se falou e escreveu a seu respeito, é bom lembrar: "Não existem verdades indiscutíveis e, se existissem, seriam bem enfadonhas", conforme escreveu Theodor Fontane (1819-1898).

II

O COMEÇO ERA O FIM

A VERDADE É PARECIDA COM O CÉU
E A OPINIÃO, COM AS NUVENS.
Joseph Joubert (1754-1824)

O *tlachtli* teve sua estréia no Ocidente na corte espanhola, em Granada, num dia ensolarado do outono de 1528.

Hernando Cortês, muito bem-sucedido em tudo, tanto nos campos de batalha quanto nas intrigas políticas, trouxe do México para o seu imperador, Carlos V, rei da Espanha (1519-1556), além de riquíssima presa, uma equipe asteca de jogadores da bola que, no *tlachtli*, deveria demonstrar seus extraordinários talentos esportivos para divertimento do rei e dos nobres de sua corte. O jogo aconteceu num pátio retangular de 40 x 15 m, circundado por um muro em cujo topo estavam acomodados a família real e seu brilhante séquito. Acostumados com as atrações diárias de toda sorte, de início a ilustre platéia demonstrou certa indiferença pelo espetáculo, porém, logo em seguida pararam as conversas dos cavalheiros e os leques de marfim das damas deixaram de abanar suas donas; os olhos de todos acompanharam atentamente o desenrolar dos acontecimentos no campo. Até aquela tarde o Velho Mundo ainda não assistira a um espetáculo como aquele.

Índios de excelente preparo físico jogavam com uma bola elástica, pesando cerca de 2,5 kg, feita de um material esquisito que chamavam de borracha. O jogo tinha regras rigorosas que proibiam tocar na bola pesada com as mãos ou os pés; tampouco a bola podia tocar no chão e, muito menos, ficar lá por um instante sequer. A partida foi disputada com um incrível jogo de quadris, movimentos habilíssimos dos cotovelos e joelhos.

Evoluindo cm saltos ornamentais, os jogadores movimentavam a bola usando os quadris, ombros ou braços. A equipe que não conseguia devolver a bola ao campo adversário perdia pontos. O auge e a meta da luta estavam em lançar a bola de borracha por um anel de ferro embutido no muro, bem no meio do campo, a boa altura. Um jogo suicida! Havia fraturas de nariz; os ossos dos jogadores se quebravam com ruído desagradável, a ponto de deixar desmaiadas algumas damas da corte. "Alguns jogadores foram retirados do campo mortos", relatou uma testemunha ocular daquele show sensacional, "...ou sofreram graves ferimentos nos joelhos ou nas coxas!" (1).

O jogo *tlachtli*, apresentado pelos aztecas como última novidade na Europa, existia desde milênios, sendo que os aztecas davam prosseguimento a uma antiqüíssima tradição maia. Para os maias, a bola maciça simbolizava o movimento dos planetas, pois, segundo sua crença, o Universo era o campo sagrado tio jogo dos deuses, cujas bolas eram os próprios astros. O bispo Diego de banda, diligente cronista de sua época, relatou que, originalmente, os deuses eram os jogadores e somente após o seu desaparecimento os sacerdotes maias tomaram o seu lugar e começaram a praticar o jogo (2).

No mundo da fantasia dos maias, os deuses jogavam bola com os astros! Com tal exemplo, não surpreende o falo de, na versão terrena do jogo tia bola, a disputa ter sido de vida ou morte. O capitão da equipe perdedora era sacrificado ao deus do jogo, *Xolotl*, ainda vivo, linha o coração arrancado do peito. Os demais membros da equipe perdedora ou eram vendidos como escravos ou igualmente sacrificados à divindade. Os vencedores eram regamente homenageados, recebiam ricos presentes em jóias e roupas. Como as crônicas antigas falam que o público jogava sementes de cacau para o campeão, é lícito supor que esse fruto da América tropical era bem conhecido e apreciado. *Grosso modo*, as regras do jogo de *tlachtli* eram extremamente duras, brutais, seguindo o exemplo das que valeram para o jogo dos deuses com os planetas, no Universo.

Que espécie de povo seriam esses maias, construtores de grandes centros urbanos, pirâmides e observatórios, e que, malgrado essa sua alta civilização, sacrificavam seres humanos em um jogo de bola? Quem eram os seus deuses, cujo pingue-pongue com os planetas foi imitado no violentíssimo *tlachtli*?

Da desgraça de uma descoberta

Por muito pouco o capitão genovês Cristóbal Colón, que passou paia a história Universal como Cristóvão Colombo (1451-1506), teria sido o primeiro homem branco a tomar contato com os maias. No verão de 1502, por ocasião da sua quarta viagem de descobrimentos, ele velejava ao largo da costa hondurenha quando, inesperadamente, avistou um barco comercial indígena. Apesar de os marinheiros espanhóis terem reparado nas vestes coloridas da tripulação do barco índio, Colombo não se deu ao trabalho de abordá-lo para urna eventual inspeção, mas continuou na sua rota, em direção ao leste, nas águas do Caribe por ele desconhecidas. Naquela ocasião os maias conseguiram escapar de ser descobertos.

Nove anos mais tarde, em 1511, eles sofreram sua descoberta, quando,

em missão diplomática, o capitão Pedro de Valdívia velejou do Panamá para Santo Domingo. Por ordem de *El Rey*, o capitão estava encarregado de entregar ao governador de Santo Domingo um relatório secreto, informando-o das intrigas urdidas pelo Panamá, junto com um presente para o rei, de 20 mil ducados de ouro.

Valdívia velejou a bordo de uma caravela, do tipo que provou ser de grande utilidade nas viagens de descobertas, devido a sua quilha, bordo baixo e castelo alto. Na altura da Jamaica a caravela naufragou, batendo contra um recife de coral. Valdívia estava entre os vinte homens que lograram escapar a bordo de um barco salva-vidas do tamanho de uma casca de noz. Sem suprimentos nem água, com a vela rasgada, o remo quebrado, os naufragos foram levados pelas ondas para a costa oriental da península de Iucatã. Oito homens morreram; seus cadáveres foram jogados no mar para os tubarões; apenas doze esqueletos humanos atingiram a praia. O bispo Diego de banda conta o que aconteceu com eles:

"Essa pobre gente caiu nas mãos de um cacique malvado, que sacrificou aos deuses Valdívia e mais quatro de seus homens e ofereceu suas carnes, em banquete, ao povo. Aguilar e Guerrero (um sacerdote e um marinheiro), bem como cinco ou seis outros, ficaram prisioneiros do cacique

para engordar. Conseguiram fugir e foram até um outro cacique, bem mais humano e inimigo do primeiro; este os fez seus escravos e lhes dispensou bons tratos. No entanto, logo mais os homens faleceram, com exceção de Gerónimo de Aguilar e Gonzalo Guerrero. Aguilar foi um bom cristão, possuía um breviário e, assim, não se esquecia dos dias santificados..." (2).

Gerónimo de Aguilar, o sacerdote, e Gonzalo Guerrero, o marinheiro, moravam com os maias na costa oriental de Iucatã, nas proximidades da cidade de Tulum, com suas fortalezas e palácios; eles aprenderam a falar o idioma maia, granjearam a confiança dos seus anfitriões e chegaram a servir ao soberano local como assessores.

O sacerdote e o marinheiro conviveram com os maias durante oito anos até que, na primavera de 1519, Hernando Cortês (1485-1547), o conquistador do México, aportou com dez navios na ilha de Cozumel. Logo à sua chegada, Cortês foi informado pelos índios, que o acolheram de maneira muito amável, da presença de dois espanhóis barbudos que ali viviam como prisioneiros. De imediato, Cortês, sempre alerta, planejou uma expedição militar para libertar seus conterrâneos, da qual acabou por desistir, porque seus capitães a acharam arriscada demais em águas desconhecidas, cheias de recifes e atóis.

Assim sendo, Cortes contentou-se com o envio de uma mensagem em

espanhol ao soberano da ilha pedindo a libertação dos seus conterrâneos; simultaneamente mandou uma carta a cada um dos prisioneiros convidando-os a reunirem-se com sua tropa. Para tal atitude Cortes não foi motivado, em absoluto, por amor ao próximo, mas sim pelo fato de reconhecer o quanto seriam importantes para suas conquistas dois espanhóis conhecedores do idioma maia, dos costumes e da vida daquele povo a essa altura totalmente desconhecido.

Um indígena nobre assumiu o papel de mediador entregando as respectivas mensagens e levando presentes sem valor, tais como contas de vidro, para comprar a liberdade dos cativos.

O sacerdote Gerónimo de Aguilar atendeu ao chamado e passou a servir Cortês como intérprete e informante de grande valor.

Naquela época o marinheiro Gonzalo Guerrero já não era mais escravo havia muito. Entrementes, mudara-se para Chetumal, cidade vizinha de Tulum, onde teve boa acolhida por parte do soberano local e até casou-se com a filha deste, uma princesa legítima.

Gonzalo leu o convite de Cortês e recusou-o veementemente, pois já estava perfeitamente entrosado na mentalidade maia e sabia muito bem qual seria a sorte dos seus novos amigos assim que os espanhóis comessem a espalhar o terror sob o sinal da cruz. Por conseguinte, Gonzalo respondeu a Cortês:

"Sou casado, tenho três filhos, fui nomeado cacique-de-guerra. Meu rosto está tatuado, meus lábios são perfurados, uso brincos. O que falaria com os espanhóis ao ver-me entre eles nessas condições. . . " (3).

Gonzalo Guerrero tornou-se o inimigo mais feroz dos espanhóis. Conclamou os maias para a resistência aos invasores e, desesperado, procurou esclarecê-los a respeito dos verdadeiros propósitos e intenções dos conquistadores brancos. Ao longo de 17 anos, Gonzalo lutou contra seus conterrâneos; ele foi o primeiro guerrilheiro da América Central. Somente em 1536 os espanhóis mataram, no oeste de Honduras, um homem branco, barbudo, engajado na luta dos maias. O branco estava nu, tatuado, usava brincos e jóias indígenas; era Gonzalo Guerrero.

A cruz como pretexto, o ouro como meta

Dois anos antes da chegada de Hernando Cortês, em fevereiro de 1517, o almirante Francisco Hernández de Córdoba zarpou de Santiago de Cuba com 3 navios e 110 marinheiros, para capturar escravos em qualquer lugar. Após uma viagem de três semanas, os espanhóis avistaram a cidade de Ecab. Embora impressionados com os templos e as pirâmides, a beleza da

arquitetura maia não os impediu de saquear a cidade da maneira mais feroz e de matar seus habitantes com suas armas superiores às dos indígenas. Isto era parte integrante da estratégia dos conquistadores na "descoberta" da América Central.

Após a vitória brutal, arrasadora, em Ecab, o almirante Córdoba ordenou a seus capitães que tomassem rumo do oeste, em direção ao golfo de Campeche. Ali, os maias acorreram em grande número para receber os forasteiros e a eles ofereceram tudo quanto tinham a ofertar.

Essa breve escala revestiu-se de importância extraordinária, pois foi ali que espiões informaram o almirante da existência de Champotón, mais ao sul, descendo a costa. Champotón, cidade grande e rica, era o centro dos itzá-maias, uma dinastia sob influência tolteca, assim como o eram os astecas, imigrados do norte, no México pré-colombiano.

Talvez o soberano de Champotón fosse mais desconfiado do que seu colega de prefeitura de Ecab, ou tivesse sido avisado das intenções dos estrangeiros, o fato é que colocou 100.000 guerreiros maias no porto e mandou cercar os espanhóis. O bispo Diego de Landa descreveu o massacre:

"Para não passar por covarde, Francisco Hernández de Córdoba colocou seus homens em formação de batalha e mandou entrar em ação os canhões de bordo. No entanto, malgrado o barulho, a fumaça e o fogo, desconhecidos dos índios, eles não pararam de atacar os espanhóis, soltando estridentes gritos de guerra. Os espanhóis defenderam-se, infligindo horríveis ferimentos aos atacantes e matando muitos deles. Apesar disso, o cacique não parou de ordenar o ataque a seus homens, até que, enfim, os espanhóis bateram em retirada. Vinte espanhóis morreram, 50 ficaram feridos, 2 foram capturados pelos índios e, posteriormente, sacrificados. O próprio Francisco Hernández de Córdoba sofreu 33 ferimentos e, vencido e deprimido, retornou a Cuba. . . " (2).

Poucos dias após sua volta o almirante Córdoba faleceu na sua fazenda, em Cuba, em consequência dos ferimentos. No seu leito de morte mostrou a seu amigo, Diego Velásquez, governador de Cuba, uma estatueta em ouro e alguns objetos de culto trazidos daquela malfadada expedição. E, com o instinto dos conquistadores espanhóis, o governador seguiu a pista do ouro.

Já na primavera de 1518, Velásquez despachou uma força expedicionária fortemente armada, que, sob o comando de seu sobrinho, Juan de Grijalva, tinha ordens de tomar para a coroa espanhola as terras descobertas pelo falecido almirante Córdoba.

Navegando em direção ao Sul, a 5 de maio de 1518, um ano após a visita de Córdoba, Grijalva atingiu a ilha Cozumel.

Tulum



Os padres, sempre presentes em todas as expedições de conquista, espalharam-se por toda parte a fim de batizar os índios que, até então, viviam felizes e em paz. Os indígenas refugiaram-se no continente para escapar da desgraça. De imediato, os espanhóis desconfiaram que os índios teriam se

retirado para uma das suas lendárias cidades de ouro. Logo, localizá-los significaria encontrar o ouro. Velejando ao longo da costa oriental de Iucatã, Grijalva e seus homens ficaram maravilhados com a visão de tanta cidade com templos e torres brancos, que lhes parecia tão grande e poderosa como Sevilha. Era a cidade de Tulum, situada no topo de um íngreme recife, na costa do Caribe, o centro da civilização maia, em cuja vizinhança o sacerdote Aguilar e o marinheiro Gonzalo Guerrero passaram oito anos. Os espanhóis não tiveram coragem de atacar Tulum, pois suas possantes fortificações lhes pareciam inexpugnáveis.

De fato, Tulum era uma das poucas cidades maias que, em três dos seus lados, era cercada por uma muralha, enquanto as demais costumavam ser abertas, sem fortificações nem muralhas. Tulum era uma cidade toda especial, construída segundo determinado plano; suas ruas principais eram traçadas em paralelo na direção norte-sul. Os templos e outras construções de culto, em parte, de mais de um andar, erguiam-se como faróis branco-amarelos, destacando-se do pano de fundo verde-azulado do mar do Caribe. O santuário-mor era o templo do deus alado, descendo das nuvens, classificado como deus das abelhas, *ah muzen cab*, pela arqueologia moderna. Todavia as representações artísticas, em estuque do suposto deus das abelhas, encontradas em muitos prédios, dão idéia de algo bem diverso de uma abelha, diligente coletora de mel; mostram um ser descendo do céu com rosto de feições absolutamente humanas. Parece estar em pleno vôo para baixo; seus braços estão dobrados e nos seus punhos bem caberiam chaves manuais de manobra. Seus pés, calçando sapatos, repousam sobre pernas de pau, emplumadas, com grandes pedais. O fato de o suposto coletor de mel celeste ainda usar macacão e capacete vem a completar o enigma.

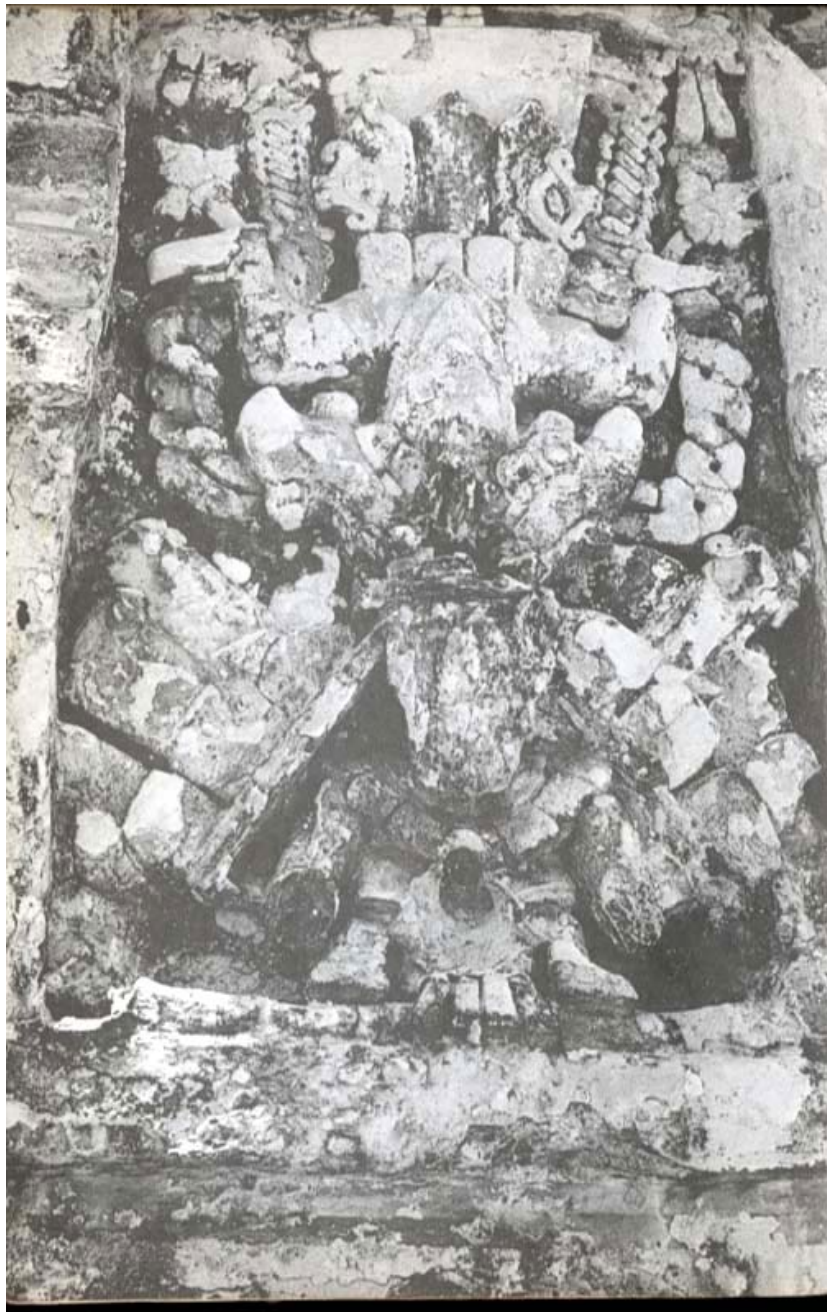
Tulum, diante de cujas portas Grijalva capitulou sem luta, significa "fortaleza"; nos tempos maias seu nome teria sido Tzama, "cidade da alvorada". Partindo de Tulum, estradas de muitos quilômetros levavam a outros centros maias, tais como Cobá, Yaxuna e Chichén-Itzá.

O almirante Grijalva assustou-se com uma cidade de história milenar. Isto se tem como certo porque o grande passado de Tulum ficou documentado por glifos maias de datas, em esteiras e no "Templo dos Afrescos", que chegaram a ser decifrados. Juan de Grijalva deveria ter entrado naquela soberba cidade a fim de apreciá-la, sem as segundas intenções de conquistá-la.

Em vez disso ele prosseguiu viagem rumo ao Sul, convencido de que Iucatã era uma ilha e, circunavegando-a, voltaria ao seu ponto de partida. Comandou sua frota para entrar numa baía e, como era dia da Ascensão de Cristo, chamou-a de Ascensión, nome que conserva até hoje.

Esta ruína está sendo definida como "Templo do Deus, descendo para a Terra". Qualquer deus, pouco importe a sua categoria, agradeceria tal monumento







Um “Deus de abelha”

Aliás, a denominação Iucatã nasceu de um equívoco. Por meio de sinais, gestos e palavras em espanhol, caçadores de escravos espanhóis procuraram saber dos pescadores indígenas o nome da terra na qual se encontravam. Solícitos, os maias responderam: — *Ci-uthan!*, o que quer dizer: "Não entendemos o que vocês estão falando!" Os espanhóis tomaram essa desculpa gentil pelo nome da região e, assim, Iucatã entrou nos mapas do mundo. Essa denominação da península é menos complicada que a dos maias, que era *ulumil cuz yetel ceh* "terra dos veados e perus". Portanto, fiquemos com Iucatã. . .

Enfim, a frota de Grijalva dobrou a ponta setentrional de Iucatã e, a exemplo da de seu contemporâneo Córdoba, um ano antes, foi parar em

Champotón. O soberano da cidade propôs luta aos espanhóis, a exemplo do que fez com Córdoba e seus homens, que conseguiu rechaçar. Pie não sabia que Grijalva e sua força estavam mais bem armados do que os invasores do ano anterior. Com grandes perdas os espanhóis conseguiram ocupar a cidade, mas Grijalva lá ficou por pouco tempo. A sua ambição de conquistar uma ilha para o reino espanhol levou-o sempre mais para o Norte, visto que, segundo a experiência naval, em algum ponto a costa deveria descer para o Sul. Mas ela não descia.

Na altura da Veracruz atual, no litoral plano do golfo do México, Grijalva mandou sua frota mudar de curso. Em Pontochan a tripulação recebeu licença para ir a terra. Foi quando os espanhóis depararam com o povo chontal-maia, gentil e alegre a ponto de nem o conquistador Grijalva ter encontrado pretexto para com ele entrar em luta.

No entanto, mesmo assim, em Pontochan, um lugar de paz, teve início o extermínio dos impérios maia e asteca.

Apocalipse

A notícia da chegada de navios estrangeiros, com homens de pele branca oriundos "do início tio Sol", espalhou-se também no longínquo império tios astecas e dela tomou conhecimento até Montezuma II (por volta de 1466), sacerdote-mor e soberano onipotente daquele país. Montezuma e seus sacerdotes tomaram aqueles forasteiros por emissários do deus Quetzalcoatl. Uma antiqüíssima tradição dos astecas e maias dizia que, em tempos imemoriais, o deus dos ventos, o deus da Lua e da estrela matutina, e o deus das ciências ter-se-iam recolhido "a leste", â "estrela da manhã", para um belo dia de lá voltar quando, então, iniciar-se-ia uma época áurea. Na grata e auspiciosa expectativa desse evento magno, Montezuma, o soberano asteca, enviou a Grijalva, o almirante espanhol, presentes de valor tais como pérolas, pedras preciosas, tecidos finíssimos e... ouro, deixando Grijalva surpreso e eufórico. Até então ele jamais ouvira falar no riquíssimo soberano Montezuma II; aliás, nenhum espanhol tinha conhecimento da existência do longínquo reino asteca. Os chontal-maias contaram fábulas daquele país, ao Norte, onde haveria ouro aos montes, e descreveram as suas riquezas para aguçar a cobiça dos conquistadores. Talvez especulassem com a possibilidade de, caso conseguissem desviar a atenção dos invasores para os astecas, eles próprios fossem poupados de sua voracidade.

Em todo caso, suas especulações deram certo. Grijalva logo mandou sua frota zarpar a fim de não perder tempo em levar a boa nova - ouro! a seu tio, Diego Velásquez, o governador de Cuba; e quando chegou ao seu quartel-

general, lá estava Hernando Cortês, por mero acaso.

Filho de um oficial nobre da infantaria, Cortês fora criado em Medellín, na província espanhola de Estremadura, e estudara Direito na Universidade de Salamanca. Contudo, ao longo de sua vida, esses estudos não o impediram de fazer o mal, pois ele seguia a doutrina da Teologia Moral dos jesuítas do século XVII, que dizia: "Quando o fim é lícito, os meios para alcançá-lo são também lícitos". Como as metas lixadas eram consagradas por decretos imperiais, Cortes nunca hesitou em empregar qualquer meio, fosse o mais bárbaro, para alcançá-las.

Após muitas expedições e aventuras pelo Novo Mundo afora, aos 26 anos de idade Cortes participou da conquista de Cuba, ao lado de Diego Velásquez. Nessas campanhas destacou-se por seus atos de bravura, ou o que fossem, e recebeu as mais altas condecorações.

No entanto, ambições pessoais e interesses particulares vieram a separar os dois homens. Vez por outra, Cortês até foi parar na cadeia, mas, mesmo assim, acabou por casar-se com uma filha do governador Diego Velásquez e, à sombra do sogro, ficou aguardando a sua grande chance de vencer na vida. Embora Cortês fosse um homem riquíssimo, em sua qualidade de alto funcionário do reino e criador de gado — ele introduziu gado europeu em Cuba —, de latifundiário e dono de minas de ouro, suas ambições iam mais longe; ele queria a grande chance. Essa chance surgiu para Cortês quando Grijalva voltou a Cuba de sua expedição a Iucatã e falou das supostas riquezas fabulosas do soberano asteca, Montezuma II. Ambos, Grijalva, o sobrinho, e Cortês, o genro, disputavam as boas graças do governador Velásquez; ambos sonhavam com o ouro e a glória; ambos queriam apoderar-se daqueles tesouros legendários. Para tanto, tomaram por pretexto a implantação da cruz de Cristo nas terras dos "selvagens" pagãos.

Cortês venceu aquela parada. Prontificou-se a vender todas as suas posses a fim de arriscar tudo no financiamento daquela expedição tão promissora, tão cheia de aventuras altamente lucrativas. Apareceram ainda alguns amigos que participaram da empresa como acionistas, e, então, Grijalva ficou definitivamente fora do páreo.

Velásquez, nomeou seu genro, Hernando Cortês, comandante supremo da nova frota.

Em 10 de fevereiro de 1519, 11 navios zarparam de Cuba, levando a bordo 10 marinheiros, 508 soldados, 32 mosqueteiros e 13 artilheiros. No convés estavam instaladas 10 peças de artilharia pesada e 4 de artilharia ligeira; havia ainda 16 cavalos. Era uma armada respeitável!

Naquele dia de fevereiro, Cortês não fazia idéia de que, indo ao encontro dos povos maia e asteca, defrontar-se-ia com milhões de pessoas. Tampouco

sabia que seu nome passaria para a História com o qualificativo de exterminador de civilizações grandiosas em todos os espaços e tempos do planeta Terra. No entanto, para Cortês, o conquistador, a noção de ter seus atos julgados pela História teria feito bem pouca diferença.

A pólvora

Com um só golpe Cortês conquistou a ilha de Cozumel, que havia sido deixada incólume por Córdoba e Grijalva. Após mandar batizar a população indígena, ele declarou a todos súditos da coroa espanhola.

Depois seguiu viagem tomando o rumo dos seus antecessores e persistindo no erro de que Iucatã seria uma ilha. Por conseguinte, também as tropas de Cortês chegaram a Pontochan para reabastecer. No seu tempo, Grijalva fora recebido ali por uma multidão alegre, afável. Já Cortês deparou com 40.000 guerreiros maias prontos para defender aquela sua terra tão pacífica, tão pacata.

Graças à sua superioridade militar, seus canhões e mosqueteiros a cavalo, Cortês venceu os maias num massacre sangrento. Os maias, corajosos e ingênuos, tomaram por monstros, demônios os homens em suas armaduras cintilantes, montados em cavalos, cobertos de panos coloridos, que, para eles, formavam uma unidade orgânica.

Tampouco os maias conheciam a pólvora. As detonações, com sua chuva de fogo que em suas formações abriam brechas logo repletas de guerreiros mortos, acabaram com sua combatividade e seu espírito de luta. Eles não conseguiam desviar o olhar das bolas de ferro que voavam pelos ares com sua cauda de fogo. Não seria isto o *tlachtli*, o divino jogo da bola que conheciam e dominavam e pelo qual, pela vontade dos deuses, estavam prontos a sacrificar a própria vida?

Plenamente cômico das circunstâncias fortuitas que deram a vitória a suas tropas, em 10 de julho de 1519 Hernando Cortês dirigiu a seguinte mensagem ao imperador Carlos V e sua esposa, dona Juana:

"Vossas Altezas Reais podem ter a certeza de que nessa batalha vencemos pela vontade de Deus, não por nossas forças materiais, pois pouco poderíamos ter conseguido contra 40.000 guerreiros, visto que estávamos em número de 400. . . (4).

Embora Cortês admitisse a existência de um comando supremo indígena dando ordens aos exércitos valentes e bem organizados a seu dispor, com os quais deparou em toda parte, não desistiu daquela empresa insana, que era a de lutar 500 contra milhões de pessoas. A bandeira da conquista era negra, bordada com fio de ouro e ostentando uma cruz em vermelho vivíssimo, com

os dizeres *IN HOC SIGNO VINCES*, "Sob este signo vencerás" — o lema do imperador romano Constantino I (286-337), que declarou o catolicismo religião oficial do Estado (5). E com esse lema, "Sob este signo venceremos", o demagogo Cortes encerrava todo discurso a seus comandados, os quais motivou para a luta com generosas promessas para a vida terrena e o além, ou seja, ouro aqui na Terra, a felicidade eterna lá no céu.

Na qualidade de valentão intrépido e missionário zeloso, Cortês venceu todas as adversidades do clima, a praga dos mosquitos e as doenças endêmicas das matas tropicais.

No porto de Veracruz, Cortês fundou a primeira cidade portuária espanhola que, durante todo o período colonial, serviu como ponto de partida da "Armada de Prata". Suas tropas dizimadas deveriam conscientizar-se do fato de que para elas não existia nenhuma possibilidade de recuo, que estavam lutando de costas para o nada. Por isso, diante dos seus olhos, mandou queimar os navios (6). Imbuídos de tal ideologia, e sob a influência do carisma irresistível de seu comandante-chefe, as forças físicas e psíquicas dos homens de Cortês alcançaram um potencial jamais imaginado, enquanto praticavam as maiores barbaridades. Desumano na sua vontade de vencer, Cortês teve a fama de invencível, que soube explorar ao máximo, manipulando uma tribo indígena contra a outra, fazendo aliados entre maias e astecas, aos quais sugeriu que os seus interesses fossem também os dos conquistadores.

Como o deus Quetzalcoatl contribuiu para o extermínio da metrópole asteca

Cortês, o grande estrategista, tanto no campo de batalha quanto no da intriga política, percebeu logo que os tlaxcaltecas, povo indígena que habitava o planalto mexicano, conservaram sua independência em relação aos astecas e até estariam inclinados a aliar-se aos espanhóis, se fosse para subjugar o império asteca. Quando Cortês se pôs em marcha para atacar a metrópole asteca, Tenochtitlán, 6.000 tlaxcaltecas formaram o seu exército.

Mesmo assim, o soberano asteca Montezuma II não esmoreceu nos seus esforços de obter as boas graças dos conquistadores. Seus emissários não paravam de entregar presentes de valor e, por ordem de Montezuma, imploraram a Cortês para não pisar o solo de sua capital. No entanto, tanto essas tentativas quanto os presentes produziram resultado nitidamente contrário ao visado por Montezuma e, a 15 de novembro de 1519, Cortês e

seus exércitos estavam às portas de Tenochtitlán.

Sob o sol matutino, a cidade, com seus mistérios, seus antigos templos e palácios representando suas riquezas, suas grandes praças cercadas de muros e colunas, suas 70.000 residências, estendia-se ali, entre as lagunas com seu brilho de prata, debaixo dos cumes cintilantes das pirâmides.

Trajando o uniforme imponente de almirante e nada impressionado com o espetáculo esplêndido da cidade a conquistar, Cortês colocou-se à frente de suas tropas, deixando os tlaxcaltecas no acampamento. Mosqueteiros a cavalo, carregando bandeirolas coloridas nas pontas das suas lanças, flanqueavam o conquistador, quando este, pela avenida larga, entrou em Tenochtitlán.

Para uma condigna recepção aos ilustres visitantes, Montezuma compareceu numa liteira coberta de ouro e pedras preciosas, carregada por escravos que estenderam um tapete de algodão no lugar do encontro. Cortês apeou e dirigiu-se a Montezuma, sem desviar o olhar do soberano asteca por um instante sequer. C. W. Ceram escreveu, no seu internacionalmente afamado romance da arqueologia "Deuses, Túmulos e Sábios", a respeito desse encontro:

"Pela primeira vez, na grande história das descobertas, aconteceu que um homem do Ocidente cristão não precisou reconstituir das ruínas uma civilização estranha e rica, mas sim com ela deparou, olhos nos olhos. Cortês diante de Montezuma; isto equivaleria a um encontro de Brugsch-Bey, no vale de Der-el-Bahri, com Ramsés, o Grande, ou de Koldewey com Nabucodonosor, rei da Babilônia, nos jardins suspensos, e seria como se entre esses personagens houvesse diálogo, como entre Cortes e Montezuma" (7).

Montezuma comandou 200.000 guerreiros. Malgrado os canhões espanhóis, o pequeno exército invasor poderia ter sido esmagado. Por que Montezuma não se decidiu pela luta? Por que demonstrou submissão?

Tal atitude, absolutamente incompreensível, explica-se com a religião e tradição astecas. Assim como os judeus aguardam a vinda do messias, os muçulmanos, a do seu *mahdi*, como os incas esperam, ansiosos, por seu deus Viracocha, os ilhéus dos Mares do Sul, por seu deus Lono, os astecas aguardavam a volta do seu deus mítico, Quetzalcoatl. Eles não tomaram Cortês pelo deus esperado, mas por um emissário divino do deus legendário.

Quem era Quetzalcoatl? E o que motivou os astecas a ficarem na expectativa de sua volta?

Segundo o *Codex Chimalpopoca*, o livro das tradições (8), Quetzalcoatl teria passado 52 anos entre os índios. Durante sua estada entre eles, foi tido como sacerdote-príncipe e criador dos homens, granjeou a fama de mestre,

portador da civilização e legítimo mensageiro dos deuses.

Quetzalcoatl quer dizer "serpente de penas verdes". Penas verdes eram o seu adorno; ele foi representado como serpente voadora; seu símbolo era Vênus.

A tradição diz que Quetzalcoatl era de estatura alta, forte, a testa larga, dominadora, olhos bem espaçados e penetrantes. Teria usado barba, uma espécie de turbante na cabeça, um colar de conchas, correntinhas no pé e sandálias de borracha. Outro detalhe interessante refere-se a sua voz, que seria ouvida a uma distância de 15 km (9).

Há duas versões sobre o repentino desaparecimento do poderoso ser: ele teria escolhido a morte pelo fogo e se transformado na estrela matutina (Vênus); ou ter-se-ia afastado na penumbra da madrugada, dirigindo-se para o leste, no céu, depois de ter prometido voltar.

Aliás, esse encontro de Cortês com Montezuma apresentou outro aspecto estranho, o de uma singular coincidência.



Reza a tradição que o deus Quetzalcoatl apareceu montado no dorso de uma "serpente voadora". Reconstituição da cena por Diego Rivera.

A vida dos astecas e dos maias era regulada por calendários com ciclos exatos. Suas construções foram erguidas ao ritmo do calendário, que também regia suas festividades. E o encontro de Montezuma com Cortês aconteceu especificamente na época marcada no calendário pela volta de Quetzalcoatl. Desde muito os sacerdotes falavam nisso. Aquilo que a lenda prometia conferiu, então, com a data indicada pelo calendário! Montezuma, o sacerdote-príncipe, crente, podia e devia reconhecer em Cortês, o branco barbudo, um mensageiro de Quetzalcoatl!

Por conseguinte, recebeu seus hóspedes com cerimonial régio e a eles ofereceu seu palácio como moradia. Por três dias Cortês desfrutou dessa hospitalidade generosa; depois exigiu que se construísse uma capela. Solícito, Montezuma chamou artesãos astecas para a execução das construções, enquanto explicava aos sacerdotes e dignitários que se revoltaram com essa atitude do seu soberano:

— Vocês, como eu, sabem que os nossos ancestrais não são do país no qual residimos, mas que imigraram, sob as ordens de um grande soberano de terras longínquas (10).

Essas palavras revelam, sem sombra de dúvida, que Montezuma viu em Cortes o mensageiro de "um grande soberano de terras longínquas". Assim sendo, uma capela cristã foi se erguendo no meio dos templos astecas e sua construção era o marco inicial dos acontecimentos que então se seguiram.

A noite triste dos orgulhosos espanhóis

Os espanhóis sentiram-se no papel de ocupantes, o que efetivamente eram, e, desconfiados, acompanharam o trabalho das obras da capela. Numa das paredes descobriram uma área recém-rebocada, por trás da qual suspeitaram haver uma porta secreta. Às escondidas, abriram aquela parede e entraram num saguão abarrotado de estátuas de ouro, barras de ouro e prata, jóias com pedras preciosas e tecidos os mais luxuosos, com plumas na sua textura. Cortes chamou um perito para avaliar esse achado; eram valores totalizando 162.000 pesos-ouro, ou seja, em valores atuais, US\$6,3 milhões.

Em seguida, Cortês, como comandante-chefe, deu ordens estritas para que ninguém tocasse naqueles tesouros e mandou fechar a abertura na parede. A época não era propícia para a retirada dessa fortuna fabulosa, pois a cidade estava fervilhando, com os nobres e os sacerdotes revoltados com a presença dos espanhóis. Em todo caso, Cortês sabia onde poderia buscar recursos eventuais na hora precisa.

Além do clima de agitação em Tenochtitlán, Cortês estava sob a ameaça

de uma expedição punitiva despachada por seu sogro, o governador Velásquez, que, entretanto, soubera como Cortês mandara queimar a sua frota. Naquela altura, já estavam em Veracruz 18 navios com 900 homens, entre esses 80 cavaleiros; uma tropa bem superior às reduzidas forças de Cortês, cujos aliados, porém, eram índios valentes e destemidos.

Nesse momento crítico, Cortês partiu com um terço de seus comandados, deixando os outros dois terços em Tenochtitlán sob o comando de um capitão, para vigiar Montezuma. Com apenas 70 espanhóis e uns 200 índios, ele marchou sobre Veracruz ao encontro de 900 conterrâneos fortemente armados.

Num ataque noturno, Cortês surpreendeu a expedição punitiva, liquidou seus comandantes, fez os vencidos lhe prestarem juramento e reequipou sua tropa com os cavalos, armas e munições capturados. Era como se Cortês tivesse um contrato com a vitória.

Voltou com a sua força para Tenochtitlán a tempo. Por ocasião de uma festa em homenagem ao deus Teocalli, os espanhóis assassinaram 700 nobres e sacerdotes astecas desarmados. Esse massacre bárbaro era o sinal para o início da revolta generalizada. Os indígenas, até então pacíficos e pacientes, depuseram Montezuma, proclamaram soberano um seu irmão e invadiram o palácio, transformado pelos espanhóis em praça forte.

Cortês chegou com sua tropa na hora exata. Conseguiu evitar o massacre de seus homens, mas Tenochtitlán estava em revolta sangrenta. Cortês mandou queimar templos e residências. Enquanto os espanhóis massacravam os astecas sem dó nem piedade, Montezuma deposto — oh!, santa inocência — ofereceu seus préstimos como mediador; foi seu último ato como soberano, pois em 30 de junho de 1520 morreu apedrejado pelo povo em alvoroço.

Somente então Cortês deu ordens para a retirada dos tesouros. Levando cargas pesadas de ouro, prata, jóias, os espanhóis passaram, às escondidas, pelas ruas desertas e escuras de Tenochtitlán; os astecas evitavam as lutas noturnas, apenas colocavam guardas em alguns pontos estratégicos. Um daqueles guardas descobriu os ladrões. Um grito de alerta cortou o silêncio da noite. Ouviram-se estridentes assobios de apitos. Archotes iluminaram a escuridão. De um momento para o outro, a cidade toda estava acordada.

Era a *noche triste*, a noite triste dos espanhóis. Sem saber para onde dirigir-se, procuraram fugir em pânico. Abarrotados de ouro e prata, tropeçaram, caíram na lama e foram mortos pelos guerreiros astecas. Cavaleiros e cavalos galoparam entre enxames de flechas sussurrantes e foram atingidos por pedradas. Lanças com pontas de obsidiana — vidro dos vulcões — com fratura conoidal cravaram-se nos corpos dos odiados

ocupantes. Naquela noite a força de Cortes, o conquistador, foi reduzida à metade, com ele próprio gravemente ferido e a maior parte dos tesouros, tão cobiçados, no fundo das águas das lagunas. Era a *noche triste*.

Uma semana depois.

Cortes conseguiu reorganizar os remanescentes de suas tropas. Não havia mais canhões nem munição e somente uns poucos cavaleiros. Ao que tudo indicava, tratava-se tão-somente de mera sobrevivência quando Cortes tentou escapar com o que restou pelo vale de Otumba.

Os astecas se mobilizaram e os espanhóis tiveram à sua frente um exército silencioso de 200.000 guerreiros indígenas.

Cortes nada mais tinha a perder além da vida. Ao olhar a muralha de guerreiros calados, distinguiu, no seu alto, o comandante dessa imensa força armada, usando uma capa de plumas com bandeiras coloridas marcando o lugar onde se encontrava.

O almirante espanhol montou seu cavalo, gritou "Espírito Santo!" para um punhado de cavaleiros a seu lado e com eles galopou pelas fileiras dos índios, os quais, como paralisados, abriram e fecharam alas. Cortes dirigiu-se diretamente ao comandante-chefe dos índios e cravou sua espada no corpo do inimigo.

O exército de 200.000 homens presenciou o espetáculo, imóvel.

Em seguida, as formações se abriram.

Os guerreiros voltaram para suas tribos.

Eram nuvens cinzentas de vultos humanos que sumiam pelos vales, pelas florestas, pelas montanhas e eram absorvidas pelas matas impenetráveis.

Era o começo do fim do reino asteca.

Alguns meses depois.

Cortês voltou com uma nova força armada. Em Tenochtitlán estava no governo um novo soberano de nome Quauhtemoc. Ele defendeu a sua cidade com brio e brilho, mas, por fim, foi derrotado pelo fogo dos canhões espanhóis.

Naquela altura, nada mais havia que impedisse a tropa de Cortês de ir em busca dos tesouros perdidos. Mesmo sob tortura, Quauhtemoc nada revelou; levou seu segredo para o túmulo, quando foi enforcado. O tesouro continuou perdido e assim continua até hoje.

Em 1521, Tenochtitlán, a soberba, foi definitivamente conquistada pelos espanhóis. Seus templos e suas pirâmides, residências, efígies de divindades, esteiras e bibliotecas caíram em ruínas e viraram cinzas. Sobre essas ruínas ergueu-se a Cidade do México.

Nos decênios que se seguiram, toda a América Central caiu sob o jugo espanhol. Exércitos espanhóis derrotaram as tribos maias em batalhas sangrentas. Indígenas recalcitrantes foram torturados ou executados.

O bispo Diego de Landa, que certamente não era santo, ficou pasmado com as barbaridades cometidas por seus conterrâneos. Nas suas crônicas contou como viu, com seus próprios olhos, mulheres e filhos pendurados pelos pés; os homens maias tiveram cortados o nariz, as mãos, os braços, as pernas e, suas mulheres, as mamas. Tratava-se de escravizar o índio, convertê-lo ao cristianismo e ouvir de sua boca os nomes de lugares secretos onde estariam escondidos montes de ouro.

Sob esse regime de violência e terror, os indígenas entregaram-se aos invasores sem luta, pois, para completar sua desgraça, ainda morreram, aos montes, das epidemias que grassavam em suas terras. Os espanhóis não precisavam mais dar-se ao trabalho de conquistar novas regiões e nivelar cidades. Quando, com o advento da nova religião, sob o signo da cruz, as antigas divindades morreram, apagando-se, assim, o sentido de sua vida, os maias abandonaram suas terras e emigraram. Os palácios se desintegraram. A vegetação voraz das matas úmidas cobriu pirâmides e núcleos residenciais, consumiu os monumentos erguidos aos deuses. Serpentes e jaguares, todos os insetos e parasitas tropicais tomaram conta das ruínas. Livros e documentos de valor insubstituível apodreceram; embora não fossem consumidos pelas chamas dos autos-de-fé, acesas pelos espanhóis, foram devorados pelas formigas. Uma noite de muitos séculos desceu sobre as testemunhas de uma época singular e a mata encobriu todos os segredos de uma grande civilização.

Epílogo

Cortês não chegou a gozar os frutos de suas conquistas. Após a conquista do reino asteca, Carlos V nomeou-o governador da *Nueva Espania*, enquanto seus inimigos na corte, em Madri, o denunciavam por enriquecimento ilícito e contravenção das leis espanholas.

Em 1528 Cortês viajou para Granada a fim de justificar-se, respondendo às denúncias levantadas contra ele. Carlos V cumulou-o de honrarias, porém destituiu-o do cargo de governador, no México.

Dois anos mais tarde Cortes tornou a aparecer no Novo Mundo. Desta vez seus empreendimentos levaram-no para a península da Califórnia. Em 1540 voltou à Espanha e, no ano seguinte, participou, ao lado do imperador Carlos V, de uma campanha na Argélia. Todavia, malgrado as boas graças imperiais, Cortês não conseguiu fazer valer suas pretensões territoriais

contra as intrigas da corte.

Ainda resta uma pergunta interessante a ser respondida e esclarecida: três anos após a tomada de Tenochtitlán, em 5 de março de 1524, por ocasião dos combates no planalto da Guatemala, o capitão Pedro de Alvarado encontrou-se com um guerreiro voador dos quichés-maias:

"Aí, então, o grande guerreiro Tecum subiu aos ares e veio voando, transfigurado numa águia soberba, coberto de penas naturais, que brotaram de seu corpo. Suas asas também saíram de seu corpo e na cabeça usava três coroas, uma de ouro, uma de pérolas e uma de diamantes e esmeraldas" (4).

Ao que parece, o capitão Alvarado não sofreu nenhuma alucinação, pois o guerreiro voador cortou a cabeça do seu cavalo com sua lança de obsidiana; dizem que o guerreiro belicoso teria pensado que, com esse golpe, liquidaria tanto o cavalo quanto o cavaleiro. Alvarado, surpreso, aproveitou-se desse instante de horror para apunhalar o voador.

Surge, então, a pergunta: será que Quetzalcoatl, o deus da serpente de penas verdes, teria ensinado a arte de voar a alguns sacerdotes eleitos? Em todo caso, o lugar do encontro do capitão Alvarado com o guerreiro voador acabou por ser chamado de Quetzaltenango. Até hoje a cidade guatemalteca conserva esse nome e na Cidade da Guatemala foi erguido um monumento em homenagem ao guerreiro voador.

É também dessa forma que os enigmas estão sendo transmitidos.

III

SELVAGENS - BRANCOS - LIVROS DE MILAGRES

NÃO BASTA SABER, É PRECISO PODER APLICAR AQUILO QUE SE SABE.
Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832)

Nos primórdios da era cristã, quando o governador romano Pôncio Pilatos condenou Jesus Cristo a morrer na cruz, surgiram nas matas tropicais da América Central cidades de uma imponência inimaginável, com praças espaçosas, vias cerimoniais de muitos quilômetros margeadas por templos e palácios, campos esportivos, criptas subterrâneas, reservatórios de água com extensas redes de canalização, pirâmides de degraus, verdadeiros arranha-céus e observatórios. Naquela época, cidades como Tikal e Piedras Negras, na Guatemala, Copán, em Honduras, e Palenque, no México, brotaram do chão úmido e quente das selvas tropicais. Com a diligência infinita da formiga e a submissão incondicional do escravo, os índios trabalharam duro, sob as ordens de sacerdotes e clãs soberanos, realizando as obras imaginadas pelos grandes arquitetos. As fachadas dos prédios recebiam revestimento vistoso e, seus interiores, relevos artísticos em estuque. Para o preparo das cores vivas, aplicadas nas pinturas dos afrescos, nos santuários, usavam-se pó de pedra e terra seca, nas tonalidades do marrom-escuro; foram moídos ossos brancos, misturados com sangue coagulado; galhos e troncos de árvores tropicais multicores eram adicionados a uma mistura de folhas e flores secas. Nas escavações realizadas pelos arqueólogos, essas cores ressurgiram à luz do dia em toda sua incrível vivacidade, conservadas frescas, nítidas, por mais de dois milênios.

Depois, após a conclusão de toda aquela obra de arte monumental, aconteceu o absolutamente incrível: os maias abandonaram uma cidade após outra. Simplesmente emigraram e a umas poucas centenas de quilômetros da cidade abandonada começaram a construir outra. Foi o que aconteceu quase um milênio antes de Hernando Cortês conquistar Tenochtitlán.

Depara-se aí com um processo totalmente incompreensível, por cuja explicação plausível centenas e centenas de sábios, cientistas e pesquisadores labutaram e trabalharam em vão.

O que se deve pensar desse fenômeno?

Será que os povos indígenas se rebelaram contra seus soberanos, seus sacerdotes? Teria havido uma revolução? Disso não existe o menor indício.

Foi constatado que, após cada êxodo, as construções "antigas" continuaram intactas no seu lugar. Conforme ensina a História Universal, nas guerras civis os vencedores costumam tomar posse das cidades e comunidades dos vencidos para, então, povoá-las.

Teriam os habitantes sido desterrados pela fome? Tampouco essa especulação não leva a parte alguma. Os bons sistemas de irrigação garantiram aos maias fartas safras de milho, o qual representava seu principal alimento. Eles tinham à sua disposição imensos trechos de terras cultiváveis a serem preparadas segundo seus métodos de plantio, após as queimadas, para, em seguida, semear a terra. Além disso, mesmo as mais arrasadoras pragas de fome sempre deixaram alguns sobreviventes em condições de garantir o ressurgimento das tribos dizimadas.

Teriam aqueles êxodos repentinos sido causados por uma catastrófica mudança de clima? Esta hipótese é improvável e deve ser excluída das cogitações, uma vez que os maias tornaram a fixar-se a uns 300 km ao norte e ao sul dos lugares abandonados. Qualquer mudança de clima, drástica a ponto de tornar inabitável o seu antigo meio ambiente, teria, igualmente, impossibilitado a sua sobrevivência no novo meio. O mesmo vale para as epidemias endêmicas, como a malária, transmitida pelos mosquitos, uma das hipóteses recentemente levantadas. Desconfia-se que esse mosquito abjeto — cheguei a conhecê-lo sobejamente — teria, literalmente, seguido o rastro dos índios em suas migrações.

Por falta de uma explicação mais substancial, os especialistas acolhem a tese segundo a qual os maias teriam sido expulsos por invasores. No entanto, pela lógica, tampouco essa idéia parece plausível; mas por que os maias teriam abandonado, sem mais nem menos, suas terras, suas posses? Sua reação normal, intuitiva, teria sido defendê-las e, ao contrário do que aconteceria um milênio mais tarde, quando tiveram de enfrentar os espanhóis, combatendo um inimigo com armas muito superiores às suas quando, naquele tempo, suas chances de defesa teriam sido mil vezes maiores. Tratava-se de uma região e um povo no auge da sua civilização e, certamente, esse povo ter-se-ia defendido de qualquer intruso. Sempre os vencedores ocuparam as terras conquistadas e subjugaram os vencidos, que estrangularam com tributos pesados, conquanto não chegassem a devastar seus centros urbanos e habitacionais durante os combates.

Todos esses fatos são desconhecidos, ou, no mínimo, discutíveis. O certo é que, conforme indiscutivelmente comprovado, alguns centros rituais dos maias foram abandonados da noite para o dia. Por exemplo: em Tikal, uma plataforma de templo ficou inacabada. Em Uaxactun ainda se encontra um muro semi-acabado. Em Dos Pilares, um artista largou sua espátula, quando

trabalhava num texto de hieróglifos.

Meu contrterrâneo Rafael Girard, que passou muitos anos entre os maias atuais, opina a respeito desses fenômenos:

"Essa interrupção abrupta de todos os trabalhos num tempo em que a civilização maia estava no seu auge indica que sua decadência se processou de forma violenta" (1).

Pode ser. No entanto, nesse caso os maias teriam abandonado os seus centros urbanos e habitacionais antes da chegada dos invasores, já que as ruínas não revelaram nenhuma marca de guerra ou destruição. Então os maias teriam deixado atrás cidades-fantasma intactas? Sem dúvida, teriam sido perseguidos por seus supostos conquistadores imbuídos do instinto inato de caça e extermínio e pelos quais ainda teriam sido impedidos de fundar uma nova comunidade. E resta resolver o problema maior a ser levantado entre todas aquelas hipóteses de conquistas um tanto nebulosas: por que os ocupantes vitoriosos não se radicaram nas terras recém-conquistadas e por que não desfrutaram do conforto incontestado ali encontrado pronto, à sua inteira disposição?

Na literatura maia, de data mais antiga, há uma menção a um reino maia "antigo" e outro "novo". Essa tese está ultrapassada, pois a pesquisa comprovou que, em absoluto, o reino "antigo" foi abandonado de uma só vez, por ordem de um soberano imaginário. O êxodo processou-se aos poucos, registrando-se o abandono das cidades e das regiões no período de 600 a 900 da nossa era. A liquidação do reino "antigo" progrediu ao longo de 300 anos quando, simultaneamente, se deram as novas fundações urbanas. Cortes e suas hordas nada sabiam a esse respeito; eles conquistaram cidades fabulosas, tais como Chichén-Itzá, Mayapán ou Champotón, todas recém-fundadas. Naquela época as antigas cidades maias desde muito estavam abandonadas e encobertas pela selva. Aquilo que os maias ainda salvaram da civilização dos seus antepassados caiu presa da cristianização espanhola.

Como foram destruídas as mentiras e as obras do diabo

Eis uma piada macabra. Foi um dos exterminadores mais fanáticos dos bens culturais dos maias que deixou a única chave para a posteridade formar uma vaga idéia, começar a imaginar uma das grandes civilizações desaparecidas deste planeta.

Esse homem foi o frade franciscano Diego de Landa, nascido em 1524, filho de aristocratas, em Cifuentes, na província de Toledo. Na época, a Igreja estava em plena fase de expansão grandiosa e o bom-tom exigia que toda família nobre dedicasse um dos filhos ao serviço de Deus. Aos 16 anos,

Diego ingressou no convento dos franciscanos, em San Juan de los Reyes. Absoluta e totalmente dedicado a Cristo, e praticando a ascese, o jovem preparou-se para o seu futuro trabalho numa missão mediante a qual a ordem procurava realizar sua obra de evangelização.

Diego tinha 25 anos quando foi destacado para integrar um grupo de frades mandado para além-mar com a ordem de "converter" para o cristianismo 300.000 índios da península de Iucatã, entre o golfo do México e o mar do Caribe.

Moço inteligente e ansioso para servir a Cristo de corpo e alma, em poucos meses aprendeu o idioma dos maias, de modo que, ao pisar o solo de Iucatã, já transmitiu a mensagem de Cristo aos habitantes no próprio idioma maia.

Portanto, não surpreendeu a carreira brilhante do jovem. Logo foi nomeado "guardião" e administrador do novo convento em Izamal, do qual instalou várias filiais. Por toda parte começaram a aparecer os espanhóis, trajando o hábito de grossa lã marrom e usando a barba obrigatória. Diego também supervisionou a educação de jovens índios, que não demoraram a imitar seus mestres no extermínio dos antigos costumes tribais. E, como não poderia deixar de ser, em 1542 Diego de Landa participou daquela expedição espanhola que, bem no meio da cidade maia de T'ho, fundou Mérida, destinada a tornar-se o ponto de partida para a conquista de Iucatã.

Embora os frades franciscanos tenham ficado deslumbrados com as construções imponentes de T'ho, logo passaram a demoli-las e a usar suas pedras na edificação da Mérida cristã. Os templos maias foram transformados em catedrais cristãs, as pirâmides, em prédios da administração espanhola. Malgrado as miríades de pedras retiradas e recolocadas, Landa duvidava que "chegaria o dia em que se esgotariam as reservas do material de construção" (2).

A seu tempo, o jovem zeloso subiu ao cargo de provincial da ordem, encarregado da supervisão da obra missionária, e se tornou bispo de Mérida. Numa de suas viagens de inspeção, Landa irritou-se com os maias renitentes que insistiam em celebrar seus cultos antigos e prestar homenagem a seus deuses. O bispo ordenou, então, o confisco de todas as escrituras maias e de todas as efígies de seus deuses.

Em 12 de julho de 1562, data memorável, na última metrópole maia, em Mani, diante da igreja de San Miguel, estavam amontoados nada menos de 5.000 "efígies pagas", 13 altares, 197 recipientes de culto e 27 obras científico-religiosas, manuscritos ilustrados maias. A fogueira foi acesa quando o bispo ordenou e as chamas devoraram os documentos irrecuperáveis de uma grande civilização. Aliás, o nome daquela cidade,

Mani, quer dizer: "Tudo passou".

Imperturbável, Diego de Landa anotou na sua crônica: "Encontramos grande número de livros com desenhos, mas, como continham somente mentiras e obras do diabo, queimamos tudo, o que causou profunda mágoa aos maias" (3). A mágoa persiste até hoje, mormente nos pesquisadores da civilização maia. O auto-de-fé celebrado em Mani foi um sinal para os missionários que, em zelo cego, queimaram todos os manuscritos maias onde foram encontrados. Sob o lema "obra do diabo", emitido pelo bispo de Landa, foram destruídas todas as pistas que levavam aos antigos deuses maias. Mas, mesmo assim, o mundo deve a esse bispo impiedoso e insensível a chave para o mundo maia.

Devido à sua atitude desumana, o provincial da ordem franciscana e bispo Diego de Landa, o "falcão" entre os missionários, tornou-se alvo dos "pombos" na corte de Madri, conforme veio a saber por seus informantes. Mestre consumado nas intrigas da corte, o bispo tomou suas providências para qualquer eventualidade; procurou fazer amigos capazes de revelar os segredos do mundo maia. Esses amigos Landa recrutou entre os membros da nobreza indígena, dos clãs Cocom, Xiu e Itzá. A fim de, eventualmente, ter condições de documentar o "perigo" representado pelos maias, ele registrou, em latim, tudo quanto soube por intermédio daqueles seus novos amigos a respeito das divindades, dos mitos, do seu fantástico sistema numérico, seu alfabeto completo e seu calendário super-exato. Em 1566, Diego de Landa concluiu sua defesa computada na *Relación de las cosas de Yucatán*, que se tornou a principal e mais importante fonte de pesquisa maia. Sua descoberta aconteceu por mero acaso.

Faltavam tão-somente três anos para completar três séculos quando, em 1863, o abade Charles Étienne Brasseur (1814-1874), religioso que não pertencia a convento algum, descobriu o manuscrito de Landa na Biblioteca Real de Madri. Era um livrinho pouco pretensioso, enfiado entre volumes de encadernação de couro com letras gravadas em ouro. Brasseur, por muitos anos missionário na Guatemala e padre da embaixada francesa na Cidade do México, ficou fascinado com seu achado; das linhas escritas em letras romanas com tinta preta destacavam-se glifos e esboços de obras de arte maias. Assim sendo, Brasseur encontrou o fio da meada que conduzia através do labirinto maia.

A herança dos maias

Na sua "*Relación*", o bispo Diego de Landa escreveu:

"As peças mais importantes levadas pelos caciques para os seus

territórios tribais eram os livros científicos" (4).

E o conterrâneo de Landa, José de Acosta, comentou:

"Em Iucatã havia livros encadernados e dobrados, nos quais os índios instruídos depositaram o seu saber dos pla-

netas, das coisas da Natureza, bem como suas antigas tradições" (5).

Três desses manuscritos maias, chamados códices, escaparam da sanha destruidora do bispo Diego de Landa.

O *Codex de Madri* foi encontrado pelo abade Brasseur com o professor de uma academia diplomática na capital espanhola.

"*Codex Dresdensis*" (Biblioteca Estadual da Saxônia).



"Codex de Madri".



O *Codex de Paris* apareceu em 1860 numa cesta de papel da Biblioteca Nacional de Paris onde, hoje em dia, está sendo conservado provavelmente

como a peça de maior valor entre todas as que compõem suas ricas coleções.

O *Codex Dresdensis*, conservado na Biblioteca Estadual da Saxônia, em Dresden, foi trazido da Itália em 1793 por Johann Christian Götze, bibliotecário da Biblioteca Real; na época ele fez constar dos autos o seguinte comentário:

"A nossa Biblioteca Real tem um privilégio que a distingue de muitas outras: o de possuir uma preciosidade tão rara. Há poucos anos o códice foi localizado com um particular, em Viena, e, por desconhecer-se o seu valor, foi adquirido por preço vil. Sem dúvida deve ter sido deixado por um espanhol, outrora residente na América, ou por quem teve antepassados ali radicados" (6).

Como custa barato uma preciosidade de valor ignorado! Hoje em dia, se fosse leiloado por Sotheby & Co., Londres, alcançaria um valor em dólares expresso em um número de sete dígitos.

Os três códices em apreço podem ser dobrados como um álbum sanfonado. Desdobrado, o *Codex de Paris*, fragmentado, com muitas páginas perdidas ou ilegíveis, tem o comprimento de 1,45 m. O *Codex de Madri*, em duas partes, de respectivamente 42 e 70 folhas, mede 6,82 m. O *Codex Dresdensis*, o manuscrito mais misterioso e interessante, tem o comprimento total de 3,56 m (7).

As folhas dos códices são feitas de finas camadas de material extraído da casca da figueira-brava; as pinturas foram feitas com penas finas, pincéis ou pauzinhos delgados. Exames microscópicos revelaram os métodos de confecção desse material: primeiro, a casca da figueira era batida até amolecer e, depois, misturada ao suco da seringueira para adquirir elasticidade; as fibras eram alisadas com uma goma preparada de bulbos vegetais; e, por último, as folhas recebiam um revestimento de leite de cal. A cal seca causava o efeito de um delgadíssimo revestimento de estuque do qual sobressaíam as tintas com brilho intenso. A confecção dos "livros" terminava com a colagem das folhas; para isso usavam-se finas camadas de um material que não pôde ser identificado. Finalmente o álbum sanfonado estava pronto para ser aberto e fechado.

A idade dos códices é indefinida. No caso do *Codex Dresdensis*, supõe-se que pudesse ter tido origem em Palenque, considerando-se que alguns de seus desenhos conferem com os glifos em estuque nos muros de templos daquele sítio arqueológico. Mesmo peritos cautelosos atribuem uma idade de dois milênios a essa cidade maia. A exemplo do que acontece com todas as tradições sagradas, seria lícito supor que também o *Codex Dresdensis* fosse um dos exemplares de uma série infinita de cópias e cópias de cópias; por conseguinte, o seu conteúdo essencial também deve ter uns dois mil anos, no

mínimo.

Em conjunto, os três códices contêm 6.730 símbolos principais e 7.500 afixos (= sílabas adicionais) (8). Logo, seria de supor-se que os 6.730 símbolos principais oferecessem um número suficiente de opções comparativas, aptas a permitir sua decifração. No entanto, não é este o caso! Em relação ao *Codex de Paris*, calcula-se que contivesse profecias, mas, até agora, não ficou bem claro qual a natureza dessas profecias. O *Codex de Madri* conteria, supostamente, horóscopos e instruções para sua interpretação dirigidas aos sacerdotes, conquanto, efetivamente, se tratassem de horóscopos. Talvez, para os sacerdotes maias, a leitura do destino nas estrelas fosse uma ciência levada a sério.

Por sua vez, o *Codex Dresdensis* contém tabelas astronômicas, verdadeiramente impressionantes, dos eclipses do passado e do futuro, dos trajetos da Lua e dos planetas. Quanto a este ponto, os cientistas estão de acordo. Por quê? Porque na sua "*Relación*", o bispo Diego de Landa forneceu a chave para a interpretação da matemática e da astronomia maias.

Símbolos figurativos, sagrados, enigmáticos

Conclui-se que, até hoje, chegaram a ser decifrados uns 800 hieróglifos maias, caracteres nitidamente figurativos, conforme a opinião modesta do perito Dr. George E. Stuart, que computa esse total como representando de 5% a 30% dos hieróglifos existentes (9). Desse total, 5% representam, seguramente, algarismos. Quanto ao restante, nada há de concreto, malgrado os esforços genuínos dos especialistas, auxiliados pelo computador. Manchetes tais como: A ESCRITA MAIA ESTÁ SENDO DESVENDADA (10), ou, HIERÓGLIFOS MAIAS DESMISTIFICADOS (11)' são bonitas demais para exprimirem a verdade; são sensacionalistas e, em absoluto, não refletem o progresso atual na decifração da civilização maia.

Um dos grandes pesquisadores da escrita maia, o professor Thomas Barthel, opina que as enormes dificuldades encontradas na sua interpretação seriam devido ao fato de apresentar "evidente caráter misto" (12), com um mesmo símbolo significando coisas diversas; até existem blocos de hieróglifos, encaixados num texto de números e jogos de palavras, "oferecendo várias opções de leitura, cujo sentido indica interpretações totalmente diferentes" (13). Enfim, há elementos de escrita de tamanhos variáveis, "fundidos para se constituírem em novas unidades de tamanho diverso".

Aquilo que agora tanto dificulta a pesquisa, no seu tempo era uma criação proposital, pois os livros sagrados destinavam-se aos sacerdotes e

iniciados; representava, portanto, um código secreto cujos símbolos tinham por fim impedir o acesso do povo ao labirinto místico da escrita. Outrossim, a exemplo dos dialetos regionais da atualidade, também os símbolos e idiomas maias variavam de cidade para cidade, de tribo para tribo.



Glifos matai.

As escritas ao nosso dispor incluem muitos desenhos, dos quais seria lícito supor que completariam e explicariam o texto. Essas contingências, verificadas com os códices, repetiram-se nos 1.000 textos de hieróglifos encontrados em 110 sítios de achados maias (14). Todos os templos estão cobertos de símbolos e imagens. Todos os esforços para estabelecer um nexos entre esses caracteres estão fadados ao malogro, porque os símbolos maias não representam ideogramas, exprimindo uma idéia nítida, como seria o caso, se o Sol significasse o Sol, o homem, o homem, a chama, o fogo. Nos tempos antigos, os sábios da escrita maia não se contentavam com coisas tão simples; o seu modo de pensar era polivalente e eles exprimiam suas idéias em códices de difícilíssima decifração, usando, por exemplo, a imagem de um veado para designar a "seca", ou a de uma chama, para "idéia". Quem é que compreende isto?

É simplesmente fora de série a riqueza de imaginação na escolha de obstáculos intransponíveis, inventados para a leitura da escrita dos maias. Via de regra, um bloco de hieróglifos começa com o assim chamado hieróglifo de introdução, comparável a uma inicial, de tamanho maior, com arabescos, para destacá-la das demais letras. A partir desse ponto de referência, a leitura prossegue da esquerda para a direita. Porém, com os maias, as coisas não são tão simples assim. Eles distribuíam seus caracteres

figurativos da esquerda para a direita, de cima para baixo e, vez por outra, as colunas de hieróglifos. eram dispostas em pares, uma ao lado da outra. A exemplo de como uma letra inicial indica "Por favor, comece a leitura aqui!", também os hieróglifos iniciais dão essa indicação, porém são incrivelmente intrigantes no significado de sua apresentação, que não é um mero arabesco. Linhas puramente geométricas, de repente, adquirem sentidos múltiplos, abstratos, mostrando uma ave ou outro animal qualquer, uma cabeça humana, um monstro mitológico.

Até a invenção da máquina do tempo para levar-nos ao passado e à época na qual os sábios maias inventaram sua escrita, teremos pouca ou nenhuma chance de chegar a compreender aquilo que tiveram em mente ao projetar aqueles seus enigmas figurativos.

"É na limitação que se revela o mestre", falou Goethe. Cumpre limitarmo-nos ao pouco que achamos saber, hoje em dia, e, com certeza, esse pouco é suficientemente fantástico.

Os maias conheciam fenômenos celestes que jamais poderiam ter visto

Onze folhas do *Codex Dresdensis* dão retratos falados, astronômicos, do planeta Vênus. A soma de números e dados revela que os maias calcularam um ano para Vênus em 583,92 dias; é verdade que arredondaram esse número para 584 dias, mas, em intervalos regulares, de alguns decênios, corrigiam as frações para corresponderem aos respectivos cálculos atualizados. Os antigos astrônomos índios manipularam unidades surpreendentes de 18.980 dias, nos seus ciclos históricos de 52 anos de 365 dias cada um. Dividiram a soma por 73 e compuseram milênios de ciclos de Vênus numa só composição aritmética, a qual, em apresentação figurativa, formava um pentagrama, uma estrela de cinco pontas (15).

Duas folhas desse códice tratam da órbita de Marte, quatro, da de Júpiter, considerando também as suas luas. Oito folhas são dedicadas explicitamente à Lua, Mercúrio, Júpiter, Saturno e Vênus. Ademais, esse tratado minucioso, preciso, também considera a estrela polar, as constelações de Órion, de Gêmeos e das Plêiades, bem como os cometas (16).

As tabelas astronômicas não descrevem apenas as órbitas dos nossos planetas! Em cálculos complicados, estabelecem pontos de referência entre os planetas e sua respectiva posição em relação à Terra (17). Há períodos de anos de Mercúrio, Vênus, Terra e Marte com 135.200 dias. Períodos verdadeiramente astronômicos, de 400 milhões de anos, representam

grandezas manipuladas por aqueles astrônomos superexperientes.

A astronomia maia, conforme apresentada no *Codex Dresdensis*, constitui-se num curioso enigma. Várias das suas folhas falam em combates entre os planetas (18), conquanto as sete folhas com as assim chamadas tabelas dos eclipses indiquem cada eclipse do passado, bem como do futuro. Em 1937, o renomado cientista alemão, professor Herbert Noll-Husum, escreveu na "Revista de Etnologia":

"A tabela dos eclipses é de uma conceituação genial, permitindo a leitura de cada eclipse possível na região, ao longo de séculos, bem como dos eclipses teóricos que não podem ser observados mas cuja ocorrência é indicada com precisão matemática para o dia no qual deverá ocorrer" (19).

Esses fatos causam um certo mal-estar em alguns pesquisadores da civilização maia. Como seria possível um povo, sacrificando seres humanos num jogo de bola, possuir noções astronômicas tão avançadas, tão além do seu tempo? De onde os "selvagens" teriam obtido o seu fantástico saber? Quem lhes deu capacidade para calcular a órbita dos planetas? Quem lhes deu a idéia de que os corpos celestes se movimentavam com uma correlação recíproca, possível de ser calculada? Quando Marte se encontra no ponto X, onde encontrar-se-ia Vênus em relação a Júpiter? Os maias o sabiam. De onde? Como?

Sabiam-no por observações contínuas, através de séculos, por sua ânsia de criar um calendário perfeito, por sua mania de matemática — é o que dizem os arqueólogos.

Sem dúvida, até o homem da idade da pedra ficou fascinado com os pontos luminosos, cintilantes, no firmamento noturno. Compreende-se também que os sacerdotes ou astrônomos maias tivessem registrado suas anotações sobre o surgimento e desaparecimento de estrelas marcantes em pedras ou na casca de árvores. Através dessa prática, exercida ao longo de séculos e tradicionalmente cultivada, bem que poderiam ter computado as tabelas astronômicas.

Porém, conforme escreveu Wilhelm Busch: "Também aqui, como alhures, as coisas acontecem de maneira diferente daquela que a gente imagina." O espaço geográfico-meteorológico habitado pelos maias em absoluto não ofereceu condições favoráveis à constante observação do céu. As nuvens de evaporação, subindo das matas quentes e úmidas, envolviam toda a região, a exemplo de como, hoje em dia, o *smog* envolve as nossas cidades, encobrindo o céu. Ademais, durante uns seis meses do ano, nuvens de chuva, compactas e pesadas, impediam a visão do firmamento. A exemplo dos seus colegas entre os antigos maias, os astrólogos de todos os tempos desejariam ter confirmados seus vaticínios pela observação constante

do ressurgimento e desaparecimento de determinados corpos celestes. Para tanto, a condição primordial é a clara visão do céu, sem nebulosidade. Todavia, conforme prova o *Codex Dresdensis*, os astrônomos maias obtiveram tais confirmações, a torto e a direito, não somente em relação ao Sol e à Lua, mas com relação ainda aos planetas.

Vistos da Terra, os planetas não permitem, sem mais nem menos, sua coordenação na regularidade de um calendário anual de estrelas, considerando-se que a Terra gira em redor do Sol em órbita elíptica e tampouco os demais planetas estão imóveis, lixos. Igualmente, toda observação está sujeita ao fuso horário. Quanto a Vênus, somente de 8 em 8 anos aparece na mesma constelação; com Júpiter, isto acontece de 12 em 12 anos. O *Codex Dresdensis* menciona pontos de referência astronômicos que ocorrem apenas de 6.000 em 6.000 anos! Qual teria sido o truque diabólico que capacitou os maias a fazer esses cálculos tão exatos e abrangentes, envolvendo milênios?

Dos caminhos ásperos levando às noções astronômicas

Até na Grécia clássica, iluminada, rica em matemáticos brilhantes, filósofos geniais, era um sacrilégio afirmar que a Terra se movia ao redor do Sol. Quando Anaxágoras (500-428 a. C.) afirmou que o Sol era uma pedra em brasa, foi acusado de ateísmo e desterrado de sua cidade natal. Ptolomeu de Alexandria (c. 100-160 d. C, dispondo de resultados computados em observações seculares feitas no Egito e na Babilônia, fez da Terra um corpo fixo, no centro do Universo, sistema invalidado somente pelo de Copérnico (1473), que advogava o Sol como centro das órbitas circulares dos planetas. A obra principal de Nicolau Copérnico, *De revolutionibus orbium coelestium*, foi publicada no ano de sua morte (1543), que a dedicou ao papa Paulo III; mesmo assim, foi proscrita por ordem papal. Com base nos trabalhos de Copérnico, Giordano Bruno (1548-1600) arriscou a proclamação de uma imagem contínua do mundo. Após sete anos de cativeiro, os juizes da Santa Inquisição condenaram o filósofo e astrônomo a morrer na fogueira (1600). Tycho Brahe (1546-1601), para quem o rei da Dinamarca, Frederico III, mandou instalar um observatório na ilha de Ven, foi o mais importante astrônomo-observador antes da invenção do telescópio. A olho nu, Brahe e seus colaboradores realizaram observações de Marte, fundamentais para as noções do seu colaborador, Johannes Kepler, sobre as órbitas dos planetas. Brahe se opôs ao sistema universal de Copérnico com sua tese segundo a qual o Sol e a Lua descrevem suas órbitas ao redor da Terra, imóvel no centro. Somente Johannes Kepler (1571-1630) aperfeiçoou o sistema

universal de Copérnico, estabelecendo as leis dos movimentos planetários que imortalizaram seu nome e superaram o conceito antigo das órbitas necessariamente circulares dos planetas. Galileu Galilei (1564-1642), matemático da corte, mandou construir um telescópio na sua oficina mecânica, com o qual descobriu os contornos montanhosos da superfície lunar, a riqueza de estrelas da Via-Láctea, as fases de Vênus, as luas de Júpiter e as manchas solares. Em Florença, Galilei empenhou-se com tamanho zelo a favor do sistema de Copérnico que, em 1633, foi processado pela Igreja, segundo a qual a Terra deveria permanecer como centro do Universo. Galilei foi obrigado a comprometer-se, sob juramento, a jamais divulgar suas noções pela palavra escrita ou falada.

Aqui se destacam dois fatos: os grandes astrônomos sempre trabalharam com base em experiências e resultados prévios. . . e, mesmo assim, nem sempre chegaram a conclusões isentas de erro ou falha.

Com os maias tudo era diferente

Aparentemente, desde o início os maias possuíam o seu saber exato; para eles, as tabelas com os dados e cálculos das órbitas planetárias teriam caído do céu, prontas para usar!

Será possível a gente perceber todo o alcance do fato extraordinário de os maias terem conhecido a órbita da Terra ao redor do Sol, no prazo exato de 365,2421 dias?! Esse número é mais preciso que aquele do nosso calendário gregoriano, que conta com 365,2424 dias. Hoje em dia, o computador indica 365,2422 dias para a órbita atual.

Os maias operavam com ciclos gigantescos de 374.440 anos, com uma precisão fantástica, incrível. Estavam familiarizados com os dados da órbita de Vênus a ponto de, em um século, diferirem dos atuais por apenas 30 min e, em 6.000 anos, somente por um único dia.

O astrônomo britânico, professor Michael Rowan-Robinson, comenta a esse respeito:

"Foi somente nos tempos mais modernos que a Astronomia ocidental conseguiu tal conformidade com os dados efetivos" (21).

Por sua vez, o arqueólogo norte-americano, Sylvanus Griswold Morley (1883-1948), que por muitos anos trabalhou em Iucatã, descobriu a cidade maia de Uaxactun e chefiou as escavações em Chichén-Itzá, comentou:

"Os maias conseguiram cada data da sua cronologia com precisão tal que somente após 374.440 anos houve uma repetição. Eis um ato magno da inteligência humana para qualquer sistema cronológico de procedência antiga ou moderna" (22).

Todavia, nos primórdios da civilização maia deveria existir algo ainda a ser descoberto. Cálculos, por si sós, não bastam para verificar que de 6.000 em 6.000 anos a órbita de Vênus deve ser "corrigida" em um dia. A arte de fazer cálculos não surgiu do nada, mas representa o resultado de observações prévias. Quantas gerações de tradições de dados rigorosamente corretos teriam sido necessárias para dar o resultado certo e concreto, estabelecendo que a órbita de Vênus requer a correção de 30 min, de 100 em 100 anos?

Os astrônomos modernos opinam que alguns anos bastariam para tanto. É fácil fazer tais afirmações nas torres de marfim dos observatórios atuais, equipados com os instrumentos eletrônicos mais sofisticados da atualidade, localizados em pontos privilegiados e contando com as vantagens de altitudes elevadas e atmosfera sempre mais límpida, mais transparente. Acontece porém — sinto ter que repetir constantemente, o que muito me desagrada — que os maias não possuíam instrumentos de medição, tampouco um radiotelescópio, já que eram seres humanos da idade da pedra, quando o metal ainda era desconhecido.

Puro engano! — proclamam as vozes nas torres de marfim, em altitudes serenas. Os astrônomos maias teriam tido muito, mas muito tempo para olhar o céu, acorados nos picos das suas íngremes pirâmides de degraus; assim instalados nesses pontos de observação, a eles teria sido fácil executar os cálculos mais complicados sobre as órbitas planetárias. É essa a opinião de cavalheiros que costumam usar o computador de bolso para multiplicar $2 \times 17!$ Outrossim, também teria existido o metal, já que foram achadas pequenas estatuetas de ouro.

Alto lá! Prezados amigos do outro lado da linha de demarcação. As altas pirâmides de degraus foram construídas somente depois de os cálculos do calendário já terem sido feitos, visto que as pirâmides maias estavam orientadas, essencialmente, segundo os dados dos calendários. E também o ouro foi descoberto em época posterior! As pirâmides grandiosas, os templos, as cidades foram construídos, sem exceção, por um povo "primitivo" da idade da pedra.

Quantas gerações de sacerdotes e astrônomos teriam passado seus dias e suas noites no topo das pirâmides a fim de lá obter os dados para computar a órbita de Vênus?

John Eric Sidney Thompson (*1898), renomadíssimo pesquisador maia que dedicou sua vida aos estudos do calendário e da cronologia maias e executou trabalhos arqueológicos em territórios maias, defende a tese segundo a qual os dados de órbita têm por base observações contínuas ao longo de séculos. Ele escreve a respeito:

"Existem apenas cinco conjunções inferiores à de Vênus* num período de oito anos, de modo que, sob condições favoráveis, um sacerdote-astrônomo conseguiria observar uns vinte nascimentos helíacos **, em seus trinta anos de vida adulta, considerando-se que, entre os maias, a expectativa de vida era baixa. Na realidade, o mau tempo deveria reduzir esse número para dez. Além disso, os maias previam nascimentos helíacos para quatro dias após a conjunção inferior e, decerto, precisavam ter excelente visão para distinguir o planeta, ainda nas proximidades do Sol. Se o observador não distinguisse o planeta no quarto dia, suas observações poderiam acusar a diferença de um dia e ainda seria preciso calcular e considerar os desvios do planeta da média de 584 dias entre os nascimentos helíacos. Sob essas condições desfavoráveis, fez-se necessário o trabalho de muitas gerações de observadores a fim de se chegar à incrível precisão alcançada pelos maias: o desvio de um só dia em 6.000 anos" (23).

* *Conjunção*. Posição de dois astros no mesmo grau de longitude.

** *Helíaco*. Diz-se do nascimento e do ocaso de um astro quando coincidem com os do Sol.

Em 1949 o professor Robert Henseling surpreendeu seus colegas com uma publicação sobre a idade da astronomia maia (24), na qual constatava:

1 — O saber astronômico-cronológico dos maias pôde ser acumulado num espaço de tempo relativamente breve, suposto que, "com base em noções precisas dos problemas da periodicidade do Sol, da Lua e do firmamento das estrelas fixas, fossem aplicados métodos rigorosos para a medição de ângulos pequenos e frações de tempo".

2 — Deve ser considerada como fora de cogitação a circunstância de os maias terem empregado métodos e instrumentos para a medição de ângulos tão exata a ponto de proporcionar os resultados obtidos.

3 — "Não há dúvida de que os astrônomos maias conheceram, com certeza absoluta, constelações de astros registradas em milênios passados e das quais determinaram a forma e posição diária."

4 — "Isso seria incompreensível, a não ser que, nos primórdios dos tempos, ou seja, milênios antes do início da era cristã, as *respectivas observações tivessem sido feitas por alguém em alguma parte, e fielmente transmitidas à posteridade*."

5 — "Contudo, tais proezas e tal vontade de transmitir saber pressupõem, necessariamente, *a existência de uma evolução de longa duração tios primórdios dos tempos*."

Henseling conclui que a astronomia maia permite sua apuração até a "*primitiva data zero*", recuando até o século IX a. C, precisamente, início de junho de 8498 a. C.

Desde a declaração de Henseling passaram-se mais de 30 anos e, ao longo desse período, os pesquisadores maias progrediram com os seus cálculos que, hoje em dia, conferem a ponto de poder ser estabelecido o dia 11 de agosto de 3114 a. C. como a mística data zero.

O que será que aconteceu naquele dia?

E por que aconteceu aquilo que aconteceu, justamente em 11 de agosto de 3114 a. C?

A fim de levantar os espessos véus de neblina que encobrem um passado de cinco milênios, cumpre-nos concentrar nossa atenção no calendário maia.

IV

O QUE TERIA ACONTECIDO EM 11 DE AGOSTO DE 3114 a. C?

JAMAIS A VERDADE TRIUNFA; APENAS SEUS ADVERSÁRIOS ACABAM MORRENDO.

Max Planck (1858-1947)

O fio da meada levado pelo labirinto do saber estonteante dos maias já estava com muitos nós formados por nomes exóticos de lugares, cidades, deuses e crônicas antigos. A fim de penetrar até o ponto mais sublime, todo incrível, será preciso operar com números mirabolantes. Há alguns anos, quando comecei a tratar da matéria, deparei com dificuldades iguais às que agora serão encontradas por meus leitores. Por isso peço

O favor de prosseguir a leitura em ritmo lento e prometo que o fio da meada levá-lo-á à luz clara do conhecimento iluminado.

O começo é bem simples, já que era simples o sistema numérico dos maias. Para o algarismo um, eles usavam um ponto, para o dois, dois pontos e assim por diante. Para o algarismo cinco, usavam um traço, para o seis um traço com um ponto em cima, para os algarismos sete, oito e nove colocavam, respectivamente, dois, três e quatro pontos em cima do traço; para o número dez, usavam dois traços. De onze a catorze, usavam dois traços e colocavam, respectivamente, um, dois, três e quatro pontos em cima dos traços; para o número quinze, usavam três traços apenas. De dezesseis a dezenove, usavam três traços e colocavam, respectivamente, um, dois, três e quatro pontos em cima dos traços. O zero era representado por um caracol estilizado. Esses caracteres lembram os inventados por Samuel Morse (portanto, são simples de escrever) e se apresentam da seguinte maneira:

.	..	...		—	— .	— ..	— ...	—	— =====
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
— —	— — .	— — ..	— — ...	— —	— — =====	— — — .	— — — ..	— — — ...	— — —
11	12	13	14	15	16	17	18	19	0

Se fosse de maneira tão simples, a minha explicação citada anteriormente seria dispensável. Por mais que gostássemos que fosse, o legado dos maias não é de tão fácil e pronto acesso à mentalidade moderna e muito menos o é

a sua matemática. Ao lado das linhas, dos sinais de Morse e de algarismos, colocaram centenas de hieróglifos de números, representados por cabeças de deuses, cada qual correspondendo a determinado valor aritmético. Essa parte tão complicada e complexa da aritmética maia apenas consegue ser assimilada (talvez!) por especialistas que a ela se dedicam em estudos laboriosos, anos a fio; para essa nossa exposição não vem ao caso, graças a Kukulcán.

Em nossos cálculos usamos o sistema decimal derivado dos dez dedos da mão. Os maias operaram com o sistema de numeração vigesimal, e aqui surge a primeira dificuldade: se colocarmos "1" e "0", obtemos o algarismo 10, com dois zeros, 100 e assim por diante, segundo o sistema decimal.

Usando os caracteres maias, "1" seguido de "0" não dá "10", pois, para eles "1" mais "0" significa exatamente aquilo que ali está escrito, ou seja "um" mais nada, "zero".

Os nossos números são lidos da direita para a esquerda, cada dígito representando uma potência decimal mais elevada. Por exemplo, 4.327 escreve-se da seguinte maneira: sete "um", duas dezenas, três centenas, quatro milhares. Surge, então, outro obstáculo. Os maias escreviam seus números em colunas verticais, de baixo para cima, cada degrau aumentando o valor por uma potência vigesimal, conforme segue:

64000000

3200000

160000

8000

400

20

1

Seriam números muito altos? Não, em absoluto, pois verificaram-se algarismos da ordem de 1.280.000.000

Era assim que os maias escreviam o número "19": . Mas como escreviam "20"? Na coluna inferior marcavam seu zero, para o "zero um", e na coluna contígua, ascendente, um "um" para "um vinte". Por conseguinte, na escrita maia o algarismo "40" deveria figurar com um zero na coluna inferior e na próxima coluna com dois pontos para "duas vezes um vinte". Exemplifiquemos:

55		(= dois 20)	816		(= dois 400)
		(= quinze 1)			(= zero 20)
105		(= cinco 20)			(= dezesseis 1)
		(= cinco 1)	18.980		(= dois 8.000)
					(= sete 400)
					(= nove 20)
					(= zero 1)

Este sistema de escrita é mais simples do que tudo quanto foi produzido no mundo antigo. Nem os romanos nem os gregos conheciam o valor "0". Os romanos usavam letras para escrever os números; para eles, 1848 era MDCCCXLVIII. Tais séries de letras não podiam ser colocadas em sentido vertical, para computar a respectiva soma, tampouco se prestavam a operações de divisão ou multiplicação. Para tais operações aritméticas faltava o zero, genial na sua invenção e absolutamente insubstituível nos sistemas decimal e vigesimal. Os europeus usaram o zero somente por volta de 700 d. C, que aprenderam com os árabes, os quais, por sua vez, o receberam dos hindus, cujas noções de aritmética ter-lhes-iam sido ensinadas pelos "deuses".

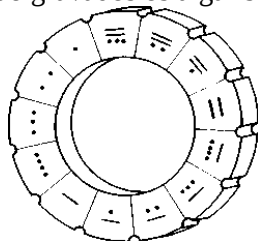
As rodas do tempo

Tanto é fácil compreender o sistema numérico, quanto é difícil entender o calendário maia, ao qual os antigos índios dedicaram verdadeira paixão, "obcecados com a idéia de o tempo poder ser medido" (1).

O calendário orientou e regulamentou a vida dos maias até nos menores detalhes de sua existência. Determinou as festas religiosas, indicou as coordenadas de suas construções monumentais, fixou aspectos do seu futuro. O calendário regulamentou a ocorrência de eventos recorrentes e garantiu a ligação com o cosmo.

A menor unidade do calendário era de um mês de 13 dias.

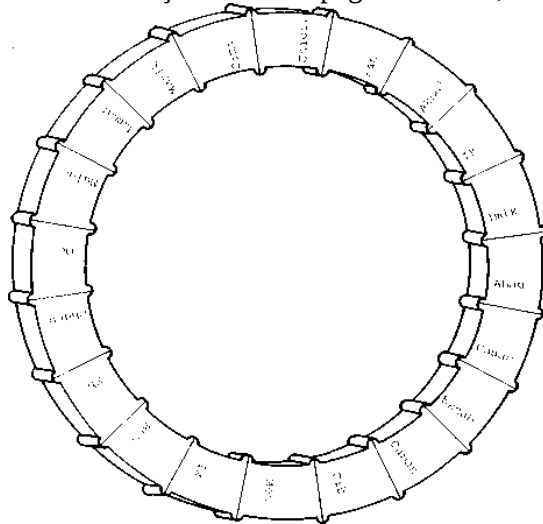
Vamos tentar penetrar nesse segredo com a ajuda de meios visuais. Imaginemos um mês maia como uma pequena roda de 13 dentes, nos quais estão gravados os algarismos de 1 a 13, conforme ilustração abaixo:



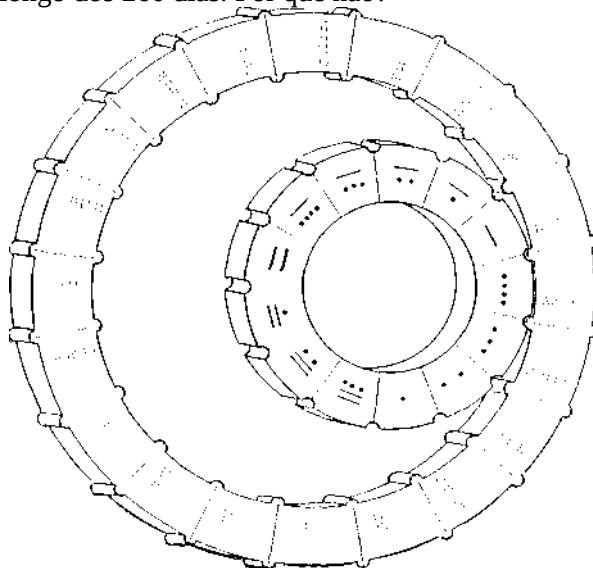
O ano tinha 20 desses meses de 13 dias, cada mês levando o nome de uma divindade:

1 Imix	11 Chuen
2 Ik	12 Eb
3 Akbal	13 Ben
4 Kan	14 Ix
5 Chicchan	15 Men
6 Cimi	16 Cib
7 Manik	17 Caban
8 Lamat	18 Eznab
9 Muluc	19 Cauac
10 Oc	20 Ahau

Uma roda grande representa 20 meses, marcados por 20 dentes, levando os nomes da relação citada na página anterior, conforme ilustração abaixo:



Ao encaixar a roda pequena na roda grande, e ao serem viradas uma em direção à outra, obtém-se, de 13×20 , um ano de 260 dias. O aspecto interessante disto é o fato de nenhum dos 20 dias designados poder repetir-se ao longo dos 260 dias. Por que não?



A roda pequena começa a girar na posição "1", a grande no nome Imix. Com os maias, isto teria significado que hoje é 1/Imix, amanhã, 2/lk, depois de amanhã, 3/Akbal e assim por diante.

Quando a roda pequena, na posição "I V", pega em "Ben", seguem-se 12 revoluções consecutivas, começando, outra vez, com 1/Imix. A grande roda dentada, com seus 20 nomes, perfaz 19 revoluções subseqüentes; depois de 13/Ben seguem-se 1/Ix, 2/Mcn, 3/Cib. . .

Ao todo, 13 revoluções dão o ciclo de 260 dias que os maias chamavam de *Tzolkin*. *Tzolkin* era o ano santo, o ano dos deuses, no qual aconteciam todos os ritos religiosos. Até então, foi impossível esclarecer a maneira como os maias estabeleceram o ritmo de 260 dias.

Como o *Tzolkin* oferecia dados exclusivamente religiosos, sem nenhuma indicação para a agricultura, os maias usavam um segundo calendário, o *Haab*.

O *Haab* era dividido em 18 meses de 20 dias, mais um período de 5 dias, dando $360 + 5 = 365$ dias.

A exemplo do *Tzolkin*, também o *Haab* deu a seus meses nomes de divindades um tanto esquisitos para os nossos ouvidos tais como: Imix — Ik — Kan — Oc — Kb — Ben...

As duas rodas dentadas deve, agora, ser acrescida uma terceira, a roda *Haab* de 365 dentes a encaixarem-se nos da roda *Tzolkin*, conforme acontece numa engrenagem perfeita. Com a grande roda do tempo completando suas revoluções, cada dia, com sua designação, pode recorrer tão-somente após 18.980 dias. Por quê?

Em nossa engrenagem, a data representada aparece conforme segue: 4 Ahau (nome de mês do *Tzolkin*) 8 Cumhu (nome de mês do *Haab*). O dia seguinte seria 5 Imix 9 Cumhu, o subsequente, 6 Ik 10 Cumhu e assim por diante. Para as três rodas completarem o seu giro, são necessárias 18.980 posições das rodas dentadas e esses 18.980 dias, divididos por 365, dão 52 anos, um ciclo do calendário maia! O ano santo *Tzolkin* é de 260 dias. O algarismo 18.980 dividido por 260 dá 73. Isto representa um ciclo do calendário maia de 52 anos terrestres de 365 dias, ou, 73 anos santos de 260 dias cada. A pesquisa maia denominou esse período de *calendar-round* (volta do calendário), um ciclo determinante na vida dos maias.

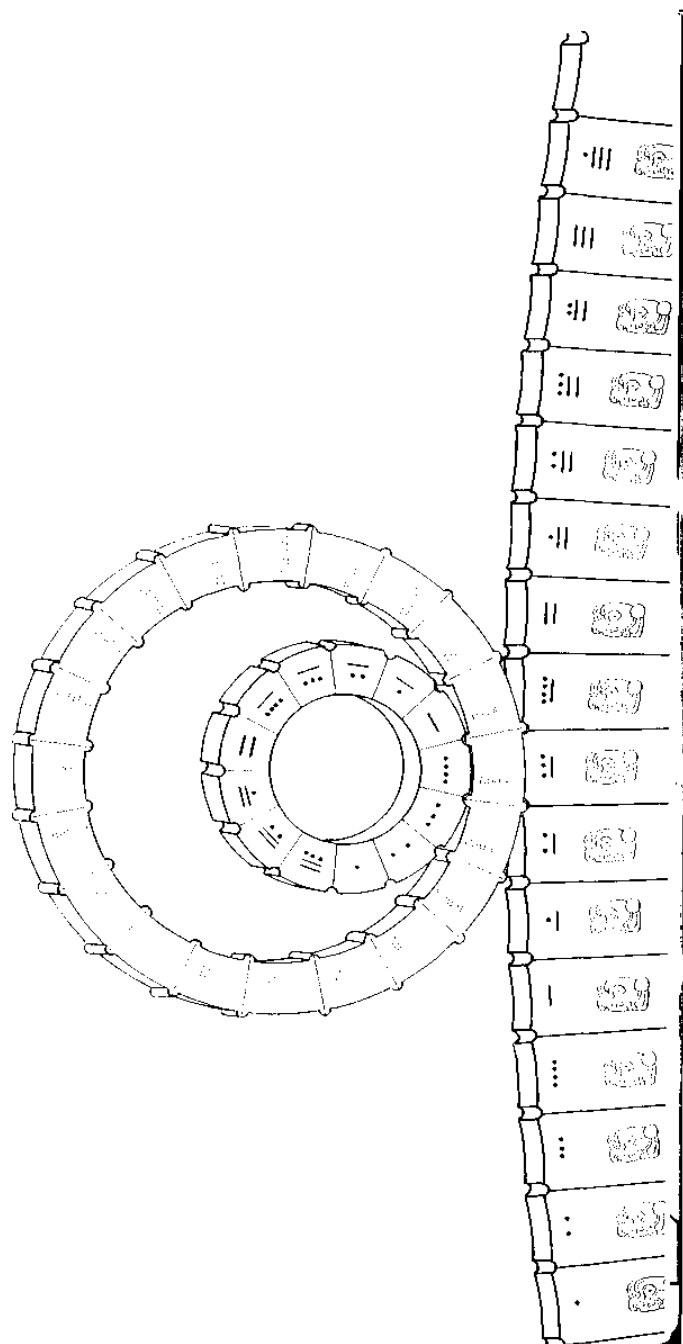
O dia em que os deuses chegaram?

Na realidade, o calendário maia é bem mais complicado do que parece ser com essa tentativa de uma explicação simplificada. Os maias conheciam com precisão incrível a órbita da Terra ao redor do Sol, dentro do período de um ano de 365,242129 dias. Sabiam que a duração do ano ultrapassava os 365 dias redondos e, por conseguinte, o seu calendário perderia algo da sua exatidão ao cabo de uns poucos anos, quando, então, teria de ser corrigido.

O nosso calendário gregoriano corrige esses desvios de quatro em quatro anos, com o ano bissexto, acrescido do dia 29 de fevereiro, permitindo aos nascidos naquele dia esdrúxulo um "parabéns a você" somente de quatro em quatro anos.

Os maias não corrigiam o seu calendário de maneira tão simples assim! Com base em cálculos matemáticos intrigantes, acrescentavam 13 dias a cada 52 anos, para deduzir 25 dias a cada 3.172 anos. Isto tem sentido, considerando-se que seu calendário era o mais preciso do mundo; desviou por um mínimo do ano completo, levado pela órbita da Terra em volta do Sol, apurado em cálculos astronômicos exatos. Por exemplo:

Calendário juliano (válido ate 1582 d. C.) = 365,250000 dias
Calendário gregoriano (válido desde 1582) = 365,242500 dias
Calendário maia = 365,242129 dias
Cálculo astronômico, absoluto = 365,242198 dias



Um calendário tem sentido tão-somente quando começa com determinada data de referência. A data zero do nosso calendário, do calendário do mundo ocidental, é o ano do nascimento de Jesus Cristo. Os muçulmanos contam o tempo a partir da transferência de Maomé de Meca para Medina (em 622 d. C). Os antigos persas contavam o tempo "desde o início do mundo". Qual teria sido a data zero para o começo do fenomenal calendário maia?

Gerações de pesquisadores perderam o sono com este enorme ponto de interrogação. Chegaram a concordar num só ponto, admitindo que a contagem do tempo maia tem início com o agourento hieróglifo inicial *4 Ahau 8 Cumhu*, porque, conforme sabemos, este se repete apenas a cada 52 anos e está no início de todos os cálculos de calendários. No entanto, como deve ser datado esse *4 Ahau 8 Cumhu*?

Até 1972, havia nada menos que 16 suposições e teses diversas para a data zero. Fizeram-se cálculos sem fim, recorreu-se ao computador para apurar qual a data do calendário maia que conferia com uma data de nosso calendário. Ainda hoje os cientistas continuam dando duro em busca da assim chamada data zero.

Assim sendo, o professor Robert Henseling (2) fixou o ponto zero em inícios de junho de 8498 a. C; baseado em equações algébricas, seu colega Arnost Dittrich (3) obteve várias opções, todas elas indicando a época por volta de 3000 a. C. O internacionalmente renomado pesquisador maia, professor Herbert J. Spinden, travou debates acirrados com seu colega não menos afamado, John E. S. Thompson, fixando a data zero precisamente em 14 de outubro de 3373 a. C, embora Thompson optasse pelo dia 11 de agosto de 3114 a. C, ou seja, 260 anos mais tarde. Conquanto a pesquisa maia adotasse como ponto de partida a data de Thompson, o americanista A. L. Vollemaere (4) questionou aquela data, declarando que, inequivocamente, ela deva ser fixada em 16 de setembro de 3606 a. O Embora as datas computadas pelos diversos pesquisadores variem entre os anos de 8000 a 3000 a.C, ou seja, cinco milênios, todos concordam num ponto: os maias ainda nem existiam em nenhuma das datas cogitadas. Por que, então, os maias, herdeiros de um passado desconhecido, indicam um início lixo para o seu calendário? Algo de muitíssimo importante para os seus antepassados mais remotos deve ter acontecido naquela data zero.

Até agora neste nosso mundo ainda não surgiu um calendário para cujo início seus criadores tenham fixado uma data fictícia. No entanto, é justamente isto o que os sábios atribuem aos maias. Era todo caso, há um abismo enorme aparentemente intransponível entre as suposições dos arqueólogos e o início do calendário maia. Por que o calendário maia

começa milênios antes da efetiva época maia? Quem indicou a data inicial? O que significa essa data? Teria sido o dia em que os deuses chegaram?

Jogo com milhões e bilhões

Lembremos as três rodas dentadas da engrenagem dotada de 20 números, da roda *Tzolkin* e da roda *Haab*, dando o *calendar-round* de 18.980 dias, ou seja, 52 anos terrestres.

A fim de ganharmos o impulso necessário, acrescentemos às três rodas mencionadas mais uma roda dentada cujo dente inicial engata na data zero 4 *Ahau 8 Cumhu*. Os especialistas costumam chamar essa quarta roda de *longcount* — contagem comprida — designação muito acertada, pois das revoluções das quatro rodas do tempo resultam ciclos de milhões e bilhões de

- 1 Kin = 1 dia
- 1 Unial = 20 dias
- 1 Tun = 360 dias
- 1 Katun = 7.200 dias (= 20 Tun)
- 1 Baktun = 144.000 dias (= 20 Katun)
- 1 Pictun = 2.880.000 dias (= 20 Baktun)
- 1 Calabtun = 57.600.000 dias (= 20 Pictun)

Grotescos períodos de tempo? Decerto. No entanto os maias operavam com números ainda mais altos, considerando que um Kinchiltun correspondia a 3.200.000 Tun, um Alautun até a 64.000.000 de Tun e isso representava nada mais nada menos de 23.040.000.000 de dias, ou seja, 64.109.589 anos — algarismos simplesmente inimagináveis, mas com os quais os maias operavam efetivamente. Algumas inscrições datam de 400.000.000 de anos atrás. O arqueólogo norte-americano Sylvanus Griswold Morley (1883-1948), pesquisador em Iucatã e descobridor da cidade maia de Uaxactun, no México, externou sua profunda admiração por esse imenso saber (5):

"Os antigos maias lograram determinar toda data de sua cronologia com precisão tamanha que somente após 374.440 anos houve sua recorrência; uma proeza singular da mente humana, em qualquer sistema cronológico, seja de procedência antiga seja de procedência moderna."

Mas como era possível separar determinado dia desse gigantesco ciclo do calendário? As "rodas do tempo" permitiam fazer tal distinção, pois, cada dia, ao longo de 374.440 anos, recebia determinado nome e esses nomes denominavam 136.656.000 dias! Meu conterrâneo, o pesquisador maia Rafael Girard, portador de altas condecorações e que dedicou a sua vida à

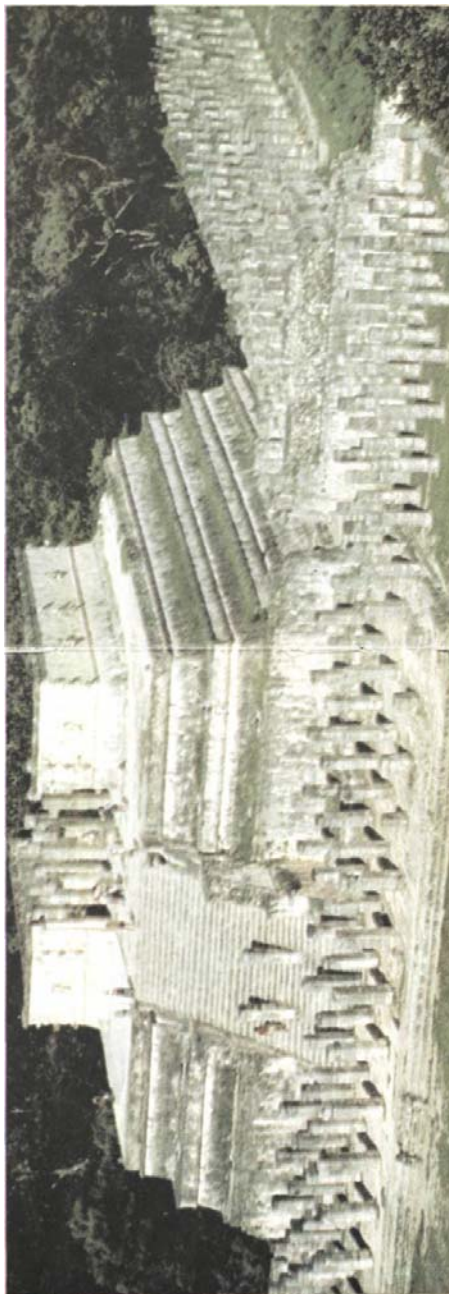
pesquisa maia, constatou:

"Nos campos da matemática, cronologia e astronomia os maias superaram não somente todos os povos americanos, mas todas as civilizações do Mundo Antigo" (6).

Aquilo que ficou comprovado pela pesquisa confere com os pronunciamentos feitos pelo sábio juiz dos índios hopi, Urso Branco, no Arizona, E.U.A., que dizem: para os maias, o *tempo* era um valor da eternidade. Eles conseguiram fixar a data de eventos passados, mergulhados fundo no poço da era primitiva, com extrema precisão, a exemplo de como as rodas do tempo giravam com datas mensuráveis para o futuro. Tais eventos, a ocorrer em futuro remoto, significavam para os maias a volta do deus Kukulcán e, para os astecas, a do deus Quetzalcoatl.



Essas rodas foram encontradas na beira do Templo das 1.000 Colunas, teriam sido partes do calendário maia.



O Templo das 1.000 Colunas, em Chichén-Itzá.



Segundo o calendário exato, o período de tempo, desde o início do passado quando os maias ainda nem existiam, até a época da sua existência historicamente comprovada, abrange milênios. Não há resposta para a pergunta: por que os maias teriam calculado, pensado e planejado em tais dimensões de tempo? O seu calendário perpétuo não servia para a sua vida cotidiana, por exemplo, para a agricultura. Esse fluxo do tempo, sem começo e sem fim, poderia adquirir sentido somente se os ciclos fixassem datas de

eventos a recorrer em milênios ou centenas de milênios que, por essa razão, deveriam ser registrados em calendário. A meu ver, somente sob este aspecto têm sentido os ciclos de calendários que tanta admiração e tanta surpresa causam em nossos dias.

Interlúdio

Em minha correspondência havia uma carta datada de 15 de março de 1981 e cheia de números; ela chegou em boa hora, naqueles meus dias repletos de algarismos maias (7). O remetente era o Dr. S. Kiessling, de Aix-la-Chapelle, e à margem daquela carta meu secretário anotara: "Poderia ser interessante!" O Dr. Kiessling, desconhecido para mim, informava que passara alguns anos entre os índios no Peru e dedicara-se "a fundo aos estudos do chamado calendário maia". Em seguida, daria alguns dados a respeito do *Tzolkin* e do *Haab*, de acordo com o já mencionado.

Até aquele dia meio frio de março de 1981, minhas noções sobre o calendário maia eram pouco concretas. Mas a frase final daquela carta chamou a minha atenção para o assunto, dizendo: "Uma pesquisa de calendário que deixa de considerar o sentido matemático das combinações de dois calendários não pode ser reputada como científica, para usar termos brandos".

O Dr. Kiessling não fazia a menor idéia do que essa sua carta provocaria em minha mente. Ao longo de duas décadas desenvolvi um sexto sentido para explicações razoáveis, mesmo as consideradas (ainda) não-científicas pela ciência acadêmica. Peguei as pilhas de literatura maia, amontoadas sobre minha mesa e à minha volta e, antes de mais nada, conferi os algarismos fornecidos pela carta. Tudo me parecia perfeitamente aceitável e, por conseguinte, dirigi duas perguntas ao missivista de Aix-la-Chapelle: Quem é o senhor? Por que não promove, pessoalmente, a publicação desse material "quente"? A resposta não se fez esperar (8):

"Agradeço sua carta de 24 de março de 1981. Como cientista sóbrio, não sou dado a escrever para o grande público leitor, cujo nível cultural superestime, e muito, até agora. Por outro lado, estou cansado de tentar entender-me com a arrogância e eventual ignorância de cientistas doutos. . . Por isso, anexo envio-lhe algumas fotocópias de um dos meus estudos, com resultados de pesquisas das civilizações pré-históricas da Terra. O texto fotocopiado está à sua inteira disposição para o senhor dele fazer o uso que bem entender. Para a mentalidade do público em geral, o seu modo de escrever é de compreensão mais fácil do que a minha maneira de expor as coisas. Os pontos tratados nesses meus estudos têm base científica e podem

ser verificados a qualquer tempo. . . Entrego-lhe o material anexo a título gratuito."

Quanto à pessoa do Dr. Kiessling, soube que estudara química e metalurgia e, durante seus estudos em Dresden, deparara com o *Codex Dresdensis* e achara "o mundo dos maias ainda mais interessante do que meus estudos de química!" Antes da II Guerra Mundial emigrara para a Guatemala, onde no próprio local fora introduzido na civilização maia pelo arqueólogo norte-americano J. Budge. Ao lado de suas atividades profissionais, o Dr. Kiessling sempre voltara à América Central.

E ali estava eu diante dos resultados de uma pesquisa apaixonada com a finalidade de demonstrar, da maneira mais simples, algo bem complicado e complexo. Tarefa nada fácil.

A idéia genial do Dr. S. Kiessling

Em conjunto, o *Tzolkin* e o *Haab* dão um período de *calendar-round* de 18.980 dias, ou seja, 52 anos. A rodinha *Tzolkin*, com seus dentes para somente 260 dias, é menor do que a roda *Haab*, com seus 365 dentes para 365 dias. Por conseguinte, no prazo de 52 anos, a roda *Haab* perfaz somente 52 revoluções, enquanto a rodinha *Tzolkin* tem que dar duro para acompanhá-la, fazendo 73 revoluções. No entanto, dentro de 52 anos, cada roda cumpre a sua tarefa:

$$52 \times 365 = 18.980 \text{ dias} \qquad 73 \times 260 = 18.980 \text{ dias}$$

O *Tzolkin* era um calendário ritual, dos deuses, sem nenhum valor prático, com 73 anos rituais, dos deuses, correspondentes a 52 anos terrestres.

Conforme atestam os hieróglifos maias já decifrados, no prazo desses 52 anos surgiram no firmamento, por dez vezes, determinadas divindades de nomes intrigantes, e a cada 52 anos os maias receavam pela volta daquelas "criaturas horrendas" (9). Se, em 52 anos (18.980 dias), as divindades pareceram no firmamento por dez vezes, então, pela lógica, deveriam ter aparecido uma vez a cada 5,2 anos (1.898 dias). O Dr. Kiessling perguntou-se o que surgiu no céu a cada 5,2 anos (— 1.898 dias), uma só vez? Um cometa? Uma nave espacial? Vênus, o planeta dos deuses? O pesquisador inquisitivo, curioso, examinou os dados das órbitas dos planetas do nosso Sistema Solar e chegou a uma constatação surpreendente:

ÓRBITAS DOS PLANETAS AO REDOR DO SOL

Em Anos Terrestres	Em Dias Terrestres
Mercúrio 88	0,24
Vênus 225	0,62
Terra 365	1,00
Marte 687	1,88
Planeta X 1.898	5,20
Júpiter 4.329	11,86

Olhando o atlas dos planetas, salta aos olhos a grande lacuna aberta entre Marte e Júpiter. Segundo as órbitas de Kepler, ali gira ao redor do Sol um grupo gigantesco de pequenos planetas, visíveis somente pelo telescópio, os chamados asteróides. Supondo-se que esses asteróides lessem os destroços de um ex-planeta, este, em sua existência compacta, teria completado uma órbita ao redor do Sol em 1.898 dias, ou seja, 5,2 anos!

Considerada sob este aspecto, a combinação do calendário ritual *Tzolkin* e do calendário profano *Haab* não indica uma data casual, mas sim a órbita do planeta X. E não foi só isso: na décima potência, com 18.980 dias (52 anos), fixou a posição ideal do planeta X em relação à Terra. Era naquele dia determinado que os terrestres receavam a ira dos deuses, e, por essa razão, toda vez que se aproximava o fim de um ciclo do calendário, os maias viviam com muito medo. Por esse motivo, a cada 52 anos eles perscrutavam o céu com receio e atenção redobrados, na expectativa do surgimento dos deuses Kukulkán, respectivamente, Quetzalcoatl. A coincidência das datas do *Tzolkin* ritual e do *Haab* profano, no 18.980." dia, sempre era considerada como prenúncio de perigo. Estavam para ser celebradas as núpcias do extraterrestre com o terrestre.

Certamente serei censurado por falar em "décima potência", conceito ignorado pelos maias, que operavam com o sistema vigesimal. Claro, os maias não escreveram o número 18.980, mas sim construíram a sua composição aritmética, conforme ilustração ao lado. No entanto, também esse *número integral* dava resultado idêntico, pois, igualmente, anunciava o surgimento dos deuses no céu por dez vezes.

Muito obrigado, Dr. Kiessling!



Os sérios jogos aritméticos dos maias

Há décadas os arqueólogos cismam, matutam a respeito do significado do número mágico 260 do *Tzolkin*. De que maneira os índios "selvagens" chegaram a elaborar o seu calendário ritual de exatamente 260 dias? O que significaria esse número? "Provavelmente deve simbolizar a ligação do céu com o ser humano", diz o professor Wilhelmy na sua obra *Mundo e Meio Ambiente dos Maias*. Sim, senhor; é isso mesmo e muito mais que esse número quer dizer: os 260 dias do *Tzolkin* eram compostos de 20 meses e 13 dias. O número-base dos maias era "20"; no idioma maia "20" era *mine*, que também queria dizer "homem". Os mestres divinos, aos quais até hoje os índios agradecem o seu incrível saber matemático, poderiam ter ensinado com genial simplificação o sistema vigesimal (*uinic*); como base aritmética do homem (*uinic*), ele pode ser praticado com os dez dedos das mãos e os dez dedos dos pés.

Os planetas Marte e Vênus adaptam-se perfeitamente bem ao calendário ritual de 260 dias, devido ao ressurgimento sinódico* de Marte a cada 780 dias, ou seja, três ciclos do calendário de 260 dias cada! Uma órbita sinódica de Vênus leva 254 dias. Os maias perguntaram-se: quantas órbitas Vênus deve completar para surgir como estrela matutina? Quatro é o fator menor e Sir John Eric Thompson (6), pesquisador maia de maior renome internacional, deu a seguinte equação:

* *Sinódico*: relativo à revolução dos planetas.

"584 dividido por 4 dá 146; 146 multiplicado por 260 dá 37.960. Portanto, após 37.960 dias de suas órbitas através do tempo, os deuses de Vênus e os dos ciclos de 260 dias chegam, simultaneamente, a seu campo de pouso após 65 órbitas de Vênus e 146 órbitas de 260 dias."

Para os maias, 37.960 era um número sagrado na engrenagem do tempo. Pois, após 37.960 dias, os deuses terminavam sua longa viagem, chegando ao "grande campo de pouso". O número 37.960 dividido por 1.898 (o número de dias da órbita do planeta X) dá o número-base: 20. Por que os maias optaram pelo caminho mais árduo, mais complicado, operando com dois calendários funcionando em paralelo? O *Haab*, de 365 dias, regendo sua existência terrestre, não teria sido suficiente? Por outro lado, desde que souberam, por fontes antigas ou observações seculares do firmamento estrelado, que, a cada 52 anos, os deuses se aproximam mais da Terra, poderiam ter dispensado o calendário ritual (*Tzolkin*) de 260 dias. Ou será que ele era indispensável?

Ao tentar uma explicação, apenas posso citar uma teoria que demonstra

o quanto os números podem ocultar.

Suponhamos que uma equipe de astronautas terrestres aterrisse num planeta longínquo, cuja órbita ao redor do Sol difere e muito da do nosso "planeta azul", a Terra. No seu planeta de destino o ano estaria mais curto do que no seu planeta natal e, também, seriam mais demoradas as rotações do planeta X em torno do seu próprio eixo, razão pela qual, ali, a duração dos dias não seria a mesma que a dos dias na Terra.

Os nossos astronautas levariam no pulso os cronômetros mais modernos, mais sofisticados, em cujo microcomputador rapidamente poderiam programar a órbita do planeta do seu destino. A partir daquele instante, os cronômetros armazenariam dois registros de tempo, independentes um do outro, a saber: do tempo terrestre e do tempo novo, no planeta de destino. O novo tempo indicaria as horas que ainda faltam para o cair da noite. Por quanto tempo dura a noite gelada? Se prolongarem sua estada no planeta de destino, o microcomputador indicará o começo da primavera, a época do plantio. . .

Mesmo na imensidão do cosmo e naquele planeta distante, os nossos astronautas continuam sendo o que são: filhos da Terra. O metabolismo de seu organismo continua a processar-se no ritmo terrestre; quando um astronauta deseja saber sua idade, sob as condições das novas leis do tempo, pergunta ao computador seus anos terrestres. Caso o grupo estivesse por festejar o Natal, lá em cima, no dia terrestre de 25 de dezembro, poderia entoar seus cânticos natalinos e, se tivesse uma garrafa de champanha, poderia brindar o ano novo com a tradicional taça de champanha, não importando a data eventualmente indicada pelo calendário do planeta X.

A nossa equipe de astronautas está em situação nada cômoda, pois deve orientar-se por dois calendários e com eles conviver. Nada pode fazer com o velho calendário terrestre lá, no planeta longínquo, totalmente imprestável sob as condições vigentes, e deve aceitar o novo calendário, para ela estranho, do planeta de destino.

O planeta imaginário deve completar uma órbita ao redor do Sol dentro de 1.898 dias. O que é um dia? A rotação própria do planeta de meio-dia a meio-dia. Suponhamos que um dia no planeta de destino dos nossos astronautas corresponda a 7,3 dias terrestres. Por que justamente 7,3? Por que não 5,6 ou 11,8 dias terrestres? Porque o número "7.3" era sagrado aos maias! Lembremos: 73 anos dos deuses completam o ciclo do calendário e sua décima parte — 7,3 — ficou sendo relacionada com o dia-a-dia das divindades. A rotação própria do planeta X, de 7,3 dias terrestres, significaria que o planeta dos deuses levava bem mais tempo para completar um giro em torno de seu eixo do que leva a Terra. Pura utopia?

Absolutamente, não; pois isto existe, considerando-se que a rotação própria de Mercúrio é de 88 dias, a de Vênus, de 243 dias, a de Marte, de 24 h e 37 min. Ainda não são exatamente conhecidas as rotações próprias de Júpiter e outros planetas do nosso Sistema Solar.

Vejamos: o planeta X tem seu dia igual a 7,3 dias terrestres. Em 1.898 dias terrestres ele completa uma órbita em torno do Sol. De quantos dias seria, então, um ano no planeta X?

$1.898 \text{ dividido por } 7,3 = 260 \text{ dias}$

O *Tzolkin* sempre dá certo. "Acaso, talvez, seja o pseudônimo usado por Deus quando Ele não deseja assinar o seu nome", foi o que escreveu Anatole France (1844-1924).

A combinação do *Tzolkin* com o *Haab* não deixava margem para o acaso. Embora em código matemático, porém inteligível à humanidade de um futuro remoto, os deuses deixaram com os antepassados dos maias seus dados planetários, cuja equação básica era bem simples: 73 anos dos deuses correspondiam a 52 anos dos terrestres.

Outrossim, os mestres extraterrestres ensinaram aos antepassados dos maias cálculos exatos das órbitas planetárias dentro do nosso Sistema Solar e a eles entregaram uma relação de todos os eclipses solares e lunares, a registrar-se no futuro, conforme consta no *Codex Dresdensis*.

Será que com essa dádiva de saber magno os forasteiros queriam consolidar o poder dos soberanos-sacerdotes por eles instituídos? Talvez nem se tratasse de soberanos-sacerdotes dos próprios maias, mas sim dos seus antepassados? Será que queriam livrar o povo simples do seu medo dos fenômenos da Natureza, para eles totalmente incompreensíveis? Inúmeras perguntas em torno do POR QUE e PARA QUE dos calendários deverão continuar sem resposta, mas transparece um propósito claro e patente: gerações futuras, muitas gerações futuras, deveriam tratar dos calendários tão surpreendentemente exatos.

Os mestres-psicólogos de outros astros não se enganaram. De uns 100 anos para cá, ao redor do globo muita gente douda, sábia, trata de desvendar esses mistérios, procurando explicá-los de forma plausível. Está custando muito trabalho, muito suor. Afinal de contas, o que significariam realmente aqueles ciclos malucos de um *Calabtun*, de 5.760.000 dias, de um *Kinchiltun*, de 1.152.000.000 de dias? Seria ainda imaginável um *Alautun* de 23.040.000.000 de dias?

Certamente os criadores do calendário não operavam com unidades de tempo terrestres. Nem a mais soberba das dinastias soberanas, ansiosa por conhecer a duração do seu reinado, poderia ambicionar permanecer no trono por um *Alautun* de 64.109.589 anos; tampouco estaria interessada em

governar por tal eternidade, mas sim, ter-se-ia contentado com estimativas redondas, em termos de séculos. Não teria exigido do astrônomo da corte cálculos exatos até no ano e no dia. Tudo aquilo não teria passado de um *hobby*, exercitado por puro prazer, por amor às artes matemáticas?

Sem dúvida, não; pois, conforme veremos a seguir, a mitologia maia fixou determinados atos divinos no ritmo dos ciclos do seu calendário. Por exemplo, ao cabo de 104 anos terrestres, ou seja, 37.960 dias terrestres, os deuses terminaram a sua longa viagem no "grande campo de pouso".

Por que empreenderam a longa viagem? Vieram de onde? Do ex-planeta X que, ao explodir, deixou os asteróides? Para onde se teriam dirigido? Será que estacionaram no "grande campo de pouso" de um asteróide, de um planeta pequeno?

A terra de ninguém superpovoada

Na noite do ano-novo de 1800/1801, o astrônomo italiano e monge da ordem dos teatinos, Giuseppe Piazzi (1746-1826), diretor dos observatórios de Palermo e Nápoles, fez suas rotineiras observações do céu com o telescópio; ele trabalhou numa nova tabela dos astros. De repente, um pequeno objeto nunca antes observado surgiu no seu campo de visão; com isto, Piazzi descobriu o primeiro planeta pequeno, o planetóide Geres. Por sua vez, Carl Friedrich Gauss (1771-1855), um dos maiores astrônomos e matemáticos de todos os tempos, logrou calcular as órbitas do planetóide Geres, logo depois desaparecido. Entre os anos de 1802 e 1807 foram registrados os planetóides Pallas, Juno e Vesta e, em 1845, o astrônomo amador alemão W. P. Hencke descobriu o quinto planetóide. Entrementes, o número de planetóides cresceu a ponto de somente ser computado, aos milhares, por uma central; atualmente o seu total está estimado em mais de 400.000.

Já antes da noite do ano-novo de 1800/1801, os astrônomos verificaram no Universo uma lacuna de 480.000.000 km, aberta entre as órbitas de Marte e Júpiter. Bem que se desconfiou da existência de algo nesse imenso espaço vazio, mas não se chegou a saber o que fosse. No entanto, quando nesses últimos 100 anos foram identificados mais de 400 daqueles corpos pequenos, convencionou-se chamar aquilo de *cinturão de asteróides*. O nome pegou, apesar de, a rigor, o termo correto devesse ser *cinturão de planetóides*. Um asteróide seria um fragmento de estrelas derivado da palavra grega *astor* — astro — enquanto um planetóide é um planeta minúsculo. Portanto, não nos enganemos com esse termo, pois o cinturão de asteróides é um conglomerado de planetóides! Já se conhecem os dados orbitais de mais de

2.000 desses pequenos planetas e, calculados sobre essa base, é igualmente conhecido o seu diâmetro (10): Geres, o maior dos planetóides, mede 770 km de diâmetro, Palas, 452 km, Vesta, 393 km, Psique, 323 km. . . São corpos bem grandes, ao lado de menores, de até apenas 1 km e, ainda outros, minúsculos, do tamanho de uma bola de futebol.

Quanto à origem do cinturão de asteróides, as opiniões divergem. De início, pensou-se que com seus muitos milhares de fragmentos tratar-se-iam de partes de meteoritos, ou seja, pedras incandescentes não totalmente resfriadas durante o seu vôo pela atmosfera. Em seguida, surgiu a idéia de tratar-se de partículas do Sol que não chegaram a consolidar-se num aglomerado planetário devido às influências perturbadoras da força de atração exercida por Júpiter. Também a idéia de tratar-se de fragmentos de um planeta explodido foi descartada em seguida, pois os astrônomos calcularam que a massa global dos planetóides não daria para formar um planeta de verdade. Supõe-se que a massa de todos os planetóides perfaz entre 3 e 6 trilhões de toneladas; isto é pouco, em comparação com a nossa Terra, cuja massa global é da ordem de 5.976×10^{24} .

Essa tese é muito discutível, considerando-se que um planeta não é feito só de matéria compacta.

O invólucro da Terra é muito delgado, flutuando sobre pedras incandescentes, líquidas, com temperaturas de 4.000 °G no seu núcleo. Dois terços da superfície da Terra são de água e a plataforma continental é composta de material de densidade muito variável. Se o nosso planeta azul explodisse, os seus fragmentos, espalhados em corrida desenfreada pelo Sistema Solar, não dariam para reconstituí-lo na sua massa original. Cirandas partes poderiam cair em outros planetas ou até sumir, para sempre, no Sistema Solar. O professor Harry O. Ruppe (1) não considera fora de cogitação a tese segundo a qual o cinturão de asteróides seria constituído dos fragmentos de um planeta "destruído por uma catástrofe", e opina que tal planeta "poderia ter tido dimensões bem amplas", e que por ocasião da sua destruição "a parte principal da sua matéria pode ter sido lançada para fora do Sistema Solar".

Ainda há outro ponto (12) a favor da tese de uma explosão planetária: o cinturão de asteróides dispõe de energia própria em demasia! Se fosse composto de fragmentos constituídos de pó cósmico ao longo dos bilhões de anos, ou, se fosse partes de meteoritos provenientes de fora do nosso Sistema Solar, suas centenas de milhares de componentes teriam órbitas diversas das dos elementos do cinturão de asteróides. Mover-se-iam em ritmo mais lento, atraídos pela gravitação de Júpiter. A energia própria do cinturão de asteróides fala a favor da hipótese de uma explosão planetária. Resta ainda a

suposição (13) de "um cometa grande ter colidido com um planeta menor". No entanto, a probabilidade de tal colisão é mínima e essa tese deve ser descartada. Aliás, já deixou de ser estudada a sério.

Apocalipse agora!

Será que com toda essa perplexidade e falta de dados seguros poderia deixar de ser considerada a eventualidade de o planeta X ter sido destruído por formas de vida extraterrestres inteligentes?

Agora, em fins do século XX, aprendemos diariamente que o nosso planeta poderia ser destruído, sem mais nem menos, devido às armas incrivelmente mortíferas desenvolvidas pela ciência e que se encontram sob a guarda das nossas forças militares. Uma vez desencadeadas, num conflito apocalíptico poderiam liquidar, para sempre, com este nosso belo planeta!

Será que em nosso íntimo nós todos não vivemos com medo de uma catástrofe global, inevitável, a desabar a qualquer momento, e esse medo não torna a nossa vida triste e paralisa nossas esperanças do futuro? Será que o medo vive no nosso íntimo, mesmo sem nenhuma propaganda através dos meios de comunicação, como reminiscência primitiva de um evento acontecido num passado remotíssimo? Será que tais reminiscências valeriam como uma advertência para o futuro?

Será que chegará o dia em que os homens de opiniões divergentes saberão conviver pacificamente uns com os outros? Será que os ideólogos deixarão de proclamar e divulgar a sua respectiva doutrina como a única, a verdadeira? Quando chegarão os revolucionários a compreender que cada revolução triunfante traz em seu bojo o germe subsequente de outra, pelo fato de subjugar as pessoas que pensam de maneira diferente? Quando os homens reconhecerão que cada guerra religiosa é mais uma guerra supérflua? Chegarão os homens a entender o fato de que não haverá vencedores numa guerra futura, mas sim apenas uns poucos sobreviventes? "Tive de convencer-me da circunstância de que, para o homem, não é tão importante ele próprio sobreviver, nem a humanidade sobreviver, mas sim destruir o inimigo", foram as palavras do filósofo britânico Bertrand Russell (1872-1970) no caso de sua vida.

A discordância entre os homens bem pode levar a humanidade à grande catástrofe, irreparável, que culminará com a explosão do nosso planeta. Será que, então, haveria sobreviventes? Será que um punhado de homens de bem, homens sábios, poderia refugiar-se num lugar qualquer, talvez em Marte? Ou em outro "grande campo de pouso" no Universo? Chegará o dia em que, milênios após a grande catástrofe, os descendentes dos refugiados do

"planeta azul" perguntar-se-ão por que, ali, onde se encontrava o planeta natal de seus avoengos está um cinturão de asteróides — o segundo, depois do planeta X explodido? Também quebrarão a cabeça para determinar a origem daquele aglomerado de planetóides? Terão coragem de externar fatos comprovados ou repetir-se-á a História, não só na 'ferra, mas igualmente no espaço interestelar?

O cinturão de asteróides entre Marte e Júpiter existe e eu sou de opinião que seus mais de 400.000 fragmentos são oriundos do planeta X, cuja órbita em volta do Sol levava 1.898 dias para ser completada... e esse foi o planeta dos deuses. Outrossim, é perfeitamente admissível que o cinturão de asteróides já existisse muito antes de os extraterrestres terem visitado nosso Sistema Solar. Teria existido naquele cinturão um planetóide extraordinariamente grande por eles escolhido como "campo de pouso" para a nave-mãe e de onde empreenderam suas expedições à Terra? Os deuses desentenderam-se, conforme afirmam muitas tradições e, de propósito, destruíram o seu "campo de pouso" antes de sua partida? "Nada é maravilhoso demais para ser verdadeiro", falou o grande Michael Faraday (1791-1867).

O professor Papagianni indica a pista correta

De 27 de setembro a 2 de outubro de 1982 reuniu-se, em Paris, o 33.º Congresso da Federação Internacional de Astronáutica. Naquela ocasião, o renomado professor Michael D. Papagianni, da Universidade de Boston, E.U.A., proferiu um discurso sensacional (14) a respeito da "Necessidade da Pesquisa do Cinturão de Asteróides". Na qualidade de presidente da mesa, o professor desenvolveu idéias que — digo-o com toda a devida modéstia — poderiam ter sido minhas.

Segundo o professor Papagianni existiriam, basicamente, duas opções para especulações em torno da expansão da vida inteligente no Universo:

1) A galáxia já estava colonizada com o nosso Sistema Solar incluído naquele processo;

2) O nosso Sistema Solar não estava colonizado. Nesse caso, tampouco o resto da Via-Láctea o estivesse, porque, sob essas condições, não existiria uma civilização avançada para iniciar o processo da colonização. Isto significaria que a humanidade terrestre representa uma das poucas, talvez a única forma de vida inteligente dentro do Universo.

Logicamente, o professor Papagianni somente expôs essas duas conclusões de tão largo alcance depois de demonstrar, ma tematicamente, quanto tempo necessita uma civilização para sua evolução e expansão no

Universo. For conseguinte, segundo o professor Papagianni, a busca de eventuais visitantes extraterrestres deve começar *dentro de nosso próprio Sistema Solar*.

Este pronunciamento facilita e muito a busca de civilizações galácticas alienígenas, pois até agora se procuram radiossinais de inteligências extraterrestres em milhões e milhões de astros, centenas de anos-luz distantes da Terra. Parece mais lógico e razoável seguir a orientação postulada pelo professor Papagianni, ou seja, ir em busca de pistas de seres extraterrestres no âmbito do nosso Sistema Solar. É exatamente isso o que eu estou tentando fazer ao longo dos últimos 25 anos!

Na opinião do professor Papagianni, as buscas devem abranger, necessariamente, o cinturão de asteróides, considerando ser grande a probabilidade de uma civilização extraterrestre ter instalado ali o seu primeiro centro de operações.

Por quê?

Gasta-se muita energia em viagens prolongadas pelo espaço interestelar. Essa energia não pode ser obtida do Sol, pois na escuridão do Universo a energia solar perde sua eficácia. Logo, somente interessam formas de energia alternativas, as quais, sem exceção, têm por base uma matéria-prima qualquer. A fim de obter o urânio, os extraterrestres necessitariam, sobretudo, do minério de urânio. Para citar um só exemplo, suponhamos que a nave-mãe espacial use propulsão nuclear à base de hidrogênio e hélio; para tanto, é preciso, primeiro, obter o hidrogênio e o hélio, para, em seguida, liberá-los e, enfim, enriquecê-los. No âmbito do cinturão de asteróides existem todas as espécies de matérias-primas de fácil obtenção. O ferro e o níquel ali se encontram em sua forma mais pura. O gelo (hidrogênio) existe em quantidades imensas; aliás, sabe-se que 10% da massa total do planetóide Ceres é de água (15).

O professor Papagianni está certo, absolutamente certo; uma civilização que domine a astronáutica deve instalar sua base no cinturão de asteróides.

Ainda outra hipótese demonstra a plausibilidade da instalação de uma base no cinturão de asteróides. Elementos extraterrestres que ingressassem em nosso Sistema Solar não saberiam se, em qualquer parte, haveria formas de vida inteligente. Ao aproximar-se do nosso Sistema Solar, teriam de verificar qual o planeta a abrigar uma zona de vida, oferecendo condições mínimas para sua existência. Esse meio ambiente não deveria ser muito quente (Mercúrio) nem muito frio (Júpiter). Dentro de nosso Sistema Solar, a Terra lhes ofereceria condições ideais. Os forasteiros identificariam prontamente o nosso planeta como eventual portador de uma civilização, embora ainda não conhecessem o seu grau de progresso, não soubessem se

suas formas de vida inteligente ainda habitariam em cavernas, se já disporiais do canhão de laser e da bomba de hidrogênio, se ali seriam recebidos com cordialidade ou a bala. A fim de estudar e determinar todas essas contingências, seria preciso eles se aproximarem da Terra sem ser percebidos. Onde deveriam esconder sua nave-mãe espacial e sua pequena frota auxiliar? No cinturão de asteróides! Despercebida por telescópios terrestres, uma nave espacial bem poderia ser ancorada no lado oposto de um grande planetóide e, entre milhares de asteróides, naves espaciais de pequeno porte poderiam orbital tranquilamente sem interferência de espécie alguma.

Após o reconhecimento do planeta Terra e a constatação de que seus habitantes são inofensivos — vistos de bem longe! —, os cosmonautas extraterrestres poderiam iniciar a cata de matérias-primas. Com a energia recém-obtida, até adquiririam condições de prestar uma pequena ajuda ao desenvolvimento dos povos no planeta Terra, escolhido para o seu destino... a exemplo de como já acontecera uma vez, num passado remotíssimo. Os mitos falam desse evento com profunda veneração.

Papagianni encerrou sua conferência com um apelo:

"Deixaríamos às gerações futuras uma imagem de bobos, se continuássemos nossas buscas da civilização extraterrestre em astros distantes, enquanto a resposta está aqui pronta a ser encontrada dentro do nosso próprio Sistema Solar."

Perguntas que não param de ressurgir

Teria sentido a busca de provas da visita de extraterrestres? Por que uma civilização avançada, extraterrestre, deveria ter praticado a astronáutica? Eis, a seguir, alguns motivos para se pensar porque, a qualquer momento, poderão tornar-se nossos próprios motivos:

Pesquisa do Universo — Colonização do Universo — Do minio do Universo por uma espécie inteligente — Fuga de uma catástrofe cósmica — Guerras no planeta natal, forçando um grupo de seus habitantes a abandoná-lo em fuga — Superpovoação do planeta natal — Busca de Deus e do começo da Criação — Descoberta de matérias-primas raras — Prazer da aventura.

Já não ficou comprovado, desde muito, que esses e outros motivos deixaram de concretizar-se, na prática, devido à inviabilidade da astronáutica interestelar?

As aulas do professor M. Taube, catedrático da Escola Politécnica Federal, em Zurique, Suíça, costumam lotar o auditório. Certa vez o

professor colocou em debate um interessante modelo hipotético (16):

— Uma nave espacial voa a 1/10 da velocidade da luz, ou seja, 30.000 km/s.

— Ao aterrissar no primeiro planeta colonizável, os descendentes da tripulação da nave espacial dispõem de 500 anos para a regeneração e o reequipamento de uma nova nave espacial.

Isso corresponde a uma velocidade de expansão da ordem de 0,016% da velocidade da luz.

— Nossa Via-Láctea tem um diâmetro de 100.000 anos-luz; estima-se que 100 bilhões dos seus planetas sejam habitáveis (aliás, uma estimativa bastante otimista!).

— Para a colonização da galáxia global seriam precisos:

100.000 anos-luz

----- = $5 \times 16''$ anos

0,016 velocidade da luz

— Ao término de 5 milhões de anos, todos os 100 bilhões de planetas seriam habitáveis.

O professor Taube reputa seus cálculos como matemática pura, sem valor prático, porque não vê possibilidade real de construir naves espaciais aptas a voar a 1/10 da velocidade da luz, de estrela em estrela. Quanto a este ponto, sou de opinião diversa. Quantas e quantas vezes a História Universal registrou a concretização das idéias mais fantasiosas, incluindo a realização de propósitos teóricos iguais aos definidos pelos cálculos do professor Taube? Concordo plenamente com as palavras do duque de Talleyrand: "Nas coisas deste mundo não se deve pensar apenas no âmbito do presente. Aquilo que é, freqüentemente significa bem pouco, enquanto aquilo que será significa muito". Espero que assim seja.

Em todos os países e idiomas estou sendo indagado sobre de que adiantaria se minhas teorias fossem corretas. O que lucraríamos com a prova decisiva da visita de extraterrestres a nossa Terra, milênios atrás? Será que esse conhecimento mudaria algo nos problemas do nosso dia-a-dia, deixar-nos-ia mais inteligentes? Será que, com isto, os que passam fome, nos países pobres, poderiam saciá-la? Será que o saber definitivo da humanidade garantiria a paz eterna? Teria importância sabermos se no cinturão de asteróides existiu um planeta X que completava sua órbita em torno do Sol em 1.898 dias? A quem poderia interessar se os maias inventaram seus calendários ou se os receberam de extraterrestres? Não haveria neste nosso mundo problemas bem mais prementes do que estender nossas mãos para as estrelas?

"O que é o homem?" — perguntou o astrônomo Wilhelm Rabe (1893-1959) e respondeu: — "Certamente não é o que ele pensa: o coroamento da Criação". Somente a prova de que o homem não representa a única forma de vida inteligente vale todos os esforços de pesquisa, pois essa prova faria ruir o seu orgulho incontido de ser o coroamento da Criação e tornaria relativo o seu significado. E ainda: nunca, no passado, a humanidade tratou de, primeiro, solucionar problemas antigos, para então iniciar novas pesquisas; porém, com base nos resultados das novas pesquisas, conseguiu vencer os problemas do passado.

Somente a descoberta e o desenvolvimento de uma farmacologia eficaz livrou a humanidade de antiqüíssimas epidemias e doenças infecciosas, tais como varíola, cólera, malária, tuberculose. Somente a física e a tecnologia modernas nos presentearam com a energia elétrica, sem a qual os habitantes de nosso planeta ter-se-iam multiplicado, conforme estão se multiplicando, mas teriam morrido de fome. No mesmo instante em que reservas conhecidas de matérias-primas estavam a ponto de esgotar-se, satélites cruzaram os céus e detectaram novas fontes desconhecidas em antiqüíssimas jazidas localizadas em regiões desabitadas. "Cada geração deve completar a sua jornada no caminho do progresso. Uma geração que retrocede no terreno já conquistado condena seus filhos a perfazer a sua jornada em dobro", disse Lloyd George (1863-1945).

O que lucraríamos com provas terrestres de "deuses" do Universo?

Proporcionar-nos-iam mais do que a descoberta de vida nas imensidões da nossa galáxia? É que, somente depois de sabermos — não apenas acreditarmos — que não vivemos sozinhos no Universo, mundos novos, fascinantes, abrir-se-ão à pesquisa. A evolução e a filosofia, a tecnologia e a religião receberiam novas dimensões e em todos os setores das artes surgiriam novos impulsos. Há quinze anos, escrevi (17):

"Tão logo o potencial disponível de nosso poder, nossos esforços e nossa inteligência forem aplicados na pesquisa espacial, o resultado de tais pesquisas revelará, de maneira convincente, o contra-senso das guerras terrestres. Se os homens de todas as raças, todos os povos e todas as nações se reunirem na tarefa supranacional de tornar tecnicamente exeqüíveis as viagens para planetas distantes, em tais dimensões, a Terra, com todos os seus miniproblemas, entrará na relação correta com os eventos no cosmo. Conceitos irracionais, aceitos por milênios a fio, deixarão de sê-lo. Quando o cosmo nos abrir suas portas, iniciar-se-á um futuro melhor para todos".

Continuo a defender esta opinião até hoje; apenas gostaria de acrescentar àquele meu pronunciamento.

De algum tempo para cá as pesquisas da pré-astronáutica' e a busca de

provas para a outrora estada de "deuses" em nosso planeta, a exemplo de como estão sendo realizadas por mim e muitos outros, influíram no nosso pensar muito mais do que a suposição científica, postulando que fosse possível comprovar a existência de "vida" em qualquer ponto do Universo. Estamos praticando uma comprovação recíproca, pois, tão logo provarmos a hipótese — ELES ESTIVERAM AQUI —, sua *existência* ficará fora de cogitação. Em seguida, surgem perguntas como: quais as pistas que deixaram? Poderiam, eventualmente, voltar? E, se assim for, quando? Estamos preparados para essa sua volta hipotética? Qual a lição a tirar desses fatos?



Diego Rivera (1886-1957), pintor de renome internacional, foi encarregado pelo governo mexicano de criar uma seqüência de afrescos ilustrando a vida dos astecas antes da chegada dos espanhóis. Para os detalhes de suas obras, Rivera pesquisou a história asteca, em tradição figurativa, bem como descrições orais, feitas por seus descendentes. Os afrescos encontram-se no Palácio do Governo do México.



Uma pesquisa de opinião, realizada em abril de 1983, entre os alunos de escolas primárias na Inglaterra (18) mostrou que "um grande número" de garotos e de garotas pesquisado está sob a influência desta nossa ou minha maneira de colocar o problema. Porém não compartilho a opinião desses alunos, dizendo que Jesus era um astronauta. Todavia, também esse conceito não deixa de mostrar o fato de que a juventude alerta dos dias de hoje assume posição crítica diante das antigas conceituações religiosas, que já deixou de aceitar incondicionalmente.

O assunto da minha vida, a pré-astronáutica, nada tem a ver com religião. Não sou guru nem profeta, nada prometo, nem a felicidade no Além nem o perdão de todos os pecados nesta nossa Terra. Represento e defendo uma hipótese que reputo como absolutamente correta.

Fui homenageado e atacado por uma matéria publicada na revista inglesa

New Scientist (19), sob o título: "Um decênio (e mais) de pseudociência". O autor convida os cientistas a não mais ficarem calados, mas sim entrar no ringue e dar combate àquele Sr. Daniken e fazê-lo beijar a lona. Antecipo esse combate com prazer, mas, desde já, respondo ao autor daquela matéria com uma frase do seu grande conterrâneo, Winston Churchill:

"Uma das experiências mais divertidas na vida é a de servir de alvo sem ser atingido."

QUANDO O FOGO CAIU DO CÉU

A MAIS PERIGOSA VISÃO DO MUNDO É A DAS PESSOAS QUE
JAMAIS OLHARAM O MUNDO.

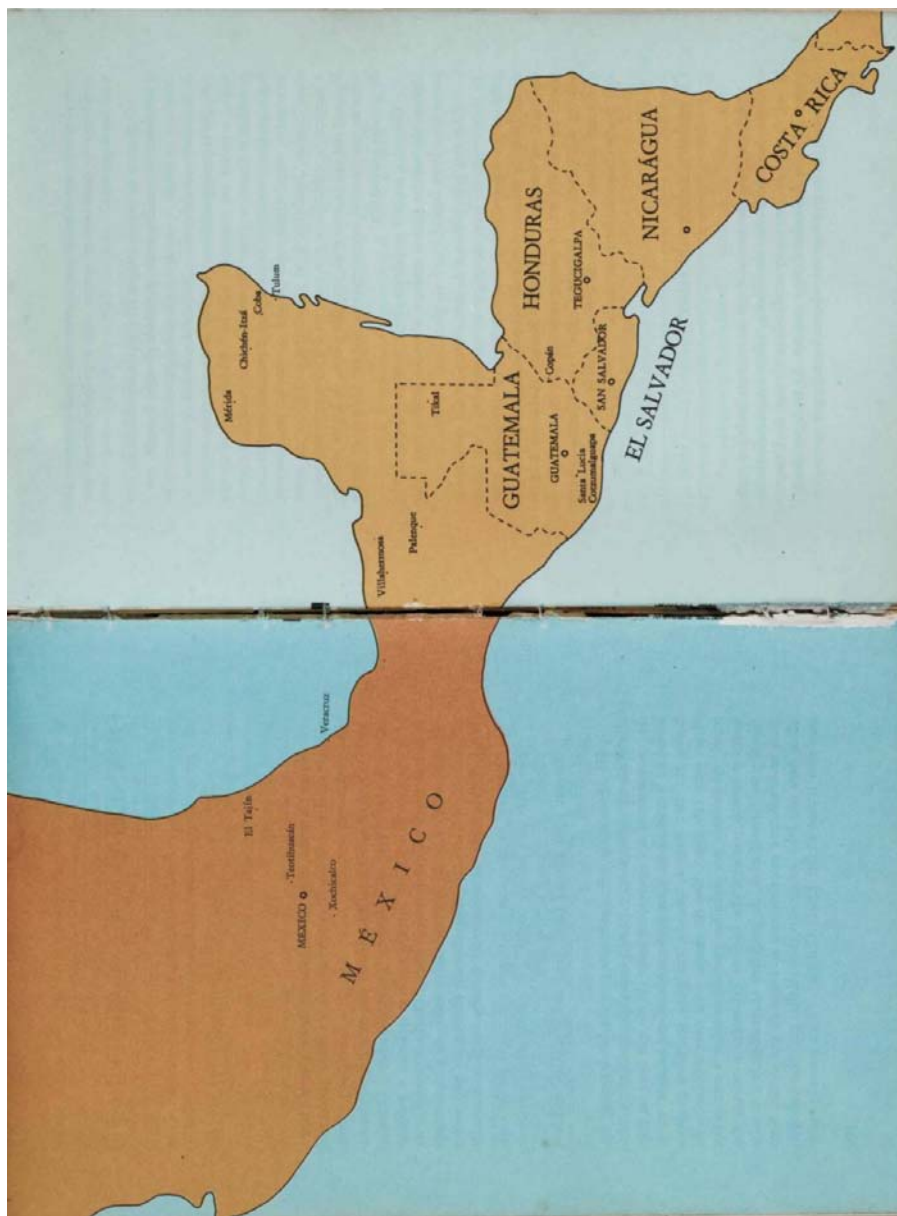
Alexander von Humboldt (1769-1859)

Numa conversa com o astrofísico professor Heinz Haber, editor da revista *Bild der Wissenschaft*, ele me falou: "Não precisamos dos seus deuses!"

De fato, a assim chamada ciência empírica logrou destronar os deuses e, com eles, deslocar grandes tradições sagradas para obscuros quartos de despejo onde psiquiatras e psicanalistas costumam brincar com elas. Erwin Chargaff, professor de bioquímica e diretor do Instituto Bioquímico da Universidade de Columbia, Nova York, ficou chocado com aquilo que resulta de tal cientificidade, escrevendo de maneira bastante acertada:

"Ademais, os cientistas nos trazem um monte de informações, mas bem poucas noções"; e "entrementes, tornou-se público que a única lição a tirar da História é a de não oferecer lição alguma (mas, para tanto, gastam milhares de laudas)" (1).

Há 25 anos, ou seja, desde que procuro fundamentar minha teoria em indícios, sei o quanto todos nós, incluindo a ciência, necessitamos dos deuses, na busca do elo que falta na evolução da humanidade. Convenci-me dessa necessidade novamente em data recente, quando, em meus trabalhos preparatórios para este livro, tive de vencer toda uma montanha de papel representada por trabalhos científicos sobre a escrita dos maias e astecas, estudos dos códices existentes e relatos das descobertas maravilhosas, de pesquisas arqueológicas e etnológicas realizadas por americanistas ao longo de um século. Peço vênica para não falar sobre isto com minhas próprias palavras, mas para tornar a citar Erwin Chargaff: "Eles somente escrevem para seus semelhantes que a gente nem quer conhecer. De modo que se pode contar apenas com a própria cabeça, por mais fraca que seja".



O sistema da ciência atingiu tal grau de especialização, com seus membros reunidos numa sociedade de elite fechada, que é como um sacrilégio — ou age como dinamite — toda tentativa de introduzir nos

debates a existência dos deuses de outrora. Se bem que faltem especialistas para esse setor específico eventualmente a entrar em cogitação, não há "deusólogos", e os que poderiam e deveriam tratar da matéria, os arqueólogos e etnólogos, preferem continuar falando para si mesmos, em seu círculo restrito, ultrafechado. Ali podem confirmar, mutuamente, suas "noções" herdadas, fazer referências recíprocas em notas à margem, aprofundar-se nos enigmas das interpretações psicológicas e dar um salto mortal, um após outro, de lógica freqüentemente questionável, oferecendo-se, uns aos outros, os louros de grandes pensadores.

Chegou a ser até um dever cívico romper aquele círculo vicioso, de marcha para o nada, e abrir as janelas para fazer entrar uma brisa fresca!

Com esta grande faxina de primavera para um novo modo de pensar, não se trata de negar as informações e os dados colhidos por especialistas ao longo de mais de um século, nem de diminuir os grandes feitos da pesquisa arqueológica ou até desprezar os esforços dos grandes homens dedicados à decifração de escritas maias, nem mesmo de dar nova redação à história dos povos da América Central; no entanto, cumpre questionar colocando sinais de interrogação depois das conclusões tiradas desses milhares de dados.

Os mal-entendidos do saber

As tradições dos astecas e maias, outrora as tribos politicamente mais poderosas do México, falam inconfundivelmente em deuses de *seus antepassados* que vieram do Universo para a Terra, onde atuaram como mestres. As tradições descrevem como, outrora, o fogo caiu do céu e como, por pouco, um dilúvio catastrófico deixou de exterminar a humanidade. Fontes essenciais sobreviveram à sanha de destruição dos missionários cristãos por terem surgido durante ou depois da época da conquista espanhola. São elas:

— *Popol Vuh*, o livro sagrado dos quichés-maias; redigido em 1 530, em latim.

— *Chilam Balam*, coleção de mitos e crônicas históricas escritas no século XVI, em idioma maia, porém em caracteres latinos.

— Antigas escritas figurativas mexicanas.

— Documentos de cronistas espanhóis, testemunhas oculares da subjugação dos maias e astecas.

Portanto, essas fontes primordiais têm, no máximo, 450 anos. Como, pergunta-se, livros tão "novos" podem falar em visitas de extraterrestres ocorridas — se é que ocorreram — milênios atrás e não somente no século XVI?

Conheço muçulmanos que sabem de cor o Alcorão, verso por verso. Falei com cristãos que têm o Novo Testamento na cabeça e com judeus que, de pronto, sabem citar trechos da Tora, a lei mosaica codificada no Pentateuco, os cinco primeiros livros da Bíblia Sagrada, para dar apenas alguns exemplos. Assim, além de saberem de cor seus livros sagrados, muitos crentes conhecem a substância da religião que professam. Se, no caso de uma guerra horrenda, todas as bíblias fossem transformadas em cinzas, sobreviveriam alguns sacerdotes, missionários e leigos pios que; de memória, reconstituíam as Escrituras Sagradas; seriam escritas "novas bíblias antigas", a exemplo de como acontece, desde milênios, com as réplicas tios chamados textos originais, dos quais, hoje em dia, nenhum representa um legítimo texto original. Na América Central do século XVI aconteceu algo semelhante. Sacerdotes e anciãos das tribos coletaram reminiscências, tradições da época dos deuses. Somente o papel usado para aquelas crônicas era novo, aquilo que lá estava escrito bem poderia ter milhares de anos.

Por recearem pela própria vida, esses povos aceitaram oficialmente o batismo cristão; mas, ao longo de muitas gerações, continuaram a cultivar suas crenças antigas. De um lado, tornaram sua vida mais fácil, de outro, sua consciência mais leve, registrando as antigas tradições. Até hoje, seu coração e sua mente continuam dedicados às crenças antigas, conforme atesta Wolfgang Cordan, especialista em maias e um dos intérpretes do *Popol Vuh*:

"Até o dia de hoje não chegaram a ser hispanizados. Continuam com seus trajes típicos, sua organização tribal, e conservam obstinadamente seu idioma. Seu catolicismo não vale um centavo, mormente na Guatemala, onde, na cidade de Chichicastenango, nas montanhas, reconquistaram a igreja católica para nela celebrar seus ritos pagãos e, a cada domingo, no topo de uma colina, os quichés-maias celebram um sacrifício de fogo diante da efígie do deus da fertilidade, Alx'ík" (2).

Os depoimentos das testemunhas oculares espanholas revelam pouco conhecimento da mitologia e do culto religioso dos povos subjugados, tratando-se tão-somente de "documentos destinados a um público espanhol" (3), portanto, de relatórios, a exemplo de como foram redigidos por Hernando Cortês, nas quatro longas cartas escritas entre 1519 e 1524, para o imperador Carlos V (4). Cortês fez o relato dos acontecimentos sob o prisma do seu próprio ponto de vista e pouco se importou com o "paganismo" dos "selvagens". Assim, os livros indígenas são bem mais competentes.

Escrituras da alvorada da humanidade

Tenho à minha frente três edições do *Popol Vuh*. A mais antiga, de 1861, é do abade Brasseur de Bourbourg (5); a segunda versão foi editada em 1944 (6) e a terceira, em 1962 (7). Esses *Popol Vuh* contêm as mais antigas tradições dos maias da tribo quiché, representando, por assim dizer, seu Velho Testamento. A redação original sumiu e a esse respeito o professor Schultze-Jena escreve:

"Apenas pode supor-se que, por volta de 1530, um índio talentoso, posteriormente alfabetizado pelo bispo Marroquin e batizado com o nome de Diego Reynoso, natural de Cumarcaah-Utatlán, imbuído da tendência inata profundamente arraigada e, desde sempre, cultivada, de conservar a herança espiritual dos antepassados, foi o primeiro a registrar no papel as tradições dos quichés no seu próprio idioma..." (6).

Esse manuscrito, mantido em rigoroso sigilo, foi descoberto somente no início do século XVIII pelo frade dominicano Francisco Ximénez, com os índios de Chichicastenango, dos quais Wolfgang Cordan diz que, até hoje, continuam cultivando seus ritos e costumes pagãos. A tradução espanhola dessas tradições dos quichés foi encontrada pelo abade Brasseur na Biblioteca da Universidade de Madri.

O *Popol Vuh* mais antigo consta de 56 folhas, no tamanho de 16 x 26 cm, escritas dos dois lados; à esquerda, o texto original indígena, à direita, a tradução espanhola. Este é o *Popol Vuh* do qual Cordan diz: "O Livro do Conselho — *Popol Vuh* — faz parte das escrituras da alvorada da humanidade" (7).

As traduções do *Popol Vuh* divergem no texto, de acordo com o que salienta cada tradutor, conforme a mentalidade da sua época e sua formação intelectual. Sempre que se falava em "cruz", é lógico que os padres a tomavam como sendo a cruz de Jesus Cristo, no Gólgota, conquanto, para os maias, significasse a cruz dos universos. Quando no texto surgiam jovens dirigindo-se à constelação das Plêiades, os etnólogos modernos não hesitaram em transformá-los em figuras mitológicas. Pouco se importaram com o fato de os maias desconhecerem por completo tais mitos; para os maias, seus livros sagrados eram verdadeiros e autênticos, em todos os seus pronunciamentos, a exemplo de como as Sagradas Escrituras o são para os cristãos.

E aí está: cada tradução leva as máculas nela impressas — de boa-fé — pelo respectivo tradutor, ditadas por sua noção de valores, segundo os conceitos do bem e do mal de sua época.

O *Popol Vuh* começa com a seguinte afirmação:

"Eis o início primitivo da antiga mensagem d'Aquilo que, nesta Terra, é conhecido como o nome de quiché. Aqui vamos registrar, começar as antigas

mensagens do início e da origem d'Aquilo que se passa nas festas quichés, com as tribos deste povo.

Trataremos, pois, do seguinte: da maneira como Aquilo que estava oculto se tornou evidente, foi desvendado e comunicado, como se tornou claro, por intermédio da Construtora e do Criador, pela Parturiente e pelo Gerador-de-filhos, como são os seus nomes."

Pouco depois o autor indígena, anônimo, constata de maneira correta que o texto foi registrado somente na época do cristianismo, o que leva a crer que o autor escrevera a história de seu povo num lugar oculto, com medo de ser descoberto e, por isso, protegera seus textos, adaptando-os aos ensinamentos cristãos até onde lhe foi possível seguir a alienígena maneira de pensar dos espanhóis. No entanto, malgrado tais concessões, o autor confirma que sua edição do *Popol Vuh* tem por base uma antiqüíssima obra secreta:

"Tal livro existe e foi escrito há muito tempo, mas ficou oculto para o olhar do visionário e pensador. Sua aparição e suas anunciações eram sublimes, conforme deveria completar-se a origem de todo o céu e da 'terra'."

Com a frase poética dizendo que desde o início "o mundo estava mergulhado em profundo silêncio", o autor inicia a gênese do seu povo. Naqueles tempos — ele conta — não havia nem homem, nem animal, nem planta, nem rocha; "havia unicamente o céu", com tudo mergulhado "na escuridão e na noite", pois tampouco brilhava o Sol.

O abade Brasseur, conforme sabemos, conhecedor do idioma maia, conversou com os índios contemporâneos, teve acesso a uma versão ainda mais antiga do *Popol Vuh*, e relatou, com precisão, o aparecimento dos deuses vindos da escuridão:

"Observou-se a sua chegada, mas não se sabe de onde vieram. Seria lícito dizer que apareceram de forma mística, vindos do mar, ou, a exemplo das divindades da mitologia grega, desceram das altitudes do céu" (5).

As explicações freqüentemente acrescentadas por Brasseur no rodapé foram obtidas com os próprios maias e representam comentários de primeira mão, de uma fonte primitiva. Conquanto traduções para o alemão transmitam a impressão momentânea de que segundo os conceitos dos maias toda vida teria surgido do mar — antecipando novas teses da Criação primitiva —, Brasseur comenta a respeito com base nos dados colhidos:

"Não havia pessoas, animais, pássaros, não havia *peixes*, *caranguejos*, não havia madeira, pedras, vales, ervas, florestas; havia tão-somente o céu. A imagem da Terra ainda não se revelava."

Será que com o termo "mar" se fazia referência ao caldo primitivo no qual a vida somente teria começado com influências extraterrestres? Isto estaria de acordo com pontos de vista bem modernos, atualizados e, se assim

fosse, todos os intérpretes de mitos e teóricos da evolução deveriam voltar aos bancos de escola! Em número sempre maior, naturalistas renomados, sobretudo Sir Fred Hoyle, de renome internacional por suas pesquisas no campo da astronomia, defendem a tese de a vida não poder ter sido criada *por acaso*, no caldo primitivo, cozido pela ciência, mas sim por genes do cosmo, introduzindo mudanças fundamentais na sua estrutura. Francis Crick, Prêmio Nobel em 1962 por sua descoberta do ADN, portador material do código genético, surpreendeu (assustou?) os círculos especializados com sua teoria da *panspermia guiada*, segundo a qual bilhões de anos atrás uma civilização avançada teria despachado uma nave espacial não-tripulada a fim de despejar microorganismos sobre a Terra para se multiplicarem dentro do caldo primitivo, do mar primitivo.

Problemas de identificação

Na escuridão não havia "nenhum movimento, nem a mais leve brisa de vento" e no mar do silêncio e do negrume apenas se movimentavam os criadores em seus "trajes azul-celestes". Dentre esses destacar-se-ia, principalmente, o deus *Tepeu Kukumaz*.

Trata-se de um modo diferente de escrever usado em Iucatã, para Kukulcán que, por sua vez, é o mesmo do sacerdote-soberano asteca desterrado de Tula e venerado como o deus Quetzalcoatl. Alguns especialistas, ignorando tal identidade, deduzem que a cor azul-celeste dos trajes dos deuses vem das penas multicores da ave Quetzal. O abade Brasseur esclarece na sua tradução: "Em quiché, bem como no idioma Cakchiquel (povo guatemalteco, do grupo maia), a palavra *rax* tanto quer dizer azul, como verde".

Fosse azul ou verde a cor das penas da ave Quetzal, decerto não poderia ser essa a origem dos trajes azuis do deus Tepeu Kukumaz, porque na época da Criação, quando esse deus se destacou entre seus pares, ainda nem havia aves. Logicamente o cronista maia menciona as penas coloridas em relação a Tepeu Kukumaz para, com esse exemplo, ilustrar as cores dos trajes usados pelos forasteiros quando muito, há muito tempo, surgiram da escuridão.

Pois bem; vieram em trajes azuis do silêncio negro do Universo. Esta não é nenhuma novidade. Inúmeros mitos, por exemplo, os dos ilhéus dos Mares do Sul, habitantes de Kiribati (5), falam em aparições análogas. Os seres que então surgiam não eram nem animais, nem xamanistas, pessoas de culto em busca de ligações com os espíritos ou as almas de defuntos, embora, erroneamente, suas habilidades tenham sido comparadas com as de animais.

Não; tratava-se de "homens sábios, de grandes mestres do saber", chamados do "coração do céu". Na sua tradução, Brasseur frisa expressamente que os três deuses primitivos, "chamados de trovão, raio e velocidade", *desceram* do céu em companhia de Tepeu Kukumaz.

Cabe aqui rápida resposta a uma invectiva a mim dirigida por etnólogos e, em bela solidariedade, também por psicólogos. Eu tive a ousadia de interpretar "trovão" e "raio" de modo diferente daquele postulado pela opinião dos catedráticos, dizendo que tais fenômenos da Natureza trovejavam e relampejavam misteriosamente no céu: os primitivos não teriam compreendido esses fenômenos e, por isso, os "endeusaram".

Há religiões naturais; não é preciso explicar-me esse ponto. Porém faço a pergunta: será que os fenômenos da Natureza *falam* como estão falando nas antigas crônicas? Será que baixam leis, atuam como mestres? Será que foi um fenômeno da Natureza que inspirou a Moisés os Dez Mandamentos? Será que o raio e o trovão ditaram ao profeta Enoque parte do seu fenomenal livro astronômico? Será que os maias primitivos referiam-se a fenômenos da Natureza, quando chamavam o trovão e o raio de "homens sábios, grandes mestres do saber"? Teriam sido o raio, o trovão, a velocidade que, por decisão inescrutável, resolveram criar o primeiro ser humano?

Ainda pode admitir-se que os intérpretes da penúltima geração não tiveram condições de pensar em outras interpretações, mas suas explicações passaram para a literatura especializada e, desde então, confundem os estudantes novos em suas deliberações. Acho um total contra-senso, neste amargo fim do último século de dois milênios, tão progressista, defender

a tese segundo a qual não há argumentos mais realistas para o sentido dos mitos da Criação do que a invenção de "religiões naturais". Esta insistência em teses ultrapassadas somente se explica por um certo receio de que a introdução de extraterrestres na conceituação acadêmica faça cair por terra todo um soberbo edifício.

"Reconhecer um erro significa tão-somente constatar que a pessoa é mais inteligente hoje do que era ontem", afirmou Johann Kaspar Lavater (1742-1801). Portanto, nossas instituições não teriam motivo algum para envergonhar-se por descartar uma imagem do mundo obsoleta e bastante falha.

Experiências esquisitas

Após algumas experiências malogradas, os deuses do *Popol Vuh* lograram a criação de um homem novo que, no entanto, ainda não correspondia à nossa idéia atual do *Homo sapiens*. Outrossim, as tradições

deixam bem claro que essas experiências com o primeiro ser humano não se tratavam de uma espécie do ato de procriação terrestre conforme reza a tradição:

"Eis os nomes dos primeiros seres humanos que foram construídos, criados: o primeiro era Balamquitze, o segundo, Balamacab, o terceiro, Mahucutah, o quarto, enfim, Iquibalam; são esses os nomes dos nossos primeiros antepassados. Eles foram chamados, apenas, de 'construídos', 'criaturas'; não tiveram mãe nem pai, podemos chamá-los, somente, de *nobres*. Não foram dados à luz por uma mulher, tampouco foram gerados, como filhos, pela Mestra de construir e pelo Mestre do criar, pela Parturiente e pelo Gerador-de-filhos. Foi um milagre terem sido construídos, terem sido criados, foi uma magia da Construtora e do Criador, da Parturiente e do Gerador-de-filhos, da Poderosa e de Kukumaz."

A exemplo do que se encontra na maioria dos relatos da Criação, igualmente com os maias, os deuses fizeram valer toda a sua influência na geração da humanidade. Todavia o produto saiu bom demais, e até poderia tornar-se perigoso para seus criadores; e:

"Eles olharam e, em seguida, dirigiram o olhar para longe; conseguiram ver tudo, reconhecer tudo quanto existe no mundo. Olhando, perceberam tudo à sua volta e, ao seu redor, discerniram a cúpula do céu e o interior da Terra. Viram todas as coisas ocultas, sem se mover. Imediatamente viram todo o mundo e o viram do ponto no qual se encontravam." Os "construtores" não queriam que seus produtos lhes fossem superiores e, imediatamente, limitaram suas faculdades extraordinárias:

"O *coração do céu* lançou um véu sobre os olhos, que ficaram turvos como um espelho sobre cuja superfície passa um hálito. Seus olhos tornaram-se turvos e somente conseguiram enxergar o que estava por perto, estava claro. Assim foram destruídas a sabedoria e todas as noções dos quatro seres humanos primitivos, do começo. Assim foram criados e moldados os nossos antepassados, nossos pais. *Do coração do céu, do coração da Terra.*" A minha tese sobre a origem do *homo sapiens* não pode ser formulada de maneira mais sucinta que a expressa nesta linha: "do coração do céu, do coração da Terra", definindo um ser híbrido, dotado de substância corporal, terrestre, e de razão extraterrestre.

Aliás, no *Popol Vuh* deparamos com pronunciamentos extraordinários, como:

"Havia, então, muitos homens escuros e claros, homens de muitas classes, homens de muitas línguas. Era maravilhoso ouvi-los" (7).

Outra tradução reza de maneira semelhante:

"E viveram em prosperidade homens escuros e claros. A aparência

desse homens era agradável, como agradável era a sua língua, atento o seu ouvido" (6).

Essa passagem é tanto mais notável se considerarmos que os avoengos dos maias ignoravam totalmente a existência de pessoas de pele branca ou morena, pois a América Central ainda não fora descoberta na época em que surgiu o *Popol Vuh*!

Outrossim, é interessante a constatação de que, de início, todos falavam o mesmo idioma, antes — a exemplo do que conta a Bíblia sobre a torre de Babel — de se expressarem em idiomas diversos. Qual teria sido o idioma universal inicial? Antes da visita dos extraterrestres, os hominídeos vegetavam estupidamente. Somente após a planejada mutação artificial adquiriram a faculdade de aprender; logo, a primeira língua falada por todos os povos bem poderia ter sido a dos deuses.

Lembranças da presença dos extraterrestres na Terra

Em sincronismo com outras tradições sagradas, também o *Popol Vuh* conta sobre eleitos levados para o céu. As experiências vividas pelos profetas Enoque e Elias e contadas pela Bíblia aconteceram, igualmente, com alguns eleitos do antiquíssimo mundo maia:

"Era a despedida. Desapareceram por cima das alturas do monte Hacavitz. Não foram enterrados por suas mulheres, seus filhos; ninguém os viu quando saíram."

Ides "desapareceram" não na surdina, mas, ao contrário, deixaram lembranças de sua estada na Terra — memorandos para os homens de milênios futuros, advertindo contra seu complexo de superioridade, julgando-se o coroamento da Criação, e contra a idéia errada de que nada existiria acima deles:

"E Balamquitze deixou um sinal do seu ser: 'Isto lhes serve como lembrança minha; aquilo que deixarei aqui, para vocês, deverá ser de força!', ele falou. E, como sinal do seu ser, ele deixou a 'força atada', conforme está sendo chamada: realmente, está atada, por completo, não se pode desatá-la, não se percebe como foi costurada, pois, ninguém viu quando foi atada."

O que teria sido a "força atada" dentro do pacote? Wolfgang Cordan (7) diz que, em idioma maia, queria dizer *Pisom K'ak'al* — "ninguém sabia o que era". Com base no tronco da palavra, Cordan supôs que deve ter-se tratado de uma pedra especial, venerada e temida pelos maias. Pedras normais, existentes aos montes, não metem medo em ninguém. Por quê?

Intuitivamente penso na Caaba, santuário dos muçulmanos em Meca, declarado pelo profeta como local de peregrinação obrigatória. No canto

sudeste do recinto vazio, sem janelas, encontra-se a Pedra Negra, objeto de veneração a ser tocado e beijado pelos peregrinos. Dizem que o arcanjo Gabriel teria trazido essa pedra para a Terra. Também já procurei documentar, com base em observação minuciosa do requisito sagrado (9), por que considero a Arca da Aliança como lembrança deixada pelos extraterrestres. Em condições análogas, lembro o misterioso espelho de metal, oferecido em 660 a. C. pela deusa do Sol, Amaterasu, ao fundador da dinastia japonesa, Jimmu Tenno. A exemplo de como os muçulmanos peregrinam a Meca, até hoje, milhões de japoneses se dirigem à cidade de Ise, na ilha de Honshu, para, no Naiku, o relicário interno do templo, venerar o espelho sagrado, a jóia-prima do império. Envolto em muitas camadas de pano, até agora nenhum mortal ousou abrir o pacote sacrossanto.

Com insistente permanência meus críticos exigem de mim provas conclusivas de minhas teorias. Até lhes dou razão, acho justas tais exigências. Mas não compreendo por que, neste nosso século tão iluminado, continua proibido investigar a Pedra Negra de Meca, o espelho sagrado de Ise, assim como os restos da Arca da Aliança israelita, que, com certeza, se encontram bem debaixo dos alicerces da catedral de Nossa Senhora, na cidade de Axum, na Etiópia. Esses objetos devem possuir algumas peculiaridades sobrenaturais, pois, do contrário, não teriam conservado sua imensa força de atração através de mais de dois milênios e meio, conforme acontece com o espelho sagrado, em Ise, no Japão.

Seriam as religiões as guardiãs da chave para a compreensão do passado terrestre? Com todo o respeito, devido às suscetibilidades religiosas, deveria ser possível abrir à pesquisa esses e alguns outros cofres secretos. O tempo está maduro. Até que amadureça de fato, só nos resta lembrar algumas palavras de Giovanni Guareschi (1908-1968): "Um crítico é uma galinha que cacareja, enquanto as outras botam os ovos!", conforme constam do seu livro *Dom Camilo e Peppone*.

Crônicas e livros de quiromancia

Já mencionei, em outra parte, que os três grupos de fontes que lograram sobreviver à sanha destruidora do bispo Diego de Landa abrangem os livros *Chilam Balam*, uma coletânea de relatos históricos e de profecias, em idioma de Iucatã mas escritos em caracteres latinos, o chamado *Mayathan*.

Chilam quer dizer "profeta" ou "intérprete dos deuses"; *Balam* significa "jaguar". São em número de dezessete os livros *Chilam Balam*; distinguem-se uns dos outros pela indicação do local onde outrora estavam guardados: *Chilam Balam* de Mani, *Chilam Balam* de Balam, de Chumayel, de Ixil, de

Tekax e assim por diante.

Esses documentos foram redigidos entre os séculos XVI e XVIII porque, àquela época, o povo que habitava as diversas aldeias pediu aos seus sacerdotes notícias do passado e dos profetas, profecias para o futuro. Em reuniões rituais foram lidos trechos desses livros, de grande popularidade entre os maias e freqüentemente copiados, sendo as cópias das cópias divulgadas.

Com seus trechos coletados por muitos sacerdotes, anotados por muitos escribas, freqüentemente de sentido ininteligível, com dados inexatos, representando uma mistura de história e quiromancia, e repletos de erros de cópia, os livros *Chilam Balam* oferecem leitura difícilíssima, pouco inteligível. A criação da Terra é mencionada quando já se fala em História, conquanto o aparecimento do deus criador é relacionado com um posterior ocaso do mundo consumido pelo fogo. É como acontece com dados redigidos às escondidas na penumbra do tempo e sob a observação de um poder alienígena.

É o seguinte o texto no livro *Chilam Balam* de Chumayel que descreve a criação do mundo:

"Eis a história do mundo, conforme registrada nos tempos antigos, pois ainda não se passou o tempo para fazer tais livros. . . para que a gente maia saiba como nasceu neste país. . . Aconteceu em Katun 11 Ahau (data), quando apareceu Ah Mucencab (o deus descendo do céu). Foi quando o fogo desceu; depois, uma corda foi lançada para baixo e seguiram-se as rochas e as árvores.

Em seguida, Ah Mucencab, o deus que desceu das alturas, destruir as insígnias dos 13 deuses soberanos do cosmo maia. O céu desabou sobre a Terra e incendiou-a; terminou assim a primeira era do tempo. Como no mundo maia tudo ocorre em ciclos, em seguida surgiu uma nova humanidade que se renovou em ritmo cíclico até o holocausto dos maias sofrido com a chegada dos conquistadores espanhóis. Aliás, uma das profecias parece referir-se à época atual:

"Um círculo estará no céu, a Terra estará queimando. Kauil — Cakchimed, um povo guatemalteco do grupo maia — ressurgirá; surgirá no início dos tempos por vir. Nesse Katun (data) um incêndio consumirá a Terra."

Esse trecho foi comentado numa nota de rodapé por Ralph L. Roys, que, em 1933, traduziu para o inglês este livro *Chilam Balam* de Ghumayel, do *Mayathan* (11), conforme segue:

"Este trecho lembra as profecias anunciando os conquistadores espanhóis; uma chama ardente apareceu no céu e lá ficou da meia-noite até o

nascer do Sol . . . para depois desaparecer."

Entre as raras fontes existentes, os livros *Chilam Balam* são importantíssimos pelo fato de, em parte, se basearem em autênticos documentos maias, embora os pronunciamentos do *Codex Chimalpopoca* se apresentem como incomparavelmente mais claros, mais inteligíveis. O diligente abade Brasseur descobriu esses textos em suas buscas apaixonadas de antigas tradições americanas. Brasseur, um verdadeiro gênio lingüístico, também aprendeu o idioma asteca, o que lhe permitiu distinguir no manuscrito a crônica da dinastia soberana asteca Ixtlixó-chitl (12). A esse achado conferiu o nome do mestre com o qual estudou a língua asteca: Chimalpopoca Galícia.

Segundo o *Codex Chimalpopoca*, depois de a Terra e o céu terem sido criados pelos deuses, "caiu a broca de fogo; Tezcatlipoca deixou cair a lenha para a fogueira e assim enfumçou o céu". Terminado esse serviço, os deuses deliberaram a respeito de qual deles deveria, futuramente, habitar a Terra:

"Preocupados, cogitaram disto os de trajes de estrelas, o rico em estrelas, a dona das águas, o que desaba sobre a gente, a que torna compacta a Terra, o que rola a cerca, Quetzalcoatl"

Ao que parece, Quetzalcoatl estava presente em todas as fases.

Outrossim, o *Codex* fala não somente em quatro criações do mundo, mas também em quatro sóis, sendo que somente na quinta era dos tempos apareceu o Sol, como hoje o vemos. São coisas estranhas, a exemplo tia afirmação seguinte:

"Na quinta era dos tempos, conforme era sabido dos anciãos. . . foi criada a Terra, o céu. . . bem como foram criadas as quatro espécies dos habitantes humanos. . ."

Essa criação da Terra teria acontecido no ano do coelho, uma unidade cronológica correspondente ao ano 726 da nossa era, uma data irrelevante, mas quando, possivelmente, começou a crônica dos astecas. Pouco importa quando começou e o que significaria; mas continua inescrutável a fonte pela qual os astecas souberam da existência de "quatro espécies de habitantes humanos".

Quando o Sol estava na sombra

O *Codex* narra, com viva dramaticidade, o terrível incêndio do mundo e como o Sol escureceu para uma noite sinistra:

"O segundo Sol foi criado. O seu signo diurno eram quatro jaguares. Chamava-se Sol do Jaguar. Foi nesse Sol que ruiu o céu e, assim, o impediu

a prosseguir no seu caminho. Era meio-dia e, em seguida, caiu a noite!"

Isto teria acontecido na era do segundo Sol. No terceiro Sol o espetáculo inescrutável, mortífero, virou catástrofe:

"Chama-se Sol do fogo e da chuva. Aconteceu nessa era que choveu fogo, queimando os habitantes. H choveu também pedras de areia. Os anciãos contam que, àquela época, foram distribuídas as pedras de areia que conhecemos hoje em dia, e nas lavas de andesito formou-se espuma e consolidaram-se as diversas rochas avermelhadas."

Deve ter acontecido algo diferente de um eclipse solar "normal", já que os maias e astecas conheceram os eclipses do Sol, dos quais o *Codex Dresdensis* contém várias tabelas.

Outro detalhe interessante é o fato de o *Codex Chimalpopoca* mencionar gigantes na era do segundo Sol. Segundo o *Codex*, eles se teriam cumprimentado com a advertência: "Não caia!", pois quem caísse na escuridão da noite dificilmente poderia orientar-se. Via de regra, um eclipse solar perdura alguns minutos e, mesmo durante a sua duração, ainda há claridade suficiente para se enxergar onde pisamos. Aliás, os gigantes dos quais o *Codex* fala que teriam existido nos primórdios dos tempos surgem em muitos mitos. Em alguns locais pesquisadores até verificaram a marca dos seus enormes pés em camadas de pedras de sedimentação.

O escurecimento total nem permite a explicação razoável com uma erupção vulcânica e a subsequente chuva de fogo e areia, pois, nesse caso, tratar-se-ia de um fenômeno local, embora atingindo amplas regiões. Chuvas de fogo, com simultâneo escurecimento (ou ausência?) do Sol e enchentes foram registrados em toda parte, pelo mundo afora.

A explicação mais simples que diz que os fenômenos devem ter sido causados por acomodações convulsivas no interior da Terra parece ser a mais razoável, mas, a rigor, é simplista demais e não passa de um truque inadmissível para se desviar do inexplicável. Sempre torna a ser omitida a observação sinótica de que a catástrofe descrita no *Codex* aconteceu não apenas com os astecas! Deve ter sido de proporções globais, considerando que descrições idênticas — tanto na sua essência, quanto nos seus detalhes — constam de muitas tradições das mais diversas partes do globo terrestre.

Na hipótese da explosão de um planeta inteiro do nosso Sistema Solar, a catástrofe envolveria todos os quatro cantos do globo terrestre. O Sol escureceria não por horas, mas sim por meses ou anos. . . a exemplo do que contam as antigas crônicas. Com a explosão de um planeta, poeira cósmica passaria pelo Sistema Solar, destroços incandescentes cairiam sobre a Terra e rochas avermelhadas "consolidar-se-iam". Bombas incandescentes deixariam em frangalhos a crosta fina, delgada, do nosso planeta, que seria

sacudida não somente pelos projéteis cósmicos, mas, ainda, pelo deslocamento das forças de gravidade em nosso Sistema Solar. O planeta em explosão, em desintegração, deixaria fora de equilíbrio a estrutura complexa das órbitas dos planetas ao redor do Sol, provocando enchentes, um sol escurecido (ou ausente?) e chuva de fogo, como conseqüências lógicas. Para os terrestres, essa catástrofe seria exatamente igual à descrita no *Codex*, com o céu em chamas, prestes a desabar. Todos os elementos estariam desenfreados, com as ondas dos mares cobrindo a terra firme, furacões chicoteando as massas de água, vulcões em erupção, seus rios de fogo evaporando em espuma branca — exatamente como as antigas crônicas descreveram o grande cataclismo.

O fogo caiu do céu, o Sol escureceu, os seres humanos sobreviventes vaguearam por aí, sem rumo, sem eira nem beira, carregando nas costas as imagens de suas divindades, procurando refugiar-se em algum ponto seguro, que os protegesse da fúria dos elementos. Prestes a morrer de fome, aos poucos, sempre mais índios chegavam ao topo do monte Hacavitz — também chamado de "campo de pouso". Ali ficaram expostos ao frio inclemente da noite sem fim, acorados ao lado das efígies dos deuses, conforme narra a crônica:

"Para eles não havia sono nem repouso. No fundo de seus corações reclamavam amargamente para que o dia voltasse. Em seus semblantes estava estampada uma imensa tristeza e, com tantas provações, sentiram-se deprimidos, confusos. Ai de nós, se pudéssemos ver o Sol renascer! — falavam e muito conversavam entre si, transbordando de tristeza, desespero e lamentações, procurando em vão consolo para a imensa desgraça de o dia não chegar a raiar" (6).

Senhores doutos querem fazer crer que as tribos no monte Hacavitz tão-somente aguardavam o nascimento de Vênus, venerado por todos. Mas esses senhores fazem questão de deixar passar despercebida a diferença entre o Sol e Vênus, diferença esta explícita no *Popol Vuh*. De longe, o planeta Vênus brilhou para o povo aterrorizado, naquela noite sem fim, e a ele deu novo alento com o brilho fraco de sua luz. Eles dançaram e cantaram em homenagem aos deuses, queimaram incenso, mas logo em seguida:

"Lamentaram-se por ainda não assistirem ao nascimento do Sol, que não chegaram a ver. Aí, então, o Sol surgiu.

Imensa foi a alegria dos animais pequenos e grandes, que se ergueram nas correntes d'água e nas fendas dos rochedos; e os que estavam no topo das montanhas, unidos, dirigiram seu olhar para lá onde surgiu o Sol."

As tradições descrevem o despertar de uma noite longa e tenebrosa; de repente, os pumas e jaguares, que se retiraram para as grutas para morrer,

tornaram a rugir; os pássaros, que estavam calados, cantaram; a água e o abutre levantaram-se de seus ninhos entre as rochas. A vida retornou.

Esta descrição leva a um comentário dizendo que meramente se refere à alvorada de um novo dia, ou, sob o aspecto mitológico, representa a reconstituição do primeiro dia da humanidade: "Faça-se a luz".

Eu sou de opinião diversa.

Muito antes daquele dia o Sol brilhara milênios a fio; desde muito, criaturas de todas as espécies, praticamente a lotação completa da Arca de Noé, já existiam na Terra. Até cidades maias, a exemplo da sua lendária capital, Tula, já estavam edificadas muito antes de a catástrofe desabar. Não foi apenas o Sol que desapareceu, também a Lua e as estrelas estavam apagando sua luz difusa. Na escuridão sem Sol, a superfície da Terra cobriu-se de uma lama estéril. Por isso, os sobreviventes experimentaram uma alegria imensa quando, após aquela noite quase infinita, o dia tornou a raiar. Aquilo que se repete, ano após ano, por 365 vezes, com regularidade automática, não pode motivar lágrimas de alegria, ü *Popol Vuh* (7) explica como o novo Sol era abrasador: "O calor estava insuportável" e aquilo que "hoje" — quer dizer, à época da origem da crônica — está para ser visto no céu, seria "como uma miragem" daquele Sol primitivo.

Eis uma reconstituição bastante plausível daquela situação. Durante a noite sem fim a atmosfera esfriou-se com vendavais enfurecidos, aguaceiros selvagens, penetrando as camadas de ar. Talvez a explosão de um planeta tivesse rompido o cinturão de Van Allen, nas regiões da alta atmosfera, que, em dois campos, envolve o globo terrestre, de 5.000 até 16.000 km de altitude, agindo como um rolo amortecedor. Também seria possível que a catástrofe tivesse causado perturbações na camada de ozônio na estratosfera, até 65 km de altitude.

Após a passagem de tais fenômenos, bem se compreende o choque experimentado pelos índios, ainda sofrendo frio intenso, ao verem o retorno do Sol. A impressão de que o Sol novo não passasse de um pálido reflexo do Sol primitivo, explica-se por uma ilusão óptica: naquela atmosfera "lavada" ele parecia ter-se tornado maior. Aliás, quem já viu a bola de fogo do Sol ou a Lua de prata nascer sobre o espelho do mar, ou sumir no horizonte, bem conhece tal impressão.

Idêntico fim do mundo, com todas as circunstâncias conseqüentes, também foi descrito na tradição asteca *História dos Remas de Colhuacán e México* (12):

"No tempo os homens sucumbiram, no tempo eles tiveram o seu fim. E foi quando o Sol se extinguiu."

As pessoas foram "arrastadas pelo vento; suas casas, as árvores, tudo foi

levado pelo vento". Quatro formas de destruição, chamadas pelos americanistas de "quatro eras do mundo", foram registradas de maneira sucinta e protocolar. Após a catástrofe, surgiu o fogo divino:

"E foi assim como pereceram: foram pegos pela chuva de fogo. . . por um só dia choveu fogo."

O fogo foi seguido de uma enchente que chegou a cobrir até as montanhas:

"E foi assim como pereceram: foram cobertos pelas águas e transformados em peixes. O céu desabou e num só dia eles pereceram. . . E o tempo que as águas duraram foi de 52 anos".

Todas as indicações de datas, tais comei 52 anos, deixam de ter sentido. Os cronistas observaram os ciclos, outrora comuns, na América Central. Com isto não faço nenhuma constatação pessoal, porque gostaria de colocar as ondas de extermínio em rápida seqüência, uma após outra, sem as "quatro eras do mundo"! Em absoluto, não se trata disto. Aliás, intérpretes competentes do texto primitivo, tais como o professor Walter Lehmann (12), também verificaram a inutilidade de datas indicando anos, conforme segue:

"Sou de opinião que os anos a assinalar aquelas eras não foram transmitidos de maneira correta."

O dilúvio estava em toda parte

Com uma súbita passagem da América Central para o Oriente, nos primórdios dos tempos, lembramos como o Noé bíblico, após ter sobrevivido ao dilúvio e desembarcado de sua arca, edificou um altar ao Senhor, para a Ele oferecer um holocausto sobre o altar. "E (*com isto*) recebeu o Senhor um suave odor. . . " (*Gên.* 8-21). Da mesma forma agiram os astecas nas selvas tropicais: acenderam um fogo de alegria, aliás atitude bem compreensível a ser tomada em tal ocasião:

"Para lá olham os deuses, aqueles com trajes estelares, aqueles dos reinos estelares. Eles falaram: Oh, deuses!

Quem está queimando algo? Quem está enfumaçando o céu? E, em seguida, Ele desceu do céu. Ele, Tezcatlipoca, cujos súditos somos nós."

Após o dilúvio, o deus poderoso de todos os súditos desceu do firmamento! As tradições dos índios kagabas, da Colômbia (13), contam as mesmas coisas:

"Aí, então, todos os malvados pereceram e os sacerdotes, os irmãos mais velhos, todos eles desceram do céu..."

O célebre rol dos reis da Babilônia antiga, WB-444, incluindo os nomes de divindades, reconhecidas como mestres, foi encontrado em 1932, no

Iraque, em Khorsabad, perto de Mosul, no vale do Tigre (14). Registra 10 reis primitivos, desde a criação da Terra, ao longo de 456.000 anos, até o dilúvio, quando a realeza continuou a dinastia:

"Depois de passado o dilúvio, a realeza tornou a descer do céu."

Gilgamés era um rei sumério da Babilônia meridional que viveu nos primórdios dos tempos, por volta de 2600 a.C. Segundo a epopéia que leva o seu nome, seu avoengo, Utnapischtim, sobreviveu ao dilúvio numa ilha além dos mares. Após a catástrofe (15) ele ofereceu um holocausto de cedro e murta:

"Os deuses sentiram o odor; agradavelmente o odor penetrou nas narinas das divindades. Igual a moscas, os deuses se aglomeraram em cima do holocausto."

Mesmo sem possuir nenhum dos talentos dos profetas indígenas de tempos primitivos, antecipo, desde já, a tentativa de furar essa rede de malha fina das concordâncias. Dir-se-á que a *História dos Reinos de Colhuacán e México*, da qual citei alguns trechos, inspirou-se em fontes cristãs depois de os espanhóis terem contado aos astecas a história de Noé e sua arca, e seu holocausto cheiroso. Pode ser. Mas, nesse caso, peço uma explicação convincente, não apenas vaga, para o fato de o *Popol Vuh*, que existiu muito antes da chegada dos conquistadores espanhóis, falar desse mesmo evento! Também quero saber se, por acaso, uns missionários espertos teriam tido conhecimento da epopéia de Gilgamés! Não poderia ter sido possível, considerando-se que as 12 tabuinhas de argila, redigidas por volta de 2000 a. C, somente foram descobertas a partir de meados do século passado, com as escavações efetuadas em

Nínive, a cidade pré-histórica à margem esquerda do rio Tigre. E o que dizer das lendas dos índios kagabas, igualmente registradas apenas no início do século XX? A meu ver, duas opções se oferecem:

— A catástrofe, inclusive os holocaustos após sua passagem, aconteceu em qualquer parte do mundo, de um só vez, como evento local. Os sobreviventes emigraram para todos os continentes, levaram seus conhecimentos e suas crônicas e, ao longo dos milênios, enriqueceram-nos, acrescentando novas versões.

— A catástrofe foi de proporções globais e vivida simultaneamente por muitos povos que a sofreram e registraram. Tenho a impressão de nem se tratar tanto de optar por uma ou outra destas duas versões, mas sim considerar ambas como aceitáveis, pois os deuses — cujas pistas estou procurando encontrar — estiveram presentes tanto num quanto noutro caso. Outrossim, os textos antigos permitem deduzir que, de qualquer maneira, a catástrofe deve ter ocorrido na penumbra dos tempos pré-históricos. Por

quê?

Especulações em torno de uma datação

Os arqueólogos admitem a existência, na qualidade de povos, dos toltecas, índios do Norte, imigrados do México pré-colombiano, e dos astecas, no período entre os anos de 900-1500 d. C. De maneira generosa, admite-se a duração do império maia de 1500 a. C. até 800 d. C. Nesse período não aconteceu nenhuma catástrofe global. Nos tempos dos reinos babilônicos e egípcios, que podem ser reconstituídos historicamente, não se tem notícia de um dilúvio devastador. As lendas e os mitos falam de fenômenos horrendos que teriam ocorrido em eras remotas, perdidas nos tempos. Desde o nascimento de Cristo o Sol não se apagou, o céu não ficou em chamas, nenhum dilúvio destruiu a face da Terra, "deus" nenhum desceu do céu. Os romanos e os gregos deveriam ter conhecido tais eventos e deles falado nas suas crônicas extensas e precisas.

Portanto, deve partir-se do pressuposto que as crônicas indígenas transmitem eventos registrados antes do tempo da existência dos respectivos povos, e assim, seriam errados todos os dados averiguados e coletados pela pesquisa maia, e o surgimento dos maias e seus antepassados precoces deveria ser recuado para bem antes da época atualmente cogitada. Será que tal início da era maia coincidiria com o começo místico do seu calendário, ou seja, o dia 11 de agosto de 3114 a. C?

Os peritos têm horror de tais conclusões. Tudo quanto não pode ser enquadrado em datas exatas é classificado de segunda categoria, de natureza puramente mística, malgrado a circunstância de achados de ferramentas e pequenas estátuas do período místico costumarem ser citados a título de referência, se apenas permitem conclusões perfeitamente encaixáveis nas doutrinas convencionais. Tal mentalidade até pode vir a provocar cenas de teatro de variedades, tais como: lotam achados facas de obsidiana e machados de pedra da era pré-maia, datando de até 1500 a. C. e disto se conclui que a área do local desses achados teria sido habitada por caçadores primitivos. Está certo. Como por um passe de mágica, aparecem então argumentos quase convincentes, se a gente não prestar bem atenção, dizendo: numa época em que se usaram ferramentas tão primitivas não poderiam ter existido "deuses", pois, sem dúvida, estes teriam fornecido aos caçadores primitivos ferramentas altamente sofisticadas, iguais às usadas por eles próprios. Eis a equação simplista: ferramentas primitivas indicam a ausência de extraterrestres! Em data recente, quando fazia uma excursão no lago de Genebra a bordo de um vapor antigo, com ambiente romântico e

aconchegante, de repente o alto-falante noticiou a decolagem do ônibus espacial do projeto norte-americano *Space shuttle*. Será que também neste caso se aplicaria a equação postulada? O navio a vapor exclui a existência do vôo espacial? "Não se deve descartar o motor somente porque o profeta Maomé andou em lombo de camelo", falou o primeiro-ministro malaio Datuk Hussein Onn. Sejam as sábias palavras a ser transcritas no registro dos guildas.

Nessa altura, recuando no tempo, os resultados de estudos etnológicos comparativos pouco iriam mudar nosso saber sobre o dia-a-dia dos povos de civilização indígena. No entanto, uma nova interpretação de suas crônicas motivaria grandes e profundas transformações. Quem ler essas crônicas, com espírito isento de quaisquer preconceitos, mesmo sem a minha imaginação, indiscutivelmente fantasiosa, verificará como falam de veículos desconhecidos, muito admirados pelo povo,

de armas temidas, de chamados pelo megafone, de vozes supostamente divinas, de veículos celestes descritos como dragões nas nuvens. Constatará também que, mesmo nos dias de hoje, a reação popular continua sendo a dos "povos primitivos" diante do repentino surgimento dos produtos de uma civilização alienígena, conforme demonstra Ulrich Dopatka, bibliotecário da Biblioteca da Universidade de Zurique, citando toda uma série de exemplos (16). Quanto às tribos da América Central, Irene Nicholson (17), que por 17 anos viveu e pesquisou no México, fez o seguinte comentário:

"Apresenta-se como bastante superficial a idéia que os mitos dos astecas e maias terem sido criados por um povo primitivo, cujos anseios se concentraram em safras mais fartas, chuva na época certa e sol para branquear os cabelos do milho."

Lamentavelmente, em larga escala, a literatura especializada é dominada por tais idéias superficiais. Ela própria inventa que, para tudo, teria uma explicação "natural"; não admite enigmas, que nega categoricamente. Nem toma conhecimento conseqüente da analogia dos pontos de referência encontrados nas crônicas populares oriundas de regiões distantes uma da outra. Se bem que, em âmbito global, haja peritos plenamente cômicos de tais analogias, eles hesitam em dali tirar suas conclusões. Tanto os deuses dos maias quanto os da epopéia de Gilgamés sentiram o cheiro gostoso do holocausto, só que os nossos especialistas parecem sofrer de constipação nasal permanente. Eles não sentem cheiro. Em último caso, chamam psicólogos em seu auxílio e esses sempre sabem dar um conselho: blá, blá, blá. O resultado assim obtido passa a ser aceito como a opinião acadêmica, válida. E é só.

Em visita a White Bear, um índio descendente dos antigos maias

Que bom que ainda existem índios que conservam as tradições de seu povo. A eles a gente pode apelar para saber como devem ser compreendidas as tradições de seus antepassados mais antigos.

Há uns 15 anos visitei White Bear, um dos líderes dos índios hopis que habitam a reserva de seu povo, no Estado norte-americano do Arizona. Naquela visita de uma semana tive a companhia do meu amigo Joseph F. Blumrich, na época chefe do Departamento de Construções e Projetos da NASA, em Huntsville, Alabama, E.U.A., o qual, então, recebera incentivo para um estudo de 10 anos, condensado na sua obra *"Kasskara e os Sete Mundos"* (18). Esse livro deveria ser leitura obrigatória para todos os pesquisadores de mitos.

White Bear é um homem sábio, idoso, agora com 80 anos, membro do clã dos coiotes e do tribunal tribal dos hopis. Num barranco rochoso, cujo acesso os índios costumam vedar aos visitantes de fora, ele nos mostrou desenhos rupestres documentando a história milenar da sua gente. White Bear conversa com sentenças bem pensadas e somente fala com uma certa dose de desconfiança quando a ele são dirigidas perguntas. Aí, então, no tom de sua voz transparece o ressentimento do índio com o homem branco, que tanta dor, tanto sofrimento causou a seu povo. Ao cabo de muitos anos, Blumrich granjeou a confiança de White Bear a ponto de o pele-vermelha e o cara-pálida sentarem-se diante do gravador e gravar o relato do pele-vermelha sobre seu povo, parte integrante da história antiga dos maias. Ao lado das crônicas tradicionais, também a tradição viva toma seu lugar como documento singular.

Antes de iniciar sua narração White Bear disse que estava na hora de relatar quem são os hopis e por que se radicaram na região agora por eles habitada:

"Quando eu conto nossa história, você deve ter em mente que o tempo não é um fator de importância. Hoje em dia, o tempo surge como algo de importante; o tempo complica tudo, vira obstáculo. Mas a história do meu povo mostra como o tempo não era importante, a exemplo de como não era importante para o próprio Criador."



Para suas comemorações festivas, os índios hopis, que hoje vivem nas reservas do Estado do Arizona, E.U.A., usam máscaras de kachina, confeccionadas segundo práticas tradicionais.

Conforme acontece com os maias e os astecas, também a história dos hopis registra quatro eras do mundo, com a era atual figurando em quarto

lugar. Milênios atrás, os hopis habitaram um continente, no âmbito do oceano Pacífico, que chamaram de Kasskara. Naqueles tempos eclodiu uma guerra intercontinental com os habitantes de outros continentes. Ao longo dessa época, Kasskara começou a submergir no oceano; isto não se deu, conforme reza a Bíblia, por um dilúvio de 40 dias, mas sim por um processo de submersão contínua. Enfim, o que restou de Kasskara eram apenas os picos mais altos de suas montanhas, hoje conhecidos como as ilhas dos Mares do Sul. Os hopis foram obrigados a emigrar, a procurar outras terras, e nisto tiveram a ajuda dos katchinas. White Bear explicou que os katchinas eram "sábios ilustres, muito estimados", uma elite com a qual sua gente sempre estivera em contato; teriam sido seres corpóreos, do planeta Toonaotekha, muito distante do Sistema Solar terrestre, e teriam visitado a Terra de tempos em tempos.

Os katchinas eram divididos em três categorias de sábios: os geradores, os mestres e os guardiões da lei.

Logo com a primeira das três categorias verifica-se a analogia com outras lendas, pois, também com os hopis, de maneira misteriosa, os katchinas geraram *diversos* homens.

White Bear é perfeitamente cômico da mística desses nascimentos: "Por estranho que possa parecer, jamais houve relações sexuais e, mesmo na ausência total do ato sexual, mulheres eleitas engravidaram". O *Popol Vuh* (7), a crônica central dos quichés-maias, afirma algo semelhante. Os primeiros homens foram gerados "sem pai": "Eram chamados de os 'gerados'. Foram gerados por um passe de mágica, por milagre". Também o *Popol Vuh* diz que, entre os gerados, houve homens de "grande sabedoria e inteligência". Por sua vez, White Bear, que não leu o *Popol Vuh*, sabe pela crônica dos hopis que os katchinas "eram homens milagrosos, poderosos, sempre prontos a ajudar, jamais a destruir".

Num relatório técnico de laboratório uma lenda asteca (17) conta como o sacerdote-soberano Quetzalcoatl era produto de uma inseminação artificial; diz: quando a deusa Coatlicue, "aquela com a saia de serpentes", limpou o chão, encontrou uma pequena bolinha de frouxel, que escondeu debaixo de sua saia; mais tarde, quando procurou a bolinha, essa desaparecera e, em seguida, sentiu-se engravidada. O filho dado à luz por "aquela com a saia de serpentes" era Quetzalcoatl,

"a serpente emplumada". Outra lenda, tratando do mesmo assunto, faz a deusa engravidar mediante a pluma de uma ave; uma outra, por intermédio de uma pedra preciosa. Jamais um homem entrou em cena. Um caso singular de emancipação total.

Emigração pelo ar

White Bear descreve a ajuda dos katchinas prestada ao seu povo na hora do êxodo. Teriam sido três os sistemas empregados: a bordo de "escudos voadores", veículos celestes dos deuses, a elite teria sido deslocada da zona de perigo, a fim de preparar a nova terra — América do Sul — para receber as ondas de imigrantes. O transporte coletivo das grandes massas era feito pelos "pássaros gigantes" bem como por navios, barcos e canoas de tamanhos variados.

Quanto aos "escudos voadores", White Bear não consegue dar seus detalhes técnicos com base nas crônicas tradicionais; no entanto, ele os compara, em sua forma, a metades de melancias. A existência real, efetiva e visível desses inimagináveis veículos celestes é documentada pelas pinturas rupestres em Oraibi, a colônia hopi mais antiga no Arizona. Por exemplo, há riscado na rocha o desenho de uma mulher sentada num escudo virado para cima; embaixo há uma flecha com penas. White Bear explicou que a flecha significa "voar", "velocidade". Com uma rápida olhada para o Egito, a gente se lembra de imagens análogas, vistas ali, representando o que se chama de "barcas celestes". Quem viajar por aquelas plagas, observará no teto da câmara mortuária de Senmut, em Deir el-Bahri, no templo sepulcral de Ramsés II, à margem direita de Tebas (hoje, Lúxor), ou no friso astronômico do templo em Edfu (19), verdadeiras frotas dessas barcas celestes que os hopis chamam de "escudos voadores".



Os mitos costumavam ser transmitidos por analogias, comparações de formas, acessíveis à mentalidade de cada época. White Bear fala de um objeto em forma de uma metade de melancia, enquanto nas ilhas de Sociedade, no oceano Pacífico, as crônicas servem-se de "conchas" para tais comparações; e a bordo dessas "conchas", os deuses chegaram, voando, da "escuridão do cosmo". As lendas de Kiribati (21), um grupo de ilhas da Micronésia, contam como o deus primitivo Nareau veio voando numa casca de coco, e como Makemake, o "deus dos habitantes dos ares" (4), desceu

num ovo oco na ilha de Páscoa, a mais oriental das ilhas da Polinésia. Quer dizer, ainda hoje White Bear quase faz coro com as crônicas tradicionais, descrevendo o veículo voador dos seus antepassados como tendo tido a forma de uma metade de melancia.

Segundo White Bear, outro grupo de gente foi evacuado de Kasskara, que submergia "no dorso de grandes pássaros". Também essa alegoria apresenta analogias indiscutíveis com a mitologia hindu. Ali Garudah cruzou os céus, voando, pois garudah quer dizer asa. Ele era o príncipe dos pássaros, servindo de montaria ao deus Vishnu, cujo nome significa "o que penetra tudo". Esse pássaro notável, representado com as asas de uma águia e o corpo de um homem, teria sido dotado de poderes fora de série: de altíssima inteligência, agia por iniciativa própria, conduzia guerras e ganhava batalhas; seu corpo teria sido vermelho, seu rosto, branco, e suas asas brilhavam em tons de ouro. A Terra estremecia quando o pássaro-príncipe levantava suas asas.

O terceiro grupo, o grosso dos refugiados de Kasskara, viajou para a América do Sul a bordo de grandes navios e pequenas embarcações. Evidentemente os deuses também ajudaram nessa evacuação em massa, com os katchinas, homens de muita sabedoria, sempre prontos a auxiliar, dirigindo os navios de ilha em ilha, para não se desviarem de sua rota. Como é lícito supor que naquele tempo ainda não havia radar para orientar o curso a ser mantido, os respectivos comandos deveriam ter sido enviados a partir de postos de observação situados nas alturas. As crônicas de White Bear nada mencionam a esse respeito, porém chego a essa conclusão baseado em meu bom senso.

A colonização dos índios hopis

Com a sua chegada à nova terra, iniciou-se um trecho singular na história dos imigrantes. Os índios multiplicaram-se diligentemente, desenvolveram os interesses tribais inatos e dividiram-se em clãs. Alguns grupos foram do Sul para o Norte, numa migração milenar. Os clãs dos ursos e coiotes fizeram parte daqueles grupos; White Bear é um dos seus membros. Será que os hopis podem orgulhar-se de um passado continuado através de milênios? White Bear delimita tal eventualidade:

"Nem todos os homens do quarto mundo que viveram em Táotoóma eram hopis. É preferível falar que nossos antepassados estavam entre eles. Da grande massa de imigrantes na América do Sul, somente foram chamados de hopis aqueles que acabaram por chegar a Oraibi e apenas depois de lá terem sido recebidos e aceitos."

No meio do grande povo hopi organizaram-se novas tribos que se separaram da maioria de seu povo; radicaram-se nos altiplanos e nas matas virgens; em seu meio encontravam-se os antepassados dos maias e dos astecas. Disso, tradições perfeitamente concordantes e desenhos rupestres fornecem indícios inquestionáveis.

White Bear fala da cidade de Palátquapi (= terra roxa), edificada por seus antepassados na América Central, que era considerada o centro das ciências. Segundo White Bear, hopi nenhum "poderia esquecer-se de Palátquapi", pouco importa o seu clã, pois essa cidade ainda conservava marcas profundas das reminiscências. Em Palátquapi havia um prédio de três andares dedicado exclusivamente ao ensino; sua construção deu-se por degraus e cada degrau superior representava um saber superior; quanto mais alto se tornou o templo do saber, tanto menos índios conseguiram nele ingressar e acompanhar seus ensinamentos. No andar térreo, jovens índios aprendiam a história de seu povo; no primeiro andar, aprendiam as ciências naturais, incluindo a composição da matéria (química!). Ali, as forças da mente eram intensificadas, despertavam-se os sentidos, lançavam-se as bases para a busca, na Natureza, da compreensão e da harmonia da vida. Fala White Bear:

"Por esta razão, em suas cerimônias, os hopis entoam cantos elogiando e venerando a Natureza, que está no nosso meio ambiente em todos os elementos. Isto se faz em homenagem ao poder sublime do ser divino."

Mais acima, onde o trabalho do aprender se tornava mais duro, o número de estudantes reduzia-se sensivelmente. Ali os mestres ensinavam astronomia, uma matéria interessante que não consta do currículo das nossas escolas atuais. Segundo White Bear:

"Eram ensinados todos os detalhes do nosso sistema planetário. Eles sabiam que a Terra é redonda, que a superfície de Marte é coberta por uma areia fina, que não há vida em Vênus, Marte ou Júpiter."

Como era exemplar esse sistema de ensino dos antigos índios, avesso a todo nivelamento dos estudantes!

Quem eram os docentes? De onde receberam o seu saber?

A resposta concisa de White Bear é: "As aulas eram dadas pelos katchinas".

Entrementes, a ciência criou um novo setor, a arqueoastronomia, que trata do saber astronômico dos povos antigos, uma tarefa importante que poderá proporcionar vastos conhecimentos a seus representantes, contanto que não usem antolhos.

O professor Anthony F. Aveni, da Universidade Colgate, em Hamilton, Nova York, deixa transparecer a raiva que tem de mim no prefácio de um

livro superinteligente (22) a meu respeito. Há pessoas, afirma Aveni, que insistem que o saber dos nossos antepassados teria sido influenciado por extraterrestres. Por esse motivo, Aveni escolheu como uma de suas metas a de comprovar que os povos mesoamericanos, ou seja, os radicados na região das altas civilizações mexicanas e maias, passaram por uma "evolução absolutamente lógica e natural". Alfred Polgar (1875-195'), mestre em mordaz ironia, comentou: "São instáveis os limites entre a arrogância e a ignorância".

Como ciência nova, em vias de descobrir novos horizontes, a arqueoastronomia já estaria no fim se ignorasse a enorme riqueza das tradições dos povos mesoamericanos, cujo desmentido Aveni escolheu como uma de suas metas. Que gaste sua munição em mim; não acertará no alvo, pois declaro, sob palavra de honra, que não fui eu quem incluiu nos mitos os trechos protocolares das visitas dos "deuses" do Universo. Aliás, Aveni ofende a credibilidade da história primitiva dos índios, invalidando fontes sem as quais sua nova ciência não teria condições de pesquisar e trabalhar.

Juro: não conheci os profetas Enoque e Elias; jamais cruzei com Gilgamés em meu caminho; não colaborei na redação do Velho Testamento, tampouco na do *Popol Vuh*; e não ingressei no clã dos coiotes, por mero entusiasmo com as notícias recebidas por White Bear. Mas o Sr. Aveni, cientista, subtrai à sua tarefa a própria base, quando pega uma grande borracha para apagar os deuses da Antigüidade das sagradas crônicas tradicionais, pois eles ali tiveram seu lugar desde milênios. E essa pesquisa será importante, se for levada a sério. Seria o caso de fazer votos para que os nossos pesquisadores atuais fossem imbuídos da modéstia de um dos sacerdotes-sábios de qualquer dos povos antigos, da veneração que dedicaram aos deuses que lhes deram aquele seu saber transmitido por visitantes do cosmo.

"De maneira estranha, o pessoal caiu em verdadeiro êxtase quando soube que descende do macaco", escreveu Erwin Chargaff (1). "Até então, acreditava que fosse criado por Deus, única e exclusivamente."

O senhor Anthony Aveni sabe, e com toda a certeza, que colegas renomadíssimos, adeptos da teoria da seleção natural, postulada por Darwin, continuam em busca do *elo perdido*. A teoria da seleção natural explica (quase) tudo, menos a maneira de como os hominídeos se tornaram inteligentes. Desde muito não estou mais sozinho com minha hipótese, segundo a qual esse passo decisivo foi dado com a ajuda de forças extraterrestres.

Qual o grau de autenticidade dos relatos de White Bear?

White Bear relata que, séculos a fio, os índios de Palátquapi viveram muito bem e em paz, até que uma explosão demográfica os obrigou a organizar novos centros habitacionais. Com isto, suas ligações com Palátquapi foram-se afrouxando; as novas comunidades exigiram sua independência. Os katchinas abandonaram Palátquapi e seus ensinamentos puros foram adulterados a medida que os indígenas se esqueciam de quem lhes trouxera a civilização e começavam a venerar novos ídolos. Cada tribo ficou obcecada com suas novas criações, motivo de horríveis contendas fraticidas. Embora as tribos inimigas respeitassem os templos e as pirâmides dos antigos deuses, aos poucos as cerimônias sagradas perderam sua forma tradicional, culminando com o abandono dos centros religiosos.

Destarte, caiu em ruínas a capital do clã do arco, a cidade maia de Tikal, conforme verificado pelas mais recentes escavações de centros urbanos pré-clássicos. Foi assim que ficaram vazios os templos e as ruas de Palátquapi, hoje em dia chamada de Palenque.

Com esse novo espírito, os índios, desejosos de uma vida em total harmonia com a Natureza e as leis cósmicas, fundaram novas comunidades. Sob o signo da serpente emplumada, Iucatã chegou a predominar nas terras do poderoso clã das serpentes. Os clãs dos ursos e dos coiotes migraram mais para o Norte e os que não foram mortos ou desterrados pelos carapálidas ali continuam radicados. Até hoje, sempre no mês de fevereiro, celebra-se a "cerimônia da serpente emplumada", em Hotevilla, uma aldeia hopi no Arizona, E.U.A.

É mérito de Joseph F. Blumrich ter possibilitado verificar o grau de autenticidade dos relatos de White Bear. Anos a fio, Blumrich dedicou-se com paciência infinita a seus estudos e pesquisas, e, então, chegou a detectar concordâncias profundas entre a realidade histórica e a autenticidade das tradições hopis. Quando os hopis, no Arizona, viram reproduções da cidade maia de Tikal soltaram estrondosos gritos de alegria, pois em toda parte reconheceram afrescos com símbolos do seu clã, sinais documentando a sua própria história. A esse respeito White Bear comentou:

"Há um significado em tudo e em toda parte ficou registrada a história. Somos pessoas de orientação espiritual e os arqueólogos e historiadores devem ficar cientes do lado de que, primeiro, devem tratar de entender nossa mentalidade para, em seguida, procurar explicar as ruínas."

Desde muito os arqueólogos procuram o motivo real que fez com que os maias abandonassem suas cidades e fundassem novas comunidades alhures.

Com base na compreensão do espírito do seu povo, White Bear oferece uma solução convincente: em determinados locais, brigas religiosas envenenaram o ambiente e tornaram a vida insuportável. Naquela altura, os sábios katchinas, que poderiam ter interferido para serenar os ânimos, já haviam deixado Palátquapi há algum tempo.

Em vista dessas novas noções, a data das ruínas de antigas construções maias deve ser recuada sempre mais no passado. Desde muito a datação do período pré-clássico, a era antes dos maias, já não confere com as teses de ontem. O norte-americano Norman Hammond (23), renomado pesquisador maia, encontrou em Iucatã cerâmicas a serem datadas de antes de 2600 a. C.; logo, são 1.500 anos mais velhas do que o esquema atual admite que fossem. O professor Erwin Chargaff bem conhece tais saltos de tempo acadêmicos, quando diz: "Ademais, no âmbito das ciências naturais, as explicações representam uma peculiaridade toda especial, pois sempre levam uma data-limite que, na maioria dos casos, não se admite". É isso mesmo. Quem teria a coragem de afirmar que as datas mais recentes fossem as últimas, e corretas?

White Bear diz que os sábios katchinas, seres do cosmo, teriam ensinado seus sacerdotes. Essas palavras são confirmadas pelos livros *Chilam Balam*, patrimônio venerado de muitas residências maias, quando dizem:

"Eis o relato do parto de um deus, de treze divindades e mil deuses, ensinado pelos sacerdotes de Chilam Balam, Xupán, Nauat..." (24).

Quem procurar uma definição ocidental de fatos análogos, encontrá-la-á no livro do profeta Enoque, além do termo exato "guardiões do céu" e ainda toda uma equipe igualmente empenhada em ministrar ensinamentos (25):

"Semjasa ensinou. . . cortar as raízes, Armaros, a solução das fórmulas das conjurações, Baraqel, o olhar as estrelas, Kokabeel, a astrologia, Ezeqeel, a meteorologia, Arakiel, os signos da Terra, Samsaveel, os signos do Sol, Seriei, os signos da Lua. . ."

Para não deixar passar despercebida uma particularidade toda especial, peço licença para comentar que as matérias ensinadas pelos "guardiões do céu", a começar pelo cortar as raízes até a interpretação dos signos celestes, se tornam sempre mais complexas, exigindo um saber superior, a exemplo da concepção intelectual de uma universidade dos katchinas, exemplificada com a construção de um prédio de vários andares.

O medo da volta dos deuses

Aparentemente, desde que o homem é homem algo jamais mudou: ele precisou sempre, como ainda precisa, de modelos, imagens para inspirá-lo.

Para os povos jovens, ou antiqüíssimos, como se queira, os "deuses" eram os "anjos caídos" e "guardiões do céu" (Enoque), ou os katchinas, os sábios do cosmo. Tão logo esses modelos desapareciam de seu campo visual, os que ficavam começavam a fazer valer suas ambições pessoais, mesquinhas; os discípulos instituíram sua "escola" e exigiram respeito. Logo, os muitos pequenos "deuses" simulados, "de mentirinha", espalhavam o caos das suas muitas "verdades", no que se alquebrou o poder dos legítimos.

Todavia as reminiscências continuavam vivas na mente dos povos antigos. Sempre se preocupavam com a pergunta temida: como seremos punidos pelos deuses, quando, conforme prometido, voltarem do cosmo? Não se deveria perder de vista o fato de que tal pergunta continua virulenta nas religiões modernas, com as quais o castigo dos deuses, ou de Deus, fica apenas postergado para o dia do Juízo Final, ou para além da morte. Sob a perspectiva da volta dos deuses, tais conceitos até parecem lógicos, pois, como os deuses não conseguem fazer o homem prestar contas durante sua vida terrena — porque a volta dos seres divinos não acontece no breve espaço de uma vida terrestre —, ele será responsabilizado por seus atos e punido no além. Ali, então, tudo se torna irreal, incontrolável.

Também os povos da América Central, e não somente esses, receavam a volta de seus deuses. Angustiadados, observavam o firmamento registrando toda e qualquer mudança. Sem dúvida, esse receio motivou seus extraordinários conhecimentos astronômicos.

Aparentemente suas observações do céu dividem-se em duas categorias: a) mudanças e movimentos no firmamento, anunciando a volta dos deuses; b) eclipses do Sol e incêndios no céu, prenúncios do fim do mundo.

Essa tese foi confirmada pelo trabalho diligente desenvolvido pelo missionário e pesquisador de civilizações antigas, Bernardino de Sahagún (1500-1590), membro da Ordem de São Francisco, que realizou pesquisas no México. Sahagún estudou o idioma dos nahuas, um grupo de tribos indígenas queira segunda metade do século 1 d.C. predominava entre os povos de civilização mais antiga, e entrou para a História Universal como toltecas. Até hoje, grande parte dos habitantes rurais do México ainda fala esse idioma, o nahuatl.

Em sua qualidade de missionário e superior do colégio em Santa Cruz, Sahagún coletou dados com os índios, aos quais pediu notícias do passado do seu povo. Destarte, sua *Historia General de las Cosas de Nueva España* veio a constituir-se num registro protocolar de fatos, dentre os quais a astronomia ocupa lugar de destaque. () Os índios descreveram seus receios dos fenômenos celestes em imagens vivas e palpitantes:

"Quando cai tu aquela noite, o povo ficou com muito medo e aguardou,

conforme se diz, pelo pior: se a broca de fogo não caísse de modo feliz, a vida terminaria, tudo estaria acabado e a noite tornar-se-ia total. O Sol não voltaria a brilhar, deixando o mundo em completa escuridão. Monstros Tzitzitzimi cairiam sobre a Terra e devorariam os homens... e ninguém sentou na terra, assim se talou, mas todos subiram no telhado achatado. F, deste modo, todos estavam compenetrados da fé mágica a ponto de se cuidarem, com medo do céu, das estrelas, cujos nomes são 'os muitos' e a 'broca de fogo' " (26).

Na *Historia* de Sahagún, fala-se em "estrelas fumegantes", prenúncios do mal; deveriam ser meteoros, com sua cauda incandescente, cortando o céu noturno. Além de "estrelas fumegantes", os índios também falaram em "estrelas disparando tiros":

"Diz-se que o disparo de uma flecha não acontece sem conseqüências, não desce sem conseqüências. . . e, de noite, todo mundo se acautelou, cobrindo-se com cobertores, vestindo uma peça de roupa e protegendo-se com um cinto, tal o medo do disparo da flecha pelas estrelas."

Para sua melhor explicação, as observações astronômicas eram, em seguida, transformadas em astrologia, operando com as influências positivas e negativas dos astros. Mesmo aceitando-se a interpretação astrológica, torna-se evidente a necessidade da prévia coleta de valores experimentais. As estrelas cintilantes no céu noturno não podem ter sido consideradas como "maléficas" ou "boas" sem mais nem menos. Aquilo que se passava nas alturas, bem acima das cabeças dos índios terrenos, não fazia mal a ninguém! Por causa disso acho que deve ter existido uma reminiscência primitiva, uma crônica tradicional, provocando determinadas associações com determinadas estrelas. Decerto deve haver uma razão que motivou os maias, tanto quanto os antigos gregos e romanos, a reencarnar Marte como o planeta da guerra (24).

Como não poderia deixar de ser, na *Historia* de Sahagún o primeiro nascer do Sol ocupa seu devido lugar no contexto da abertura da Criação do Mundo; os deuses acenderam uma grande fogueira na qual dois deles se lançaram, a fim de, com esse seu sacrifício, forçar o nascer do Sol enquanto as demais divindades observavam o céu atentamente, para não perder o raiar do dia:

"Como se diz, aqueles que olharam para lá eram Quetzalcoatl, cujo segundo nome é Ecatl, mais Totec ou o 'dono do anel', mais o vermelho Tezcatlipoca e ainda os que se chamam de serpentes das nuvens!" (26).

Realmente, um grupo notável, com nomes divertidos, o que estava ali reunido!

E eis, de novo, o deus Quetzalcoatl, a nossa "serpente emplumada"; os

quichés-maias chamaram-no de Kukumaz, os indígenas de Iucatã, de Kukulcán, o qual, segundo as tradições, era um personagem polivalente; os astecas tinham soberanos de nome Quetzalcoatl, mas no início houve também sacerdotes com esse nome. Como existem tradições de Quetzalcoatl/Kukulcán abrangendo mais de meio milênio, não se pode ter tratado de um só personagem.

Os antiqüíssimos dragões voadores

O Kukulcán legítimo, primitivo, era por assim dizer uma "serpente celeste", um "monstro celeste" que "visita a Terra de tempos em tempos" (27). Desde o início esse Kukulcán legítimo esteve intimamente ligado a Itzamná, o supremo deus celeste dos maias, criador da escrita e do 'calendário. Ele era o dono do céu, o que "residia nas nuvens". Representado como homem idoso, todo o seu corpo era enfeitado com símbolos planetários e signos astronômicos; equivalia a uma espécie de dragão de duas cabeças.

Em muitos mitos dos povos antigos os dragões aparecem como motivo sempre recorrente; surgem com os egípcios, os babilônios, os teutões, bem como com os tibetanos, hindus e chineses. Aliás, durante a dinastia Sung (420-479 d. C), o dragão foi o símbolo do poder imperial na China.

O dragão já era conhecido na dinastia Shang, por volta de 1400 a. C. Aliás, a lembrança dos dragões celestes perdura na China atual. Até hoje os chineses comemoram seus dias de festa soltando pipas coloridas. Essas pipas representam monstros que levam na goela material refratário, vasilhames cheios de resina inflamável ou graxa de sapatos; com a passagem do ar é produzida uma corrente de ar quente que faz a pipa subir. Frequentemente ainda levam fogos de artifício que, ao queimar, projetam no céu um monstro vomitando fogo. Aquilo que hoje se faz por brincadeira, outrora fazia parte da guerra psicológica quando pipas-dragões, vomitando fogo, eram lançadas sobre a frente inimiga para criar confusão e espalhar o pânico.

Há muitas especulações em torno do motivo do dragão encontrado nos quatro cantos do globo. Teria sobrevivido, em toda parte, uma reminiscência comum a todos os povos, evocando os dinossauros, aqueles répteis enormes antediluvianos? Pouco provável! Todas as espécies de dinossauros extinguiram-se há 64 milhões de anos, quando ainda não havia o homem sobre a Terra (28). Por que e como esses répteis monstruosos deveriam voar e vomitar fogo? A professora Sängner-Bredt levantou a questão de (29) o motivo do dragão ter sido inspirado pela "visão da Via-Láctea no céu noturno. Será que essa 'serpente celeste', estendendo-se por todo o

firmamento, teria motivado os mitos da Criação, envolvendo o dragão?"

A resposta é: pouco provavelmente. A Via-Láctea era bem conhecida dos observadores do céu, cujos povos veneraram o dragão; para esse fenômeno deslumbrante, com o seu brilho pacífico, majestoso, tinham nome próprio que nada tem a ver com o conceito do dragão.

O Kukulcán legítimo não era uma serpente emplumada comum, nascida da fantasia, inspirada nas penas da ave Quetzal e na pele escamada da serpente. Não. Não se trata disso, pois as tradições falam de uma "serpente voadora" que veio do céu para ensinar muitas coisas aos povos e para lá voltou. Disso há muitas provas duras como pedras.

Chichén-Itzá, um relato maia em pedra

Chichén-Itzá foi um dos mais importantes centros maias em Iucatã; mesmo suas ruínas ainda impressionam por sua concepção sublime.

No centro dos edifícios de culto ergue-se a pirâmide de degraus, de 30 m de altura, dedicada ao deus Kukulcán; ocupa uma área quadrática com 55,50 m de comprimento lateral e representa a imagem genial do calendário, com suas simbolizações da serpente emplumada. A pirâmide se ergue em nove plataformas colocadas uma em cima da outra, separadas no meio por amplas escadarias. Cada lanço de escadas conta 91 degraus. Na plataforma superior, um degrau leva para o santuário, cuja entrada é flanqueada por duas colunas que reproduzem a serpente emplumada.

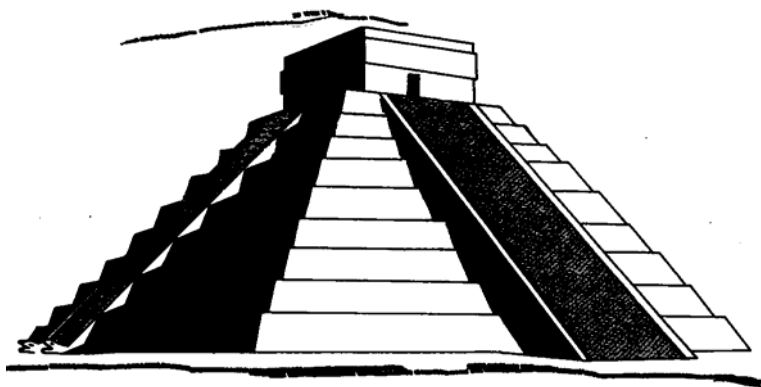
Cada degrau vale por um dia; assim sendo, temos $4 \times 91 = 364 + 1$, totalizando a soma dos dias do ano. Cada fachada da pirâmide está dividida em 52 lápides de pedra artisticamente decoradas, correspondendo ao número de um ciclo do calendário maia. A pirâmide está orientada para os quatro quadrantes do céu com incrível exatidão matemática o que, nos dias 21 de março e 21 de setembro, respectivamente começo da primavera e outono no hemisfério Norte, permite observar um requintado jogo de luz e sombras, dando a impressão de que a serpente emplumada desce e sobe a pirâmide. Essa encenação sofisticada processa-se da seguinte maneira:



Chichén-Itzá



Pirâmide de Kukulcán.



As quatro escadas apresentam um ligeiro desvio dos quadrantes, colocando-se bem ao lado dos quatro pontos cardeais leste, norte, sul. Mais ou menos uma hora e meia antes do pôr-do-sol, no dia 21 de março, o Sol bate na face inclinada para o oeste. Os raios solares e as sombras chegam-se para a face norte, em forma de serpente. Quanto mais desce o Sol no horizonte, tanto mais fascinante espetáculo singular que, ano após ano, atrai milhares de espectadores.

À medida que o Sol desce, triângulos equiláteros de sombras começam a aparecer na beirada dos degraus das nove plataformas, simbolizam as nove partes do corpo de Kukulcán. Os triângulos se transformam numa faixa de ondas acompanhando o pôr-do-sol, lentamente desce a beirada para, no último degrau, envolver a imponente cabeça de serpente, do deus esculpido em pedra.

No dia 21 de setembro, ao nascer do Sol, o espetáculo é observado em seqüência inversa, na face oposta da pirâmide. Primeiro, a cabeça da serpente emplumada parece através de luz e sombra; em seguida, linhas escuras fortemente perfiladas pela luz do Sol, sobem pelo corpo da serpente até a plataforma superior. Após breve estada no topo de Kukulcán, a magia das sombras se desfaz; no movimento do Sol, a serpente emplumada desvanece no cosmo. Essa pirâmide se constitui numa demonstração prática da matemática a serviço dos deuses. Kukulcán criou o Universo, demorou-se por algum tempo na Terra e com os terrestres, para então voltar à sua morada eterna.

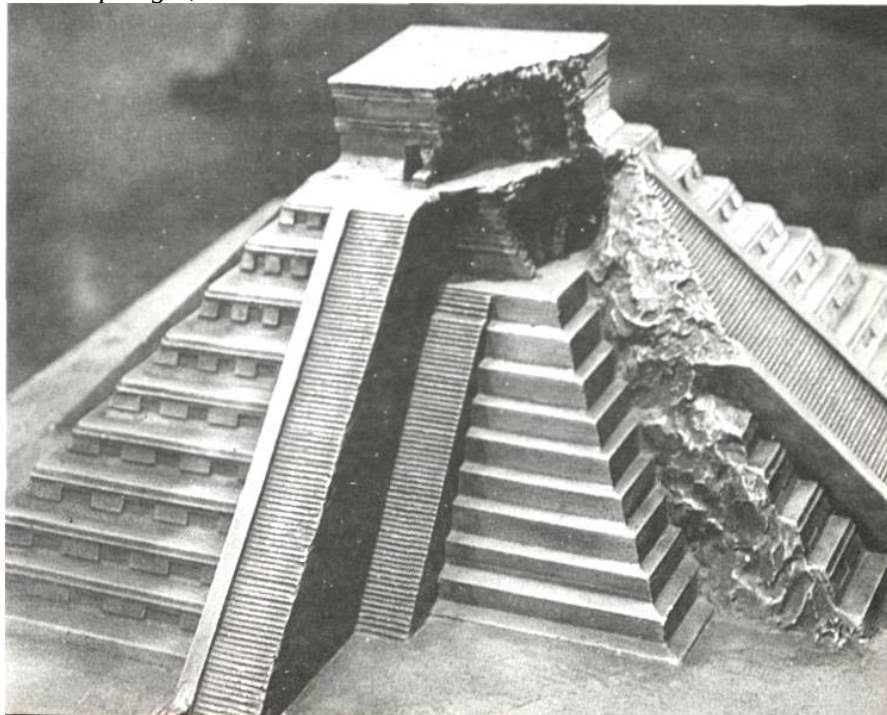
A pirâmide de Kukulcán, uma obra genial executada de forma brilhante, documenta como astrônomos, matemáticos, arquitetos e sacerdotes souberam eternizar as tradições populares nessa construção singular. Outrossim, comprova a existência, desde o início, daquele inimaginável

saber teórico aliado à mais perfeita tecnologia, e desmente a hipótese de ter sido desenvolvido num processo de evolução progressiva. Na parte interna das ruínas da pirâmide de degraus há uma segunda pirâmide, menor, de data mais antiga, igualmente orientada por normas astronômicas.

Será que o enigma dessas edificações seria solúvel, excluindo-se a colaboração de extraterrestres, donos dos indispensáveis conhecimentos técnicos?

Nessas construções, nada, absolutamente nada podia ter sido deixado ao acaso ou ficado sujeito a correções posteriores. A partir do lançamento dos alicerces da pirâmide, tudo teve de estar em perfeita harmonia com a construção das nove plataformas e dos quatro lanços de escada, de 91 degraus cada.

O modelo demonstra como outrora uma pirâmide "moderna" foi erguida sobre uma pirâmide mais antiga. O modelo encontra-se no Museu Nacional de Antropologia, Cidade do México.



O menor desvio de ângulo poria a perder o resultado acima descrito com seus efeitos fascinantes. De que maneira os sacerdotes-astrônomos poderiam

ter controlado, em cada fase das obras, sua concordância plena, perfeita com a planta geral, com todos os cálculos avulsos, detalhados? Para tanto, a Natureza em nada ajudou; os equinócios da primavera e do outono ocorrem uma só vez ao ano, para quando era previsto o fenômeno de Kukulcán descendo e subindo a pirâmide. Tampouco havia garantia alguma de que nesses dois dias de equinócio o Sol estivesse com a sua luz ligada, logo, nem a grande e eterna fonte de luz seria capaz de dar um ponto de referência seguro. Não, não foi assim. *Antes* do início das obras já deviam existir plantas completas, com todos os seus detalhamentos minuciosamente elaborados e exatos a ponto de excluir todo e qualquer desvio, toda e qualquer falha. Será que trabalharam segundo modelos, em medida graduada, e observaram a relação exata das dimensões entre a planta e a obra de construção nela representada? Se assim aconteceu, presto a minha mais profunda e respeitosa homenagem a um povo da idade da pedra dotado de conhecimentos técnicos tão avançados. Pois até as ruínas daquelas obras documentam sua perfeição.

White Bear comentou que, para a história de um povo, o fator tempo teria tido bem pouca importância, tanto quanto para o Criador, aludindo, assim, à infinidade do pensamento maia. Os construtores de Chichén-Itzá praticaram, em pedra, tal infinidade do pensar, pressentindo que as ondas do tempo encobririam suas civilizações; os livros *Chilam Balam* divulgam esse fato. A fim de salvaguardar suas mensagens para que não se perdessem, gravaram os conhecimentos adquiridos dos deuses em templos, pirâmides, esteias. . . conforme mandaram seus mestres divinos.

Todas as mesquitas islâmicas, em todo o mundo, estão orientadas para a cidade árabe-saudita de Meca. Se a qualquer época, num futuro dos mais remotos, linhas fossem traçadas pelos eixos longitudinais das mesquitas, essas linhas, oriundas de todos os quadrantes, encontrar-se-iam no ponto de cruzamento na Caaba de Meca. Mesmo se um dia Meca e a Caaba deixassem de existir, as linhas dirigidas a um ponto lendário documentariam a existência de um centro sagrado naquele local preciso. Os maias conseguiram algo de semelhante com a construção da pirâmide de Chichén-Itzá.



A serpente cósmica se arrasta pela parede...

e usa um capacete

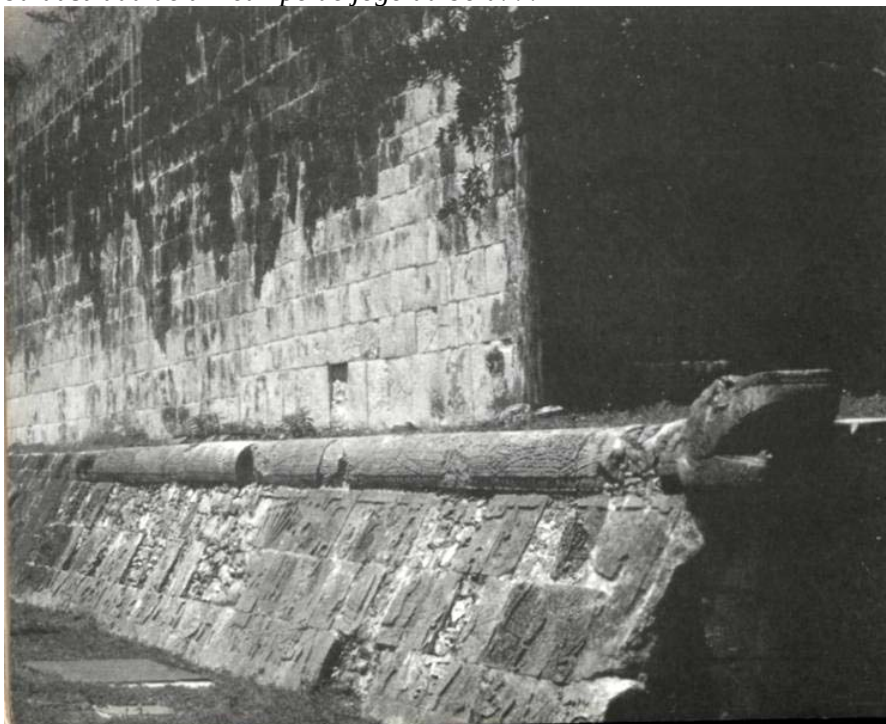


Enigmas pictóricos

Já tratamos de três dos quatro grupos de fontes que sobreviveram à sanha exterminadora dos conquistadores e à ação do tempo: o *Popol Vuh*, os livros *Chilam Balam* e as crônicas de Bernardino de Sahagún. Restam ainda as antigas escritas figurativas mexicanas.

No México dos astecas havia escolas nos templos, nas quais os noviços copiavam escritas antigas, desbotadas, e reproduziam símbolos pictóricos de modelos antigos em papel de fibra de agave, a exemplo de como o fizeram os monges nos conventos medievais na Europa longínqua. Devem ter existido milhares dessas cópias de escrita figurativa. Hans Biedermann, profundo conhecedor da história da América Central, citou na sua obra *Livros Sagrados do México Antigo* (30), as seguintes palavras do jesuíta espanhol Francisco Xavier Clavigero:

A "serpente voadora" está presente em toda parte; está até agarrada na balaustrada de um campo de jogo da bola. . .





...e monta guarda diante do 'Templo das 1.000 Colunas'.

"Todas as escritas encontradas em Tezcucó foram reunidas na praça da aldeia, num pequeno monte. Atearam fogo a esse monte e queimaram-no, transformando em cinzas as lembranças de muitos eventos raros e notáveis."

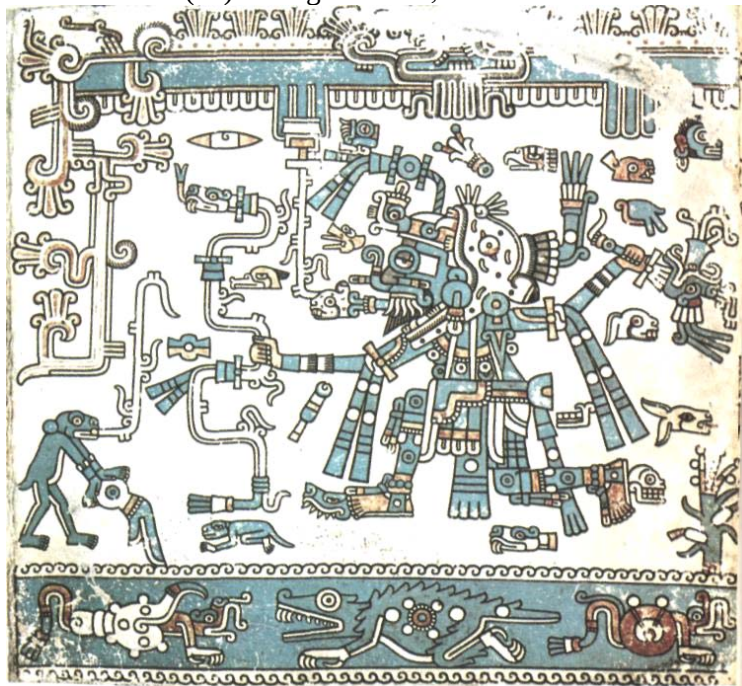
Após o auto-de-fé do monte de manuscritos, ainda existiam, ao redor do globo, umas 20 escritas figurativas, das quais algumas pelo menos datam da época pré-conquista. Levam os nomes de *Codex Vindobonensis* (hoje em Viena), *Codex Vaticanus* (em Roma), *Codex Columbinus* (no México), *Codex Egerton* (em Londres), *Codex Tonaíamatl* (em Paris) e *Codex Borgia* (em Roma). O *Codex Borgia* é o mais famoso e mais bem conservado de todos os códices; a exemplo dos manuscritos maias, é dobrado em sanfona. Suas 39 folhas, cobertas de escrita no verso e anverso, têm 27 cm de altura e 26,5 cm de largura; desdobradas, alcançam o comprimento respeitável de 10 m, representando um maravilhoso livro de história.

Desconhece-se a idade do *Codex Borgia*; ignora-se até onde, no passado, sua origem deve ser recuada; mas parece certo que veio de Cholula. Ali, a uns 100 km ao sul da Cidade do México, está a pirâmide Tepanapa, cuja base é maior que a da grande pirâmide de Quéops, perto do Cairo, no Egito.

A pirâmide passou por uns dez ou quinze períodos de reconstrução e sobreposições, e ignora-se sua idade. A construção enorme, ainda à vista, totalmente encoberta pela vegetação, representa apenas a parte externa da pirâmide que data dos tempos primitivos. Na região de Cholula, além do templo Tepanapa, apresenta-se como enigmática também a ornamentação no interior dos templos, de indiscutível procedência peruana; são "desenhos de tabuleiros de xadrez, galões com meandros em degraus e franjas" (31). Não deixam de causar estranheza aquelas ornamentações peruanas em templos mexicanos, assim como causa espanto reencontrar esse mesmo estilo no *Codex Borgia*.

Peritos diligentes pensam ter decifrado um terço do *Codex Borgia*; no entanto, é difícil a interpretação das antigas escritas figurativas mexicanas. Frequentemente a gente anda em círculos, retorna ao ponto de partida e distingue detalhes que o observador comum não consegue distinguir. Eis aqui dois exemplos do que afirmo:

1 — A ilustração abaixo reproduz a folha n.^o 2 do *Codex Laud*, propriedade da Biblioteca Bodleian, em Oxford. No centro um especialista como Biedermann (30) distingue Tlaloc, o deus asteca da chuva:



Trecho do "Codex Laud".

"São características de Tlaloc as molduras cercando os olhos como óculos e os dentes protuberantes no maxilar superior, apontados para baixo."

A tese de que se trata de Tlaloc, deus da chuva, poderia até estar correta, mas onde estão os "dentes protuberantes, apontados para baixo"? Seriam os cinco vermes saindo da boca? Outrossim, não compreendo a relação do "maxilar superior e a fileira de dentes" com a "representação simbólica" da nuvem de chuva e da chuva caindo sobre a Terra.

O comentário sugere que Tlaloc usa um "capacete de jaguar". Está certo; distingo algo parecido com um capacete; mas onde está o jaguar? Na mão esquerda, o deus segura um "machado cerimonial, cuja lâmina sai de uma goela de serpente". Meus Deus! Peguei uma lupa para melhor estudar esse detalhe e tudo quanto discerni foi um pequeno objeto em forma de vara; seria um machado cerimonial aquela coisinha de nada? As imagens tão artisticamente elaboradas podem representar mil e uma coisas, mas, para mim, a interpretação dada não é nada *convincente*. Também consta que "a outra mão segura uma serpente branca, provavelmente símbolo do raio". Mas ainda é preciso descobrir aquilo.

2 — A ilustração na página dupla a seguir mostra trecho da folha n.º 48 do *Codex Vindobonensis*. Na metade direita da ilustração, o intérprete pensa discernir 16 figuras "evidentemente aspectos diferentes do deus Quetzalcoatl" (30). Segundo essa mesma interpretação, a metade esquerda da ilustração mostra a "descida de Quetzalcoatl à Terra"; em cima, a "borda do céu com dois deuses antigos, entre os quais se encontra Quetzalcoatl, despido e acorado". Aham que essa mesma borda do céu teria uma abertura no centro, da qual desce uma espécie de escada de cordas, "em que está colocada uma penugem".

Não consigo compreender por que foram interpretadas como "penugem" as minúsculas bolinhas redondas, conforme se pode distinguir sob o microscópio. Todavia, aceitaria tal interpretação no caso de o intérprete poder identificar-se como uma das encarnações de um noviço asteca que, em seu tempo, apalpou aquela penugem com as suas mãos! A fabulosa escada de cordas está flanqueada por "seres celestes" em queda vertical. Por fim, no canto inferior esquerdo da ilustração — na "escada de cordas"? — vê-se Quetzalcoatl descido das esferas celestes em pintura de guerra, com escudo, borduna e adornos, emoldurado por "templos e locais místicos".



Trecho do "Codex Vindobonensis"

Nas rodas de especialistas tais interpretações bem que podem ser aceitáveis; não tenho condições para emitir um juízo a esse respeito, mas tampouco consigo livrar-me da impressão de que, eventualmente, tais imagens signifiquem algo de bem diferente. Será que não nos empenhamos

devidamente em encontrar soluções novas, sob aspectos novos? O que significa o fato de Quetzalcoatl usar adornos de cabeça diferentes nos 16 "aspectos diferentes" da sua figura? Esse detalhe deve ser importante, pois, do contrário, o velho cronista não se teria dado ao trabalho de inventar uma nova variação daqueles adornos para cada uma das 16 figuras. Por outro lado, Quetzalcoatl despido, moreno, não se encontra somente entre deuses, se é que eram deuses. O que significam as protuberâncias atrás dele? O que assinalam os muitos signos estranhos ao seu redor? Em alguma parte li que seriam "signos diurnos"; são signos sem dúvida, mas o que representam?

A meu ver, as antigas escritas figurativas americanas lembram enigmas pictóricos. O respectivo verbete na enciclopédia diz que o enigma pictórico é uma representação figurativa da qual, em observação atenta e detalhada, se depreende outra. Quer dizer, trata-se de uma imagem com uma figura não prontamente discernível. O que aconteceria no caso de esses signos, cujo significado deve ser descoberto, representarem — por exemplo — abreviaturas, símbolos de aminoácidos ou ligações químicas?

Entre as múltiplas opções freqüentemente absurdas, oferecidas para a interpretação desses enigmas, esta última não me parece a mais absurda nem saiu da minha cabeça, mas foi apresentada por Helmut Hammer, de Forchheim, um leitor de meus livros que me dirigiu uma carta a esse respeito.

Apêndice

Ao abrir o envelope daquela carta, tirei primeiro a fotocópia tia folha n.º 30 do *Codex Borgia*. Em sua missiva, Helmut Hammer perguntava: "Nessa folha será que alguma coisa lhe chama a atenção?" Não. Nada de especial atraía minha atenção, e senti-me como um daqueles primitivos seres humanos dos quais o *Popol Vuh* afirma que tiveram os olhos vendados pelos deuses, para não enxergarem direito. Mais tarde soube que os olhos de Helmut Hammer estão bem treinados no discernimento visual, pois ele exerce a profissão de gráfico. Por isso, para ele, as imagens se compõem de partes a serem divididas e recompostas; tem o olhar certo para as antigas imagens enigmáticas, os enigmas pictóricos do antigo México. Ele me mandou cinco vias da folha n.º 30 do *Codex Borgia*, cada folha mostrando outro detalhe, realçado e assinalado em cores diferentes. Como essas cópias são interessantes e perfeitamente discutíveis, apresento, a seguir, a descoberta de Helmut Hammer.



Codex Borgia

A IMAGEM 1 mostra 20 signos diurnos. Por que 20? foi o que Helmut Hammer se perguntou: "Por acaso, dentre os numerosos aminoácidos existentes, somente 20 estão engajados na constituição da vida", ele próprio respondeu. Os signos dos astecas e maias têm significado polivalente. Caso esses 20 signos fossem efetivamente diurnos, isto não excluiria a interpretação acima. Conforme já sabemos, 20 dias representam um fator-base no calendário asteca e maia, e, conforme também é do nosso conhecimento, 20 aminoácidos constituem a base das proteínas e células.

A IMAGEM 2 mostra os signos diurnos em cor verde, envoltos por uma moldura vermelha. Todo aminoácido natural compõe-se de quatro elementos básicos: hidrogênio, carbono, nitrogênio e oxigênio. Dependendo do ácido, ainda entram mais outros elementos, porém nada se faz sem esses quatro elementos básicos. E Helmut Hammer pergunta: "Será que, por causa disso, os signos diurnos são divididos em quatro grupos?" Os elementos básicos se

compõem de prótons, elétrons e nêutrons. Embora os átomos possuam ainda outras composições, saídas desses elementos básicos, será que não existem átomos sem a trindade dos prótons, elétrons e nêutrons, nos quais se fundamenta todo o Universo? Ao acompanhar a área vermelha colorida por Helmut Hammer e comparar a cópia com a folha original do *Codex*, salta aos olhos como dois pontos amarelos resultando numa bolinha; e essas bolinhas (= átomos) estão assinaladas pela fita vermelha, envolvendo tudo.

A IMAGEM 3 mostra quatro homúnculos (= deuses) marcados em vermelho, que criam a vida. Nas costas levam símbolos enfeixados de ligações químicas, marcadas em verde. Todos os quatro seguram varas em cujas pontas está colado um aminoácido — assinalado por um círculo verde — que retiram ou devolvem àquela coisa cheia de espinhos no centro da imagem.

A IMAGEM 4 mostra, destacado em vermelho, o invólucro de uma célula com diversas membranas, e agulhões na parte externa, que poderiam simbolizar um suprimento de energia. Um agulhão sim, outro não, leva uma bolinha com dois anéis, os elementos básicos da célula. No núcleo evolui um torçal vermelho e verde igual à hélice dupla do ADN.

A IMAGEM 5 mostra o interior da célula, com substâncias diversas, a mais importante das quais é o ácido desoxirribonucléico (ADN), o portador macromolecular do código genético. O ADN é composto de quatro bases: adenina, guanina, citosina, timina. Essas quatro bases reagem de forma diversa; enquanto a adenina se sente irresistivelmente atraída pela timina, a guanina e a citosina vivem em guerra aberta. Na imagem, os pares concordantes e discordantes estão marcados, respectivamente, em verde e em vermelho, com as duas bases, em vermelho, abraçando-se. Além das quatro bases principais, a corrente da vida, ADN, contém nucléolos e bases de açúcar de ácido fosforoso. No original do *Codex* são marcados com pontos e anéis. Na margem inferior da imagem, o grupo de quatro sai da cena; transmite o código genético. No original, as quatro bases principais, marcadas nas suas respectivas cores, são nitidamente discerníveis e, representadas como serpentes que, se enrolando, unem-se para formar a hélice dupla. Ao mesmo tempo, a serpente se afasta da sua companheira. Nessa altura, cada cordão de ADN torna-se independente, encerrando um código genético completo, e está em condições de seguir caminho por si só.



Admito que essa breve descrição pareça um tanto confusa, própria para provocar um sorriso irônico aos minuciosos que se chocarão com essas especulações de Helmut Hammer. Para essa eventualidade, peço licença de

lembrar o caso do zíper. Desde 1851 técnicos de alta categoria fizeram experiências com o zíper, tais como o norte-americano E. Howe (1851), o alemão F. Klotz e o austríaco F. Poduschka (1883), os norte-americanos W. L. Judson (1893) e P. A. Aronsson (1906). No entanto, o zíper, ou fecho ecliper, uma das grandes invenções do nosso século, somente entrou em produção industrial em 1911, graças a meus conterrâneos C. Cuhn-Moos e H. Forster, que não eram técnicos profissionais.

Por que Helmut Hammer não poderia ter descoberto uma pista viável? Em todo caso, acharia interessante comparar esta explicação, sob o aspecto das ciências naturais, com outra tirada da literatura arqueológico-etnológica, mas o comentário técnico (31) do *Codex Borgia* apenas tem frases como as seguintes:

"Quatro deuses da chuva carregam três árvores diversas e um agave. Eles apontam punhais de ossos para aqueles quatro signos diurnos, dando início aos quartos do Tonalpohualli. Estão colocados ao redor de um disco vermelho, com olhos de estrelas. É noite."

Sim, é noite. Nestes últimos 100 anos esse tipo de explicações a nada levou. Supostamente as escritas maias e as antigas escritas figurativas mexicanas nada contêm além de deuses e seus símbolos, jaguares, signos mágicos e outros apetrechos de pelotiqueiro.

As interpretações arqueológico-etnológicas podem muito bem conviver pacificamente com as obtidas no campo das ciências naturais. "Signos diurnos" tanto podem representar signos diurnos quanto aminoácidos. Não sei; apenas quero abrir uma porta para novas possibilidades e cogitações. Em todo caso, repito que não sei se a explicação oferecida por Helmut Hammer é consistente; mas, mesmo assim, tenho a certeza de ouvir do campo adversário que, na sua qualidade de seres humanos da idade da pedra, os antigos povos da América Central nada sabiam de células, construção celular e código genético.

Pelo fato de não caber nas prateleiras da farmácia científica oficial, prefere-se não dar ouvido ao sábio White Bear que, através da história de seu povo, soube da existência da "universidade" de Palenque, em cujo primeiro andar os alunos assistiam a aulas de composição básica da vida e dos elementos químicos. Os primeiros docentes dessa universidade eram os katchinas, mestres oriundos do cosmo.

Desde que se aceite este ponto, torna-se perfeitamente compreensível que eram livros didáticos, tradicionais, os códices copiados por centenas de vezes e transmitidos de uma geração para outra.

"Ter fantasia não quer dizer imaginar alguma coisa. Quer dizer saber fazer algo das coisas", falou Thomas Mann (1875-1955).

VI

TEOTIHUACÁN - METRÓPOLE PROJETADA PELOS DEUSES

A CONSTRUÇÃO DOS CASTELOS NO AR É DE GRAÇA, MAS A SUA DESTRUIÇÃO SAI MUITO CARA.

François Mauriac (1885-1970)

Quem, hoje em dia, abre seu caminho através do caos da Cidade do México não faz idéia de estar pisando solo riquíssimo em História. Nem sei se seus próprios habitantes estariam cientes desse fato.

Na maior cidade do mundo, a 2.440 m de altitude, no planalto de Anáhuac, vivem uns 18 milhões de pessoas; o seu número exato é desconhecido, porque cada censo revela dados diferentes. Peritos da O.N.U. calcularam que no ano 2000, permanecendo a taxa de crescimento demográfico atual, uns 40 milhões deverão habitar esses 1.500 km², supondo-se que, até então, a cidade ainda não tenha cometido suicídio, a exemplo da outra sobre cujas ruínas antiqüíssimas está erguida.

Os milhões de habitantes vivem e respiram num ambiente tão poluído que se atribui a essa poluição ambiental quase 100.000 vítimas fatais por ano. Os mexicanos, descendentes dos astecas, aceitam o envenenamento de seus pulmões com total indiferença fatalista, como se os antigos deuses exigissem deles o sacrifício de suas vidas.

Das 6 h da manhã até altas horas da noite, os 3 milhões de automóveis que trafegam pelas ruas da cidade executam o concerto de suas buzinas, enchendo o ar e os ouvidos de poluição sonora, a qual, no ar rarefeito daquele planalto, é mais agressiva, mais enervante que em qualquer outro lugar. Mais de 20.000 ônibus poluem o ar com suas nuvens negras venenosas, contra as quais nem lenços molhados servem de filtros. Uns 17.000 guardas de trânsito, de uniformes azuis, tentam dirigir a avalanche de lataria sobre quatro rodas, usando seus apitos de som estridente e movimentando os braços, com esse seu jeito meridional de pouco caso. No entanto, malgrado as vias expressas urbanas, projetadas para dar maior fluxo ao trânsito, a avalanche desloca-se em ritmo lento, mais lento que o de um carro puxado a cavalo há 100 anos. O quanto periclita o equilíbrio dessa

cidade-monstro ilustram as luzes, que chamejam de noite e frequentemente sofrem um *black-out* temporário; demonstra a rede telefônica, sobrecarregada a ponto de transformar um chamado telefônico num jogo de azar, com prêmios nada certos; revela a água potável sempre cheirando a cloro e a outros agentes químicos indefiníveis. Decerto os homens podem perfeitamente matar-se, sem, para tanto, ter de recorrer a uma guerra declarada e "quente".

Na Cidade do México também se encontram hotéis-palácios de alto luxo, tais como o *Camino Real* e *El Presidente Chapultepec*, nos quais os restaurantes parisienses ultra-sofisticados, como o *Maxim's* e o *Fouquet's*, têm filiais. Um grande número de cafés e *bistros* (pequenos restaurantes e estabelecimentos com música ao vivo e danças folclóricas) convidam o público, ao longo das avenidas cintilantes, ostentando uma elegância às vezes duvidosa e, assim, ajudando a esconder, embora de maneira bastante superficial, a miséria e a superpopulação. A alguns quarteirões de distância, favelas abrigam a pobreza, as pessoas habitam barracos miseráveis; ao lado de imponentes catedrais e igrejas, lembrando o esplendor da época colonial, mendigos ficam acorados nas ruas de um bairro elegante.

No Parque Chapultepec, há arbustos e antiqüíssimas árvores nativas, os *ahuehuetes* ou ciprestes mexicanos, toda uma vegetação luxuriante que, aparentemente, se acostumou aos gases venenosos dos escapamentos. Outrora, soberanos e príncipes astecas passearam nesse parque e numa de suas colinas Montezuma II mandou erguer sua residência de verão. Nos dias de hoje, os mexicanos deliciam-se ali, com os repuxos, remam nos lagos, dançam em ritmo de samba, chamam os turistas para entrarem em suas rodas alegres. Artistas e os que pensam sê-lo apresentam-se com suas canções a um público sempre pronto a ouvi-los. Nos amplos gramados do parque os turistas acompanham, ao vivo, cenas típicas da vida mexicana, como piqueniques, danças e música. Garotos aproximam-se com uma cesta ou caixa em que levam seus apetrechos e, de olhar humilde, suplicante, pedem ao forasteiro para engraxar seus sapatos. Moças bonitas, de cabelos negros, grandes olhos escuros e pele charmosamente morena, que parecem transportadas de um mundo à parte, dançam pela multidão como se fossem seres de tempos passados.

Em toda parte, trombadinhas e trombadões faturam. Os turistas fazem suas compras numa das muitas joalherias nas avenidas e levam jóias e bijuterias que os assaltantes sabem distinguir muito bem. Butiques oferecem mercadorias de marcas internacionais e convidam os transeuntes; diante de suas portas, mendigos de calças esfarrapadas estendem suas mãos e, de olhar opaco, imploram alguns pesos aos que passam.

Na Cidade do México todos os contrastes se misturam. Um terço da população vive em favelas na periferia, como a de Nezahualcoytl; ao longo da rodovia para Puebla, gente descalça, maltrapilha, habita barracos feitos com chapa enrugada, papelão, pneumáticos velhos, barras de ferro e ripas de madeira. Ali reside o alcoolismo; toma-se tequila ou cachaça de agave, mais barata e mais forte. Aliás, uma situação nada estranha, considerando-se que a taxa de desemprego é de quase 60% da população ativa. "Os habitantes da Cidade do México sempre têm de fazer alguma coisa e, quando nada têm a fazer, bebem", falou-me um dos 150.000 motoristas de táxi.

Escavações no centro da Cidade do México.



A pouca distância desse deserto da pobreza há o imponente edifício da Ópera Estadual. Diariamente, na Praça Garibaldi, há concerto ao ar livre com os músicos de chapéu de aba larga, do conjunto Mariachi, em seus ricos trajes com adornos de prata. Construções belíssimas, como o Palácio das Belas-Artes — que, na época colonial, por volta de 1600, era a Casa dos

Azulejos, o Palácio Nacional, edificado por Cortês sobre as ruínas da residência de Montezuma —, catedrais, igrejas e museus documentam a história e a grande riqueza histórica da capital mexicana.

Por trás de todos esses contrastes gritantes, a Cidade do México revela a imagem dos astecas e seus antepassados. Disto não há cópia em parte alguma. O original é representado por essa cidade, a maior do mundo.

"O lugar onde o homem vira deus"

Quando, em julho de 1520, Hernando Cortês, o conquistador do México, e sua tropa de 438 soldados viveram a sua "noite triste", ao ser derrotado, humilhado e ferido, Cortês teve de abandonar Tenochtitlán, a capital asteca, e fugir em direção a Otumba, 40 km ao nordeste da atual Cidade do México. Poucos dias depois, ele e suas hordas enfrentaram um exército de 200.000 guerreiros astecas. Das colinas de Otumba, 2 km ao sul, Cortês deve ter percebido outras colinas de configuração estranhamente regular. Embora crônica alguma registre esse fato, Cortês deve ter cavalgado entre essas pequenas colinas sem fazer a menor idéia daquilo que estava no solo, debaixo das ferraduras do seu cavalo. Os astecas bem o sabiam, mas nada falaram a respeito. Chamavam aquela região de colinas de Teotihuacán, termo asteca que quer dizer "o lugar onde o homem vira deus". A esse respeito, o diligente pesquisador da civilização indígena, o missionário franciscano Bernardino de Sahagún (1499-1590) anotou: "Chamaram o lugar de Teotihuacán porque era o cemitério dos deuses" (1). De fato, o nome primitivo daquele local é desconhecido; não se sabe quem eram os teotihuacanos nem de onde vieram; tampouco se conhece o idioma que falavam (2).

No tempo dos astecas, Teotihuacán já estava em ruínas cobertas de vegetação, de capim, musgo e arbustos. Os astecas estavam enganados em sua suposição de que, outrora, Teotihuacán servira de cemitério aos antigos deuses, aqueles seres gigantescos. Teotihuacán era tudo, menos uma necrópole, pois, até hoje, ali não foi encontrado o túmulo de deus algum.

Está certo, os astecas conheceram a antiga capital tão-somente através de ruínas e lendas (1) que falavam a seu respeito:

"Durante o período da noite, antes de o Sol nascer, quando ainda não havia o dia, dizem que os deuses se reuniram, fizeram o seu conselho num local chamado Teotihuacán e ali dirigiram a palavra um ao outro, falando: 'Venham, seus deuses! Quem quer assumir a tarefa, quem quer cumprir a missão de fazer o Sol aparecer, de fazer o dia raiar?' "

O "forno dos deuses" e as carnificinas dos astecas

Segundo as tradições, os deuses estavam com medo; a tarefa de salvar o Sol lhes parecia uma aventura perigosa.

O conselho dos deuses em Teotihuacán foi assistido também por Citlalinicue, deusa do firmamento estrelado, e Tezcatlipoca, o vermelho, um deus em trajes de estrelas. Segundo outra tradição, também Quetzalcoatl, a "serpente emplumada verde", o deus da Lua e da estrela matutina, teria presenciado aquela assembléia importante (3). Somente dois dos deuses ali reunidos em roda ilustre ter-se-iam prontificado a arriscar-se nessa aventura perigosa.

Durante quatro dias esses dois deuses destemidos praticaram a penitência; depois tomaram banho na lagoa sagrada, antes de terem seu corpo pintado de giz branco e serem vestidos com trajes preciosos com ricos enfeites de penas. Entrementes, seus colegas divinos acenderam o "forno dos deuses" e atearam uma enorme fogueira para, em seguida, lançar os dois heróis, devidamente preparados e enfeitados para esse ato, às chamas do "forno dos deuses". Envolto em fogo e fumaça, os deuses sacrificados desapareceram no firmamento.

O etnólogo Karl Kohlenberg (4) vê nessas tradições um "exemplo típico de como em contos míticos a causa e o efeito costumam ser trocados", e opina que poderia ter-se tratado de uma contagem regressiva para o lançamento de um foguete.

Tal interpretação moderna adquire perfeito sentido, se considerarmos que os próprios deuses eram os culpados do desaparecimento do Sol, provocado pela explosão do Planeta X ou de um outro grande planetóide. Em seguida, deliberaram sobre a maneira como poderiam consertar a situação. Talvez tenham pensado em desintegrar um aglomerado de asteróides ou lançá-los em outra órbita, mas, aparentemente, não se animaram a tomar uma medida dessa e preferiram aceitar o sacrifício desses seus dois colegas destemidos. Durante quatro dias, estes se prepararam para o grande evento, enquanto o resto da equipe tratava de preparar o "forno dos deuses" para o lançamento. Enfim, os dois voluntários intrépidos compareceram em "trajes preciosos" (de astronautas?) para lançar-se ao "forno dos deuses" e, envolvidos em fogo e fumaça, sumiram na imensidão do cosmo.

Narra a lenda asteca que os dois valorosos deuses-astronautas não conseguiram cumprir sua missão a contento; houve dificuldades. O diário de bordo sobre os acontecimentos registra como um dos deuses-astronautas foi atingido na testa pela flecha de um deus das estrelas, alienígena; ele caiu no

"rio nômuplo, no mar do oeste". Destarte, os deuses reunidos no local do lançamento nada mais podiam fazer, além de eles próprios subirem e se sacrificarem, pois somente com o sacrifício do seu sangue, o Sol teria restituídas sua força e sua vida.

Aquilo que narravam os mitos dos tempos remotíssimos acabou por levar aos terríveis sacrifícios humanos praticados pelos astecas.

Foi ainda antes da conquista de Tenochtitlán, quando as duas cúpulas estavam na fase de trocar gentilezas, que Cortes pediu ao soberano asteca Montezuma II licença para escalar um grande templo no centro da cidade. Ficou horrorizado com o que viu ali. As paredes do templo estavam cobertas de sangue humano coagulado; sobre uma pedra de altar havia três corações humanos. O cheiro nos corredores era pior do que num matadouro, pior do que o de mil cadáveres em decomposição. Ao descer do templo, Cortes e seus acompanhantes repararam numa grande casa de madeira no topo de uma colina. Ao entrarem naquela casa, fizeram uma descoberta macabra: do piso até o teto estava repleta de crânios, dos quais se contaram 136.000, sobras das terríveis carnificinas praticadas nos reinados dos soberanos astecas. A *História dos Reinos de Colhuacán e México* (5) confirma esses massacres horripilantes:

"E aqueles com os quais se procedeu à inauguração, eram prisioneiros e foram sacrificados. Morreram:

zapotecas	—	16.000
tlapanecas	—	24.000
huexotzincas	—	16.000
tzíuhcohuacas	—	24.400."

Qual a relação entre os sacrifícios humanos dos astecas, confirmados em tempos históricos, e a cidade desaparecida de Teotihuacán, que jamais, em tempo algum, foi asteca?

Em Teotihuacán os deuses sacrificaram-se em benefício dos homens; deram o seu sangue para que o Sol tornasse a brilhar e a Terra despertasse.

Em todos os tempos o homem andou em busca de ídolos e, muitas vezes, errou. Também a esse respeito os pensamentos se confundiram, se perderam; o homem imitou os deuses, que se sacrificaram, ao sacrificar-se, ele próprio, aos deuses. As tradições foram mal interpretadas; os homens acreditaram e recearam que o Sol somente iria tornar a brilhar com o sacrifício de sangue humano. Aquilo que era bom para os deuses era bom, igualmente, para os terrestres.

Com os astecas e os maias, os rituais de sacrifícios assumiram proporções inimagináveis. Os povos mesoamericanos que habitavam o

território das civilizações mexicana e maia fizeram guerras para "obter sangue humano em quantidade suficiente, sem esgotar as reservas humanas da própria tribo" (6). No seu zelo louco, desvairado, estavam convictos de que o Sol devia ser "alimentado" com sangue humano.

Segundo o ritual, dois homens fortes mantinham a vítima segura, pelos pés e pelas mãos, sobre a pedra de sacrifício. Para que o espetáculo da matança pudesse ser assistido pelo maior número possível de espectadores, a pedra de sacrifício era colocada bem no alto de uma pirâmide, diante de um pequeno templo. Trajando vestes imponentes, coloridas, enfeitadas de penas preciosas, o sacerdote extirpava o coração do peito da vítima, com um corte digno de cirurgião-mestre, usando uma faca de obsidiana ricamente ornamentada. Frequentemente o sacerdote levantava o coração ainda pulsante em direção ao Sol, como se fosse um troféu. Em ocasiões especiais, ainda tiravam a pele da vítima que, em seguida, era vestida pelo sacerdote, que com ela executava uma dança ritual.

Cronistas espanhóis descreveram as cerimônias dos sacrifícios humanos praticados pelos maias, conforme segue:

Primeiro a vítima dançava tranquilamente com os homens da sua tribo; depois recebia um sinal branco no peito e era amarrada a uma moldura de madeira. Durante a dança, a vítima servia de alvo, cada dançarino acertando uma flecha em seu corpo. Por último, o coração perfurado era tirado de seu peito.

Com a então reinante confusão dos espíritos, não é de estranhar que as vítimas tenham aceitado de bom grado o destino de serem levadas ao matadouro, pois acreditavam que estavam doando seu sangue pela vida do Sol e, com isto, pela existência de seu povo. Algumas estavam dopadas e nem se davam conta do que lhes acontecia.

Todos os centros maias e astecas de certo porte tinham sua casa de ossos, na qual estavam conservados crânios e ossos dos sacrificados, orgulho da coletividade e prova de que a tribo não ficara de braços cruzados, quando o Sol se apagou (7).

Metrópole construída segundo determinada planta, mas sem história?

Após as intensas deliberações realizadas em Teotihuacán e antes de desaparecerem no cosmo, os deuses deixaram o projeto e as plantas de uma cidade enorme, que somente hoje começam, aos poucos, a ser compreendidos.

Ninguém sabe quem eram aqueles sacerdotes-arquitetos, porque ninguém pode dizer quem teria iniciado a construção de Teotihuacán, nem quando. Na disputa das opiniões, suposições e especulações, Teotihuacán é considerada, inquestionavelmente, como o centro da mais antiga civilização

do planalto mexicano, cidade sem antecessora.

Por alguns anos, Laurette Séjourné, arqueóloga, dirigiu as escavações em Teotihuacán e publicou vários relatos a respeito. Ela opina:

"As origens dessa alta civilização representam o mais insolúvel de todos os enigmas... Embora seja difícil supor que monumentos culturais — assim como as várias características arquitetônicas, a orientação ou as peculiaridades da escultura e pintura — tivessem encontrado sua expressão definitiva desde o início, muito mais difícil ainda se torna imaginar a existência repentina, pura e simples de todo o complexo de predisposições intelectuais, em grau de evolução perfeita, acabada. Não temos nenhuma prova concreta desse processo evolutivo extraordinário, surpreendente..." (8)

Quem inspirou a construção de Teotihuacán? Teriam sido os "deuses"?

Certamente Teotihuacán foi a maior cidade da Mesoamérica; em sua época áurea estendia-se sobre 25 km² e contava com uma população avaliada em 200.000 habitantes. Segundo a doutrina acadêmica, sua construção teria sido iniciada por volta de 300 a. C. Teotihuacán viveu cinco etapas de expansão. Até por volta de 600 d. C. foram construídos aproximadamente 2.600 edifícios importantes; 900 anos — de 300 a. C. a 600 d. C. — representam um período de tempo prolongado, mas os arquitetos e mestres-de-obras de cada geração continuaram obedecendo, rigorosamente, aos projetos iniciais. Tal "obediência" compreende-se tão-somente no âmbito de uma religião poderosa, onipresente, de predominância absoluta.

Por volta de 650 d. C, Teotihuacán estava no auge da sua glória. Mas, nessa época, deve ter havido uma revolta por motivos ignorados. "Talvez o homem do campo tenha se aliado ao povo comum, em rebelião contra os soberanos; talvez os escravos, vítimas permanentes das matanças rituais, se revoltassem contra o arbítrio mortífero dos sacerdotes; talvez conquistadores alienígenas tenham entrado na cidade. Não se sabe. Até já se especulou em torno da eventualidade de os próprios sacerdotes terem destruído os templos (9), embora inexistam motivos aparentes para tal atitude. O enigma multifacetado em torno de Teotihuacán se torna mais complexo e misterioso ainda, pois, após a destruição louca da cidade, alguns dos habitantes e sacerdotes para lá devem ter retornado, considerando-se que foram realizadas construções na cidade depois de 650 d. C. . . até que Teotihuacán desapareceu da História, por volta do ano 800. Apenas pequenos grupos ainda sobreviveram nas ruínas; em seguida, emigraram ou morreram. Logo depois, a vegetação tomou conta da antiga cidade dos deuses.

Apenas a 40 km de Teotihuacán, o reino asteca começava lentamente a organizar-se. Tenochtitlán tornou-se sua capital. Hoje a Cidade do México

vive sobre suas ruínas.

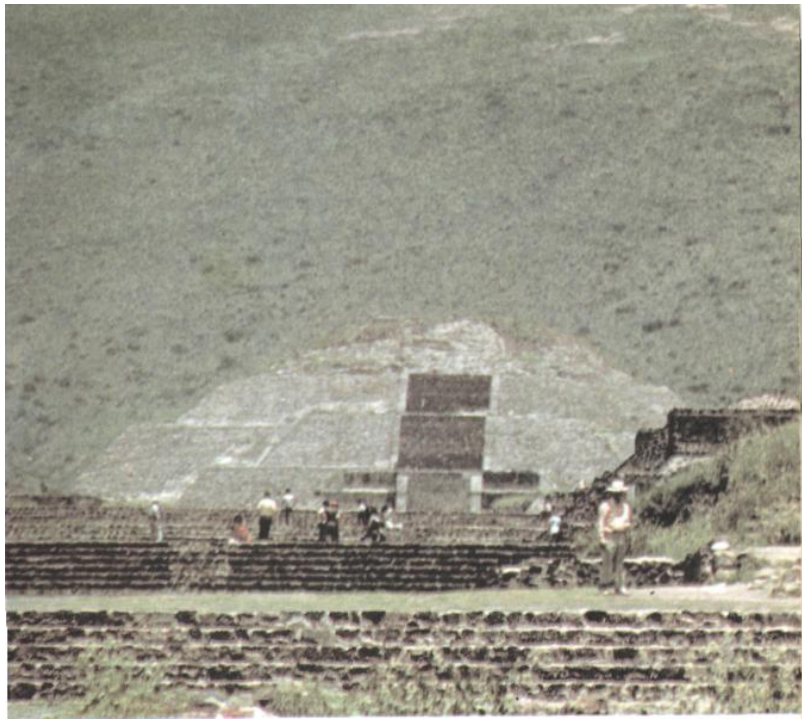
Teotihuacán deveria ocupar seu lugar no Livro dos Recordes Guinness

Considerando tão-somente sua enorme extensão, causa estranheza a área ocupada pela metrópole de Teotihuacán; no entanto, em vista de sua perfeita infra-estrutura, constitui-se num verdadeiro milagre. Os projetistas urbanos de hoje bem poderiam aprender e muito com essa cidade perdida na penumbra dos tempos.

Do norte ao sul, estendia-se por 3 km a grande via cerimonial de 40 m de largura, hoje chamada de *Camino de los Muertos*, Avenida dos Mortos. De ambos os lados, essa avenida de luxo era margeada por pirâmides e templos; em direção norte, apresentavam um declive de 30 m, dando a ilusão óptica a um observador, postado no sul, de que levava diretamente ao céu. E assim continua até hoje; um observador, colocado na parte extrema inferior daquela via imponente, vê uma "escada infinita", com degraus regulares, que se une à Pirâmide da Lua. A Avenida dos Mortos termina diante da Pirâmide da Lua, um complexo que se eleva em forma de escadas sobre uma área de 150 x 200 m, mais que o dobro de um campo de futebol. Do lado sul, havia um edifício em forma de pirâmide, seccionado em cinco terraços e com uma ampla escada no meio, que dava acesso à Pirâmide da Lua, situa-se a construção mais monumental da Mesoamérica, a Pirâmide do Sol. Sua base ocupa uma área de 222 x 225 m e sua orientação é para o oeste. Embora com 63 m de altura — 19 m mais alta que a Pirâmide da Lua —, dá a impressão ao observador, que aprecia o panorama de Teotihuacán do teto da pirâmide, que as duas são de altura igual. Esta ilusão óptica é causada pelo declive da Avenida dos Mortos.

A Pirâmide do Sol é de proporções maiores que as da Pirâmide de Quéops, em Gizé, perto do Cairo. A massa de seu interior está sendo estimada em 1 milhão de toneladas de tijolos de barro secos ao ar. O núcleo da pirâmide é de pedras e tijolos de barro. Originalmente, suas faces externas, de argamassa endurecida, tiveram um revestimento de cal.

A Avenida dos Mortos. Duas vistas de dois ângulos diferentes: vista do sul para o norte — a avenida impressiona como uma escada sem fim, subindo ao céu; do norte para o sul — apresenta-se como via cerimonial, sem nenhum vestígio do seu desnível artificial. Explico por que isto acontece.



Vista da Pirâmide da Lua, do lado esquerdo da grande via cerimonial,

Isto que hoje em dia se apresenta ao turista como imensamente impressionante, surpreendente, não se compara às construções, há muito em ruínas, dos tempos áureos da metrópole. Naquela época as pirâmides e os templos brilhavam em cores vivíssimas. Hoje, nos topos achatados das pirâmides faltam os templos; na Pirâmide da Lua falta aquela estátua em pedra, de 3 m de altura e 22.000 kg, esculpida ao lado de sua base.



A Pirâmide do Sol é de dimensões maiores do que a Pirâmide de Quéops, em Gizé, perto do Cairo

Antigamente o topo da Pirâmide do Sol ostentava a estátua de algum deus; era toda revestida de ouro e prata, e ainda estava lá quando vieram os conquistadores espanhóis. Foi o franciscano Juan de Zumágarra (1478-1548), primeiro bispo do México, quem deu ordens para retirá-la e fundi-la (10). Por isso ignora-se o nome da divindade à qual era consagrada.

Os astecas contaram aos espanhóis que Teotihuacán teria sido a necrópole de seus soberanos e deuses. Por conseguinte, os arqueólogos suspeitavam da existência de ricos sepulcros no interior das pirâmides. Em 1920, 1930 e em data mais recente, túneis foram abertos na Pirâmide do Sol, mas jamais foram encontrados túmulos. Se é que existem realmente, estão

bem abaixo das pirâmides.



O Templo de Quetzalcoatl.

A terceira construção monumental é a cidadela com o Templo de Quetzalcoatl. Essa denominação dada em época posterior é absurda e, a exemplo dos nomes Pirâmide do Sol e Pirâmide da Lua, nada tem a ver com seus construtores ou a própria Teotihuacán. Quetzalcoatl era o deus voador dos astecas e maias; Teotihuacán nada tinha a ver com os astecas e a cidadela tanto tinha em comum com uma praça forte quanto um templo hindu com uma moderna estação ferroviária.

O comprimento lateral da cidadela é de 400 m; em cada um dos lados norte-sul e oeste, os construtores ergueram quatro pirâmides, das quais ainda se conservaram as bases. Numa plataforma elevada, ao lado de recintos e saguões, o Templo de Quetzalcoatl é a construção mais bela, mais ricamente ornamentada de Teotihuacán. Cabeças de serpentes ostentando ricos cocares passam pelo relevo que se estende por toda a volta. Máscaras de seres demoníacos olham das paredes das escadarias e dos relevos, enquanto corpos de serpentes se arrastam ao redor da base do templo. Hoje tudo isso se

apresenta em tons de branco, cinzento e marrom debaixo do Sol abrasador; mas outrora brilhava com todas as cores do arco-íris, pois cada divindade e cada demônio tinha "sua" cor própria. Os relevos não eram apenas adorno, mas transmitiam uma mensagem de culto; aliás, tais mensagens foram gravadas em todas as construções monumentais, com todos os seus detalhes. Nada, nada mesmo, era deixado à inspiração de momento dos artistas, mas era realizado segundo um regulamento rígido, rigoroso.

Outrora as paredes de templos e pirâmides brilhavam em cores vivas.



Os motivos ornamentais no exterior e interior do Templo de Quetzalcoatl confirmam que o emblema do deus da serpente alada era conhecido na Mesoamérica muito antes das civilizações asteca e maia. Esses motivos são praticamente idênticos às representações posteriores do "legítimo" deus Quetzalcoatl dos astecas, que os maias chamaram de Kukulcán. Com isto também pode ser eliminado do âmbito das afirmações usuais "o homem branco, barbudo", supostamente imigrado "do leste" na época maia. Pode ser que nos tempos maias um homem branco, barbudo, tenha imigrado do leste, sendo chamado de Quetzalcoatl; porém o primeiro, o primitivo, o *legítimo*

Quetzalcoatl já existira em Teotihuacán. A cidade documenta a presença de tal personagem, embora dele apenas ficassem alguns poucos rudimentos. Entrementes, os arqueólogos que trabalharam nas escavações de Teotihuacán chegaram a opinar que, outrora, as fachadas de todos os edifícios levavam ricos ornamentos de figuras e símbolos. Foram encontrados restos impressionantes de relevos, com máscaras e adornos, revestimentos de paredes, em cores vibrantes. Até agora, umas 350 pinturas em paredes internas foram trazidas à luz do dia, mas os especialistas desconfiam que bem poderiam ter existido dezenas de milhares (12).



Até 1983 aqui foram registrados 2.010 blocos habitacionais

Atrás das plataformas de templos e pirâmides, à margem da Avenida dos Mortos, havia construções hoje em dia consideradas como residenciais, por causa dos esboços de seus pátios e recintos aparentemente dispostos em blocos habitacionais. Cada bloco habitacional possuía 30 recintos, em média, mas foram escavados também alguns blocos com 175 recintos. Até 1983, um total de 2.010 blocos habitacionais chegou a ser escavado; alguns tinham templos e recintos de culto. Aqueles enormes complexos residenciais eram

providos de perfeito sistema de água e esgotos. Achados de cerâmica e utensílios permitem concluir que aquelas moradias teriam sido subdivididas, conforme os ofícios nelas exercidos. Com uma população de provavelmente 200.000 habitantes, a cerâmica foi um ofício largamente praticado, tanto para o consumo local como para exportação, considerando-se que produtos cerâmicos de Teotihuacán foram descobertos e confirmados até na Guatemala. Pois é, Teotihuacán era uma metrópole bem viva e atuante, maior do que a Roma Antiga dos Césares.

De avião e com o auxílio de computadores, na pista dos enigmas

O arqueólogo norte-americano René Milton, da Universidade de Rochester, teve uma idéia brilhante. Subiu ao ar a fim de discernir um sistema no caos das ruínas de construções escavadas. A bordo de um avião, descobriu a infra-estrutura e as ligações entre os conglomerados residenciais. Trabalhando com uma equipe de colaboradores e com base em centenas de lotos aéreas, logrou compor um quebra-cabeça interessantíssimo, mostrando uma fantástica metrópole, nitidamente dividida em quatro partes. A Avenida dos Mortos era o eixo sul-norte; duas grandes vias transversais formavam o eixo leste-oeste.

Mais de 5.000 quadrados, pequenos e grandes, indicavam os blocos habitacionais e as oficinas dos artesãos. Uma rede de ruas retíssimas, cruzando-se, sem exceção, em ângulo reto, estendia-se por toda Teotihuacán. Enfim, tornara-se possível fazer uma idéia concreta daquela antiqüíssima metrópole.

Na primavera de 1971, o professor Millon solicitou a colaboração dos colegas do setor de computação. Nada menos de 281 dados básicos foram programados num banco de dados. Esse programa deu informações imediatas a respeito dos bairros em que já haviam sido registrados artefatos idênticos ou similares; logo foi possível verificar 300 olarias e 400 oficinas, onde se trabalhava com obsidiana (13); também foi cartografado o sistema de irrigação executado segundo planos cuidadosamente elaborados.

Atualmente os arqueólogos acham que Teotihuacán teria sido dedicada ao deus da chuva, Tlaloc, provavelmente porque milhares de canos transportavam água. Ao longo de dois milênios, a escultura desse deus ficou presa entre rochas, perto da aldeia de Coatlinchán, a 20 km de Teotihuacán. Hoje, o monstro de cor amarelo-açafrão monta guarda no Museu Nacional de Antropologia, na Cidade do México. A estátua de 168 toneladas foi

transportada para a capital por um veículo especial de 48 rodas, para isso fretado no Texas. Assim, o velho Tlaloc passa os dias, sonolento, no seu pedestal; perdeu suas mãos; seu rosto tornou-se irreconhecível; mas do seu queixo ainda pende algo parecido com uma cesta de mil furos, pela qual, outrora, teria passado a chuva. Como uma réplica menor e de manejo mais fácil do grande e ominoso deus da chuva foi achada perto da Pirâmide da Lua, achou-se por bem dedicar Teotihuacán ao gordo Tlaloc. Na cabeça dessas duas esculturas talvez circulem pensamentos revoltados que jamais param de perguntar por que o seu grande modelo original teria sido declarado o deus da chuva. Todavia, isto continua sendo segredo de cientistas, em busca de explicações.

Qual teria sido a medida-padrão adotada pelos idealizadores da cidade de Teotihuacán?

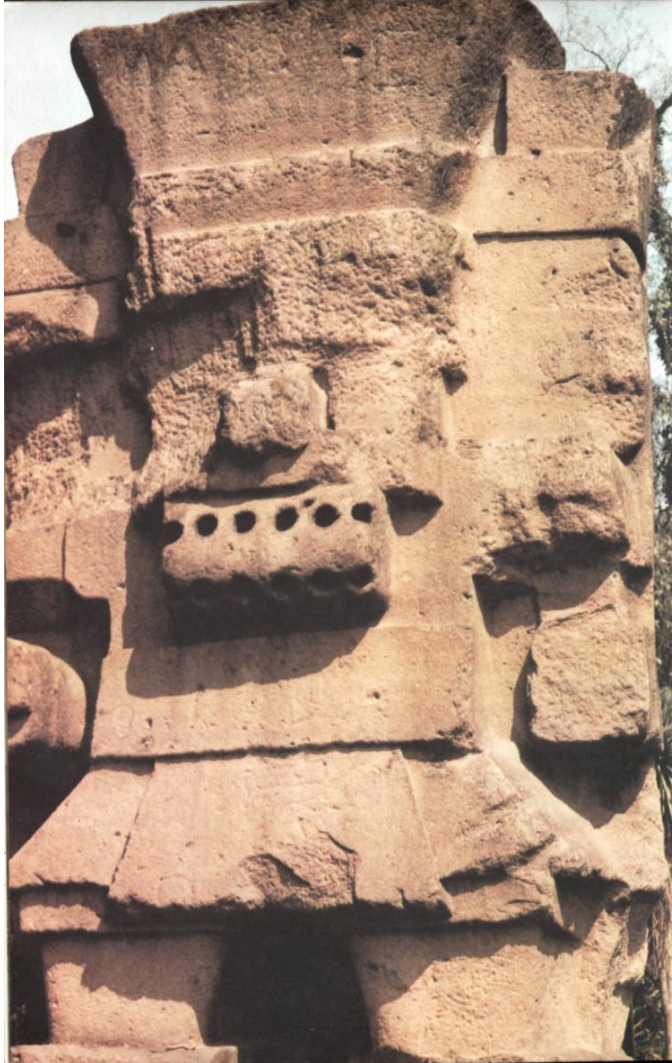
Teotihuacán revelou-se o único grande "modelo cósmico" em pedra (14), representando o nosso Sistema Solar. O pesquisador norte-americano Peter Tompkins (15) comprovou os surpreendentes entre as construções de culto e o Universo estrelado. Tompkins referiu-se a verificações feitas por seu conterrâneo Hugh Harleston Jr. (16), o qual, nos muitos anos de sua permanência no México, se dedicou à solução dessa pergunta. Na qualidade de engenheiro, ele sabia da virtual impossibilidade, em qualquer tempo, de realizar qualquer projeto sem uma medida uniforme... e foi em busca da medida-padrão adotada pelos construtores de Teotihuacán.

Em toda parte Harleston mediu uma unidade de 57 m; em plataformas de templos e em edifícios ele encontrou comprimentos laterais de 57 m, ou seu múltiplo; as construções erguiam-se a distâncias divisíveis por 57; na Avenida dos Mortos foram escavadas construções marcantes a uma distância de 114 m (2×57) e 342 m ($= 6 \times 57$), respectivamente; a muralha da cidadela mede, exatamente, 399 m (7×57 m).

Harleston foi em busca de um padrão de medida menor; ele dividiu 57 por 3. O resultado — 19 — conferia com várias construções menores, cujo comprimento lateral era de precisamente 19 m. Acostumado a trabalhar, profissionalmente, com unidades ainda menores, o engenheiro dividiu 19, primeiro por 6, depois por 3 e conferiu os resultados, com base nas fotos aéreas tomadas pelo professor Millon. Harleston continuou procurando, até achar a menor unidade-padrão aplicada a todas as construções em Teotihuacán. Era 1,059 m. A essa medida deu o nome maia, *hunab*, que quer dizer algo como "unidade". Destarte, encontrou-se a chave para decifrar toda

a planta urbana, pois o *hunab* permitiu medir a cidade inteira de Teotihuacán. Todos os dados levantados davam séries de vários *hunab*. "A fim de ver bem claro, por vezes basta mudar a direção do olhar", escreveu Antoine de Saint-Exupéry (1900-1944). Com essa medida-padrão, Harleston descobriu uma nova e surpreendente direção visual.

Páginas seguintes: *O gordo Tlaloc aparece por duas vezes, uma das quais no Museu Nacional de Antropologia, Cidade do México.*





As Pirâmides de Quetzalcoatl, do Sol e da Lua medem, respectivamente, 21, 42 e 63 *hunab* de altura, portanto, entre si, estão na escala de 1:2:3; os degraus da Pirâmide do Sol elevam-se por um múltiplo de 3 *hunab*. Os dados fornecidos pelo computador revelaram algo de surpreendente: o canto da planta da Pirâmide de Quetzalcoatl corresponde à centésima-milésima parte da circunferência do globo terrestre, medida no círculo polar. Na cidadela, Harleston descobriu vários triângulos pitagóricos, o número de Ludolph "pi" e suas funções, bem como o algarismo que indica a velocidade da luz (299.792 km/s).

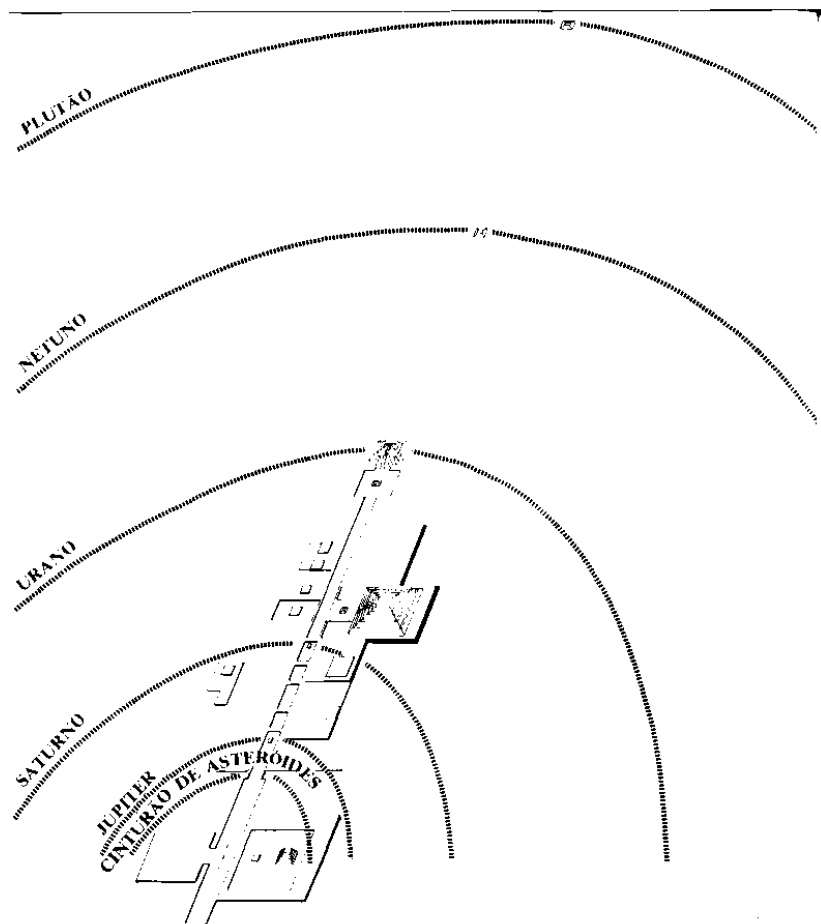
Harleston até chegou a duvidar dos números fornecidos pelo computador. As bases das pirâmides e plataformas da cidadela indicavam a média dos dados orbitais dos planetas Mercúrio, Vênus, Terra e Marte. Para a distância ao Sol, da Terra, em escala, Harleston adotou 96 *hunab*; partindo dessa marca, Mercúrio com 36, Vênus com 72 e Marte com 144 *hunab*, respectivamente, estavam nas suas distâncias corretas.

Logo atrás da cidadela corre o riacho San Juan, passando por um "canal" artificialmente instalado pelos construtores da cidade. De lá até a linha central da cidadela, a distância é de 288 *hunab*; dali a mais uns 520 *hunab* encontram-se as ruínas de uma construção desconhecida e esse trecho corresponde à distância entre o Sol e Júpiter. Partindo do centro da cidadela, a 945 *hunab*, na Avenida dos Mortos, em direção à Pirâmide da Lua, Harleston deveria ter encontrado uma construção que marcasse as linhas do planeta Saturno, mas naquele local nada havia. Será que, com essa falha, todos os seus cálculos se revelariam como fantasiosos? Na Biblioteca Nacional da Cidade do México, Harleston deparou com antigas plantas de Teotihuacán, que mostravam uma construção naquele ponto preciso, que caíra vítima de obras de terraplenagem por ocasião da construção de uma estrada asfaltada. Assim, os construtores tampouco se esqueceram do planeta Saturno.

Mais 1.845 *hunab* adiante, no fim da Avenida dos Mortos, a linha central da Pirâmide da Lua marca as distâncias orbitais do planeta Urano. Será que os planejadores teriam se esquecido de marcar pontos fixos, em pedra, para Netuno e Plutão?

A chamada via cerimonial é a continuação da Avenida dos Mortos, além da Pirâmide da Lua, levando para fora da cidade, para a região das colinas. Hugh Harleston e seus colaboradores vasculharam todas as fraldas nas imediações. Se existisse, uma marca deveria ser encontrada na área abrangida pelo arco do círculo, a 2.880 *hunab* de distância, correspondente ao relacionamento médio entre Netuno e os demais planetas. De fato, no topo do Cerro Gordo, um pico marcante, Harleston descobriu uma colina de

templo e, mais para cima, a uma distância de 3.780 *hunab*, os restos de uma torre, em forma de falo, chamada pelos nativos de *Xochitel* (flor). Tampouco o planeta Plutão foi esquecido no modelo. Desde o início, os construtores planejaram um modelo em pedra do nosso Sistema Solar, que, além do eixo norte-sul da Avenida dos Mortos, delimitado pela Pirâmide da Lua, abrangeu os acidentes naturais da paisagem. Sempre tomo cuidado de informar meus leitores sobre fatos a serem verificados. Por isso fui ver no local se, no Cerro Gordo, realmente existem as marcações que Harleston afirmou lá ter encontrado



No decorrer dos anos andei pela Avenida dos Mortos por inúmeras vezes e, freqüentemente, lá tornei a verificar fatos surpreendentes. No verão de 1983, dirigi meu olhar para longe, para cima, usando para tanto binóculo e teleobjetiva. Passei em revista todo o ("erro Gordo, mas não distingui indício demarcação alguma na sua cor marrom-verde de camuflagem. Perguntei a muitos vendedores ambulantes, que ofereciam seus *souvenirs* aos turistas, mormente pequenas flautas de cerâmica, se haveria uma estrada que levasse ao pico daquele morro. Um deles recomendou-me prosseguir até a aldeia de Otumbo, pois de lá uma estrada subiria até o pico; ele tinha certeza disso, já que todo o material de construção para a estação de radar fora levado por essa via. No entanto, o mascate duvidava que eu conseguisse passar, pois lá havia uma barreira militar.

Na viagem, passando por campos de cactos, saciei minha sede com pequenos frutos de cacto nopal verdes, vendidos por crianças à beira de estrada; seu sabor é doce e, a exemplo dos frutos cítricos, contém muita vitamina C. Parecem ser muito apreciados, pois filas de mulheres e homens ocupavam-se em acondicioná-los em caixas de madeira. Não encontrei o caminho que, perto de Chumbo, deveria levar para cima. Em alguma parte entrei para a esquerda; ali, uma estrada estreita, com sólido calçamento de pedras, subia em curvas o morro. As cabras e ovelhas acompanharam meu Fusca com o mesmo olhar de curiosidade e estranheza que recebi dos seus pastores indígenas. A meio caminho a estrada estava fechada por uma corda e lá havia uma placa avisando: *PASSAGEM PROIBIDA*. Provavelmente era essa a barreira militar, que removi retirando a corda. Íngreme, a estrada subia para o alto, onde deparei com outra placa: *ZONA MILITAR*. Mas, como não havia soldado algum por perto, pisei no acelerador e fui em frente.

Saindo de uma curva, vi a enorme antena de radar que, em majestosa calma, girava no topo de uma torre. Estacionei o Fusca numa depressão no solo, na esperança de ainda não ter aparecido na tela do vídeo de um dos guardas, supostamente de plantão. Na minha qualidade de intruso indesejado, adotei a tática de deitar no chão e dar um pulo para a frente, avançando assim de árvore em árvore, em busca da suposta continuação direta dessa estrada, do seu entroncamento com a Avenida dos Mortos, lá embaixo no vale. Dali de cima, as pirâmides do Sol e da Lua impressionavam como estranhos brinquedos arquitetônicos, com a Avenida dos Mortos entre elas. Nessa altura já me encontrava quase debaixo do pico; escalei terreno rochoso, segurei-me em galhos e, enfim, cheguei ao ponto certo, almejado, lá onde a estrada cruza com a Avenida dos Mortos. Se Harleston estivesse com a razão, a partir dali a marcação de Plutão deveria ser achada. Não a vi. Para cima, em direção à instalação de radar, nada mais

havia no campo visual; portanto, olhei para baixo tomando como ponto de referência a Avenida dos Mortos.

Discerni nitidamente o teto de uma antiga torre. Dei uns passos para baixo e logo me encontrei diante de uma torre, em forma de falo, sem entrada, sem janelas ou aberturas. Seu revestimento estava parcialmente caído, deixando à vista as pedras de cor preto-amarronzada. Eis a marcação do planeta Plutão, em continuação direta da Avenida dos Mortos.

Com toda a minha atenção concentrada em meu achado, nem percebi as nuvens carregadas no céu, e a chuva caiu antes de eu poder verificar a marcação para o planeta Netuno, pouco mais abaixo. Totalmente encharcado, alcancei o Fusca com o qual, devido à chuva, mais rolei do que andei sobre as quatro rodas, descendo o caminho de volta. Como cidadão suíço, ordeiro, estava ocupado em pegar a corda com a placa *PASSAGEM PROIBIDA* para recolocá-la no seu devido lugar, restabelecendo a barreira militar, quando um jipe com quatro soldados parou à minha frente.

— Que está fazendo aqui?

— Sou turista, queria bater umas fotos das pirâmides, daqui de cima. . .

— expliquei, tentando desculpar-me.

— Isso é proibido!

— Já que agora está chovendo. . . — arrisquei comentar, com um sorriso tímido.

O perito fica surpreso e o leigo admirado, boquiaberto

Será que Hugh Harleston calculou mesmo urna medida-padrão para o seu modelo? Será que queria enganar a opinião pública? Lógico, com algarismos quase tudo pode ser comprovado. Por que os arquitetos antigos não teriam planejado sua enorme metrópole segundo um modelo-padrão universal? De início, os cálculos de Harleston mereceram um sorriso meio cansado por parte dos arqueólogos, até que surgiram outras observações intrigantes.

A Avenida dos Mortos não segue em exata direção norte-sul, mas "desvia 17" da direção norte para leste" (18). Da mesma forma, todas as demais construções de Teotihuacán estão dirigidas para esse quadrante. Isto não seria nada demais, bem que poderia ter sido uma norma específica para Teotihuacán, não fosse pelo fato de aquele desvio de 17" da direção norte-sul ter sido verificado em outros centros culturais mesoamericanos, tais como Tula, a capital redescoberta do reino dos toltecas, e Chichén-Itzá, a antiga cidade maia. Até as redes de searas dos antigos índios apresentavam aquele desvio de 17" da direção norte para leste, e os próprios espanhóis

adotaram tal desvio na implantação de suas colônias. Ficou comprovado que estradas, campos, aldeias, conventos e construções de grande porte estavam perfeitamente enquadrados naquele sistema do desvio de 17". Após detidos estudos do fenômeno, o professor Franz Tichy (19) comentou:



Uma torre sem entrada, sem janelas. . .

"O problema levantado com essa tese reside na contingência de que as redes de searas deveriam ter sido conservadas por mais de dois milênios. Considerando, exclusivamente, os significados de culto e religioso dessas redes de searas c colonização, tal fato seria de difícil compreensão."

Pois é; os astecas e maias imitaram o sistema de 17", de comprovada utilidade, aplicado em Teotihuacán . . . seria o caso de a gente supor, solucionando-se assim o enigma. Porém sua solução não é tão fácil assim. Cumpre lembrar que, na época em que os maias e astecas construíram suas cidades, Teotihuacán já estava em ruínas, desde muito. E ainda: já que se fizeram as construções dentro de um sistema de coordenadas, por que não ficaram na exata direção norte-sul?

A Avenida dos Mortos, com seu desvio de 17" para leste, era o eixo norte-sul, a via principal da cidade; à sua margem surgiram as construções monumentais. Essa via de 3 km levava para dentro da cidadela, em cujo centro se supunha a posição do Sol; passava ao longo do riacho San Juan, que marcava o cinturão de asteróides no espaço, e pelas ruínas, hoje debaixo do asfalto, marcando Júpiter; seguia pela Pirâmide do Sol, a marcação para Saturno, e pela Pirâmide da Lua, a marcação para Urano. Em continuação reta desse eixo, nas fraldas do Cerro Gordo, foram encontrados marcos arquitetônicos para os planetas Netuno e Plutão; enfim, acompanhando essa linha, no pico do Cerro Gordo foram verificadas antiqüíssimas pinturas rupestres indígenas.

Assim sendo, desde o início, os construtores de Teotihuacán incluíram a paisagem no modelo planejado do nosso Sistema Solar. O eixo retíssimo, dirigido para o pico do Cerro Gordo, exige o desvio de 17" da direção absoluta norte-sul. Nem os geniais arquitetos de Teotihuacán conseguiram remover montanhas! "O fato de as coisas acontecerem nada significa. Que sejam conhecidas, é o que significa tudo", eu gostaria de comentar com Egon Friedell (1878-1938).

Todavia isto ainda não responde à pergunta sobre por que os maias adotaram o sistema do desvio de 17", desde muito debaixo da Terra, nos seus centros comunitários instalados muito mais tarde, tais como Mayapán ou Chichén-Itzá, a mais de 1.000 km, por via aérea, distantes de Teotihuacán, nas matas de Iucatã. Ali não havia nenhuma elevação do solo nas imediações da cidade, nem outro motivo qualquer para que se adotasse tal sistema para seus planos urbanísticos. Por razões geodésicas irreversíveis, o sistema do desvio de 17" foi, primeiramente, adotado em Teotihuacán, cuja planta divina deve ter sido considerada como protótipo de uma urbanística avançada pelo mundo mesoamericano. Além do seu "significado puramente

de culto e religioso", Teotihuacán ainda se tornou um modelo de planejamento urbano.

Mapas misteriosos

Nos últimos anos, as pesquisas de campo concentraram-se nas fraldas, nos penhascos e picos de montanhas. Em toda parte, os arqueólogos encontraram desenhos rupestres em pontos marcantes que, em linhas prolongadas, formam uma rede envolvendo Teotihuacán.

No pico do Cerro Haravilla, a 7,5 km da Pirâmide do Sol, foi encontrada uma rocha de 3 m de comprimento, na qual estavam riscados o Sol e dois anéis "cruzados". Do ponto daquele achado não se avista a Pirâmide do Sol, encoberta pelos contrafortes do Cerro Calavera. Mas quando os pesquisadores trabalharam com instrumentos, visando a direção na qual se encontra a Pirâmide do Sol — atrás do Cerro Calavera —, descobriram outra rocha no topo do próximo morro a qual, em exame minucioso, revelou igualmente desenhos rupestres que esboçavam sinais geométricos: círculos "cruzados" e um triângulo. A linha central dos círculos estava dirigida exatamente em direção à Pirâmide do Sol, posição confirmada pela bússola.

Levantamentos topográficos e cálculos revelam outro milagre!

Quando num dia de início de primavera um observador postado no topo da Pirâmide do Sol olha para o oeste, o pôr-do-sol acontece exatamente no horizonte acima da pedra marcada. Marcação análoga foram detectadas no Cerro Chiconautla, 14 km a sudoeste, e ainda outras, 35 km a nordeste de Teotihuacán.

A distâncias maiores ou menores foram localizados, até agora, mais de 30 pontos de referência relacionados com Teotihuacán, a metrópole enigmática; mas sua finalidade era outra. Além de orientadas para as constelações no firmamento, na maioria dos casos essas marcações visavam as Plêiades e, ademais, indicavam a direção de cidades distantes. A 720 km ao norte de Teotihuacán, perto da cidade de Durango, foram encontrados desenhos rupestres idênticos àqueles encontrados na serra ao redor da capital. Está fora de dúvida: uma rede geométrica estende-se por toda a Mesoamérica e, provavelmente, atinge até as regiões setentrionais dos E.U.A. e o Canadá. No monte Big Horn, no Estado de Wyoming, E.U.A., existe a chamada *medicine wheel* (roda medicinal); enquadra-se, perfeitamente, nas coordenadas de Teotihuacán e visa as estrelas Rigel e Aldebarã; portanto, cumpre a finalidade projetada para os demais pontos de referência: focalizar Teotihuacán e, simultaneamente, em relação aos astros.

Nuvens de neblina por passe de mágica

Teotihuacán foi o centro de um sistema geográfico e cósmico perfeitamente planejado. Ambos esses componentes deveriam ter sido dados antes do início das obras, já que, uma vez acabadas, nada mais poderia ser modificado, nem ficar sujeito a arranjos posteriores.

É relativamente simples fixar os dias do solstício do verão e do inverno. No hemisfério Norte, o dia no qual as sombras são mais curtas é o 21 de junho, sendo mais compridas a 21 de dezembro. Conquanto o Sol não fique atrás das nuvens, a simples observação, por algum tempo, dos ângulos das sombras, em constante alteração, permite fazer previsões nada complexas; tratando-se de dados orbitais de planetas e estrelas fixas, cumpre calcular os quadrantes, ângulos e outros fatores a mais, o que exige noções superiores de matemática. Se o problema for o de visar com exatidão pontos muito distantes um do outro e reciprocamente invisíveis, tornam-se necessários prolongados períodos de observação, tentativas de visar o objeto, repetidas de morro em morro, de pico em pico, instrumental técnico e, ainda, um período secular de tempo bom!

Freqüentemente chegam às minhas mãos livros com os quais autores espertos procuram enganar jovens crédulos. Afirmam que, para as observações incomuns do firmamento e os dados dos calendários, calculados com incrível exatidão, os povos mesoamericanos nem precisavam "recorrer a técnicas misteriosas, a fim de compreender tal astronomia" (20); tampouco era necessário "lançar mão de segredos perdidos para explicar a construção de pirâmides e palácios"; tudo aquilo ter-se-ia processado de uma maneira muito simples, pois os povos da idade da pedra radicados na Mesoamérica, no decorrer dos séculos, teriam construído seus instrumentos de observação e medição de madeira e pedra. Afirma-se, sem mais nem menos, que teria sido possível obter os dados orbitais dos corpos celestes e determinar seus ângulos a partir das seteiras existentes nos recintos superiores do observatório em Chichén-Itzá. Da mesma maneira, teria sido possível orientar, em determinada direção astronômica, complexos de construção, a exemplo dos que foram encontrados na cidade maia de Uaxactún, porque, "a certa hora, o Sol nasce por trás do canto dessa construção, quando o observador está posicionado no alto de outra".

Em face de tais afirmações, pergunta-se como cientistas que querem ser levados a sério continuam apegados a tais especulações controvertidas, quando tudo tem uma explicação tão simples. O leitor incauto fica sabendo, então, que os enigmas foram solucionados; mas, pela lógica, não estão.

De um modo arguto, para não dizer como por um passe de mágica, manipulam-se fatos, antecipando-os no tempo, quando está mais que provado que ocorreram somente *depois* da construção tios monumentos enigmáticos. As seteiras no observatório de Chichén-Itzá lotam instaladas *depois* de o prédio ter sido acabado. Em Uaxactún, o nascer do Sol somente pôde ser visto *depois* de se tornar possível sua observação "do alto de outro prédio".

Do topo da Pirâmide do Sol, em Teotihuacán, saem linhas horizontais visando pontos de referência no firmamento. Para tanto, foi preciso, primeiro e antes de tudo, determinar o local e a altura da pirâmide, pois as linhas a visar determinados corpos celestes somente se tornariam "visíveis" para quem estivesse postado no topo da construção acabada. O monumento não poderia ser deslocado por alguns metros, a exemplo das seteiras posteriormente instaladas, se, depois de concluídas as obras de construção, tivesse ficado patente que suas linhas não visavam o objeto celeste a ser observado.

O que não se sabia. . .

Os planetas Urano, Netuno e Plutão, que tiveram sua marcação correta no Sistema Solar na assim chamada via cerimonial, atrás da Pirâmide da Lua, eram desconhecidos na época da construção de Teotihuacán. O planeta Urano foi descoberto em 1781 por um astrônomo amador, o músico alemão Friedrich Wilhelm Herschel (1738-1822). Entre 1840 e 1845 cogitou-se da existência teórica de Netuno, com base em cálculos, mas somente em 1846, em Berlim, o planeta foi observado pela primeira vez por Gottfried Galle (1812-1910). Plutão, o anão entre os gigantes, foi encontrado apenas em nossos dias; com seu diâmetro de uns escassos 6.000 km, é bem menor do que Marte e a Terra; sua luminosidade é tão fraca a ponto de o planeta nem poder ser localizado por telescópios pequenos. Somente em 1930 Clyde William Tombaugh (- 1906), do Observatório Lowell, Arizona, E.U.A., descobriu o nono planeta do nosso Sistema Solar, após buscas sistemáticas com o auxílio de fotos de telescópio.

Como nem os maias nem seus antepassados, os construtores desconhecidos de Teotihuacán, possuíam telescópios, pela lógica não poderiam ter tido a menor idéia da existência dos planetas Urano, Netuno e Plutão e, muito menos, de suas distâncias em relação ao Sol. Os especialistas bem o sabem e, por sabê-lo, procuram sair do dilema por portas escusas. Na sua opinião, ou os resultados das pesquisas de Hugh Harleston representam um puro acaso, ou o pessoal de Teotihuacán teria possuído instrumental

adequado para a localização dos planetas exteriores do nosso Sistema Solar.

Há alguns anos, bem debaixo do centro exato da Pirâmide do Sol, escondida no fundo de um leito de lava, foi descoberta uma caverna. Na literatura especializada não encontrei indício algum a respeito de esse recinto subterrâneo ter abrigado ou não alguma herança. Não se nega a sua existência, mas o resto é silêncio total. V. esse recinto, debaixo do centro da Pirâmide do Sol, constitui-se em mais outra prova da exatidão com que se trabalhou segundo planos preestabelecidos; documenta a seleção precisa do local, que, desde o início das obras, previu a inclusão de toda a paisagem num sistema rigorosamente definido e projetado.

Mas, apesar disso, aceita-se qualquer subterfúgio e rejeita-se constantemente a eventualidade de que visitantes do cosmo pudessem ter transmitido aos construtores da metrópole todos os dados e detalhes incríveis para aqueles seus projetos grandiosos.

Aceitando-se a tese segundo a qual os extraterrestres teriam transmitido as noções astronômicas e de construção urbana, surge a pergunta: qual foi o seu propósito? Foi exatamente aquele que se tornou realidade, milênios mais tarde: cientistas sábios deveriam tirar conclusões corretas daquele acervo de enorme saber. Se tais conclusões deixam de ser tiradas, tal atitude reverte em desabono da clarividência dos portadores do progresso científico no início da era espacial.

Resumo

São indiscutíveis os surpreendentes dados a nós transmitidos pelos calendários dos povos mesoamericanos; as geniais tabelas dos eclipses do *Codex Dresdensis* documentam o seu conhecimento do fato de a Terra ser um globo e girar. Por outro lado é inegável o fato de, nos tempos dessas altas civilizações, aqueles mesmos povos, adeptos de falsas doutrinas, terem matado centenas de milhares dos seus coirmãos (!) para manter vivo o Sol.

O contraste é evidente, pois, supondo-se que os teotihuacanos e os maias conhecessem o Sistema Solar nos seus traços essenciais, os sacrifícios humanos teriam sido dispensáveis. Obviamente, como fizeram aqueles sacrifícios "pelo bem do Sol", não podem ter compreendido a existência e função do Sol e dos planetas em sua órbita. Mesmo assim eles sabiam de Júpiter, Saturno, Urano, Neptuno e Plutão. Aliás, será que existe outra explicação para esses fatos controvertidos, além daquela que informava a visita dos "deuses" que trouxeram os dados originais dos planetas?

Ao longo de aproximadamente um milênio Teotihuacán foi construída em "seis fases distintas" (21). Os projetos do complexo total devem ter

existido desde a primeira fase das obras, pois, ao longo de um milênio, não se fizeram notar desvios ou correções dos projetos originais. Ao longo das seis fases de obras, também nos relevos e nas pinturas predominaram motivos idênticos, tais como a ave sagrada Quetzal e a anta, o macaco, a jararaca e o jaguar, animais que habitam não o planalto mexicano, mas as selvas da Guatemala. Em Teotihuacán a veneração da "serpente emplumada" aparece em toda parte.

Seria lícito supor que os teotihuacanos migraram da baixada para os altiplanos; veneraram um deus cósmico; a religião derivada desse deus deve ter sido potente, categórica e aterrorizadora a ponto de os projetos urbanísticos deixados por aquela divindade terem sido conservados e obedecidos como normas irrevogáveis. A tradição narra que em Teotihuacán os deuses ter-se-iam reunido para deliberar a respeito dos homens. Também fala de marcações, em pedra, ao redor da cidade e que tais marcações foram feitas "pelas mãos dos deuses" (22).

Conforme me ensinaram experiências passadas, faço questão de frisar que não afirmo que os "deuses" construíram Teotihuacán! Aliás, tenho certeza de que tal crítica surgirá, de novo, a exemplo do monstro inextinguível de Loch Ness, listou longe de negar aos nossos antepassados primitivos a faculdade de executar construções monumentais.

Sim, foram os habitantes do planalto mexicano que, numa altitude de quase 2.400 m, realizaram as construções monumentais cujas ruínas imponentes ainda nos impõem respeito e provocam nossa admiração. Porém os indígenas não se submeteram àqueles esforços físicos, praticamente sobre-humanos, pelo puro prazer do trabalho. Eles deram duro, duríssimo, porque uma "serpente emplumada" veio do céu e ordenou que fossem executados os seus planos.

Nossa vista ficou ofuscada

Gerardo Levet, engenheiro mexicano amigo meu, há anos chamara minha atenção para a verdadeira surpresa dessa minha excursão a Teotihuacán, em 1983. Ele me convidou para um jantar sofisticado na *Hacienda de los Morales*, um dos melhores restaurantes da Cidade do México.

Ainda no aperitivo, Gerardo perguntou:

— Você chegou a ver, em Teotihuacán, a câmara com as camadas extensas de mica?

— Não faço idéia.

— Mas deveria vê-la. Um amigo meu, arqueólogo, falou-me dessa

preciosidade e admitiu que, para ele e seus colegas, trata-se de um verdadeiro enigma. No México quase não há mica, mas em Teotihuacán ela foi usada em escala generosíssima. Embutiram extensas camadas de mica entre camadas de pedras. . . Saindo da câmara de mica, dois tubos levariam, supostamente, para uma câmara pequena. . . — foi o que meu amigo engenheiro me confidenciou em caráter sigiloso, considerando que aparentemente essa descoberta estaria sendo tratada como *top secret*, supersecreto.

— Você deve saber — continuou Gerardo. — Em todo caso, os habitantes da idade da pedra devem ter possuído noções nada desprezíveis das qualidades da mica. E como ela é rara em nossa terra, deve ter sido importada do Brasil, dos E.U.A. ou de outra parte qualquer. . .

Depois de encerrar meu roteiro de viagem preestabelecido, voltei a Teotihuacán. Foi um dia em que ali ônibus gigantes despejavam levas e mais levas de turistas. A todos eles faltava experiência no trato com os vendedores ambulantes; após pechinchas intermináveis, acabavam comprando sua mercadoria, oferecida a preços absurdos; levavam colares, pulseiras, estatuetas de deuses, tapetes de prece e flautas de cerâmica a preços equivalentes a um terço daqueles oferecidos, mas ainda elevados demais. Há um método muito simples de dedicar todo o tempo disponível à apreciação de atrações históricas e turísticas, evitando os vendedores ambulantes. Estes, ajudados por garotos indígenas, trabalham em "praças" restritas; é só passar por essas praças a passos largos que eles ficam para trás.

Nenhum dos guardas a quem indaguei a respeito da câmara de mica soube dar informações; não faziam a menor idéia sequer. Ralf, Helmut Werb, jornalista e fotógrafo profissional, e eu subimos a Avenida dos Mortos na calçada direita e descemos até a cidadela, na calçada esquerda. Um guia que falava inglês contou a seu grupo algo sobre campos magnéticos supostamente detectados ao longo daquela avenida. Achei que seria um homem de bons conhecimentos locais e a ele me dirigi. Ele me informou:

— Daqui, vista da cidadela, o senhor encontrará a mica a pouco menos de 1 km, antes da Pirâmide do Sol. Conserve-se à direita e reparará numa placa com os dizeres *MICA*. No entanto, não entrará na câmara, pois está fechada com duas chapas de ferro.

Com isto, foi-nos indicado o caminho certo, até oficial. No local assinalado estava colocada uma chapa de ferro, encobrindo outra a poucos metros atrás. Ambas as chapas estavam presas no chão com correntes, ostentando fechaduras imponentes. Demos uma olhada no local e, para dizer a verdade, indagamos sobre como, se preciso fosse, abrir as fechaduras com certo esforço, quando um guarda se aproximou de nós, com o olhar típico de

um homem detentor de poder onipotente.

— Identifique-se como arqueólogo! — sussurrou Helmut ao pé do meu ouvido, pois, como jornalista sabia enfrentar, de pronto, tais situações.

— Venho da Suíça. Um colega mexicano, arqueólogo, falou-me que aqui, debaixo das chapas de ferro, estaria uma camada de mica. Será que a gente poderia vê-la?

O guarda ficou pensativo; depois tirou a chave do cinto, do qual pendia ainda uma faca na bainha, lançou outro olhar perscrutador em minha direção e ajoelhou-se no chão para abrir as fechaduras. Para isso pode ter sido motivado ou pela palavra mágica "arqueólogo", ou pelo fato surpreendente de nós sabermos daquele segredo no subsolo. Em todo caso, a partir daquele instante, Helmut fotografou tudo quanto surgiu diante da objetiva da sua câmara.



No momento em que o sol bateu naquela cavidade na terra, a mica, cobrindo o solo em chapinhas de 10 a 20 cm, refletiu sua luz. Esse efeito de surpresa repetiu-se com o levantamento da segunda chapa de ferro. Aí, então, distinguimos nitidamente como, a exemplo de um sanduíche, camadas de mica foram colocadas entre a alvenaria de pedra, formando o teto da câmara subjacente. Diante de nossos olhos tínhamos um forro de pedras superpostas, ligadas com argamassa, uma camada de mica de uns 7 cm de espessura, mais outra camada de pedra de alvenaria de 50 cm de espessura.

— Até onde vai este embutimento artificial? — perguntei ao guarda.

— Até agora mediram 29 m, mas as camadas podem prolongar-se. Com o progresso das escavações saber-se-á até onde se estendem.

O guarda não proibiu que eu apanhasse uma folha de mica que, na minha mão, se desfez em estilhaços; era quebradiça, da espessura de um filme e

elástica como tal; as lascas eram transparentes, mas refletiam fortemente a luz do sol. Sim, tratava-se de moscovita (de *vitrum muscoviticum*), o que nossos avós chamavam de "vidro de Moscou".



Moscovita, um mineral monoclínico do grupo das micas, branco ou amarelo, hidrossilicato de alumínio e potássio, ocorre principalmente nas proximidades do granito ou como veios incrustados no granito. Na serra de S. Gotardo, na Suíça, há algumas pequenas reservas, bem como nos Alpes de Zillertal, no Tirol austríaco. As grandes reservas encontram-se na Índia, em Madagascar, na África do Sul, no Brasil, nos E.U.A. e ao redor do lago Baikal, na U.R.S.S. Os países europeus e muitos outros dependem da importação para o seu suprimento desse mineral, a exemplo dos países latino-americanos, cujas montanhas se compõem, predominantemente, de rochas vulcânicas. De onde teria vindo a mica aplicada em grandes quantidades em Teotihuacán?

A mica possui propriedades que a tornam praticamente insubstituível; é elástica, com considerável força de tração, resiste ao calor de até 800 °C e tolera bem as bruscas mudanças de temperatura; é "imune" a diluentes e à maioria dos ácidos. No entanto, sua propriedade mais preciosa é a de isolante no setor da eletricidade; a mica resiste ao calor do arco voltaico, à corrente superficial do isolamento, assim como às descargas elétricas. Devido às suas qualidades refratárias e de transparência, é usada nas janelas de altos-fornos. Na eletrotécnica, chapinhas delgadas de mica têm ampla aplicação no isolamento de tubos de rádio e TV, em transformadores e instrumentos de radar. Ao lado de toda essa gama de aplicações, a mica também está sendo usada na técnica de computação. Mica de qualidade

inferior é moída ou partida em escamas usadas pela indústria nas partes internas de ferros elétricos para passar roupa, torradeiras, máquinas de lavar e como componente de alguns tipos de vidros especiais.



Será que os construtores de Teotihuacán sabiam das propriedades polivalentes da mica? Acho lícito responder a essa pergunta afirmativamente, pois, do contrário, dificilmente se teriam dado ao trabalho de embutir a mica nas camadas de pedra!

De onde obtiveram a mica nessas quantidades e dimensões, visto que, hoje, com os métodos atuais de mineração, folhas de 30 a 40 cm² são consideradas como raridades?

O que se passava nessa câmara? Foi somente essa câmara, ou foram ainda outros recintos isolados das influências periféricas?

Pensei em duas eventualidades, nenhuma das quais me satisfez:

— Na própria câmara era gerado intenso calor que não podia ser perdido. Isto se aplicaria a um forno de fundição. No entanto, primeiro, teria sido aquecida a camada inferior do forro de pedra; temperaturas tão extremamente elevadas deveriam continuar "registráveis" até hoje. É questão de saber se tais pesquisas já foram realizadas pelos arqueólogos.

— A câmara debaixo do "sanduíche" era para ser protegida do calor externo? O seguinte achado fala contra tal eventualidade. Acima da camada de mica há outra de alvenaria de pedra, de 50 cm de espessura, que, por si só, já teria oferecido forte isolamento do calor. Resta apenas a explicação, bastante fantasiosa, sugerindo que um calor de muitas centenas de graus, porém abaixo do ponto de fusão da pedra, prevalecia constantemente na câmara isolada.



Será que ali eram realizadas experiências? Em todo caso, Gerardo Levet soube de um arqueólogo que, a partir da câmara de mica, dois tubos conduziram a outra câmara subterrânea, debaixo da Pirâmide do Sol. O guarda nada sabia a esse respeito, e a galeria que ligava à pirâmide estava fechada com uma grade de ferro.

Será que os deuses depositaram seus instrumentos atrás desse escudo de calor? Há ainda outra indagação puramente especulativa: será que ali se encontrava a central de energia que supria Teotihuacán?

Por mais que a gente possa perguntar e por menos (ou nenhuma) respostas possamos receber, está fora de cogitação o fato de que os planejadores e construtores de Teotihuacán conheciam as propriedades peculiares da mica; do contrário, dificilmente se teriam dado ao trabalho de executar aquele isolamento tipo sanduíche.

É permitido atacar o "adversário" com suas próprias armas? Os construtores de Teotihuacán teriam sido homens da idade da pedra; logo, não podiam nem deviam fazer idéia de temperaturas elevadas a ponto de fundir

metais. Da mesma forma, é geralmente aceito o fato de terem ignorado tudo quanto se relaciona com a eletricidade. Com base nessas premissas, a única conclusão a ser tirada é a de que ilustres desconhecidos instalaram aquele recinto. É ou não é? É evidente que *alguém* conhecia a fonte de suprimento de mica e estava familiarizado com suas propriedades!

Nessa história toda, envolvendo a mica, me deixa desconfiado o grande segredo que se faz ao seu redor. Chapas de ferro. Fechaduras. A maioria dos guardas não faz a menor idéia sequer. . . Por favor, não me venham com a desculpa esfarrapada de se tornar necessário proteger essa preciosidade dos turistas! Para isso, dois guardas trabalhando em turnos garantiriam proteção suficiente. Em Chichén-Itzá os turistas são obrigados a formar fila indiana e arrastar-se no chão para chegar ao interior da pirâmide e ver o jaguar em pedra. Já que se trata de tamanha preciosidade, vidros blindados, *a* prova de bala, poderiam ser colocados diante das paredes. Ou será que toda essa encenação se destina a desencorajar perguntas incômodas?

"Eis toda a desgraça: os tolos estão tão seguros de si e os inteligentes tão cheios de dúvidas", disse Bertrand Russell (1872-1970).

A RIGOR, A CIÊNCIA COMEÇA A TORNAR-SE INTERESSANTE
SOMENTE LÁ ONDE TERMINA.

Justus von Liebig, 1803-1873

1773. Na cidadezinha de Tumbalá, no atual Estado mexicano de Chiapas, uma equipe de reconhecimento espanhola relatou ao curador eclesiástico do distrito, Antônio de Solís, que, a pouca distância dali, encontrara *casas de piedra*. O sacerdote atribuiu pouca importância àquela notícia, pensando que essas "casas" deviam ser nada mais que míseros barracos indígenas.

Todavia, aquela notícia persistiu como boato interessante e, algum tempo mais tarde, chegou aos ouvidos de Ramón Ordóñez, sacerdote em Ciudad Real. Este mandou alguns de seus homens procurarem aquelas "casas de pedra" e inspecioná-las em companhia de uns índios do local. Após sua volta, a pequena expedição deu ao sacerdote uma descrição entusiasta de torres, pirâmides e saguões localizados a apenas duas léguas (= 8,76 km) da aldeia de Santo Domingo de Palenque. Ordóñez fez um relatório que, após passar por todos os trâmites burocráticos, chegou às mãos da Comissão Real, a *Audiência*, na Guatemala. A *Audiência* ordenou ao oficial Antônio dei Rio inspecionar as ruínas detidamente e ainda destacou um desenhista para acompanhar o oficial para fixar no papel as curiosidades supostamente existentes na selva.

De Santo Domingo até o local, a distância era de apenas uns escassos 6 km, mas a espessa vegetação da mata virgem e a época de chuvas dificultaram sobremaneira a travessia do inferno verde a tal ponto que dei Rio chegou a seu destino apenas em 3 de maio de 1787. Era o começo da descoberta de Palenque, a qual, ao longo dos 200 anos decorridos desde então, trouxe muitas revelações sensacionais, muitos enigmas cuja decifração definitiva ainda está por ser feita.

No início de maio de 1787, o capitão dei Rio e sua tropa exausta alcançaram as ruínas encobertas pela espessa vegetação da selva. Levaram duas semanas para limpar o local superficialmente e abrir picadas. Depois o capitão, deslumbrado, viu-se "no meio de uma grande clareira e, como petrificado, olhou as ruínas de um palácio, um verdadeiro labirinto de recintos e pátios, bem no alto de uma enorme plataforma de terra e

escombros" (1). Rostos horríveis olharam os invasores do estuque das paredes, totalmente cobertas de símbolos ininteligíveis e figuras misteriosas. Por toda parte a chuva entrava. Enxames de mosquitos sanguinários perseguiram dei Rio e seu pessoal. O capitão fez todo o possível para cumprir sua difícil missão no menor espaço de tempo. Com muita pressa e sem nenhum cuidado, mandou quebrar alguns pisos e, repentinamente, entrou no andar térreo de uma torre. Até hoje as atitudes insólitas então tomadas por dei Rio continuam a provocar arrepios nos arqueólogos.

Foram "apreendidos" 32 objetos e, junto com 25 desenhos e um relatório de Antônio dei Rio, encaminhados à *Audiência*. Em Madri, o dossiê, junto com as caixas contendo os achados, sumiu nos fundos do Arquivo Nacional. Ninguém na corte tinha o menor interesse pelos amontoados de escombros na *Nueva España*, conforme eram chamadas as terras conquistadas.

Porém o acaso entrou em cena e passou a dirigir o espetáculo.

Por vias jamais esclarecidas, 45 anos mais tarde o relatório de dei Rio chegou às mãos de Henry Berthoud, livreiro e editor londrino que, em 1822, o publicou em forma de livrete. Ninguém deu a menor atenção àquela publicação. Na época, ainda não existia a arqueologia científica. As pesquisas arqueológicas eram feitas ou como *hobby* de pessoas ricas com gostos extravagantes ou por aventureiros em busca de tesouros. A opinião pública tinha outros assuntos a tratar e não tomou conhecimento daquelas descobertas no longínquo México. No entanto, mesmo assim o livrete editado em Londres estava por desempenhar seu papel.

De repente as autoridades mexicanas passaram a demonstrar um interesse passageiro pelos diversos sítios de ruínas no seu país e o cidadão francês, Guillaume Dupaix, oficial reformado da artilharia, foi encarregado de inspecionar "algumas ruínas". Palenque também constava da lista dessas inspeções. Dupaix jamais ouvira falar no relatório de dei Rio, mas, a exemplo desse, estava acompanhado de um pintor, o professor José Luciano Castañeda. A expedição chefiada pelo francês, relativamente bem preparada e equipada, levou três anos, de 1805 a 1808, para cumprir sua missão. Para os trabalhos de escavação foram contratados índios que habitavam as respectivas regiões, na maioria dos casos sem nenhum preparo para isso.

Dupaix chegou a Palenque em 1807. Por seus estudos apaixonados da literatura especializada, estava familiarizado com as desenvolvidas civilizações mexicanas e se entusiasmou com a vista das construções ainda soberbas, embora semidestruídas e cobertas de vegetação. Com muito cuidado e método, Dupaix fez o levantamento do local, enquanto seu amigo Castañeda produzia ilustrações maravilhosas daqueles achados. O compêndio de conhecimentos, obtido em Palenque, deveria ter arrebatado o

governo mexicano, mas, também ali, na mãe-pátria daquelas preciosidades, a burocracia sonolenta perdeu sua chance, engavetando o relatório de Dupaix junto com as ilustrações de Castañeda. Talvez tenha sido bom que tenha acontecido assim, do contrário, espanhóis e mexicanos teriam apostado corrida na exploração e depredação incontidas daqueles sítios arqueológicos. Mas Palenque não foi esquecida. Foi visitada por viajantes e pesquisadores, entre estes últimos Alexander von Humboldt, que lá esteve em 1816. No entanto, somente um quarto de século mais tarde é que chegou sua hora.

O acaso dirigiu o espetáculo!

O figurante que desempenhou o papel principal

Ao longo da história da descoberta de Palenque, o conde Jean-Frédéric von Waldeck desempenhou o papel principal. Em seu tempo era tido como personagem brilhante, amável, conquanto em círculos burgueses fosse considerado "um tanto extravagante". Jamais se conheceu por certo a origem de Waldeck; ele próprio deu diversas versões de sua vida pregressa, indicando ora Praga, ora Paris, ora Viena como sua cidade natal. Todavia, mesmo que fosse um personagem um tanto nebuloso, seus talentos de pintor e desenhista eram indiscutíveis.

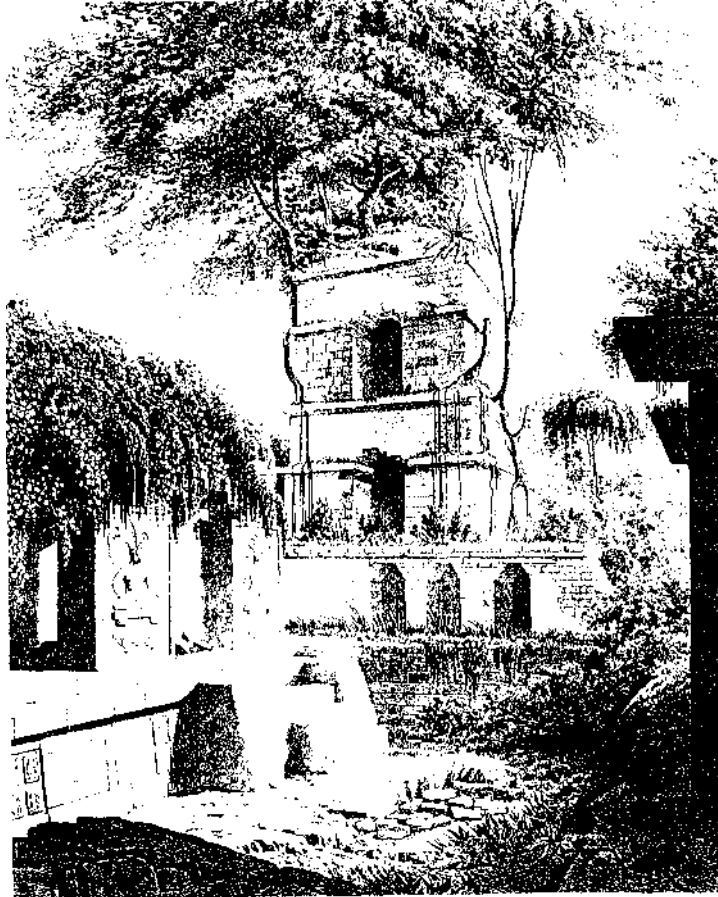
Em 1821 esse conde conheceu o editor londrino Henry Berthoud que, então, estava por publicar o relato do capitão Antônio dei Rio; Berthoud pediu a Waldeck para fazer algumas ilustrações. Este produziu 16 gravuras que, porém, não conseguiram evitar o insucesso da edição.

Por sua vez, Waldeck se inflamou com o relato de dei Rio a ponto de viajar para o México a fim de conhecer Palenque.

Em março de 1822 o conde partiu para essa viagem deixando a família em Londres. De seus preparativos fez parte uma coleta de donativos para Palenque, de magros resultados; ele aceitou o contrato de uma sociedade de mineração mexicana para a elaboração de plantas e esquemas, trabalhou como professor e retratista e, nas horas vagas, ainda tinha disposição e alento para fazer desenhos de antigüidades mexicanas. Efetivamente o conde parecia "um tanto extravagante".

O governo mexicano concedeu a Waldeck autorização oficial para fazer pesquisas em Palenque. "Em nome do governo mexicano", o conde apelou aos indígenas solicitando seus serviços nas escavações das ruínas; mas estes queriam ver o dinheiro, que era bom, e pouco se importavam com o governo distante. Dentro de bem pouco tempo todos os recursos de Waldeck, 3.000 dólares, se evaporaram sem mais nem menos e, totalmente falido, ele continuou seus trabalhos. Frequentemente abandonado por seus

colaboradores de pouca confiança, sofrendo com os dissabores do ambiente e do clima tropical, continuou abrindo caminho para templos cobertos de espessa vegetação e, dia após dia, labutou debaixo do calor escaldante, com o estirador sobre os joelhos, fixando as vistas deslumbrantes de Palenque em mais de 100 desenhos. A fim de proteger-se do calor sufocante, dos aguaceiros, dos mosquitos e outras pragas, o conde instalou-se no recinto de um dos templos em ruínas, uma moradia mais que espartana, e, assim, tornou-se o primeiro ser humano a lá morar, em "casa de pedra", desde que o local fora abandonado pelos maias! Ainda hoje o templo com a moradia de Waldeck continua a ser chamado de "templo do conde".



O conde Jean-Frédéric von Waldeck fixou deslumbrantes vistas de Palenque em mais de uma centena de desenhos

O conde Jean-Frédéric von Waldeck, o entusiasmo fanático de Palenque, foi o primeiro a descobrir cabeças de elefantes nos relevos em estuque. Essa descoberta sensacional fê-lo chegar à conclusão de que Palenque fora construída por povos da África ou da Ásia. Aliás, até hoje as cabeças de elefantes de Waldeck continuam a confundir os cientistas. Desde mais de doze milênios na América Central não havia nem elefantes nem mamutes! Apresentavam-se, então, duas opções: Palenque fora construída por um povo imigrante, conhecedor dos elefantes, que os vira com seus próprios olhos. .. ou, Palenque tinha mais de 12.000 anos de existência.

As controvérsias em torno dos elefantes de Waldeck ainda não estão encerradas, mas continuam bem vivas e atuantes. Há especialistas, dotados de uma visão toda especial, que vêem nas cabeças dos elefantes as "máscaras de deuses da chuva" e há quem, sem idéias pré-fabricadas na mente, a exemplo de Waldeck, nelas vê nada além de cabeças de elefantes,

Sem dúvida, há antigos relevos mesoamericanos que ostentam cabeças de elefantes. No sítio de ruínas em Monte Albán, a 250 km ao sudeste da Cidade do México, encontrei numa parede de templo a imagem de um elefante de tromba desenrolada, da qual fiz uma foto (2); esta foto é inequívoca a ponto de ninguém poder falar em "máscara de um deus da chuva". Com a afirmação ilusória que interpreta os elefantes de Waldeck como "máscaras de deuses da chuva", o problema não está resolvido. De que maneira surgiram as representações de cabeças de elefantes em Monte Albán? A distância entre Monte Albán, no vale de Oaxaca, e Palenque, nas selvas de Chiapas, é de quase 500 km em linha aérea, e em ambos os locais as construções deveriam ter sido executadas mais ou menos ao mesmo tempo, ou seja, entre 500 a. C. e 600 d. C.

Nos dois anos em que Waldeck passou entre as ruínas de Palenque, sua atividade foi como a de uma bomba de efeito retardado. Ele se enfurecia quando algum indígena tinha a sem-vergonhice de retirar das paredes partes do revestimento de estuque para vender. Ciumento ao extremo dos "seus" edifícios, ficava à espreita de visitantes de fora, pois não admitia que ninguém, fosse quem fosse, os retratasse.

Empobrecido, amargurado, mas ainda cheio de esperanças, na primavera de 1834 Waldeck viajou para Campeche, em cuja baía os espanhóis desembarcaram em 1517; ele esperava poder vender ali seus desenhos a bom preço. Logo à sua chegada, o conde soube que o governo que lhe era benevolente havia mudado e, de pronto, desconfiou dos novos donos do poder. Por isso, tomou a precaução de mandar copiar seus trabalhos e entregou os originais a um funcionário britânico. Estava com toda a razão. Logo entrou em cena uma delegação do prefeito para revistar a bagagem do

conde e confiscar seus desenhos — as cópias, aliás. De repente, jornais mexicanos culpavam Waldeck de ter feito enormes estragos em Palenque, ou de ter retirado tesouros ocultos. Nada disso era verdade.

Enfurecido e desenganado, Waldeck partiu do México, com o qual estivera tão entusiasmado, voltou para a Europa e radicou-se com a família em Paris. Ali publicou, em 1838, a sua *Viagem Romântica, Arqueológica, em Iucatã*, com uma coleção de 21 desenhos cujos originais pôde conservar.



Waldeck conseguiu revelar as características da arte maia com nitidez maior do que se consegue com a fotografia atual.

A exemplo do que acontecera com o relato de dei Rio, também este livro mereceu pouca atenção. Fosse por causa das notícias misteriosas da *Nueva España* ou da fama do *globetrotter* aristocrata. . . A sociedade parisiense da época tinha outros assuntos, embora, de vez em quando, alguém perguntasse em tom de conversação: "Madame, a senhora já ouviu falar que nas terríveis matas da *Nueva España* há ruínas de pedra, ruínas autênticas?" Nos círculos especializados fizeram ouvidos moucos, mas, mesmo assim, uns poucos pesquisadores ficaram contagiados com o bacilo do mistério de Palenque, discutido na publicação e demonstrado nos desenhos do conde.

Em defesa de uma causa comum

Um dos que se contagiaram com o bacilo do mistério de Palenque foi John Lloyd Stephens. Nascido a 18 de novembro de 1803, em Shrewsbury, Nova Jersey, E.U.A., aos 19 anos o rapaz superdotado formara-se jurista

pelo Columbia College e dois anos mais tarde, após várias viagens, instalara-se como advogado em Wall Street, Nova York. Stephens tornou-se conhecido por suas defesas brilhantes, que jamais deixaram de impressionar os jurados. O jovem tinha à sua frente uma carreira muito promissora, de grande êxito, quando foi acometido por um repentino problema nas cordas vocais. A conselho médico, viajou para a Europa. Desde seus dias de estudante, adorava viajar e, então, conheceu a Rússia, a Grécia, a Turquia, a Polônia, o Egito e a Terra Santa. Estudou francês e árabe, trabalhou no Egito como guia turístico e escrevia a seus amigos nos E.U.A. cartas brilhantes, espirituosas e com muito conhecimento de causa contando das suas viagens. Um desses amigos publicou as cartas de Stephens sem consentimento prévio do missivista que, assim, do dia para a noite, se tornou um dos mais bem-sucedidos cronistas de viagens.

Em Londres, Stephens visitou a exposição "Panorama de Jerusalém", que exibia uma série de pinturas do artista Frederick Catherwood, cujos trabalhos muito o impressionaram e com o qual entrou em contato. O primeiro encontro aconteceu numa casa de chá. Também Catherwood era muito viajado e, dos países mediterrâneos, trouxera uma pasta repleta de desenhos fantásticos de antigüidades locais. Logo se tornaram amigos, fizeram planos. Para onde os levariam as novas aventuras?

Catherwood conhecia o relato do capitão dei Rio, bem como o livro de Waldeck. Stephens conhecia o Iucatã pela leitura de livros especializados e ainda pelo protocolo oficial das investigações em torno de um aventureiro político e arqueólogo amador, de nome Juan Galindo, coronel, chamado John quando, em 1802, nasceu na Irlanda. Durante os depoimentos, o coronel aventureiro descrevera templos e ruínas na América Central, e isso ficara registrado em protocolo.

Os dois novos amigos, imbuídos da vontade irresistível de viajar e curiosos de mundos desaparecidos, inflamaram-se com a idéia de existirem efetivamente provas das antigas civilizações. Que espécie de civilizações teriam sido? Era pouco provável que os antepassados dos índios tenham construído aqueles palácios, aqueles templos. Mas, então, quem foi que ergueu as torres, os templos, as pirâmides mencionados nos relatos do capitão dei Rio, do conde von Waldeck, de Dupaix e, ainda, nos depoimentos prestados por Galindo? Os dois amigos estavam decididos a ver e examinar as coisas no próprio local,

John L. Stephens voltou para Nova York e retomou suas atividades de jurista; candidatou-se ao cargo de encarregado diplomático dos E.U.A. junto à Central dos Países Latino-Americanos, na Guatemala. Ajudado pela sorte e por suas excelentes relações, Stephens passou à categoria de diplomata e

recebeu o passaporte tão ambicionado, que abriria todas as portas em países estrangeiros. Além disso, levou uma pilha de cartas de recomendação e, sobretudo, tinha condições de debitar ao erário dos E.U.A. grande parte das despesas com a sua expedição. Entrementes, Frederick Catherwood chegou a Nova York. Stephens contratou-o como desenhista oficial da expedição e assegurou a sua família uma constante ajuda de manutenção, pelo prazo da sua permanência na América Central,

Os amigos partiram em 3 de outubro de 1839. Seu destino eram as ruínas controvertidas de uma civilização desconhecida da América Central.

A inauguração da pesquisa científica da civilização maia

Em duas longas viagens repletas de aventuras, os dois entusiastas pesquisadores visitaram 44 sítios de ruínas. Alcançaram suas metas, pois suas duas obras publicadas em seguida, respectivamente em 1841 e 1843, fizeram sucesso tanto com os círculos científicos quanto com o grande público leitor. A primeira obra (3) chegou a ter 12 edições no ano de sua publicação e foi traduzida para todas as línguas do mundo civilizado. Destarte, Stephens escreveu o primeiro *best-seller* da arqueologia, no qual as investigações em torno de Palenque ocupavam 60 páginas.

O turista que, hoje em dia, de táxi ou de ônibus com ar condicionado, segue até as ruínas muito bem restauradas não faz idéia das dificuldades e dos obstáculos que Stephens e Catherwood tiveram de vencer há quase 150 anos.

A época das chuvas já havia começado quando os dois amigos, acompanhados de alguns habitantes da aldeia próxima, Santo Domingo de Palenque, chegaram ao sítio das ruínas. A mata pingava e evaporava umidade. Debaixo da espessa vegetação luxuriante, e também debaixo dos musgos e galhos, mal conseguiram localizar as "casas de pedra".

A exemplo do que aconteceu com o conde von Waldeck, a Stephens e a Catherwood, não restou outra alternativa senão instalarem-se, precariamente, nas primeiras ruínas localizadas a tanto custo. Após a primeira noite debaixo de um teto, infestada pelos mosquitos sanguinários, todos os seus pertences estavam molhados; naquele meio ambiente de elevadíssima taxa de umidade do ar, provocada pelas chuvas contínuas, seus sapatos, suas roupas, todas as peças de couro ficaram cobertas de mofo; as ferramentas de metal, como pás, machados e facas, enferrujaram. Ainda conservando o seu bom-humor, Stephens anotou no seu diário: "Já nos consideramos candidatos firmes ao reumatismo poliarticular".



Frederick Catherwood desenhou um "idílio" da sua moradia, entre as ruínas.

Não havia machados para abrir picadas até as ruínas; sua única ferramenta era o machete, a faca curva de mato, dos indígenas, disponível tão-somente quando estes apareciam. Stephens pagava a eles a diária de 18 centavos de dólar; mas os peões demonstravam pouca vontade para o trabalho, chegavam tarde e saíam cedo. A esse respeito Stephens comentou

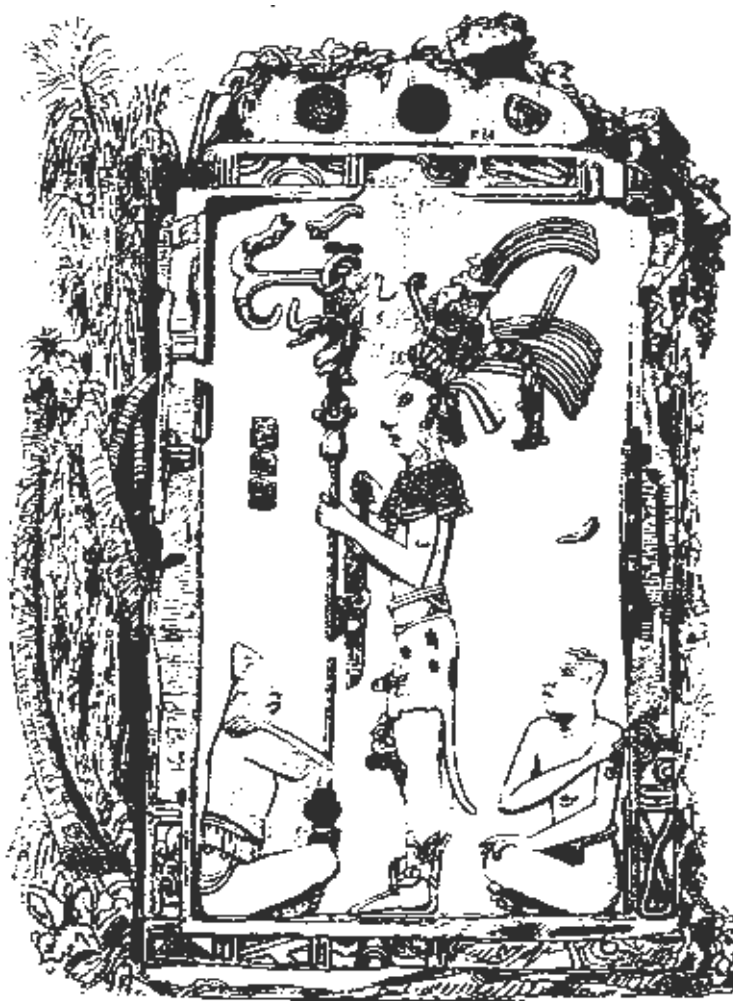
no seu diário: "Por vezes apareciam somente dois ou três e, raramente, o mesmo indígena vinha duas vezes seguidas. Destarte, ao longo da nossa estada, praticamente toda a população masculina da aldeia revezou-se nos serviços a nós prestados",

Durante o trabalho diurno, os mosquitos, "esses assassinos do descanso", conforme as palavras dos pesquisadores, vinham junto com serpentes venenosas, carrapatos e demais pragas. As noites eram horríveis. Não era possível acender velas, pois sua luz atrairia nuvens de mosquitos; somente o cheiro e a fumaça de charutos conseguiam mantê-los a certa distância.

Quando, enfim, chegaram até as plataformas e pirâmides, depois de vencer a vegetação, os musgos, os cipós, ali encontraram pedras rachadas pela ação do tempo ou muros partidos pelos homens do capitão dei Rio. Stephens também descobriu alguns locais de onde o estuque fora retirado para ser comercializado. Outrossim, os dois pesquisadores se entusiasmaram com as descobertas de estatuetas de deuses, conservando ainda restos da sua antiga pintura, em cores vivas: azul, vermelho, amarelo, preto e branco. O achado de máscaras de demônios e estatuetas ostentando adornos de penas e peles silvestres foi um golpe de sorte especial. Ficaram arrebatados com o que viram. Estavam diante de paredes, das quais olhavam para eles rostos ferozes e onde depararam com um amontoado de sinais ininteligíveis. Estátuas soberbas impunham respeito: "Ficamos perplexos com essa sua expressão de serenidade risonha e semelhança incrível com estátuas egípcias". No entanto, malgrado as analogias com o Egito, Stephens estava plenamente ciente da singularidade da civilização daquele povo que construíra Palenque. "O que vimos foi grandioso, enigmático e extraordinariamente notável", concluiu.

Stephens reconheceu em Palenque a herança grandiosa de um povo que ali nascera e vivera e cuja civilização, sem influências externas, sem mestres de fora, alcançara um elevado grau de perfeição, "Nada no romance da História Universal", escreveu Stephens, "impressionou-me mais do que aquela cidade espetacular, grande e amável." No seu estilo ameno de conversação agradável, Stephens revelou seus grandes conhecimentos sobre a matéria e seu brilhante talento de observação. As ilustrações de Catherwood comprovaram a palavra escrita com representações exatas dos objetos. Catherwood foi "o primeiro ilustrador a aceitar a arte maia no seu próprio estilo" (4); os pesquisadores hodiernos ainda consideram como insubstituíveis aqueles seus documentos gráficos, pois fotografia alguma seria capaz de reproduzir todos os detalhes, a exemplo de como foram reproduzidos pelos traços finos de Catherwood. Assim, Stephens e Catherwood têm o mérito de "terem inaugurado a época da pesquisa

científica da civilização maia" (5).



"Ficamos perplexos de tanto admirar-nos..." Desenho de Catherwood das descobertas em Palanque

Quando Stephens e Catherwood abriram caminho tratando de desvendar sempre mais os enigmas de um mundo perdido, não podiam fazer idéia dos "milagres" verdadeiros, pois os hieróglifos ainda estavam por ser decifrados e o estupendo calendário maia ainda era desconhecido.

Palenque hoje

O centro das cerimônias, restaurado, situa-se sobre colinas e plataformas artificiais que o rio Otulum divide em distritos oeste e leste. Esse rio causa a primeira perplexidade.

O Otulum foi canalizado para dentro de uma abóbada subterrânea, na qual quatro pessoas podem colocar-se lado a lado. Outrora, um sistema de canalização sofisticado conduzia as correntes da água da chuva dos tetos dos templos até essa abóbada. A uns poucos metros a oeste do Templo das Inscrições, a água era coletada num aqueduto e levada ao "palácio" por um cano subterrâneo,

O *Palácio* é um complexo imponente de construções, em cima de uma plataforma trapezóide aterrada, tão impressionante que, às vezes, faz o turista desorientar-se,

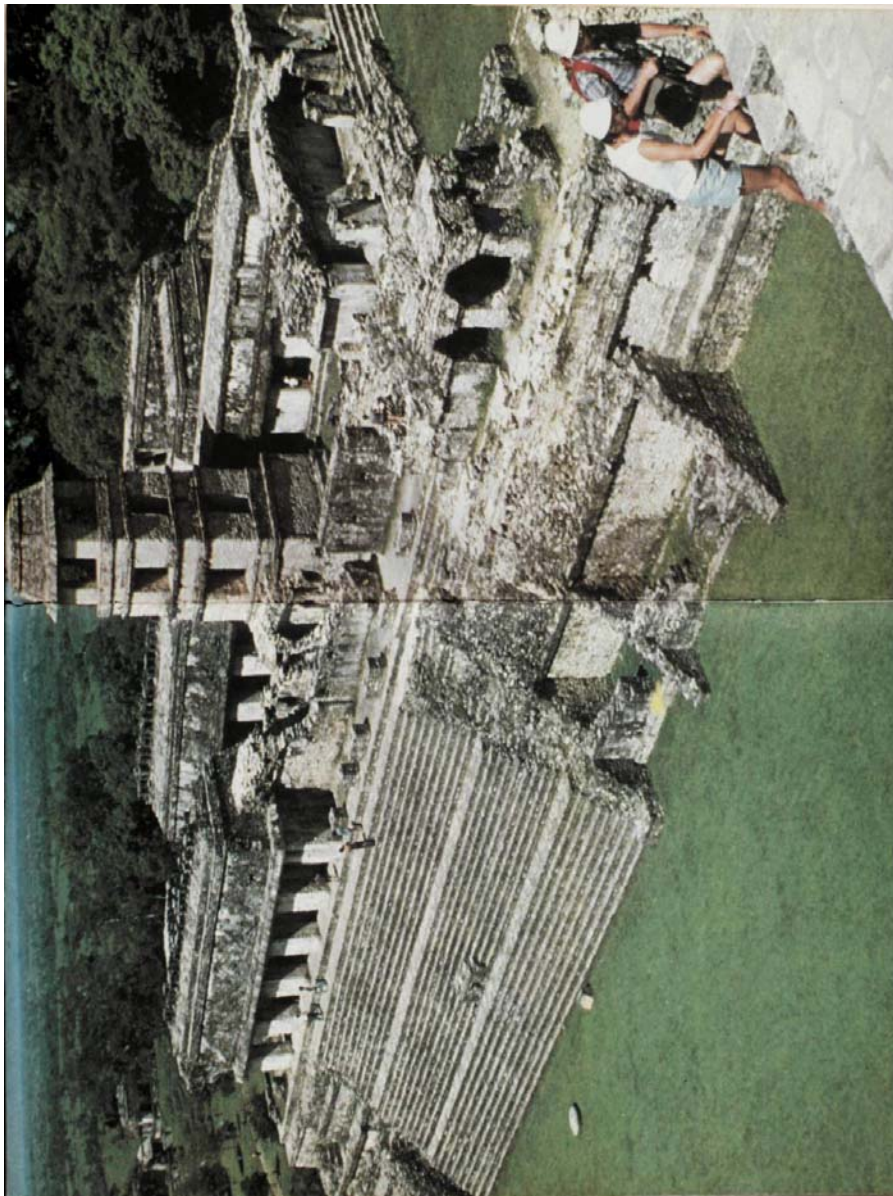
O complexo gigantesco está dividido em múltiplos pátios menores e maiores, colocados em níveis desiguais, hoje chamados de Pátio Central, Pátio Oeste, Pátio Leste e Pátio da Torre. A parte inferior, do lado sul, leva a denominação elegante de Subterrâneo.

A extensa fachada oeste é dominada por cinco pilares quadrados, de 2 m de espessura, recobertos de figuras em estuque. Um dos relevos mostra um índio usando sandálias presas com fitas ao tornozelo. Debaixo das solas, distinguem-se verdadeiras rodinhas. Quem tiver coragem para tanto, bem pode identificar esse detalhe como um par de patins.

Os muros apresentam aberturas em forma de T que, supõe-se, representam o símbolo do deus do Sol. No Pátio Leste foi encontrada uma lápide de 2,40 x 2,60 m, ostentando 262 intrigantes hieróglifos maias; tratam-se de hieróglifos de datas, cabeças de divindades, cenas mitológicas, bem como de seres humanos e animais, com sua forma apenas contornada.

O palácio gigantesco está dividido em três níveis principais, sobrepostos, em forma de degraus. O nível inferior, da base, mede 100 x 80 m (7).

Incômodas como os mosquitos, as perguntas sobre o sentido e a finalidade do *Palácio* circulam, zumbindo pelo ar quente de Palenque. "É só fazer uma pergunta razoável, para ouvir algo de razoável", dizia Eurípedes (480-406 a. C), o grande trágico grego, em seu otimismo inabalável. Até agora, as perguntas razoáveis tiveram tão-somente respostas sem sentido, dizendo, entre outras coisas, que o palácio teria servido de residência a um soberano.



O "Palácio" — um complexo arquitetônico intrigante.



Quem tiver coragem para tanto, pode identificar patins debaixo das sandálias!



Por todo o "Palácio" estavam distribuídos, estrategicamente, WCs em pedra, com descarga.

De White Bear, o velho juiz dos índios hopis, em sua reserva no Arizona, ouvi algo que faz sentido. Ele falou de uma universidade que teria existido em Palátquapi, cidade natal de seus antepassados. Para mim, essa interpretação é a mais aceitável de todas quantas já ouvi. O *Palácio* situa-se em ponto central e abriga salas de aulas de vários tamanhos; nele há água "encanada" e uma série de WCs em pedra, distribuídos equitativamente nos pontos estratégicos e providos de descarga para levar os excrementos para o subsolo.

Segundo White Bear, no andar térreo os alunos aprendiam a história de seu povo; no primeiro andar recebiam ensinamentos de ciências naturais e química; no segundo andar eram instruídos em astronomia e matemática. Essas localizações cabem perfeitamente dentro do *Palácio*.

Nesse labirinto de recintos e pátios eleva-se uma torre de 15 m de altura, de 7 x 7,5 m de base ovóide, sobre um embasamento maciço; ela tem três andares de 2,5 m de altura cada. Amplas janelas permitem uma visão panorâmica em todas as direções do céu; um hieróglifo de Vênus, ali encontrado, indicaria o uso da torre para trabalhos de astronomia.

Outrossim, a construção da torre é totalmente atípica da arquitetura maia, representando um exemplar singular. Hoje em dia é chamada de observatório, depois de ter sido classificada como mirante ou torre de vigia. As pirâmides no topo das colinas ter-se-iam prestado melhor a fins de observação do céu, pois, com sua altura, sobressaem-se do topo da torre. Os maias não conheceram torres de vigia; suas cidades eram desprotegidas, abertas para todos os lados. Curiosamente, no interior da torre não havia acesso para o primeiro andar, pois uma escada muito estreita levava diretamente ao segundo e ao terceiro andares.

Pelas abóbadas subterrâneas sobre as quais o *Palácio* foi erguido, corredores passam diante de câmaras. O corredor mais comprido, de 20 m, termina numa escadaria que, passando por uma abertura no piso, continua até o centro do palácio. O especialista maia John E. S. Thompson (8) acha que "esses corredores serviram para pequenas encenações de culto", porém, igualmente, "poderiam ter sido usados em cerimônias relacionadas com o mundo subterrâneo". Essa segunda explicação Thompson reputa como a mais fundamentada, pelo fato de os corredores mostrarem relevos, o que não costuma acontecer com corredores secretos. Por sua vez, o arqueólogo Pierre Ivanoff (6) opta por uma explicação bem mais simplista: "Menciona-se também a existência de andares no subsolo, ou melhor, porões, sem nenhuma peculiaridade". Se os corredores subterrâneos *eram* — não são! — desprovidos de qualquer peculiaridade, por que, então, seus construtores se

deram ao trabalho de adorná-los com relevos? Essas notas à margem, bastante superficiais, ainda são ultrapassadas pela afirmação de que as pequenas câmaras serviram para banhos turcos (5). Sauna em um meio ambiente que faz as pessoas transpirar a cada movimento de seu corpo? Oh, mestre Eurípedes, como o senhor estava enganado!

A meu ver, teria mais sentido interpretar as câmaras como pequenos laboratórios, conforme existem em qualquer universidade, onde costumam ser instalados de maneira a evitar, na medida do possível, eventuais danos com experiências malsucedidas. Por isso, sua localização no subsolo seria simplesmente ideal. Minha tentativa de explicar as câmaras subterrâneas como laboratórios não passa de mera especulação; mas, por sua vez, tampouco o "banho turco" passa disso. Ainda tomo a liberdade de acrescentar, com toda a modéstia: as câmaras serviriam de depósitos para bens de valor, para energias perigosas... ou, apenas, para lá guardar mercadorias perecíveis. "Banho turco" — que idéia!

Foram descobertos os encanamentos para a canalização de água. Provavelmente, na época em que o *Palácio* estava em plena atividade houve também um sistema de ventilação, pois o "arejamento" no subsolo é simplesmente fora de série. Ao ser aceita a tese de um sistema de ventilação bem planejado, ficaria respondida também a pergunta sobre a iluminação dos corredores escuros no orço do palácio. Com bastante oxigênio podiam ser acesas tochas de resina, conforme eram usadas pelos maias! Eis a quadratura do círculo: as tochas de resina teriam coberto de fuligem os relevos em estuque, mas não há sinal disso em parte alguma. Acho que os senhores da Faculdade de Arqueologia deveriam pensar sobre o sistema de iluminação dos maias. Até agora algo de importante continua passando despercebido. Será que a Scotland Yard poderia dar uma mão?

Nomes nada significam

A literatura especializada usa as denominações por ela inventadas para os templos e as pirâmides com soberba naturalidade como se a ela tivessem sido legadas pelos construtores primitivos. Os nomes originais de todos os edifícios são desconhecidos, a exemplo de "Palenque", tampouco a data dos tempos dos fundadores da cidade.

Em espanhol, *palenque* quer dizer "cercado" ou "lugar de torneios"; às vezes, também tem o significado de "lugar das paliçadas". Os peritos supõem, e com toda razão, que Palenque teria recebido seu nome da aldeia nas suas imediações. Porém, quando os primeiros colonos espanhóis fundaram sua comunidade, não a chamaram de Palenque, mas de Santo

Domingo. Somente duas décadas mais tarde, sacerdotes rebatizaram como Palenque a aldeia de Santo Domingo. No século XVI, aquela colônia perdida na selva certamente não era um lugar de torneios ou combates, tampouco existia motivo algum para dotá-la de um cercado. Da mesma maneira, não tem cabimento chamá-la de "lugar das paliçadas", pois as paliçadas seriam estacas defensivas, próprias de uma praça forte, enquanto a aldeiazinha de então não era nada disso.

Será que esse dilema teria uma solução? Acho que sim.

Sempre recorro a White Bear, em sua qualidade de testemunha-chave viva da história maia. Ele diz que, no tempo de seus antepassados, o lugar teria sido chamado de Palátquapi e lá ainda residiram os katchinas, visitantes do cosmo, em companhia dos indígenas. Assim sendo, não seria lícito supor que os índios tivessem mencionado o nome de Palátquapi para colonos espanhóis que, então, o corromperam para Palenque, incluindo-o no seu vocabulário espanhol? Destarte, Palátquapi bem pode ter sido transformado em Palenque, e Santo Domingo, em Santo Domingo de Palenque.

E ainda: o sítio das ruínas de Palenque continua a uma distância de apenas 10 km de Santo Domingo de Palenque, que, entrementes, evoluiu para uma pequena cidade, hoje, na linha férrea Coatzacoalcos-Campeche. De Villahermosa, capital do Estado de Tabasco, as ruínas de Palenque distam 108 km e para lá se pode viajar de ônibus pela nova rodovia; ademais, há transporte aéreo regular, com aviões bimotores.

Com esses esclarecimentos, nomes como "Templo da Cruz", "Templo da Cruz em Folha" ou "Templo do Sol" deixarão de ser considerados como autênticos, oriundos dos construtores da cidade, pois esses nada tiveram a ver com tais denominações.

Templos, templos, algarismos, algarismos

No mais elevado dos quatro níveis de uma pirâmide achatada ergue-se o Templo do Sol, cuja base quadrada mede 23 m de comprimento lateral. As muralhas superiores medem 1 m de espessura; junto com a parte superior do teto, o templo mede 19 m de altura; o frontispício do topo, bem como as paredes laterais ostentam maravilhosos relevos em estuque. Há três entradas para o interior do santuário. Em ambos os lados da entrada do meio, as paredes mostram baixos-relevos com duas figuras, em tamanho natural, ostentando ricos adornos. Num recinto pequeno está a Tabela do Sol, que deu o nome ao templo.

A Tabela do Sol é um relevo bem conservado, de 3 x 1,10 m; mostra um

escudo com duas lanças cruzadas enfeitadas com penas. Diz-se que o rosto seria o de um Sol-jaguar. Esforcei-me ao máximo para destacar o Sol ou o jaguar, mas não o consegui. Acho que, para tanto, a gente deve ter a vista dos especialistas, treinados em discernir sempre aquilo que determinaram nos seus comentários. À direita e à esquerda da composição no relevo estão sacerdotes "sobre os corpos de escravos" (9). Seria um símbolo dos deuses andando nas costas da humanidade? Nada é definitivo, definitivamente.

Séries de hieróglifos completam a cena. Herbert J. Spinden (10), arqueólogo e especialista maia de renome internacional, depreendeu das inscrições, além de datas tais como 613 a. C. e 176 d. C., ainda uma outra data bem recuada na penumbra de um passado remotíssimo: 14 de outubro de 3373 a. C. Na disputa dos cientistas, convencionou-se aceitar como data mais antiga a de 11 de agosto de 3114 a.C., a data inicial do calendário maia.

Os templos de Palenque são dotados de tantas datas que se tornam ininteligíveis até para os especialistas. Uma data definitiva e indiscutível é a do nascimento de Pacal, soberano maia, nascido por volta de 603 d. C. e falecido por volta de 683 d. C. Decifrou-se também a data da decadência de Palenque, com o último hieróglifo indicando o ano de 780 d. C. Spinden decifrou os seguintes hieróglifos de datas:

- no Templo da Cruz — 7 de fevereiro de 3379 a. C.
8 de abril de 3371 a. C.
21 de dezembro de 2619 a. C.
- no Templo do Sol — 2.5 de dezembro de 2619 a. C.
- no Templo da Cruz em — 8 de janeiro de 2618 a. C.
Folha 20 de abril de 2584 a. C.

Segundo os ensinamentos mais atualizados, dessas datas devem ser deduzidos 260 anos; mesmo assim recuam e muito num passado remotíssimo e não se sabe por que os maias as eternizaram nas suas construções. Nos tempos das datas inscritas e decifradas em Palenque, a civilização maia ainda não existia!

Nesse ambiente de incerteza, gostaria de dar um pequeno palpite. Segundo White Bear, o idoso e sábio índio hopi, os antepassados de seu povo teriam emigrado da América do Sul em direção à América Central. Será que teriam fixado as datas mais importantes daquelas suas andanças? Será que a nefasta data inicial do calendário maia, destacando o dia 11 de agosto de 3114 a.C., marcaria a chegada dos katchinas descidos do céu? Comemoraria o dia 21 de dezembro de 2619 a.C. a data na qual os antepassados dos maias desembarcaram no litoral sul-americano, depois da submersão do seu continente nativo, Kasskara? Indicaria o dia 20 de abril de

2584 a.C. o início da grande jornada do sul para o norte?

Não o sabemos. Todavia, acho lícito excluir, com muita probabilidade, a tese segundo a qual os algarismos no Templo das Inscrições indicariam datas fictícias sem relação com fatos reais. Elas são precisas demais e existem em número demasiado. Se existisse uma só data, adotada pelos inventores do calendário para o seu começo fictício, embora a contragosto, eu estaria pronto a aceitar essa tese. Porém, essa sequência enigmática de datas estendendo-se por milênios deixa fora de cogitação a idéia de datas fictícias, a exemplo de como são atribuídas aos maias pelos especialistas.

Outrossim, como não poderia deixar de ser, em Palenque também foram descobertos e decifrados ciclos mensais de ordem astronômica. São bem típicos os que têm 7.260 e 144.000 dias (11); no entanto, foram encontrados, igualmente, ciclos de 18.700 ou 370.000 anos (12). Pelos cálculos feitos, uma das inscrições dá até 455.393.401 dias, equivalentes a — sem os anos bissextos — 1.247.653 anos!

Ciclos de tais proporções gigantescas nada têm a ver com a História da Humanidade. Períodos de centenas de milhares e milhões de anos são, exclusivamente, dos deuses.

A descoberta sensacional debaixo da construção do templo

Entre os muitos edifícios ostentando ricos adornos, o *Templo de las Inscripciones* (Templo das Inscrições) é o mais enigmático. Situa-se no canto sudoeste do *Palácio*, diante de uma colina considerada pelos arqueólogos como elevação tectônica natural. Tenho minhas dúvidas a esse respeito, pois a colina é dividida em quatro terraços nitidamente discerníveis; no seu topo há um templo e três pequenas ruínas dispostas em torno de um eixo; a continuação de sua linha segue em paralelo com o degrau inferior do templo e visa exatamente o canto oeste de uma construção comprida. Essa colina, coberta de floresta, impede a visão do sul. No entanto, as pirâmides maias sempre estavam em locais que tinham vista livre para todos os lados. Bem se poderia imaginar que, no interior dessa suposta colina, estariam escondidas surpresas arqueológicas.

O Templo das Inscrições situa-se no topo de uma pirâmide de 16 m de altura, composta de nove bases sobrepostas. Do pátio em frente, uma escada ampla e íngreme, de 60 degraus, sobe para o santuário; cinco entradas abertas estão flanqueadas por seis pilares ricamente ornamentados com trabalhos em estuque. No seu interior estão penduradas as magníficas lápides de relevos com os 617 hieróglifos que deram o nome ao templo: Templo das Inscrições. A partir daí de cima, começou, em 1949, a até então maior sensação arqueológica da Mesoamérica.



O Templo das Inscrições.

Gruta misteriosa debaixo da pirâmide

O Instituto de Antropologia e História nomeou o Dr. Alberto Ruz Lhuillier, arqueólogo mexicano nascido em Paris, diretor das escavações em Palenque. Durante a época de poucas chuvas, de abril a julho, ele chefiava as escavações no local.

Ruz interessou-se mormente pelo Templo das Inscrições por causa de sua considerável altura, no topo da pirâmide, e pelo fato de esse santuário não ter sido devidamente pesquisado por seus antecessores.

Ruz ficava no local de manhã até a noite. Certo dia, acompanhando trabalhos no interior do templo, reparou numa fenda um pouco saliente no piso; mandou limpar bem esse piso e a fenda se revelou como a marcação de um retângulo. Dispostas de duas em duas, a placa imponente apresentava doze perfurações, dando a impressão de ter sido perfurada nas suas bordas. Ruz examinou o prosseguimento da parede detrás e notou que não terminava com o piso, mas, evidentemente, continuava debaixo da placa.



Alberto Ruz mandou limpar essa escada íngreme, quase vertical, em três anos de trabalho árduo.

O Dr. Ruz mandou buscar uma alavanca, que introduziu entre a fenda e as perfurações. De início, seus colaboradores arquejaram com o grande esforço físico despendido em levantar a pesada placa de piso, centímetro por centímetro, mas logo se esqueceram do ambiente abafado, dos mosquitos e da falta de ar. Curiosos e emocionados, fixaram os olhos na escuridão que se abriu debaixo do piso. Aos poucos, conseguiram distinguir pedras e escombros e, em seguida, o vestígio de um degrau. Retiraram os escombros superiores e viram-se diante de uma escada, que levava para o interior da pirâmide, de degraus nitidamente perfilados; apalpam as paredes, que pareciam polidas. Terra e pedras obstruíam a descida; a escada fora inutilizada com uma boa carga de escombros.

O trabalho tornou-se uma verdadeira tortura. À medida que os escavadores avançavam para baixo, os escombros se tornavam mais compactos, os blocos de pedras maiores. Trabalhavam à luz de um candeeiro de petróleo, mas começou a faltar oxigênio e o ar ficava progressivamente mais irrespirável. No poço estreito, os homens levantaram pedra após pedra e levaram-nas para fora; cada balde de escombros teve de ser levantado e carregado para ser despejado lá fora.

Naquela temporada de escavações conseguiram limpar 23 degraus. Alberto Ruz tinha certeza que, no ano seguinte, terminaria os trabalhos de limpeza e desvendaria o mistério da pirâmide. Em sua opinião, a escada deveria levar ao interior da pirâmide ou constituir-se num trecho de ligação secreto com um templo vizinho.

Na subsequente temporada de escavações, mais 21 degraus foram limpos. A escada, em declive íngreme, levava em direção oeste, fato que veio a consubstanciar a idéia de fazer ligação com um outro templo. Todavia, a grande surpresa aconteceu em 1950 quando foi limpo o 45.º degrau; dali por diante o piso continuava plano, fazendo um curva em U. Em seguida a escada continuava em direção leste, dirigida ao centro da pirâmide.

A instalação de luz elétrica ajudou nos trabalhos, embora o ar se tornasse sempre mais pesado, quase irrespirável. A entrada aberta debaixo da placa do piso, 15 m acima do local das escavações, era a única ligação com o mundo exterior.

Chegou o ano de 1951. Os homens, como tatus, abriam caminho para o fundo. Numa parede havia um buraco retangular. Tão logo retiraram os escombros, os escavadores puderam respirar tranquilamente. O buraco era a abertura para um poço de ventilação, passando no meio de um muro de 8 m de espessura para o lado oeste da pirâmide. Beneficiados com o suprimento de ar fresco, eles limparam outros 13 degraus. Diante do 66.º degrau havia

um corredor estreito, plano. Nessa altura, mais uma temporada de serviço estava terminando, mas o Dr. Ruz tinha certeza absoluta que, na próxima temporada, alcançaria seu destino, pois os trabalhos já estavam a apenas 3 m acima do fundo, quase na base da pirâmide.

Em 1952 uma parede de pedras e argamassa obstruiu o progresso dos trabalhos. Ao ser derrubada, o pessoal se viu diante de uma segunda parede na qual estava embutido um recipiente de cerâmica, contendo dois brincos, sete peças de jóias de jade, três plaquinhas de barro pintadas e uma maravilhosa pérola de 13 mm de diâmetro. Será que as duas paredes tinham sido erguidas para impedir o acesso à câmara dos tesouros?



Em 1952, Ruz e sua turma de escavadores estavam diante dessa porta intrigante, triangular.

O trabalho de Sísifo ainda não estava terminado. Depois de escavar alguns degraus altos, chegou-se novamente a uma parede, um obstáculo de 4 m de espessura, cuja remoção levou uma semana de trabalho duro. Estava encobrindo um sarcófago, contendo os restos mortais de cinco homens e uma mulher.

Em 15 de junho de 1952, o Dr. Ruz e sua equipe estavam diante de uma lápide, uma espécie de porta triangular medindo 1,60 x 2,45 m. Conseguiram empurrá-la para trás o bastante para introduzir uma lâmpada elétrica na fenda assim aberta. Ruz comprimiu o rosto contra a placa úmida e descreveu para seus homens o que de incrível ele distinguiu na escuridão:

"Primeiro distingui um grande recinto vazio, uma espécie de gruta cujas paredes e teto se me apresentaram como planos perfeitos, lembrando uma capela abandonada, de cujo teto pendiam estalactites, como se fossem velas grossas, gotejando cera" (13).

As paredes, ostentando grandes relevos com figuras, brilhavam como se fossem cobertas de cristais de neve. O piso da cripta estava coberto por uma imensa placa repleta de hieróglifos fascinantes.

Quando a porta de pedra abriu o suficiente para permitir a passagem dos homens, naquele instante de grande emoção, impaciência e curiosidade, as estalactites se quebraram.

Se tivesse sobrado uma só estalactite teria sido possível calcular a idade daquele recinto subterrâneo e desde quando deixara de ser pisado por um ser humano. As estalactites, precipitados alongados, minerais, que se formam nos tetos das cavernas ou nos subterrâneos (ou as estalagmites, formadas no solo das cavernas, provenientes dos respingos caídos do teto), crescem uns milímetros ou centímetros por ano, embora as provenientes de uma camada calcária aumentem com maior rapidez do que as que procedem de uma camada de granito. Em todo caso, a cripta subterrânea descoberta pelo Dr. Ruz tinha 9 m de comprimento, 4 m de largura e 7 m de altura. Ao longo dos séculos, dos milênios, a chuva caiu sobre Palenque e a umidade das matas tropicais penetrou naquelas construções em pedra. Procurei informar-me com pessoas que deveriam saber a respeito da taxa de crescimento provável das estalactites sob as condições descritas; mas não consegui resposta. Durante os séculos em que o templo foi freqüentado, certamente a água das chuvas não penetrou pelas paredes das pirâmides, porque os maias cuidavam devidamente de suas construções de culto. O desastre teve início somente décadas após o êxodo inexplicável, quando os maias abandonaram essa cidade de templos. A partir de então, as fendas no revestimento das pirâmides deixaram de ser fechadas com argamassa, enquanto a vegetação tropical deixava raízes que vieram a destruir as soberbas construções feitas pela mão do homem. Em Palenque cai muita chuva, e a península de Iucatã está entre as zonas de mais alta taxa de precipitação pluvial em todo o México; restam ainda os meses de calor e de relativa seca. Em todo caso, na construção da pirâmide foram usadas muitas pedras calcárias.

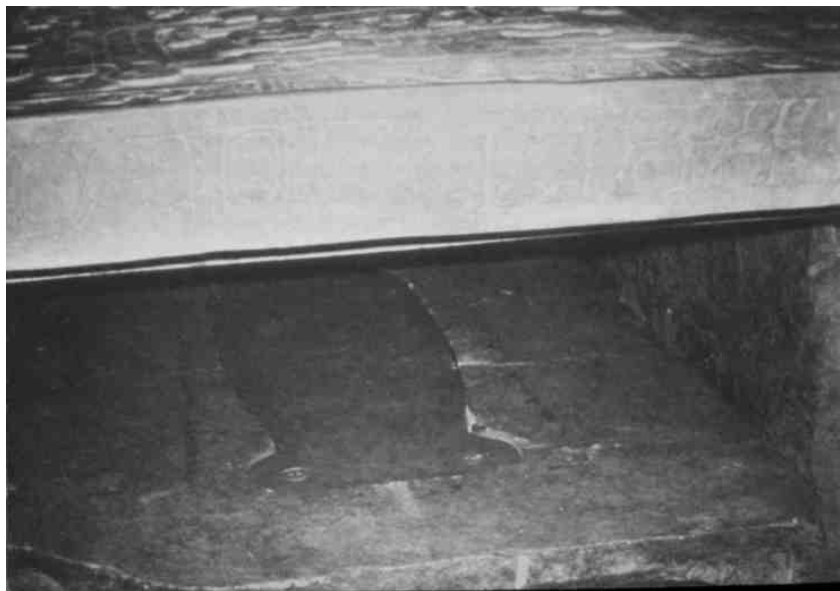


O piso da cripta.

Não entra em minha cabeça por que geólogos, meteorologistas e físicos não podem (poderiam!) calcular, em conjunto, quantos milímetros ou centímetros as estalactites aumentavam ao ano sob as condições dadas. Talvez assim fosse possível datar a idade do Templo das Inscrições ou, até, obter algumas referências para as datas inconcebíveis do calendário maia.

A cripta, em direção norte-sul, fica 2 m *abaixo* da plataforma sobre a qual se ergue o Templo das Inscrições e, assim sendo, 2 m *abaixo* da base da pirâmide. Nos relevos em estuque nas paredes passa uma procissão de sacerdotes ostentando ricos adornos. O piso está coberto de uma placa enorme, de 3,80 m de comprimento, 2,20 m de largura e 25 cm de espessura, feita de um só monólito, cujo peso está avaliado em 9 t.

Depois de levantar a placa, deparou-se com um sarcófago de 20 t, encerrando o esqueleto de um homem. Ao lado do esqueleto foram achadas jóias de jade, brincos com hieróglifos gravados, um colar de pérolas. Um pequeno cano de barro ligava o sarcófago com o corredor. Por quê? Dizem que era para deixar escapar o espírito do morto. Não poderia ter sido um encanamento pelo qual passassem vapores venenosos?



Um sarcófago de 20 t encerrava o esqueleto de um homem.

Em data recente a literatura especializada vem dizendo que o morto era Pacal, soberano de Palenque. Todavia tal suposição não tem tanta base quanto parece ter.

Há hieróglifos de datas fazendo nítida referência a soberanos que governaram entre 603 e 683 d. C. Supõe-se que Pacal teria subido ao trono aos 12 anos de idade e o seu reinado teria sido de quase 70 anos. Com tal idade, ele teria sido um Matusalém entre os maias, cuja média de vida era de 35 anos.

O Dr. Ruz constatou que as datas na lápide sepulcral "não podem ser determinadas com exatidão, por se repetirem de 52 em 52 anos". Foi-se em busca de hieróglifos relacionados com os encontrados na câmara mortuária, e acabaram por ser encontrados no *Vaiado*. Desde então, a literatura especializada costuma afirmar que já foram decifradas as datas 603 e 633 d. C. na lápide do túmulo. Isto não corresponde aos fatos. Na realidade, conforme palavras do Dr. Ruz, os hieróglifos de datas na lápide sepulcral indicam apenas períodos cíclicos, posteriormente empregados nos cálculos com outros hieróglifos de datas, decifrados fora do Templo das Inscrições. E ainda há outra razão para o cálculo não dar certo. O período do reinado de Pacal não pode ser fixado entre 603 e 683 d. C. quando ao mesmo tempo se afirma que a última data (a mais nova), supostamente gravada na lápide

sepulcral, seria o ano de 633 d. Cl Nesse caso, a lápide teria sido confeccionada 50 anos antes da morte de Pacal e levaria uma data de falecimento errada. Tenham paciência, cavalheiros!

Além dos hieróglifos de data, a lápide sepulcral mostra ainda uma marcante representação figurativa. Supondo-se que a lápide fosse um monumento em homenagem ao soberano Pacal, então sua imagem deveria estar gravada na pedra, não é? No entanto os cientistas dizem que a imagem naquela lápide não é de Pacal, mas do deus do milho, Yum Kox (5)! Então, o que é que a lápide mostra efetivamente?

Reencontro com Palenque

Quanta coisa mudou, desde 1965, quando eu estive em Palenque pela última vez! Villahermosa possui um aeroporto novo e a estrada Villahermosa-Campeche foi asfaltada. Ali, onde há uns 20 anos havia tão-somente a selva tropical, hoje em dia há pastos e campos numa paisagem de cultura agrícola. E na estrada de sua antiga residência foi erguido um monumento a Pacal, último soberano indígena de Palenque; seu rosto em pedra está virado para o céu, como se ele quisesse ser o primeiro a anunciar a volta dos deuses.



Os índios hodiernos levantaram um monumento a Pacal, o último soberano indígena de Palenque.

Santo Domingo de Palenque continua sendo uma cidadezinha suja que, no entanto, empenha-se em chamar os turistas e suas divisas, oferecendo algumas atrações, como. . . discotecas! Embora os hotéis {*Las Ruínas*} ofereçam *swimming pools*, piscinas de água parada ou (*Nututun*) de água corrente, ainda resta o problema principal, ontem como hoje: a cozinha limpa. Quem não se der ao trabalho de descascar as frutas que come, não tomar o cuidado de comer somente verduras cozidas, abster-se das carnes bovinas e de porco, deve contar com a vingança de Montezuma. Dizem que, para matar a fome, é bom comer frango ou peixe assado.

Um conterrâneo meu, o suíço Paolo Sutter, radicado em Palenque há um quarto de século, fala seis idiomas e é considerado o mais poliglota dos guias turísticos no local. Travamos conversa numa das plataformas do Templo das Inscrições, com a vista para a paisagem ocupada por multidões de turistas. Debateremos a questão sobre de onde os maias poderiam ter imigrado.

— Na semana passada levei um grupo de turistas russos e discutimos essa mesma questão. Mencionei a doutrina acadêmica, que ensina que o continente americano teria sido povoado via estreito de Bering, coberto de gelo. Os russos soltaram uma gargalhada estrondosa. Disseram que, no ano passado, ali, no mar Glacial Ártico, as temperaturas desceram a -61°C e, há uns anos, a -74°C , quando tudo ficou congelado, rígido, deixando paralisados tanto os homens quanto os animais.

Após essas explicações iniciais, Sutter, um homem magro, lançou-me um olhar pensativo e continuou:

— Ninguém se arrisca voluntariamente a um perigo mortal, ao frio mortífero. E, muito menos, sem destino certo, fixo. Os que naqueles tempos primitivos atravessassem o estreito de Bering não poderiam imaginar onde terminaria sua migração. Não, não! Já está na hora de se deixar de lado essa lengalenga da migração via estreito de Bering. — Com um sorriso matreiro, ele acrescentou: — Sabe, não vou mais mencionar aquela teoria nem por brincadeira, pois faço questão de continuar sendo considerado um homem sério. . .

— E, na sua opinião, de onde vieram os maias? — indaguei.

— Da Ásia! — exclamou Paolo Sutter com a maior naturalidade. — Eles vieram pela costa do Pacífico, da Guatemala, e migraram pelas serras vulcânicas, para em Tikal fundar seu primeiro grande centro urbano.

— Por que em Tikal?

O guia turístico, profundo conhecedor do local, tirou um mapa da sacola de couro que trazia a tiracolo e abriu-o no chão. Vi como ali estavam desenhados círculos concêntricos, partindo de Tikal, ponto central.

— Está vendo? — falou. — Tikal está no centro de toda a civilização maia. Colocando a ponta de um compasso em Tikal e traçando círculos, são atingidas as comunidades maias ao sul, ao norte, leste e oeste. A partir de Tikal o império dos maias estendeu-se em todas as direções.



Meu conterrâneo Paolo Sutter trabalha em Palenque como guia turístico e conversa com os turistas em seis idiomas.

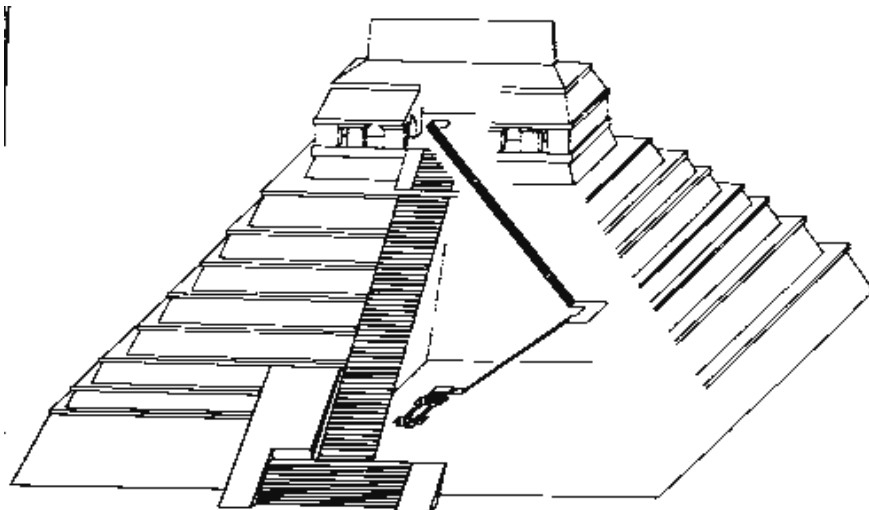
Nessa altura lembrei da pergunta do guatemalteco Júlio Chaves sobre os tetos de Tikal: "Por que, justamente aqui *Don Eric*?!"

De fato, Tikal estava no centro do império maia, mas, mesmo assim, o veredicto soberano de Sutter não era totalmente acertado. Se Tikal tivesse sido fundada como o centro de um futuro império, então as ordens teriam partido de lá, mandando que só aqui, acolá, só a tal e tal distância seria permitido iniciar a colonização. Também, imigrantes da Ásia teriam trazido e usado a roda enquanto os maias não a utilizaram.

Durante nossa conversa fiquei observando o fluxo de curiosos, avançando para a entrada da câmara mortuária. Como não poderia deixar de ser, eu também desejei rever o "meu deus-astronauta". O ar era o mesmo que naquela ocasião, quando o avistei, quente, abafado, cheirando a mofo, mas a escada íngreme no poço da pirâmide estava, então, iluminada. Só que, quando cheguei embaixo, tive uma enorme decepção, ímpar: agora a câmara está fechada com uma grade de ferro e, por trás da grade, uma tela de arame atrapalha a visão. A fim de aperfeiçoar ao máximo as medidas de segurança, ainda colocaram uma vidraça, sempre embaçada com o forte calor de Palenque, para impedir a visão. O objeto mais precioso de Palenque e o mais interessante de todo o legado maia ficou inacessível; não pode mais ser fotografado.



Extremamente desapontados os turistas ficam agachados diante da grade de ferro.



A descida para a câmara mortuária pelei interior do Templo das Inscrições.

É claro que uma grande preciosidade como essa lápide não pode ficar sujeita a apalpadelas dos turistas. Mas, para impedir isso, ali, como em outro lugar, bastaria uma grade de ferro. Será que as medidas tríplexes de segurança constituiriam mais do que uma simples proteção ao objeto? Fiquei desconfiado com essa encenação. Nos locais onde os índios ainda continuam a oferecer seus *souvenirs*, tais como cabeças de sacerdotes ou hieróglifos cortados em esteatita, há uns vinte anos as réplicas do relevo na lápide, em diversos tamanhos, eram o artigo de maior vendagem. Teria havido uma liquidação total? Se esse fosse o caso, os talentos comerciais dos indígenas não deveriam ser subestimados, pois, a curto prazo, teriam arranjado novos estoques com a indústria familiar. Nas ruas de Palenque visitei alguns artesãos, todos ocupados com seus trabalhos de escultura, gravura, modelagem, reproduzindo os mais diversos relevos das paredes de estuque dos locais de culto maia; mas artesão algum reproduzia motivos da lápide sepulcral! Será que com este boicote, quer evitar-se a divulgação de minhas teorias? Quanta honra para mim! No Museu de Antropologia na Cidade do México há uma réplica fiel da lápide sepulcral, mas ficou realmente impossível fotografá-la, pois é proibido usar *flash*, subir num banquinho para erguer a câmara até a beirada debaixo da qual se encontra a lápide. Sob essas condições, somente um artista de circo com as qualidades de um "homem de borracha" poderia tirar uma foto. Ouvi falar que, ainda há uns poucos anos, nos saguões dos hotéis e nas lojas de *souvenirs* foram vendidas réplicas em

pedra da lápide e que até apareceu em *posters* coloridos. Como eu queria ter certeza absoluta, ofereci a um comerciante um bom preço por uma réplica; porém, nada feito. Ele me informou que esses *souvenirs* não são mais confeccionados, apesar da demanda invariavelmente grande; houve instruções "de cima", proibindo esse item, que só serviria para colocar idéias bobas na cabeça do "grande público". Se assim for, o grandioso e perigoso objeto de culto maia deve ser novamente colocado em debate.

A lápide sepulcral de Palenque

Na minha primeira obra, *Eram os Deuses Astronautas?* (14), descrevi, com entusiasmo, o ser estranho no centro da lápide como a representação de um astronauta a bordo de uma espécie de nave espacial, manejando instrumentos complicados; achei que por trás dele estariam uns raios de fogo — neste contexto: um retrofoguet.

A reação foi bastante esquisita. De início, os especialistas ficaram boquiabertos diante daquela interpretação leviana de um leigo. Quando o livro se tornou um *best-seller* mundial e começou a peregrinação em massa dos turistas a Palenque para ver de perto o meu "astronauta", houve um repentino movimento na torre de marfim dos sábios. Embora nenhum arqueólogo me perguntasse se eventualmente estaria disposto a explicar essas minhas idéias heréticas, em 1973 especialistas reuniram-se num congresso em Palenque. Foi quando os que tudo sabem poderiam ter comunicado à opinião pública o que, segundo os ensinamentos acadêmicos, está representado naquela lápide. Deixou de ser feito tal comunicado. Em compensação, eu fiquei desqualificado.

Quase vinte anos se passaram desde aquelas minhas primeiras descrições espontâneas. Há dez anos explicitiei aquele meu entusiasmo primitivo em *O Ouro dos Deuses*. Naqueles anos acumulei um pouco de saber, mas ainda não o suficiente. Continuei a distinguir naquele relevo um ser parecido com um astronauta a bordo de um artefato técnico qualquer. E hoje?

Hoje em dia conheço a literatura mais importante sobre a lápide sepulcral, sei o que significam os diversos hieróglifos, ocupei-me detidamente com o calendário maia e ainda — *by the way*, conforme costumam falar os americanos — tentei penetrar no mundo ideativo das tábuas de escrita. Por fim, cheguei a perceber como são frágeis as bases da interpretação arqueológica.

Sem dúvida, na lápide sepulcral há hieróglifos e motivos figurativos igualmente existentes em outros centros maias; ali aparecem a ave sagrada Quetzal (hoje figura do emblema da Guatemala), bem como a assim

chamada cruz da vida. A fim de distinguir a ave Quetzal na cabeça da figura sentada, é preciso usar óculos especiais usados pelos arqueólogos. A cruz da vida é vista ora como árvore da vida, ora como a cruz do Universo dividido em quatro. É claro que a respectiva interpretação depende da escola freqüentada onde predomina uma só opinião: a do mestre. Todavia, as diversas escolas concordam que é indecifrável a maior parte da escrita nas bordas da lápide que a envolve como uma moldura. Alguns hieróglifos, como os de datas, de signos astronômicos para Vênus, o Sol, a estrela polar e a Lua, foram decifrados. Mas tudo quanto foi fantasiado em torno do ser em posição sentada deixa eriçados "os fios de barba do deus do tempo".

Marcel Brion levantou os seguintes argumentos contra a suposição de tratar-se do deus do milho, Yum Kox (5):

"No centro da lápide sepulcral recorta-se a figura de um ser humano, talvez a efígie do morto. Com suas jóias, o tronco inclinado fortemente para trás, repousa sobre uma grande máscara representando o deus da Terra, a morte."

Por sua vez, Pierre Ivanoff (6) vê o relevo da seguinte maneira, bem diferente:

"O significado simbólico dessa representação estranha . . . encerra alguns enigmas. Segundo a crença dos maias, o deus da morte, por sua ligação com o submundo é, ao mesmo tempo, o deus da terra fértil. Com sua posição de rápido movimento para cima, o homem acima dele assemelha-se à vida brotando. Seu rosto lembra o do deus do milho, portanto, poderia ser a encarnação da natureza germinante. A autoridade e o poder, junto com o bastão cerimonial, apóiam-se no Universo dividido em quatro na cruz que simultaneamente, é a imagem do mundo, do tempo e da mudança do poder. Por fim, a ave Moan simboliza a morte."

Miloslav Stingl (9) usa ainda óculos de outro grau, que lhe deixam distinguir o seguinte:

" . . .distingue-se a figura de um jovem que, evidentemente, não representa nenhum personagem determinado, mas o ser humano, a humanidade em si. De seu corpo brota uma cruz, simbolizando o milho, doador da vida. Das folhas do milho sobressaem serpentes de duas cabeças, em ambos os lados. . . logo, do corpo do jovem brota a vida, mas ele próprio repousa sobre o rosto da morte. . . a cabeça horripilante de um animal imaginário de cuja fauce saem presas pontudas. . ."

O Dr. Alberto Ruz Lhuillier (13) viu o seguinte:

"...um jovem inclinado para trás sobre a grande máscara do monstro-terra. . . sobre seu corpo ergue-se uma cruz, idêntica à afamada cruz de um outro templo em Palenque. De uma serpente de duas cabeças brotam

pequenos vultos mitológicos, sobre os quais há uma ave Quetzal com a máscara do deus da chuva. Supõe-se que a cena represente conceitos fundamentais da religião maia..."

As mais recentes publicações reafirmam a opinião de que se trate de um sacerdote ou príncipe maia, possivelmente do soberano Pacal; em todo caso, de uma figura caindo na boca aberta de um monstro. Aquilo que distingui por trás da figura e ingenuamente descrevi como uns raios de fogo, trata-se realmente "de um monstro terrestre nitidamente distinguível" (16). Ainda hoje consultarei um oculista; Paul Rivet, o renomado arqueólogo, está convidado a acompanhar-me nessa consulta, pois ele vê naquilo os "fios de barba estilizados do deus do tempo".

Após toda essa confusão dos sentidos, torno a colocar em debate a lápide sepulcral de Palenque. Como não pode mais ser fotografada, conforme mencionei, peço vênua para expor suas peculiaridades numa réplica fiel, em pedra, feita para mim há alguns anos por um índio radicado em Palenque, em longos meses de trabalho diligente.

Não acho que a lápide mostre uma cápsula espacial sob o aspecto de estritas normas técnicas. Posso distinguir um ser humano, inclinado para a frente, usando na cabeça um complicado adorno que se assemelha a algo de técnico do qual saem mangueiras duplas voltadas para trás; segundo a opinião generalizada dos arqueólogos, trata-se de um penteado. O ser quase toca com o nariz numa aparelhagem que manipula com ambas as mãos (pegando em quaisquer chaves manuais, botões ou alavancas); segundo a opinião dos arqueólogos, está agachado em frente à "cruz da vida". A crítica que me foi feita era por eu ter conseguido meu "efeito de foguete" tão-somente olhando a lápide como imagem transversal, coisa que não se admite. Estou gostando e muito do formato alongado, pois, assim, a chama do fogo se coloca embaixo (debaixo da cápsula), a exemplo de onde costuma encontrar-se nos foguetes dirigidos ao espaço. Em parte alguma consigo distinguir um "monstro terrestre", uma ave Quetzal.

Suponhamos que um sábio sacerdote maia teve a intenção de transmitir figurativamente à posteridade a visita dos extraterrestres, conforme foi vista por ele próprio, que era um deus. É verdade que esse personagem pio nada conhecia da técnica com suas aparelhagens, seus motores, sem falar da nave espacial para um só homem, em cujo bojo o visitante alienígena fazia o caminho de ida e volta entre a Terra e a nave-mãe. O sacerdote, homem da idade da pedra, ficou impressionado com o que viu e transpôs aquilo para um relevo, hoje envolto em mistério e cuja legenda explicativa consta de glifos, a única escrita então conhecida. Por isso não estranho o fato de aparecerem símbolos astronômicos ao lado da composição figurativa e

primitiva de uma aparelhagem técnica. O Dr. Alberto Ruz vislumbra no relevo, em cujo centro aparece o ser agachado, "a moldura cósmica envolvendo a existência humana, na qual as estrelas dominam a passagem irreversível do tempo".



Estou sendo censurado por minha fantasia desenfreada. Agora, eu pergunto: quanta fantasia exuberante será necessária para distinguir os fios estilizados de barba do deus do tempo, o monstro terrestre, mais outros monstros, espigas de milho e a ave Quetzal? Ou seria menos fantasioso distinguir alguns elementos técnicos em representação rudimentar? O conjunto das "noções" ilustres, com frases nebulosas que antes revelam insegurança do que caráter acadêmico, absolutamente em nada contribuem para chegar mais perto da interpretação correta, pela espessura de um só fio de barba sequer.

De maneira surpreendente, ouvi falar que, em Palenque, não teriam sido encontradas esteias, embora sejam abundantes em outros locais, apesar de Palenque ser considerado um dos mais antigos e importantes centros de culto dos maias.

Outrossim, tal falta de esteias em Palenque não me surpreende. Em Tikal e Copán, esteias foram atribuídas a dinastias de soberanos e sacerdotes como símbolos dos deuses, dos quais derivava seu poder divino. Em Palenque-Palátquapi, os deuses ainda estavam presentes; dia após dia eram vistos pelo

povo exercendo o seu mister de mestres na universidade. Logo, não era necessário erguer esteias representando seres divinos. Albert Einstein escreveu:

"Em sua maioria as idéias básicas da ciência são simples e, via de regra, podem ser formuladas numa linguagem acessível a todos."



Com tudo o que até agora foi dito e escrito sobre Palenque, só resta esperar que chegue o dia em que as interpretações sejam formuladas numa linguagem inteligível a todos. Se isto deixar de acontecer, o veredicto de Einstein leva à conclusão de que *não* se tratam de idéias básicas, científicas. Quem é que entende uma linguagem cheia de arabescos nebulosos?

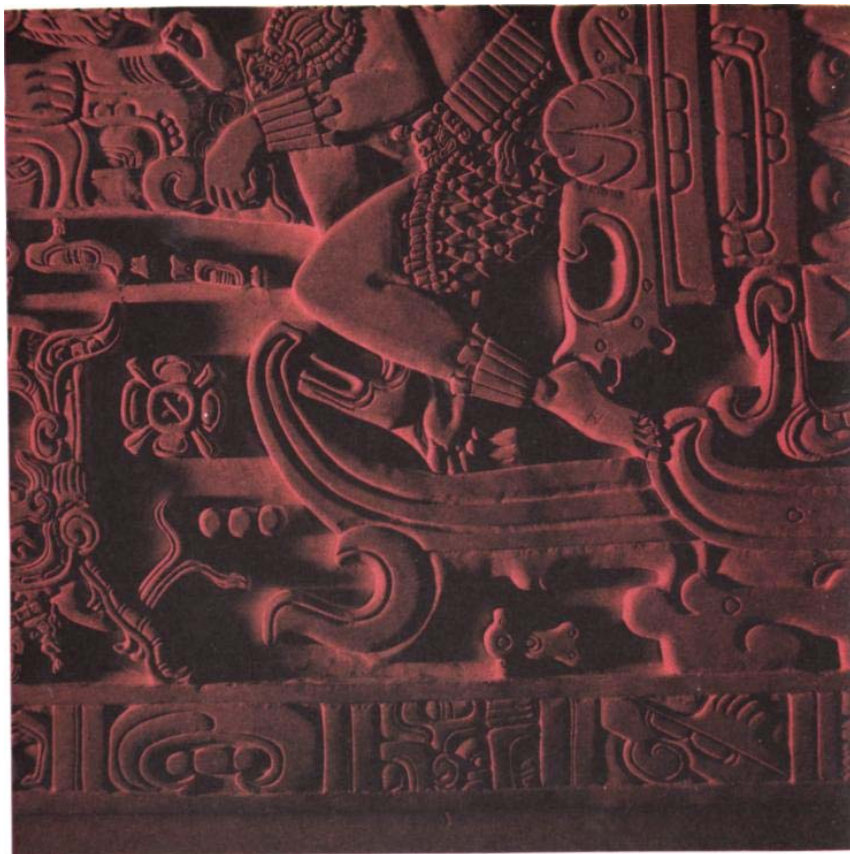
Soube por Paolo Sutter que, debaixo de uma outra pirâmide, a escavação de outro túmulo seria realizada com os meios técnicos atuais mais sofisticados. Poderia surgir uma nova sensação.

— E por que não cavaram antes? — perguntei a Sutter.

— No México tudo leva tempo, ninguém tem dinheiro. Se uma universidade ou um mecenas coloca à disposição uma verba de, digamos, US\$100.000,00 a ser usada em obras de escavação, na melhor das hipóteses US\$10.000,00 acabam chegando ao local. O mexicano costuma fazer seus cálculos da seguinte maneira: 6 vezes 4 são 24. Escreva 4 e fique com 20!

Viajando, a gente aprende muita coisa. Além disso, soube que, no México, não é fácil conseguir autorização oficial para escavações, mesmo quando, para tanto, existam as verbas necessárias.





No Congresso mexicano a palavra dos índios tem bastante peso; se não querem que seus antigos santuários sejam trazidos à luz do dia, não há escavações. Em Palenque, Chichén-Itzá e outras localidades maias, bem que os arqueólogos gostariam de trabalhar mais, mas freqüentemente seus esforços esbarram na resistência local dos indígenas. Eles protegem seus santuários e têm muito tempo, tempo de sobra. No entanto, se em algum local são realizadas escavações, a mão-de-obra é exclusivamente indígena.

Racismo espacial

O arqueólogo norte-americano W. Rathje (17) é um dos meus críticos mais severos. Para ele "o desmerecimento das obras maias" pelo Sr. von

Daniken e "o seu realce inequívoco das capacidades técnicas e superiores dos seres-senhores-do-cosmo representam uma nova forma de racismo — o racismo espacial".

No mesmo tom de voz poder-se-ia dizer que isso se trata de um pérfido ataque fascistóide. Prefiro confessar minha adesão a uma sentença de Ludwig Tieck (1773-1853): "Fiz para mim a lei de sempre agir segundo meus ditames íntimos, sem pensar na afetação que tal atuação me poderia conferir, nem no risco de ser mal-entendido".

Jamais pensaria em "desmerecer" as obras singulares, soberbas, dos maias, pois foram *eles* que construíram todos aqueles templos e pirâmides grandiosos e *não alguns* "seres-senhores-do-cosmo"! Jamais questioneei as obras dos maias, mas não mudo de opinião quanto à contingência de seres do cosmo terem ensinado e assessorado os maias. Aquilo que ainda me é atribuído pelo arqueólogo Rathje não consta de nenhum dos meus livros; tampouco fiz pronunciamentos dessa natureza. Decerto, sou um dos leitores mais aplicados e atentos da literatura arqueológica e, sem dúvida, o jornal de Zurique, *Weltwoche*, tem razão quando diz: "Onde quer que sítios de achados arqueológicos prometam novas noções, Daniken está presente". Daria todo o meu coração aos arqueólogos se eles revelassem um pouco mais de presteza, de coragem, em vencer os obstáculos levantados pelas opiniões vigentes, para, enfim, colocar suas interpretações sob o aspecto de nosso atual progresso técnico.

Todavia, enquanto se limitarem a expressar surpresa, nada feito. Linda Schele, catedrática da Universidade de Alabama, F.U.A., pressente um "milagre" no Templo das Inscrições. Assim, verificou (18) que, em 21 de dezembro, dia do solstício de inverno no hemisfério Norte, o Sol se põe exatamente no Templo das Inscrições, espetáculo que se repete anualmente, em sentido inverso, no começo da primavera, quando o Sol nasce *do* Templo das Inscrições. O ponto mais privilegiado para a observação desse espetáculo é o topo do Templo do Sol, a leste do Templo das Inscrições. Essas noções evidenciam o lato de que aqueles edifícios não se ergueram por acaso nos locais onde se encontram; e essa noção leva forçosamente à conclusão de que o sarcófago de 20 t, mais a lápide sepulcral de 9 t, foram embutidos no solo, acima desses objetos, *antes* de as obras da pirâmide começarem. Por isso, a lápide sepulcral deverá continuar no seu lugar, por toda a eternidade, pois jamais poderá ser trazida à luz do dia por aquela escada estreita e íngreme.

Por conseguinte, primeiro houve a tumba (santuário) de um príncipe, sacerdote ou katchina; talvez a cripta existisse séculos antes de a pirâmide ter sido levantada sobre ela. Pouco importa a data de sua construção; ela foi

construída segundo determinado plano e orientada segundo pontos de vista astronômicos, visando a volta dos deuses. Tudo isso é um pouco demais para um povo da Idade da Pedra que, além dos cálculos astronômicos em apreço, tinha até conhecimento das Plêiades e dos incompreensíveis deuses das estrelas. Destes escreve o *Livro do Sacerdote-Jaguar* (19):

"Desceram da estrada das estrelas. . .
Falavam a língua mágica das estrelas celestes. . .
Sim, o seu signo é a nossa certeza de que vieram do céu . . .
Quando tornarem a descer os treze deuses e os nove
deuses, eles darão uma nova ordem naquilo que outrora criaram."



APÊNDICE

Quem era quem?

OLMECAS

— Era o povo que habitava os Estados mexicanos de Veracruz e Tabasco, na era pré-clássica. Os olmecas são considerados os portadores da primeira cultura superior do Novo Mundo, cuja época áurea se situou nos primórdios do primeiro milênio antes de Cristo: o seu fim é datado de cerca do ano 400 a. C. Os olmecas foram, por assim dizer, os pais da cultura maia.

MAIAS

— Eram compostos de muitas tribos e foram, ao todo, o mais importante povo americano antigo civilizado. Os maias colonizaram a Guatemala, a península de Iucatã, partes dos Estados mexicanos de Tabasco e Chiapas, Belize, bem como regiões parciais de Honduras e El Salvador. É incerta a origem dos maias.

A arqueologia assim classifica a sua história:

Antigo período pré-clássico — 2000-1200 a. C.

Médio período pré-clássico — 1200-400 a. C.

Durante esses dois períodos surgiram os mais antigos centros de cultura.

Novo período pré-clássico-----400 a. C.-300 d. C.

Antigo período clássico — 300-600 d. C.

Novo período clássico — 600-900 d. C.

Antigo período pós-clássico — 900-1200 d. C.

Novo período pós-clássico — 1200-1520 d. C. (Chegada dos espanhóis).

ASTECAS

— Formavam um povo indígena que se estabeleceu de modo predominante nos vales planos do México. Por volta de 1345 d. C. eles fundaram, no solo da hodierna Cidade do México, a sua capital, a que chamaram Tenochtitlán. Cem anos mais tarde o seu poderio alcançava até a costa do golfo do México, por volta de 1510, mesmo desde a costa do golfo até o Pacífico e para o interior da Guatemala. Os astecas, povo de índole guerreira, praticavam sacrifícios humanos. Em 1520 eles foram batidos e dizimados por Hernando Cortês.

TEOTIHUACANOS

— Os construtores do enorme complexo urbano de Teotihuacán, a 48 km a nordeste da atual Cidade do México. Não se sabe de onde vieram os teotihuacanos nem quem eram.

MESOAMÉRICA

— Conceito geográfico-cultural introduzido em 1943 pelo arqueólogo P. Kirchhoff. Mesoamérica tanto designa o império dos maias, quanto o de seus antecessores e o dos astecas.

BIBLIOGRAFIA

Capítulo 1 — Viagem de sonhos à Idade da Pedra

1. Palácio, Diego Garcia de — *Carta dirigida al Rey de España*, Honduras e San Salvador, 1576
2. Girard, Rafael — *Die ewigen Mayas*, Zurique, 1969
3. Adams, Richard E. W. — "Ancient Maya Canals", in: *Archaeology*, vol. 35, n.º 6, dezembro de 1982
4. Stephens, John E. — *Incidents of Travel in Central America, Chiapas and Yucatan*, Nova York, 1969

Capítulo 2 — O começo era o fim

1. Grunfeld, Frederic V. — *Spiele der Welt — Tlachtli*, editado pelo Comitê Suíço da UNICEF, Zurique, s. d.
2. Landa, Diego de — *Relación de las cosas de Yucatán, 1566* Landa, Diego de — *Yucatán before and after the Conquest*, traduzido por William Gates, Nova York, 1978
3. Díaz dei Castillo Bernal — *Historia verdadera de la Conquista de la Nueva España*, editado por Joaquín Ramírez Cabanas, Cidade do México, 1969
4. Westphal, Wilfried — *Die Maya — Volk im Schatten seiner Väter*, Munique, 1977
5. Prescott, William H. — *History of the Conquest of México*, Paris, 1844
Prescott, William H. — *Geschichte der Eroberung von Mexiko*, vols. 1 e 2, Leipzig, 1845
6. *Der grosse Brockhaus* — Wiesbaden, 1953
7. Ceram, C. W. — *Götter, Gräber und Gelchrte*, Hamburgo, s. d. (*Deuses, Túmulos e Sábios*, Edições Melhoramentos, 1982)
8. Lehmann, Walter — *Die Geschichte der Königreiche von Colhuacán und Mexiko*, Stuttgart/Berlin, 1938
9. Nicholson, Irene — *Mexican and Central American Mythology*, Londres/Nova York, 1967
10. Honoré, Pierre — *Ich fand den Weissen Gott*, Frankfurt-sobre-o-Meno, 1965

Capítulo 3 — Selvagens — Brancos — Livros de milagres

1. Girard, Rafael — *Die ewigen Mayas — Zivilisation und Geschichte*, Zurique, 1969
2. Fagan, Brian M. — *Die vergrabene Sonne*, Munique, 1979
3. Vollemaere, Antoon Leon — *The Maya Year of 365 Days in the Códices*, Mechelen/Bélgica, 1973
4. Landa, Diego de — *Relación de las cosas de Yucatán*, l 566
Landa, Diego de — *Yucatán before and after the Conquest*, traduzido por William Gates, Nova York, 1978
5. Acosta, José de — *Historia natural y moral de los índios*, tomo VI, Sevilha, 1590
6. Deckert, Helmut — *Maya Handschrift der sächsischen Landesbibliothek Dresden, Codex Dresdensis*, Berlim, 1962
7. Anders, Ferdinand — *Codex Tro-Cortesianus (Codex Madrid)*, Graz, 1967
8. Zimmermann, Günter — *Die Hieroglyphen der Maya-Handschriften*, Hamburgo, 1956
9. Stuart, George L. — "The Maya, Riddle of the Glyphs", in: *National Geographic*, vol. 148, n.º 6, dezembro de 1975
10. *Die Welt* — de 14 de agosto de 1978: "Die Schrift der Maya wird entschleiert", de Harald Steinert
11. *Bramir Nachrichten* — de 4 de fevereiro de 1976: "Maya-Hieroglyphen entschlüsselt"
12. Barthel, Thomas — "Die gegenwärtige Situation in der Erforschung der Maya-Schrift", in: *Proceedings of the thirty-second International Congress of Americanists*
13. Barthel, Thomas -- "Mayahieroglyphen", in: *Bild der Wissenschaft*, caderno 6, ano 4, junho de 1967
14. Wilhelmy, Herbert — *Welt und Umwelt der Maya*, Munique, 1981
15. Dittrich, Arnost — "Der Planet Venus und seine Behandlung im Dresdener Maya-Kodex", *edição especial das atas da Academia das Ciências da Prússia, classe físico-matemática*, XXIV, 1937
16. Förstemann, Ernst — "Die Astronomie der Mayas", in: *Das Weltall*, Berlim, ano 4, caderno 19, 1.º de julho de 1904
17. Willson, Robert W. — "Astronomical Notes on the Maya-Códices", *Papers of the Peabody Museum of American Archaeology and Ethnology*, Harvard University, vol. VI, n.º 3, Cambridge/Mass., 1924

18. sem autor — "God and Science: Survey findings show pupil doubts", in: *Malvern Gazette*, Worcester/Inglaterra, de 14 de abril de 1983
- Schoolboys air their religious beliefs, in: *Church Times*, Londres, 8 de abril de 1983
19. Whitehouse, David — "A decade (and more!) of pseudo-science", in: *New Scientist*, Londres, 7 de abril de 1983
20. *Weltraumatlas* — Berna, 1970
21. Rowan-Robinson, Michael — "Mayan astronomy", in: *New Scientist*, 18 de outubro de 1979
22. Morley, Sylvanus Grinswold — *La Civilización Maya*, México, 1947
- Morley, Sylvanus Griswold — *The ancient Maya*, Stanford, 1946
23. Thompson, John Eric S. — *Die Maya — Aufstieg und Niedergang einer Indianerkultur*, Munique, 1968
24. Henseling, Robert — "Das Alter der Maya-Astronomie und die Oktaeteris", in: *Forschungen und Fortschritte, Nachrichtenblatt der deutschen Wissenschaft und Technik*, Berlim, ano 25, cadernos 3/4, fevereiro de 1949

Capítulo 4 — Teria acontecido em 11 de agosto de 3114 a. C?

1. Wilhelmy, Herbert — *Welt und Umwelt der Maya*, Munique, 1981
2. Henseling, Robert — "Das Alter der Maya-Astronomie und die Oktaeteris", in: *Forschungen und Fortschritte, Nachrichtenblatt der deutschen Wissenschaft und Technik*, Berlim, ano 25, cadernos 3/4, fevereiro de 1949
3. Dittrich, Arnost — "Die Korrelation der Maya-Chronologie", in: *Abhandlungen der Preussischen Akademie der Wissenschaften, physikalisch-mathematische Klasse*, n.º 3, Berlim, 1936
4. Vollemaere, Antoon Leon — "Die Entzifferung der Hieroglyphenschrift der Maya", in: *Belgischer Beilrag zum historischen Erbe der Welt*, n.º 91, editado pelo Ministério das Relações Exteriores, Bruxelas, 1979
5. Girard, Rafael — *Die ewigen Mayas — Geschichte und Zivilisation*, Zurique, 1969
6. Thompson, John Eric S. — *Die Maya — Aufstieg und Niedergang einer Indianerkultur*, Munique, 1968
7. Kiessling, S. — Carta a Erich von Daniken, 15 de março 1981

8. Kiessling, S. — Carta a Erich von Daniken, 14 de maio de 1981
9. Colligan, Douglas — "Mayan astronomy — Science of a super civilization", in: *Science Digest*, vol. 75, n.º 2, fevereiro de 1974
10. *Weltraumatlas* — Berna, 1970
11. Ruppe, Harry O. — *Die grenzenlose Dimension Raumfahrt*, vol. 2, Düsseldorf, 1982
12. Clube, Victor & Napier, Bill — *The cosmic serpent — A catastrophist view of Earth History*, Londres, 1982
13. Horedt, G. P. — "Origin of the asteroids: Collision of a small planet with a large comet", in: *Icarus*, n.º 22 (230), 1974
14. Papagianni, Michael — "The need to explore the asteroid belt". Conferência no 33.º Congresso da Federação Astronáutica Internacional, Paris, 27 de setembro-2 de outubro de 1982
15. *Neue Zürcher Zeitung* — "Wasserreiche Ceres", de 1.º de setembro de 1982
16. Taube, M. — *Evolution of Matter and Energy*, Killwangen/Suíça
17. Daniken, Erich von — *Erinnerungen an die Zukunft*, Düsseldorf, 1968 (*Eram os Deuses Astronautas?*, Edições Melhoramentos, 1984)
18. Förstemann, Ernst — "Blatt sechzig der Dresdener Maya-Handschrift", in: *Das Weltall*, Berlim, ano 6, caderno 16, 15 de maio de 1906
19. Noll-Husum, Herbert — "Grundlegendes zur Zeitbestimmung der Maya", in: *Zeitschrift für Ethnologie*, Berlim, ano 69, cadernos 1/3, 1937

Capítulo 5 — Quando o fogo caiu do céu

1. Chargaff, Erwin — *Warnungstafeln — Die Vergangenheit spricht zur Gegenwart*, Stuttgart, 1982
2. Cordan, Wolfgang — *Geheimnis im Urwald — Entdeckungsfahrten auf den Spuren der Maya*, Düsseldorf/Colônia, 1961
3. Riese, Berthold — *Geschichte der Maya*, Stuttgart, 1972
4. Müller, Johann Georg — *Geschichte der amerikanischen Urreligionen*, Basileia, 1855
5. Brasseur de Bourbourg, Charles Étienne — *Histoire des nations civilisées du Mexique et de l'Amérique-Centrale*, tomos I-VI, Paris, 1857, 1858, 1859
- Brasseur de Bourbourg, Charles Étienne — *Popol Vuh, Le livre sacré et les mythes de l'antique américaine*, Paris, 1861
6. Schultze-Jena, Leonhard — *Popol Vuh — Das heilige Buch der Quiché-Indianer von Guatemala*, Stuttgart/Berlim, 1944

7. Cordan, Wolfgang — *Das Buch des Rates — Popol Vuh, Schöpfungsmythos und Wandering der Quiché-Maya*, Düsseldorf /Colônia, 1962
8. Daniken, Erich von — *Reise nach Embati*, Düsseldorf, 1981 (*Viagem a Kiribati*, Edições Melhoramentos, 1982)
9. Daniken, Erich von — *Prophet der Vergangenheit*, Düsseldorf, 1979 (*Profeta do Passado*, Edições Melhoramentos, 1980)
10. Daniken, Erich von — *Beweise*, Düsseldorf, 1977 (*Provas de Daniken*, Edições Melhoramentos, 1982)
11. Roys, Ralph L. — *The Book of Chilam-Balam of Chumayel*, Washington, 1933
12. Lehmann, Walter — *Die Geschichte der Kömgreiche von Colhuacán und Mexiko*, Stuttgart/Berlin, 1938
13. Preuss, Theodor K. — *Forschungsreisen zu den Kagaba*, Viena, 1926
14. Schmidtke, Friedrich — *Der Aufbau der hahylomschen Chronologie*, Münster, 1952
15. Burckhard, Georg — *Gilgamesch — Eine Erzählung aus dem Allen Orient*, Wiesbaden, 1958
16. Dopatka, Ulrich — "Cargo Kulte: Vorgestern — Heute — Gestern", in: *Ancient Skies*, n.º 4, Feldbrunnen/Suíça, 1980
17. Nicholson, Irene — *Mexikamsche Mythologie*, Wiesbaden, 1967
18. Blumrich, Joseph E. — *Kasskara und die sieben Welten — Weisser Bar erzahlt den Erdmythos der Hopi-Indianer*, Düsseldorf, 1979
19. Parker, Richard A. — *The calendars of ancient Egypt*, Chicago/Cambridge, 1950
20. Craighill, Handy E. S. — *Polynesian Religion*, Bernice P. Bishop Museum, boletim n.º 34, Honolulu, 1927
21. Diversos — *Kiribati, Aspects of History, Ministry of Education, Training and Culture*, Tarawa, 1979
22. Aveni, Anthony F. — *Skywatchers of Ancient México*, University of Texas Press, 1980
23. Hammond, Norman — "The earliest Maya", in: *Scientific American*, Nova York, março de 1977
24. Craine, Eugene & Reindorp, Reginald — *The Codex Perez and the Book of Chilam-Balam of Mam*, Universidade de Oklahoma, 1979
25. Kautzsch, Emil — *Die Apokryphen und Pscudepigraphen des Alten Testaments*, tomo II, Hildesheim, 1962
26. Sahagún, Bernardino de — *Wahrsagerei. Himmelskunde und Kalendar der alten Azteken*. Tradução do Prof. Dr. Leonhard Schultze-Jena,

Stuttgart, 1950

27. Anders, Ferdinand — *Das Pantheon der Maya*, Graz, 1963

28. Halstead, L. 13. — *Die Welt der Dinosaurier*, Hamburgo, 1977")

29. Sänger-Bredt, Irene — *Sptiren der Vorzeit — Unigeloste Rätsel der Schopfung*, tomo 2, Düsseldorf, 1972

30. Biedermann, Hans — *Altmexikos heilige Bücher*, Graz, 1971

31. Nowotny, Karl Anton — *Codex Borgia*, edio completa, fac-similar do codice, no formato original, Graz, 1976

Capıtulo 6 — Teotihuacan — Metropole projetada pelos deuses

1. Sahagun, Bernardino de — *Wahrsagerei, Himmelskunde und Kalendar der alten Azteken*. Traduo do Prof. Dr. Leonhard Schultzelena, Stuttgart, 1950

2. sem autor — *Teotihuacan, Guia oficial*, Instituto Nacional de Antropologia e Historia, México, 1965

3. Seler, Eduard — *Gesammelte Abhandlungen zur Amerikanischen Sprach und Atecrtumskunde*, vol. 4, Graz, 1961

4. Kohlenberg, Karl F. — *Entratselte Vorzeit*, Viena, 1970

5. Lehmann, Walter — *Die Geschichte der Konigreiche vou Colhuacan und Mexiko*, Stuttgart/Berlim, 1938

6. Thompson, John Eric S. — *Die Maya — Aufstieg und Niedergang einer Indianerkultur*, Munique, 1968

7. Müller, Johann Georg — *Geschichte der amerikanischen Urreligionen*, Basileia, 1855

8. Sejourne, Laurette — *Pensiamiento y religion en el México Antiguo*, México, 1957

9. Pörtner, Rudolf & Davies, Nigel — *Alte Kulturen der Neuen Welt*, Düsseldorf, 1980

10. Irwin, Constance — *Fair Gods and stone faces*, Londres, 1964

11. Honoré, Pierre — *Ich fand den Weissen Gott*, Frankfurt-sobre-o-Meno, 1965

12. Davies, Nigel — *Die versunkenen Königreiche Mexikos* Düsseldorf, 1983

13. Daniel, Glyn — *Enzyklopadie der Archaologic* Benisch Gladbach, 1980

14. Girard, Rafael — *Die ewigen Mayas — Geschichte und Zivilisation*. Zurique, 1969

15. Tompkins, Peter — *Die Wiege der Sonne*. Berna/Munique, 1977
16. Harleston, Hugh — "A mathematical analysis of Teotihuacán", in: *XII International Congress of Americanists México*, 1974
17. Helfritz, Hans — *Die Gotterbargen Mexicos*, Colônia 1967
18. Tichy, Franz — *Deutuug ron Or/s- und Yliirnetzen im Hochland von México als Kull*, Bonn, 1974
19. Aveni, Anthony F. & Hartung, Horst — "Space and Time in the Cosmvision of Mesoamerica", vol. 10 de *Lateinamerika-Studien*, in: *XLIII International Congress of Americanists*, Munique, 1982
20. Stierlin, Henri — *Maya, Architektur der Welt*, Biel, 1964
21. Alcina, José — *Die Kunst des alten Amerika*, Friburgo, 1979
22. Hunt, Eva — *The Transformation of the Hummingbird*, Cornell University Press, 1977

Capítulo 7 — Palenque — Descoberta, mas não decifrada

1. Fagan, Brian M. — *Die vergrabene Sonne*, Munique, 1979
2. Daniken, Erich von — *Rase nach Kiribati*, Düsseldorf. 1981
3. Nephens, John L. — *Incidents of Travel in Central America, Chiapas and Yucatan*, vol. II, Nova York, 1841
4. Kampen, M. F. — *The Religion of the Maya*, Leiden, 1981
5. Wilhelmy, Herbert — *Welt und Umwelt der Maya*, Munique, 1981
6. Ivanoff, Pierre — *Maya — Monumente grosser Kulturen*, Luxemburgo, 1974
7. Coe, Michael — *Die Maya*, Bergisch-Gladbach, 1968
8. Thompson, John Eric S. — *Die Maya — Aufstieg und Niedergang einer Indianerkultur*, Munique, 1968
9. Stigl, Miloslav — *Den Maya auf der Spur*, Leipzig, 1971
10. Spinden, Herbert J. — *The Reduction of Mayan Dates*. Cambridge/Mass., 1924
11. Förstemann, Ernst — "Drei Inschriften von Palenque", in: *Globus*, Braunschweig, tomo LXXVI, n.º 11, de 16 de 1 setembro de 1899 .
12. Bowditch, Charles — *The Temples of the Cross of the é foliated cross and of the sun at Palenque*, Cambridge/ Mass., 1906
13. Ruz Lhuillier, Alberto — "The Mystery of the Temple of the Inscriptions", in: *Archaeology*, tomo VI, Cambridge/ Mass., 1953
14. Daniken, Erich von — *Os Deuses Astronautas?*, (Edições Melhoramentos, 1984)

15. Krupp, Edwin — *Astronomen, Priester, Pyramiden*, Munique, 1980
16. Wilhelmy, Herbert — *Welt und Umwelt der Maya*, Munique, 1981
17. Rathje, W. — "The Ancient Astronaut Myth", in: *Archaeology*, n.º 31, Cambridge/Mass., 1978
18. Seler, Eduard — "Beobachtungen und Studien in den Ruinen von Palenque", in: *Ahhandlungen der königl. Preussischen Akademie der Wissenschaften*, n.º 5, 1915
19. Makemson, Worcester M. — *The Book of the jaguar Priest, a translation of the book. of Chilam Balam of Tizimin with commentary*, Nova York, 1951